

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo

Dissertação de Mestrado



Se essa rua fosse minha

**A criação de uma utopia urbana no entorno escolar a partir da percepção
ambiental**

Marina Mecabô

Pelotas, 2021

Marina Mecabô

Se essa rua fosse minha

A criação e uma utopia urbana no entorno escolar a partir da percepção ambiental

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador: Ligia Maria Avila Chiarelli

Pelotas, 2021

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

M486s Mecabô, Marina

Se essa rua fosse minha : a criação de uma utopia urbana no entorno escolar a partir da percepção ambiental / Marina Mecabô ; Ligia Maria Avila Chiarelli, orientadora. — Pelotas, 2021.

252 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas, 2021.

1. Relações ambiente comportamento. 2. Escola pública. 3. Entorno escolar. 4. Extensão universitária. 5. Educação não escolar. I. Chiarelli, Ligia Maria Avila, orient. II. Título.

CDD : 711.4

Marina Mecabô

Se essa rua fosse minha

A criação e uma utopia urbana no entorno escolar a partir da percepção ambiental

Dissertação aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 29 de setembro de 2021

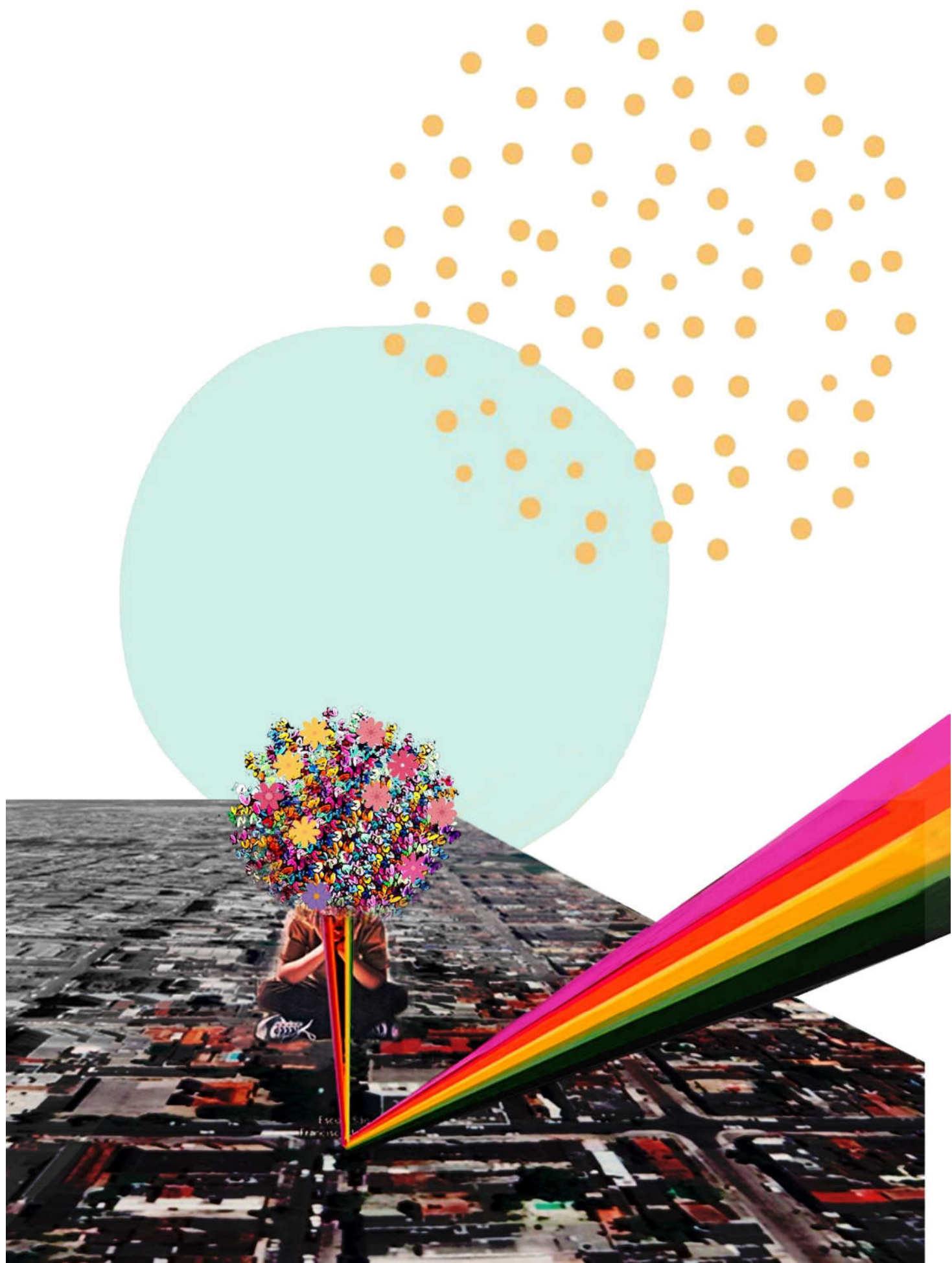
Banca examinadora:

Prof. Dra. Lígia Maria Ávila Chiarelli (Orientadora)
Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Eduardo Rocha
Doutor em Arquitetura pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dra. Ligia Cardoso Carlos
Doutora em Educação pela Universidade do Vale do Rio Sinos

Prof. Dra. Mônica Corrêa de Borba Barboza
Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pelotas



RESUMO

No cruzamento de duas ruas de Pelotas, em meio aos carros que atravessam em todas as direções, circulam com passos apressados crianças de outrora que parecem esquecer que brincavam na rua, agarradas em suas mãos, outras crianças com pernas ainda pequenas que conduzidas mal veem a cidade passar no canto do olho. Ali coexistem duas escolas de educação infantil e ensino fundamental. O ritmo do adulto, acelerado como o dos veículos, não parece respeitar o olhar curioso dos pequenos. Devemos nos conformar que a rua é lugar da velocidade ou podemos fazer dela um espaço adequado aos desejos, necessidades e convívio de todos seus usuários? Como seria esse espaço? Pode, o espaço urbano no entorno escolar ter um tempo diferente? Ser ferramenta de estudo da cidade? Como, enquanto arquiteta e urbanista, posso provocar o olhar para esse espaço buscando efetivamente uma cidade para pessoas, onde a rua seja vista como um espaço de convívio e fortalecimento da coletividade? Esses questionamentos são o impulso para **o presente trabalho que tem como objetivo identificar as necessidades do entorno escolar para sugerir possibilidades de adequação e de novos usos do espaço público na interface escola-cidade**. Se insere na área de Percepção Ambiental e tem como ponto de **interesse aspectos da relação recíproca entre os usuários e o espaço. Acredita nas possibilidades práticas de estimular novas relações com a cidade e com o agir urbano**. A metodologia utilizada é uma combinação entre a análise técnica e a percepção de quem vivência o espaço. Ela se desenvolve através de revisão bibliográfica, ferramentas de avaliação do lugar e interlocução com os usuários. Mergulho preferencialmente na escrita de mulheres; enquanto arquiteta interessada nos fazeres educacionais, me guio por outra como eu: Arquiteta Mayumi de Souza Lima; Para pensar educação, campo que me é caro e distante na minha formação, recorro às educadoras como bell hooks, Léa Tiriba e o patrono Paulo Freire. Desde o início o processo de pesquisa procurou formas de ação afim de deslocar o pensamento da cabeça e pensar com o corpo todo, esse desejo materializou-se em duas ações de intervenção urbana que se apresentam como ferramenta e também resultado. O presente estudo foi atravessado pelas consequências da pandemia, o fechamento das escolas desviou o pensamento para uma visão de educação mais ampla culminando não na sugestão de um espaço que atenda às necessidades escolares, e sim, em possibilidades para um espaço que valorize o papel educacional da cidade. **As reflexões geradas abrangem aspectos da pesquisa atrelada a extensão universitária e o papel da arquiteta em um mundo em transformação**. O percurso culminou numa proposição que se coloca como exercício utópico, disposto a suscitar outros fazeres.

Palavras-chave: relações ambiente comportamento, entorno escolar, extensão universitária, escola pública, educação não escolar.dis

Abstract

At the intersection of two streets in Pelotas, amidst the cars that cross in all directions, children from the past who seem to forget that they were playing in the street, clinging to their hands, circulate with hasty steps, other children with legs that are still small, driven as soon as they see the city pass in the corner of their eye. There, two schools of kindergarten and elementary education coexist. The adult's pace, accelerated like that of vehicles, does not seem to respect the curious gaze of the little ones. Should we accept that the street is a place for speed or can we make it a space suited to the desires, needs and conviviality of all its users? What would that space look like? Can the urban space in the school environment have a different time? To be a city study tool? How, as an architect and urban planner, can I provoke a look at this space, effectively seeking a city for people, where the street is seen as a space for conviviality and strengthening of the collectivity? These questions are the impetus for the present work, which aims to identify the needs of the school environment to suggest possibilities for adaptation and new uses of public space in the school-city interface. It is part of the area of Environmental Perception and has as a point of interest aspects of the reciprocal relationship between users and space. He believes in the practical possibilities of stimulating new relationships with the city and with urban action. The methodology used is a combination of technical analysis and the perception of those who experience the space. It is developed through bibliographic review, site assessment tools and dialogue with users. I preferentially immerse myself in the writing of women; as an architect interested in educational endeavors, I am guided by another like myself: Architect Mayumi de Souza Lima; To think about education, a field that is dear and distant to me in my training, I turn to educators such as bell hooks, Léa Tiriba and the patron Paulo Freire. From the beginning, the research process looked for ways of action in order to displace the thinking with head for thinking with the whole body, this desire materialized in two urban intervention actions that present themselves as a tool and also a result. The present study was crossed by the consequences of the pandemic, the closing of schools diverted thought to a broader view of education, culminating not in the suggestion of a space that meets school needs, but in possibilities for a space that values the city's educational role. The reflections generated cover aspects of research linked to university extension and the role of the architect in a changing world. The path culminated in a proposition that is placed as a utopian exercise, willing to encourage other actions.

Keywords: environment-behavior relations, school environment, university extension, public school, public space, non-school education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1.1 Colagem Educação através da cidade artificial.....	19
Figura 1.2 Colagem escola atenta ao seu entorno (fotos tiradas em um domingo)	20
Figura 1.3 Resumo da pesquisa..	20
Figura 2.1 Equipamento de extensão universitária – trabalho de conclusão de curso.....	28
Figura 2.2 Diagrama Senso de Lugar – definições de Shamai.....	30
Figura 2.3 Colagem produzida pela autora em tirinha de Quino 1984.	36
Figura 2.4 Colagem sobre o experimento de percepção.	39
Figura 2.5 Seriam as salas de aula cápsulas que nos transportam para o passado?.	41
Figura 2.6 Aparato de fechamento das escolas estudadas.....	42
Figura 2.7 Sinalização de áreas escolares.....	46
Figura 2.8 Questionamento no livreto Se a Cidade Fosse Minha..	47
Figura 2.9 Colagem com notícias do site bbcnews e uol notícias.	48
Figura 2.10 O espaço urbano em tempo de pandemia.....	53
Figura 3.1 Esquema metodológico.	60
Figura 3.2 Metodologia utilizada na viagem.....	65
Figura 3.3 Roteiro para entrevista semiestruturada.....	67
Figura 3.4 Intervenções Urbanas Realizadas.....	70
Figura 3.5 Livreto produzido para dialogar com as crianças.....	71
Figura 4.1 Mapa digitalizado representando a localização das escolas.....	81
Figura 4.2 A esquerda a Escola Rosa, a direita o Colégio Laranja.....	82
Figura 4.3 Escola Rosa, características de implantação.	84
Figura 4.4 Colégio Laranja, características de implantação.....	85
Figura 4.5 Rua Tiradentes com representação de usuários urbanos locais.....	86
Figura 4.6 Equipamentos urbanos e público atendido	88
Figura 4.7 Barroso e Tiradentes, vias coletoras.....	89
Figura 4.8 Localização das Faixas de pedestre com polos de atração da região.....	91

Figura 4.9 Cruzamento Perigoso..	92
Figura 4.10 Registros do entorno escolar com trecho da música Massarandupió.....	94
Figura 4.11 Fotos da Saída da Escola Rosa.....	95
Figura 4.12 Relato Retrato de Viagem- Porta da rua é serventia da casa.....	99
Figura 4.13 Relato Retrato de Viagem.....	100
Figura 4.14 Escolas Ilhas – Diferente condição de isolamento das instituições.	102
Figura 4.15 Colagem saída Colégio Laranja e esquema de obstacularização	105
Figura 4.16 Colagem sobre a cultura escolar como cultura letrada.....	109
Figura 4.17 Colagem sobre a possibilidade de fechar a rua para trafego veicular e abri-la ao pedestre no final de semana	121
Figura 4.18 Simulação de Ciclofaixa na Rua Almirante Barroso	123
Figura 4.19 Simulação do alargamento de calçada na rua Tiradentes.	124
Figura 4.20 Esquema de Afunilamento.....	125
Figura 4.21 Estratégia de redução de velocidade - Chicanas.....	126
Figura 4.22 Esquema de desvio da rota de ônibus.....	127
Figura 4.23 Cultivo de cercas vivas junto às grades da Escola Rosa	128
Figura 4.24 Simulação de travessia elevada em frente a ABAPP	129
Figura 4.25 Simulação faixa elevada e Banco em frente a ABAPP.....	130
Figura 4.26 Proposta de ruas compartilhadas	132
Figura 4.27 Nuvem de Atributos coletados no referencial Teórico.....	137
Figura 4.28 Imagem da sugestão proposta mostrando a marcação de acesso.	138
Figura 4.29 Imagem da sugestão com enfoque nas árvores..	139
Figura 4.30 Imagem da sugestão com enfoque na infraestrutura	140

Lista de Abreviaturas

ABAPP – Associação Beneficente de Aposentados e Pensionistas de Pelotas

CAU - Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil

DENATRAN – Departamento Nacional de Trânsito

EJA – Educação de Jovens e Adultos.

IFSUL – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense.

MEC – Ministério da Educação e Cultura

OMS – Organização Mundial da Saúde

SECULT- Secretaria Municipal de Cultura de Pelotas.

SMED – Secretaria Municipal de Educação e Desporto.

UFPEL – Universidade Federal de Pelotas

WRI - World Resources Institute

SUMÁRIO

Lista de Abreviaturas	15
Sumário	16
1. INTRODUÇÃO	10
1.1 Porque escrevo?	10
1.2- Para quem escrevo?	12
1.3 Onde estou? Situando meu corpo pesquisadora em relação ao pensamento construído e contexto de pesquisa.	13
1.4 Apresentação da Pesquisa	16
1.4.1- Justificativa	16
1.4.2- Tema	17
1.4.3 – Objetivos Gerais e Específicos	22
1.4.4- Sumário Narrado	24
2. REVISÃO DA LITERATURA – Discussões em torno do entorno.	27
2.1- Relações ambiente- comportamento	27
2.2- Ambientes Lúdicos Qualificados	34
2.3- O espaço com crianças	36
2.4- A escola e as cidades educadoras	40
2.5- O entorno urbano escolar	44
2.6- Rever e reinventar- é preciso repensar o urbano, repensar a educação.	47
2.7- O imprevisível na cidade – experimentações urbanas temporárias.	52
2.8- Categorias de Análise	56
3. METODOLOGIA	58
3.1- Delinear a pesquisa.	58
3.1.2 Percurso de Pesquisa	61

3.3- Dados Monológicos registros primários.	64
3.3.1- Observação;.....	64
3.3.1.2- Viagem pelos entornos escolares brasileiros.....	64
3.3.1.3- Observação in loco - Diagnóstico da Situação Escolar na malha viária. ...	65
3.3.1.4- Auto Observação?	66
3.4- Construção dos dados dialógicos	66
3.4.1- Instrumento aplicado com os usuários adultos.	67
3.4.1.2- Entrevista	67
3.4.2- Metodologias aplicadas com os usuários infantis.....	68
3.4.2.1- Intervenção Urbana	68
3.4.2.2- Livreto	70
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	73
4.1 - Relatos sobre a metodologia utilizada	73
4.2 Repercussão e Reflexões sobre o Evento de Rua Realizado.	76
4.2- Revendo, pensando, inventando – Discutindo.	78
4.1.2- Caracterização da situação estudada.....	80
4.1 – Relato de observação.	94
4.1.3- A inserção urbana da escola brasileira - um relato de viagem	98
4.1.4- O isolamento escolar	101
4.1.5- O pertencer sufocado pelo valor de troca	110
4.1.6- A - Criança; - Escola; Mulher	113
4.1.7- A extensão no mestrado	117
4.2 – Exercitar-se na Aventura de Criar a Cidade.....	119
4.2.1- Possibilidades a partir da percepção dos usuários.	119
4.2.2- E o papel da arquiteta? Fomentar a imaginação utópica.	133
4 SÍNTESE DOS RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS	141

5	Referências Bibliográficas	145
5.1	Que referencias são essas?	145
5.2	Lista de Referencial Bibliográfico	146
6	Apêndices	155
6.1	Entrevistas	155
6.1.2	Transcrição entrevista piloto – Criança de sete anos.....	155
6.1.3	Transcrição entrevista Professora/ Mãe de Aluno. [Escola Rosa].....	161
6.1.4	Transcrição entrevista Mãe de Aluno. [Colégio Laranja]	176
6.1.5	Transcrição entrevista com Aluna Egressa [Colégio Laranja].....	187
6.1.5	Transcrição entrevista com membro da Associação de Aposentados.	194
6.2	Intervenção Urbana.....	207
6.2.1	Relatório sobre a ação urbana – EVENTO SE ESSA RUA FOSSE MINHA	207
6.2.2	Fotos das intervenções	217
6.2.2.1	Fotos do cinema no bar do Maurício.	217
6.2.2.2	Fotos do cinema no Bairro Balsa	219
6.2.3	Reportagem Jornalística sobre o Evento – Se essa rua fosse minha.....	222
6.3	Livreto.....	223
6.3.1	Livros Impressos	223
6.3.2	Páginas para impressão	223
6.3.2	Vídeo com o livreto e as respostas das crianças sobre a cidade.....	249
6.4	Material Resumo da Pesquisa	250

1. INTRODUÇÃO

1.1 Porque escrevo?

Essa escrita é parte da tecedura de uma pesquisa de mestrado de uma urbanista curiosa pelos fenômenos educacionais. É um trabalho de busca:

“Eu não entrava no bosque para encontrar algo específico; entrava para encontrar o que havia de ser encontrado e para deixar as ideias virem até mim; se eu encontrasse um monte de cogumelos, teríamos sopa de cogumelos no dia seguinte, e se eu achasse boas pedras, o buraco na estrada perto da nossa casa seria remendado” (NOVIK, 2015 p.75) ¹.

Assim, os passos iniciais procuram **olhar com atenção para a relação da escola e seu espaço urbano imediato**. A possibilidade de se materializar em uma **ação** inspira a escrita com um sentimento ético e político sobre a responsabilidade da Universidade com a escola e da pesquisa com o fortalecimento das instituições públicas de ensino. Espera-se que ela se desenrole em um **artesanato intelectual** ² que permita, sem deixar de lado o rigor científico, uma **aventura** pela costura de metodologias e **culmine em alguma melhora para situação estudada**.

O que me instiga a pesquisar é o constante processo de segregação e enclausuramento que afasta as pessoas de viverem e conviverem na cidade. **As dinâmicas urbanas atuais são eficazes em privar a população do conhecimento sobre seus direitos como cidadãos e seu papel como construtores cotidianos do lugar onde vivem**³. Sendo assim, quero que deixe de ser. Diminuir as barreiras que separam a vida privada da fruição urbana passa por rever o enclausuramento da educação. Certamente esse objetivo é transgressor não só da cultura escolar como da

¹ NOVIK, Naomi. *Enraizados*. Editora Rocco, 2015.

² MILLS, Wright apud MARCONDES, Maria Inês; MAINARDES, Jefferson. *Reflexões sobre a Etnografia Crítica e suas Implicações para a Pesquisa em Educação*. Educ. Real., Porto Alegre, v. 36, n. 2, p. 425-446, maio/ago. 2011.

³ MARICATO, Ermínia. *Entrevista para Luís Eduardo Gomes*. Para enfrentar o problema habitacional, é preciso combater o analfabetismo urbanístico, 2017. Disponível em < https://sul21.com.br/entrevistasz_areazero/2017/11/para-enfrentar-problema-habitacional-e-preciso-combater-analfabetismo-urbanistico-defende-erminia-maricato/ > Acesso: março de 2020.

cultura geral. A cultura do medo urbano está tão internalizada que a possibilidade de as crianças viverem a cidade causa pavor.

Reconhecendo a importância dos espaços educacionais e a necessidade de transformação, impor intervenções sem compreender a percepção e as relações que os usuários estabelecem ali me parece uma ação tão pouco ética como pouco efetiva. Paulo Freire nos ensina que o trabalho social, comprometido com seu papel histórico, reconhece que **a mudança deve partir da reflexão e do conhecimento sobre a percepção que outras pessoas têm da realidade**⁴. Acredito que para propor ferramentas potentes é necessário desenvolvê-las de forma **atenta a percepção e aspirações de quem ali habita**. Ela deve partir da reflexão coletiva sobre a ambiência existente e suas possibilidades. **Dessa forma, a pesquisa e a intervenção se apoiam em uma metodologia engajada que provoca a reflexão sobre a cultura de uso dos espaços estudados.**

O local escolhido para desenvolver esse exercício do olhar atento é o ambiente urbano de vizinhança e conexão entre duas escolas no centro de Pelotas – RS. Uma escola particular e outra municipal. O contexto me chamou atenção por ser compartilhado por duas instituições inseridas na cidade de formas marcadamente diferentes: uma murada - isolada, disse e a outra com o gradil leve - permeável. Me interessava saber como **essas formas de estar na cidade provocam o fazer educacional** e qual é a concepção de cidade dessas comunidades escolares. Durante o texto apresentarei as escolas, por enquanto deixo dito que chamei a murada de Colégio Laranja e a permeável com gradil de Escola Rosa.

Pesquisei escolas cientes de que estamos imersas em uma cultura que é colonizada, patriarcal classista e embranquecida. Fiz um esforço consciente para me envolver com **estudos que partem da realidade Brasileira** e preferencialmente me guiar pela escrita de mulheres. Esse compromisso evidencia-se nas notas de rodapé onde optei por trazer os nomes junto ao texto e **destacar em negrito as mulheres** que dialogo para compor essa dissertação.

⁴ FREIRE, Paulo. Educação e Mudança. 1 ed.1979. 44 ed. Editora Paz e Terra, 2020.

1.2- Para quem escrevo?

Antes de ingressar no mestrado estudei como aluna especial em disciplinas oferecidas por cursos de pós-graduação em outras áreas. No segundo semestre de 2018, participei de um seminário oferecido pelo Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia do Instituto Federal (IFSUL). A disciplina ofertada pelo professor artista Alberto Coelho foi a mais experimental e transgressora que participei. Acostumada com os ambientes apropriados e personalizados da faculdade de arquitetura, o ambiente asséptico onde aconteciam essas aulas me chamou atenção.

A turma era composta majoritariamente por professoras de ensino fundamental e médio. Em uma dinâmica proposta, relatei meu desconforto em relação a rigidez do ambiente e falei um pouco sobre as teorias que venho estudando, que ressaltam que o ambiente não é neutro e é capaz de ditar comportamentos. Minhas colegas ficaram surpresas com essa forma de ver o espaço, demonstraram grande interesse e vieram conversar sobre percepções das escolas e salas de aula onde trabalham.

Ficou nítida para mim a necessidade da conexão entre os diferentes saberes e a **importância do olhar de arquitetas sobre o ambiente educacional. É com as professoras progressistas, aquelas que são guiadas pela esperança e vontade de transgredir a rigidez da tradição que eu quero falar.** Sei que fazem parte de uma classe desvalorizada, que muitas vezes não recebe incentivo para aprofundar os estudos e estão condicionadas a abraçar mais funções do que são remuneradas. As professoras estão exaustas! Como falar com elas?

Procurando respostas lembrei de outra experiência como aluna especial na disciplina Cidade e suas Margens, do curso de Antropologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) também no ano de 2018. Nessa ocasião desenvolvi, junto com um colega arqueólogo e outro antropólogo, um estudo sobre ruído do pixo urbano⁵ nas ruas do centro histórico de Pelotas. A proposta era de novas cartografias e a forma que utilizei para registrar foi importante ferramenta de discussão em sala de aula, chamou atenção da turma. Vi na representação gráfica uma ferramenta potente para os arquitetos se

⁵ Pixo – Intervenções gráficas geralmente utilizadas como expressão de atores urbanos marginalizados.

conectarem com as pessoas e com as outras áreas, é uma ferramenta que dominamos, pujante facilitadora da comunicação.

Dessa forma, procuro aproveitar desse tempo dedicado a olhar para os ambientes educacionais de forma acompanhada e guiada pela literatura para promover diálogos entre diferentes áreas intermediados pelas representações gráficas. Esse então apresenta-se como mais um desafio desse percurso: permear a escrita com imagens que complementam ou resumam. Além de ser importante no meu processo de condução da pesquisa e diálogo com os pares, acredito que essa prática pode significar **um avanço na comunicação entre os diferentes saberes.**

1.3 Onde estou? Situando meu corpo pesquisadora em relação ao pensamento construído e contexto de pesquisa.

Sou filha de um pai e uma mãe que completaram o ensino médio depois da minha primeira infância. Minha mãe confeiteira e meu pai mecânico industrial. Meu pai um homem branco, minha mãe uma mulher lida como negra nessa cidade de nossa infância, cidade alva com nome de fruta no oeste catarinense⁶. Classe trabalhadora, operária. Com horários embrutecedores⁷, abdicaram de me ver crescer enquanto trabalhavam e estudavam com o propósito de – “prover o melhor”⁸ - e conseguir custear meus estudos em instituições particulares. A escola de minhas primeiras lembranças, escola de freiras, existia em um contexto bem próximo das que estudo na dissertação: era uma escola particular no mesmo espaço de uma escola pública. A que eu estudava: Colégio Imaculada Conceição, a vizinha: Escola Estadual de Ensino Fundamental Governador Lacerda. As duas “dividiam” o prédio, entre aspas, porque a materialidade evidenciava a divisão do poder. Eram divididas por altos muros, os alunos de lá nunca passavam pela “nossa escola”, mas nós transitávamos no pátio vizinho para acessar a quadra e o auditório de acesso exclusivo. Os alunos do lado de lá pareciam muito mais comigo, em relação a cor de pele, hábitos e habitação; mas eu me vestia como os outros, e era ávida

⁶ Na cidade de Videira Santa Catarina, segundo dados do último censo disponível, 22.009 pessoas se autodeclararam como brancas, 4.000 pardas, e 901 declaram-se negras. IBGE CIDADES, 2010.

⁷ Expressão utilizada no livro – Cuidado, Escola!, 1980 [apresentado por Paulo Freire] – considerada aqui adequada para relatar o trabalho noturno de meu pai, e o trabalho sem folgas de minha mãe.

⁸ A classe operária vê na escola a possibilidade de emancipação, de acesso às melhores oportunidades. [Apreensões do livro: HARPER, Babette Et Al. Cuidado, Escola! Desigualdade Domesticação e Algumas saídas. Editora Brasiliense, 1980]

por pertencer a uma realidade que para mim se apresentava mais bonita. A relação entre os alunos era conflituosa, tínhamos nosso próprio jargão depreciativo:” Lá - cerda, lá – merda”⁹. Lembro que os portões só abriam em um sentido e também das sutis barreiras que imperavam no olhar para o outro, cheias de um medo que não sabia de onde vinha.

Ao olhar para o início de minha experiência escolar, agora amparada por pensamento de teóricos da educação, resgato uma figura do livro *Cuidado, Escola!* publicado em 1980. A ilustração retrata a escola como máquina reprodutora de desigualdades, fiz intervenções para facilitar a compreensão dos textos que estão pequenos na figura (FIGURA 01). Há um tratamento diferenciado entre as escolas e para cada aluno, essa diferenciação advém das expectativas que se tem de cada classe social. Desta forma, o ambiente de contraste e conflito entre escolas vizinhas que se destinam a um público socio econômico diferenciado, esse contraste e conflito de pertencimento vivido por mim, apresenta-se como um ambiente curioso, potencial observatório para as relações da escola com a cidade.

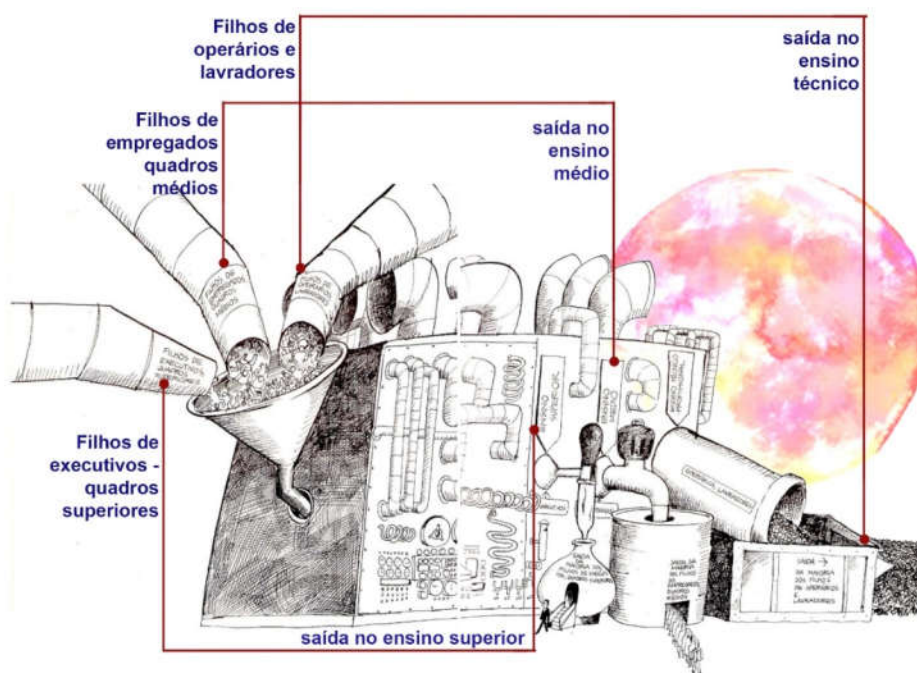


Figura 1.1 Colagem *Escola Máquina reprodutora de Desigualdades*. Fonte: HARPER et Al, 1980] com intervenção da autora, 2021.

⁹ Nos resultados apresento a recorrência de jargão depreciativo direcionado à Escola Pública no contexto estudado.

Essas dinâmicas foram alteradas no Início na primeira década do século XIX. Com iniciativas com o REUNI e o ENEM, as portas para a Universidade se abriram para filhas de operários, como eu. No começo do ensino médio, quem me perguntava o que eu queria fazer ouvia "faculdade de advocacia", ninguém nunca corrigiu e nem eu sei de onde tirei. Eu tinha pouca referência de pessoas graduadas. Meus interesses me levavam a pensar em licenciaturas ou em gastronomia, mas minha mãe há anos repetia "vai ser qualquer coisa, menos cozinheira ou professora", isso porque para as mulheres da família essas eram até então as únicas alternativas. A universidade pública só surgiu como possibilidade no final do ensino médio, por relações com pessoas que tinham mais acessos que eu. Não que eu não me considerasse capaz, mas eu não compreendia a existência, não tinha no meu horizonte a Universidade Federal. Entrar na Universidade abriu horizontes, tive a sorte de ser contemplada pelo programa do governo federal Ciências sem Fronteiras e estudei um ano na Universidade de Pisa, na Itália. A experiência adquirida neste ano de intercâmbio foi essencial para que eu conseguisse um estágio assim que regressei a Pelotas, essa oportunidade também foi definidora para adentrar profissionalmente na área de arquitetura, realidade distante de parte das colegas que se formaram comigo.

Acredito que muitas das minhas vivências são definidoras das influências e percepções de pesquisa. Na escola desde os dois anos de idade, sei que a escolarização é capaz de nos inspirar, de incentivar o ser – mais. Porém, depois desse processo de pesquisa onde pude pensar e visitar realidades diferentes da minha, compreendi que apesar da esperança que deposito no sistema educacional, é preciso de muito mais para aumentarmos os horizontes. Bell hooks nos fala sobre opressão como diretamente relacionada com as possibilidades de fazer escolhas; para ela, a opressão é uma situação política sinônimo de ausência de opções¹⁰. Assim, meu esforço e dedicação seguem no sentido de encontrar formas de criar e evidenciar possibilidades, alternativas, escolhas.

¹⁰ HOOKS, bell. Vivendo de amor. Intelectuais Negras. Revista Estudos Feministas, V.3, nº 2, 1995.

1.4 Apresentação da Pesquisa

Início esse texto explicando a escolha do título. "Se essa rua fosse minha, eu mandava eu mandava ladrilhar, com pedrinhas, com pedrinhas de brilhante, só pro meu amor passar"; música popular brasileira que é um **convite para pensar outras possibilidades** do espaço. Depois, falo de utopia a partir de Paulo Freire. Para o educador, fora do inatingível, a **utopia abrange o comprometimento em realizar uma mudança**, ela é ferramenta de denúncia das estruturas desumanas e anúncio de novas realidades, faz parte de um **movimento de tomada de consciência sobre a nossa historicidade e papel ativo na construção do mundo**¹¹.

1.4.1- Justificativa

Escrevo em um momento onde modelos estão sendo questionados no mundo da educação, cultura, economia e das relações sociais. Nosso país parece avançar rapidamente rumo à monocultura do saber, do fazer, do agir e do viver. Temos acompanhado atônitas o conservadorismo censurar livros, filmes, temas pedagógicos, a fim de regular os assuntos que podem ser abordados na cultura e na escola. É a contramão de uma educação libertadora. O que está em jogo é a disputa do senso comum¹². O ritmo ansioso da informação e a insegurança de notícias na época da pós-verdade tem criado espaços-tempo hostis. É necessário reduzir o ritmo e **atentar-se ao presente**¹³.

Atrelado a isso, está em curso a depreciação e precarização das instituições públicas. A legitimidade das instituições de educação, principalmente da Universidade Federal, está sendo questionada. Parte desse descrédito é fortalecido na distância entre o ambiente acadêmico e a realidade da maioria dos brasileiros. As causas e possíveis soluções para esse distanciamento podem estar atreladas à função social da universidade pública, atribuída principalmente às atividades de extensão. No tripé base da instituição, ao lado do ensino e da pesquisa, a extensão é idealmente comprometida

¹¹ FREIRE, Paulo. *Conscientização: uma teoria e prática da libertação - introdução ao pensamento de Paulo Freire*, São Paulo, Centauro, 1980.

¹² FERNANDES, **Sabrina** Fernandes. Publicação em vídeo: *Furando a Bolha*. Canal: Tese Onze – youtube, 2020.

¹³ SANTOS, Boaventura de Sousa (org.) *Democratizar a democracia: Os caminhos da democracia participativa*. Rio de Janeiro: Record. 2002.

com as classes populares, tendo como dever, além da disseminação do conhecimento, **permanecer atenta às necessidades e conhecimentos da comunidade**¹⁴. Essa atividade exige dedicação constante uma vez que práticas extensionistas deturpadas de seus valores acabam não atingindo os ideais de conexão e tornam-se mais um espaço de reprodução dos valores hegemônicos.

Dessa forma, como assinalou Ariano Suassuna: a Universidade brasileira ensina de costas para o Brasil ¹⁵. É necessário **construir alternativas** contra hegemônicas que marquem a utilidade social da academia¹⁶. Boaventura Souza e Santos, em seu livro *Universidade no Século XXI*, assinala que a Universidade Pública tem perdido algumas de suas funções no desenvolvimento da educação, principalmente no campo das pesquisas educacionais aplicadas. A perda de espaço se manifesta na primazia dos estudos informados pela racionalidade econômica, valores que ganham espaço na agenda educacional e favorecem o projeto neoliberal de funcionalizar a universidade e entregar o sistema educacional ao capital mundial¹⁷. Boaventura traça alternativas para reconquistar a legitimidade com uma reforma criativa: “combater o novo com o novo”, propondo um denso programa de **responsabilização social da Universidade**. Segundo o autor, é necessária uma reforma de legitimidade pautada em cinco frentes de ação: acesso; extensão; pesquisa-ação; ecologia de saberes; universidade e escola pública. O presente processo de pesquisa procura abranger discussões sobre a extensão, pesquisa ação e a necessária **conexão entre a Universidade e as escolas públicas**.

1.4.2- Tema

Temos produzido como cidade um espaço notadamente hostil ¹⁸. A professora Lúcia Leitão nos fala sobre as bases que sedimentam nossa noção de cidade numa concepção que se constitui ao redor da casa, num desenho espacial voltado para o privado, onde não há lugar para o não familiar. Deste contexto emerge a **negação da**

¹⁴ FORPROEX, *Fórum de Pró Reitores de Extensão Das Universidades Públicas Brasileiras*, 2012.

¹⁵ GELEDES. Texto sobre Ariano Suassuna no Portal Geledes, sem autoria, 2013.

¹⁶ SANTOS, Boaventura Souza. *A Universidade no Século XXI: Para uma Reforma Emancipatória e Democrática da Universidade*, 2010.

¹⁷ IBIDEM

¹⁸ LEITÃO, Lúcia Leitão. *Quando o ambiente é hostil*. XII Congresso Brasileiro de Sociologia. Belo Horizonte, junho de 2005.

rua e a valorização espacial e psíquica de ambientes exclusivos e excludentes. A autora defende que: tanto no desenho como no uso, o espaço urbano tropical reproduziu as **marcas de centralismo e domesticidade** adotadas para as lógicas da casa grande patriarcal. Ressalta, como marca de brasilidade, o fato de que nas primeiras construções urbanas o espaço habitado pelas famílias aristocratas era elevado em relação ao - leito carroçável -, rompendo com as possibilidades de permeabilidade visual. Assim nasce a rua brasileira: desprestigiada. **Batizada de leito carroçável, depois substantivo feminino, concebida para servir.**

Atento à demanda de conexão entre os habitantes e a cidade, o Conselho de Arquitetura e Urbanismo (CAU) trabalha para desenvolver uma metodologia de Educação Urbanística que possa ser replicada em salas de aula pelo país. O objetivo é desenvolver o olhar crítico para o meio urbano, permitindo que os estudantes compreendam **a cidade como um espaço complexo em constante transformação**, onde estão sobrepostas diferentes camadas históricas e realidades sociais¹⁹. Para tanto, o CAU produziu um material a fim de ser difundido por todo território brasileiro. Porém, **vamos olhar de maneira crítica para a realidade de inserção urbana das escolas brasileiras**. Muros altos, grades e janelas voltadas para o interior fazem parte da tipologia comum das instituições. **Estudar a cidade de dentro das fortalezas é uma contradição**, a colagem (figura 01) realizada com uma das imagens apresentadas pelo CAU busca exaltar essa incoerência: as crianças, cada uma um universo imaginativo de saberes e olhares, detidas em uma maquete, que se pretende cidade, artificial. Junto com essa representação foram colados recortes de notícias sobre as recorrentes fugas que acontecem, apesar do aparato de segurança das escolas, e evidenciam a coragem e curiosidade dos pequenos em viver-se no mundo.

¹⁹ CAU, Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil. Notícia no site do conselho: CAU/BR vai produzir material sobre Educação Urbanística para Escolas, 2019.

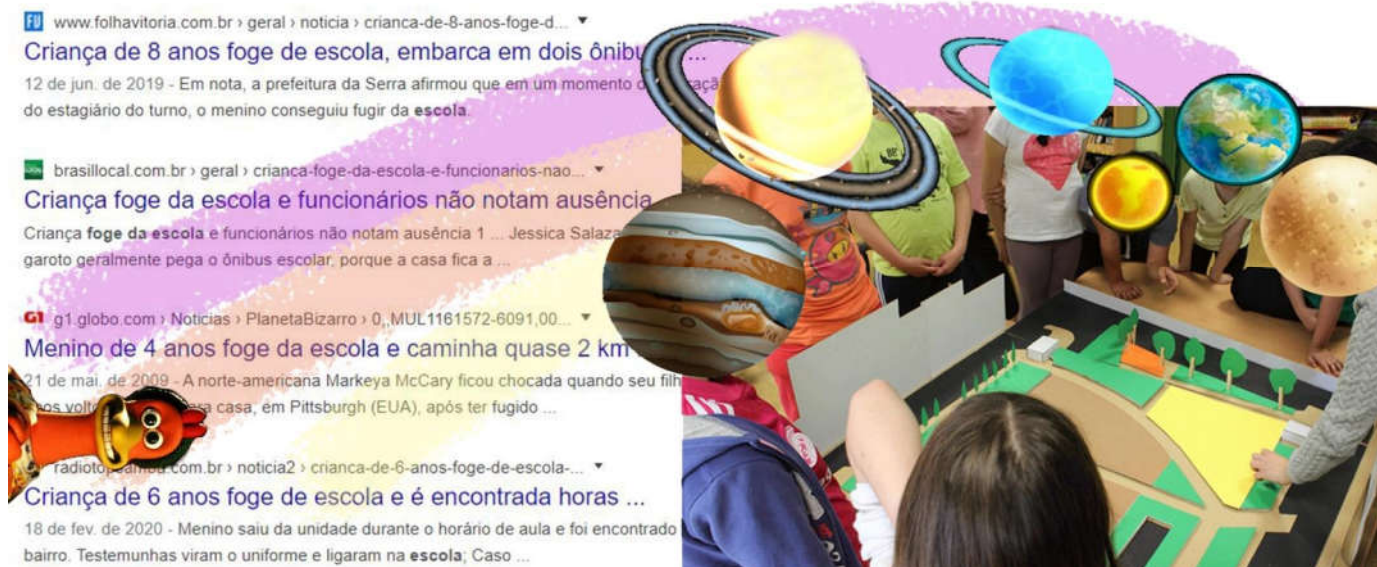


Figura 1.2 Colagem Educação através da cidade artificial e notícias de fuga. Fonte: CAU, 2019 ; Google, 2020 e intervenção da autora, 2020.

Sendo assim, porque não estimular que se rompam as barreiras e se utilize o próprio entorno escolar como ferramenta para o estudo do urbano? Paulo Freire, no livro *Pedagogia da Autonomia*, traz um questionamento que vem ao encontro: "Por que não estabelecer uma necessária intimidade entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos?"²⁰ (figura 02). **Assim procuro formas de ressignificar a interface imediata da escola/cidade como território educativo, ressocializar o espaço urbano e utilizar o entorno escolar como ambiente potente de experimentação, aprendizado e transformação.**

A proposta do CAU evidencia o reconhecimento de que Arquitetos e Urbanistas não podem abster-se de sua responsabilidade e devem colocar seu conhecimento a serviço da melhoria dos ambientes de aprendizagem. As teorias da percepção assinalam que **o espaço-escola é um mediador cultural na formação dos primeiros esquemas cognitivos**²¹. Há uma **pedagogicidade** indiscutível na materialidade do **espaço**, sendo de eloquência ímpar o discurso pronunciado pela beleza ou não desses

²⁰ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Pág. 50. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

²¹ FRAGO, Antônio Vrao; ESCOLANO, Augustin. *Currículo, espaço e subjetividade: A arquitetura como programa*. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

lugares²². Dessa forma, estudar em um lugar para se orgulhar, fortalece as noções de pertencimento. **Para tanto, é preciso que a escola e seus espaços adjacentes correspondam há quem ali habita²³.**



Figura 1.2 Colagem escola atenta ao seu entorno (fotos tiradas em um domingo) Fonte: Autora, 2021

Neste sentido, a urbanista e educadora Ermínia Maricatto assinala a necessidade de combater o **analfabetismo urbanístico**. Segundo ela, a população brasileira, por estar imersa numa construção social ideológica que é falsa, alienada e alienante, desconhece sua realidade urbana. Essa construção irreal usa “da parte como todo” e toma fragmentos urbanos, providos de melhor infraestrutura, como cidade, opondo esses espaços aos lugares despossuídos de infraestrutura básica, onde reside a maior parte da população, tornando-os então habitantes de uma *não-cidade*²⁴- destituída de direitos. Quanto às escolas, Freire também questiona: “Por que não discutir as implicações políticas e ideológicas de um tal descaso dos dominantes as áreas pobres da cidade? E

²² FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

²³ ELALI, Gleice Virginia Medeiros de Azambuja. *Ambientes para educação infantil: um quebra cabeça?* Tese de doutorado. FAUUSP, São Paulo, 2002.

²⁴ MARICATO, Ermínia. *Entrevista para Luís Eduardo Gomes*. Para enfrentar o problema habitacional, é preciso combater o analfabetismo urbanístico.

a ética de classe embutida neste descaso?”²⁵. O analfabetismo urbanístico é uma forma de promover uma neblina paralisante, entorpecendo os sujeitos de uma estrutura potencial para luta de classes: a cidade contemporânea²⁶.

Desta forma, reconhecendo a escola como centralidade social ²⁷, busca-se transcender o espaço onde estão emparedados os sujeitos escolares²⁸ e **investigar as relações extramuros que permitam valer-se do entorno escolar para estudo do urbanismo e do agir urbano**. A presente investigação busca **estar atenta às necessidades e ritmos** de usuários que são tradicionalmente desconsiderados no planejamento: **as crianças**. Procura meios de **alterar esse ambiente de forma que ele possibilite o olhar atento, o brincar, a curiosidade e experimentação**. Para tanto, essa pesquisa se desenvolverá procurando, além de avançar o entendimento sobre o assunto, **provocar o olhar, o pensamento e o comportamento das pessoas e grupos que participarem do processo**.

A pesquisa **interroga a possibilidade de abertura literal** e conexão da escola com a cidade, estimulando que este território ultrapasse os limites físicos do prédio escolar, tornando-se um lugar de entusiasmo, **onde o tédio é combatido com estratégias que** intervenham, alterem **e até mesmo perturbem a atmosfera cotidiana**²⁹. Arelada ao pensamento das Cidades Educadoras³⁰, parte de uma perspectiva que considera o processo educativo interligado a um processo amplo e multiforme de socialização³¹. Dessa forma, **a educação, além de papel da escola, é**

²⁵ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

²⁶ IBIDEM

²⁷ GOMÉZ, Alain Lennart Flandes. A escola e seu território educativo: Estudo de caso a Ilha do Governador na cidade do Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado – UFRJ. Rio De Janeiro, 2020.

²⁸ TIRIBA, **Lea**. Educação Infantil como direito e alegria: Em busca de pedagogias ecológicas, populares e libertárias. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

²⁹ HOOKS, **bell**. Ensinando a transgredir: Educação como prática da liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

³⁰ Cidade Educadora. Educação Integral, 2014. Disponível em: <<https://educacaointegral.org.br/glossario/cidade-educadora>> Acesso em: 06, fevereiro de 2020.

³¹ CANÁRIO, Rui. *A escola tem futuro: das promessas às incertezas*. Editora Artmed, São Paulo, 2006.

responsabilidade do seu entorno, da comunidade e de toda cidade, num processo de **potencializar e vivenciar o urbano como território pedagógico**³².

As **escolas têm o poder de se transformar em locais de mudanças e em polos de irradiação de ações coletivas** transformadoras³³. As questões sociais brasileiras tornam a escola uma instituição central na vida de crianças e adolescentes, pois além de transmitir o conhecimento formal, elas são responsáveis pela socialização e articulação das vivências culturais que propiciam o desenvolvimento humano. A educadora Helena Singer ressalta que o ensino público é tanto uma conquista essencial para o direito à educação quanto para a democracia como um todo; as escolas **estão pulverizadas por todo território nacional**, sendo o único equipamento público, além da polícia, a ter tamanha abrangência³⁴. Essa característica confere às escolas uma **potência única de territorializar direitos e fomentar a participação social**. Essa ainda é uma potência não explorada³⁵.

1.4.3 – Objetivos Gerais e Específicos.

Procurando formas de transformar a reflexão em ação, criar utopias em lugares cotidianos, comprometer-me com a mudança do mundo, nos quase três anos de produção desse trabalho olhei de forma atenta para os entornos escolares, mais especificamente o espaço urbano compartilhado por duas escolas no centro de Pelotas – RS. **Realizei o trabalho com objetivo de identificar as necessidades e potencialidades desse local para propor soluções mais alinhadas com a vivência de quem o habita, assim como refletir sobre a cultura de uso do espaço de interface entre a escola e a cidade para sugerir formas de adequá-lo ao tempo vivido.**

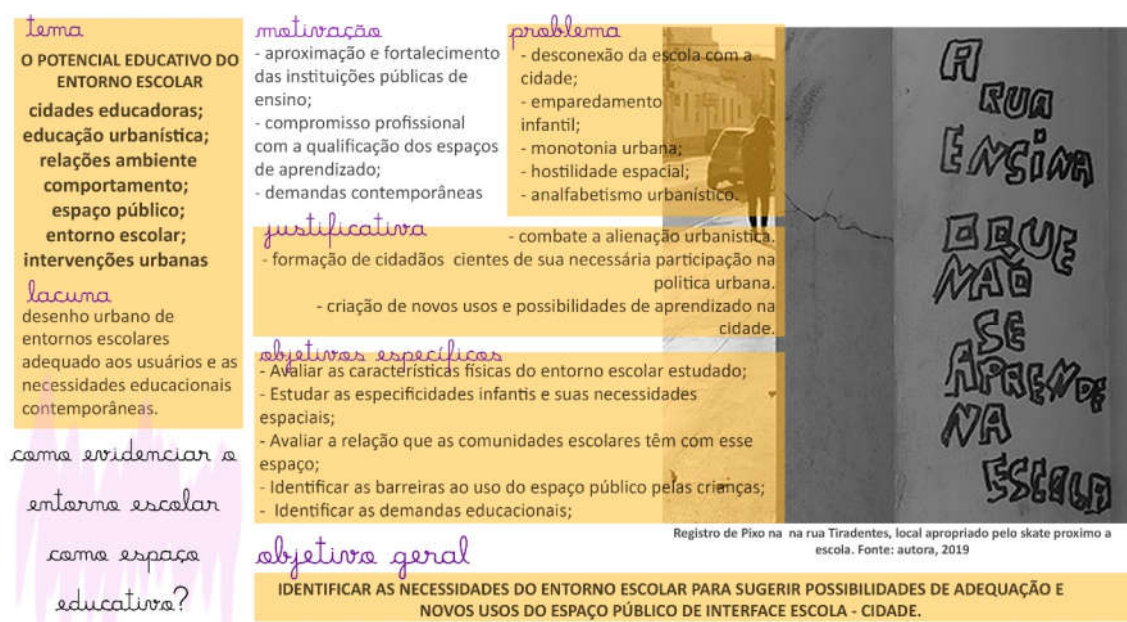
³² DE FARIA, Ana Beatriz Goulart. *Por outras referências no diálogo entre arquitetura educação*: na pesquisa, no ensino e na produção de espaços educativos escolares e urbanos. Em Aberto, Brasília, v. 25, n. 88, p. 99-111, jul./dez. 2012

³³ ALMEIDA Cleite ; ROCHA, Luís Octavio. Em busca de uma aproximação entre Arquitetura e Educação. CEMOROC-Feusp. Universidade do Porto, 2019.

³⁴ SINGER, Helena. Experiências em Educação Integral inspiram um novo movimento na Educação Brasileira.

³⁵ GARCIA, Cecília. O território é educativo quando está aberto à imprevisibilidade, defendem arquitetos e educadoras. Portal Aprendiz, 2018. Disponível em: <<https://portal.aprendiz.uol.com.br/2018/08/30/o-territorio-e-educativo-quando-esta-aberto-imprevisibilidade-defendem-arquitetos-e-educadora/>> Acesso em : 06, fevereiro de 2020.

Durante esse processo de pesquisa minhas preocupações não estiveram centradas em um resultado final, procurei permanecer atenta a formas de potencializar o percurso de trabalho como agente transformador da realidade, fazendo com que, quando possível, **os instrumentos metodológicos fossem provocadores**. Assim, além da **observação** dos entornos escolares brasileiros e do entorno estudado, me dediquei em promover ações de intervenção urbana, para experienciar a teoria em ação com crianças na cidade. **Em uma metodologia mista de referências técnicas sobre cidade e educação atrelada às ferramentas de interlocução e percepção dos usuários**, promovi conversas e entrevistas a fim de **compreender a relação que as comunidades têm com esse ambiente**, provocando o olhar para aspectos ignorados no cotidiano a fim de **identificar as barreiras ao uso efetivo do espaço público**.



1.3 Quadro Resumo de Pesquisa. Fonte: Autora, 2020.

Estudei as especificidades da infância e procurei conversar com as crianças através de um livro de colorir. Para **compreender a materialidade do entorno escolar estudado** e avaliar suas características físicas e potencialidades realizei levantamentos métricos e comportamentais. O quadro da figura 1.3 trata de resumir essa discussão explicitando os objetivos, o problema de pesquisa, o tema, a motivação, o problema e a justificativa.

O presente processo de pesquisa é atravessado por uma crise sanitária global e precisou adaptar-se às políticas de isolamento social. Assim, a forma de fazê-lo foi

adaptada como uma dança dentre as possibilidades e riscos, a fim de conduzir a reflexão mantendo os objetivos aqui explicitados.

1.4.4- Sumário Narrado

Este trabalho está dividido em quatro partes, a primeira trata de apresentar a discussão. Para dar prosseguimento é seguida pela revisão da literatura onde olharei para um apanhado de trabalhos e teorias sobre o ambiente escolar. Iniciamos com as que tratam da **relação entre pessoa-ambiente** para entender os afetos e as possibilidades de estimular a ação na cidade, a fim de responder à questão – *Como ativar esse espaço público?* Consultei referências sobre infância e educação para compreender **como é um ambiente qualificado para a educação de crianças?** Em seguida olharemos historicamente para a relação das infâncias **com os espaços** para então chegar na discussão sobre **escola e cidade** e partir para o **entorno**. A observação sobre a inserção das escolas traz a necessidade de **repensar o urbano e repensar a educação**. Acabamos esse capítulo apontando para as alternativas que **experimentam o imprevisível**, reúno também as coletas dessa discussão que servirão como **categorias de análise para a etapa** seguinte.

O capítulo três trata da metodologia utilizada: uma combinação entre ferramentas de **análise técnica** e instrumentos **de interação e troca com os usuários do espaço**. Como ferramentas de interlocução foram realizadas entrevistas, atividades de intervenção urbana, produção e distribuição de livretos. No capítulo quatro retomo a literatura para compreender e discutir os achados de pesquisa. Auxiliada pela **caracterização** de minhas interlocutoras, apresento uma análise **da situação estudada** e em seguida olho para outros **entornos escolares** a fim de captar recorrências. O processo de pesquisa, e principalmente de ação, me levou a identificar diferentes camadas do **isolamento escolar**, as interlocuções mostraram que ali há pertencimento,

mas não há apropriação porque as **relações estão sufocadas** por dinâmicas de fora espaço. Diante dessa relação de dominação, proponho uma discussão que **costura a escola, a cidade e a mulher**. Paralelamente, utilizo da modelagem computacional para ilustrar e refletir sobre o ambiente em questão, parto desse percurso teórico e das

possibilidades advindas das trocas para construir sugestões que culminam em **colagens imaginativas que trabalham ideias de adequação para o entorno escolar**. Termino essa etapa de estudo com as considerações finais.

"Um amigo meu, médico, assegurou-me que desde o berço a criança sente o ambiente, a criança quer: nela **o ser humano, no berço mesmo, já começou.**

Tenho certeza de que no berço a minha **primeira vontade foi a de pertencer.** Por motivos que aqui não importam, eu de algum modo devia estar sentindo que não pertencia a nada e a ninguém.

Nasci de graça. Se no berço experimentei esta fome humana, ela continua a me acompanhar pela vida afora, como se fosse um destino... Pertencer não vem apenas de ser fraca e precisar unir-se a algo ou a alguém mais forte.

Muitas vezes a vontade intensa de pertencer vem em mim de minha própria força - eu quero pertencer para que minha força não seja inútil e fortifique uma pessoa ou uma coisa.

A vida me fez de vez em quando pertencer, como se fosse para me dar a medida do que eu perco não pertencendo.

E então eu soube: pertencer é viver"

*Clarice Lispector Pertencer -
A descoberta do mundo*



2. REVISÃO DA LITERATURA – DISCUSSÕES EM TORNO DO ENTORNO.

2.1- Relações ambiente- comportamento

Porque escolhi trabalhar com percepção ambiental? Durante o ano de 2017 desenvolvi meu trabalho final de graduação. A questão da rua e da educação já eram os assuntos escolhidos para me debruçar. Projetei uma arquitetura efêmera para ser utilizada em situações de apropriação e dar suporte às atividades de Extensão da Universidade Federal de Pelotas (figura 2.1). Simulei algumas implantações da estrutura, a primeira delas em uma rua na periferia de Pelotas onde ficam localizadas duas escolas públicas. Finalizada essa etapa, algo me incomodava: como podia eu, sem saber sobre aquela realidade propor uma intervenção no espaço? O desejo de ressignificar a relação com as ruas seguia latente, entendi que seria necessário entender a concepção que as pessoas têm do possível local de intervenção. **Qual a vocação desse espaço? Quais as necessidades de quem o habita?** Movida por essas questões, acreditei que a área de Percepção do Ambiente pelo Usuário atrelada a metodologias participativas me traria instrumentos para esse entendimento.

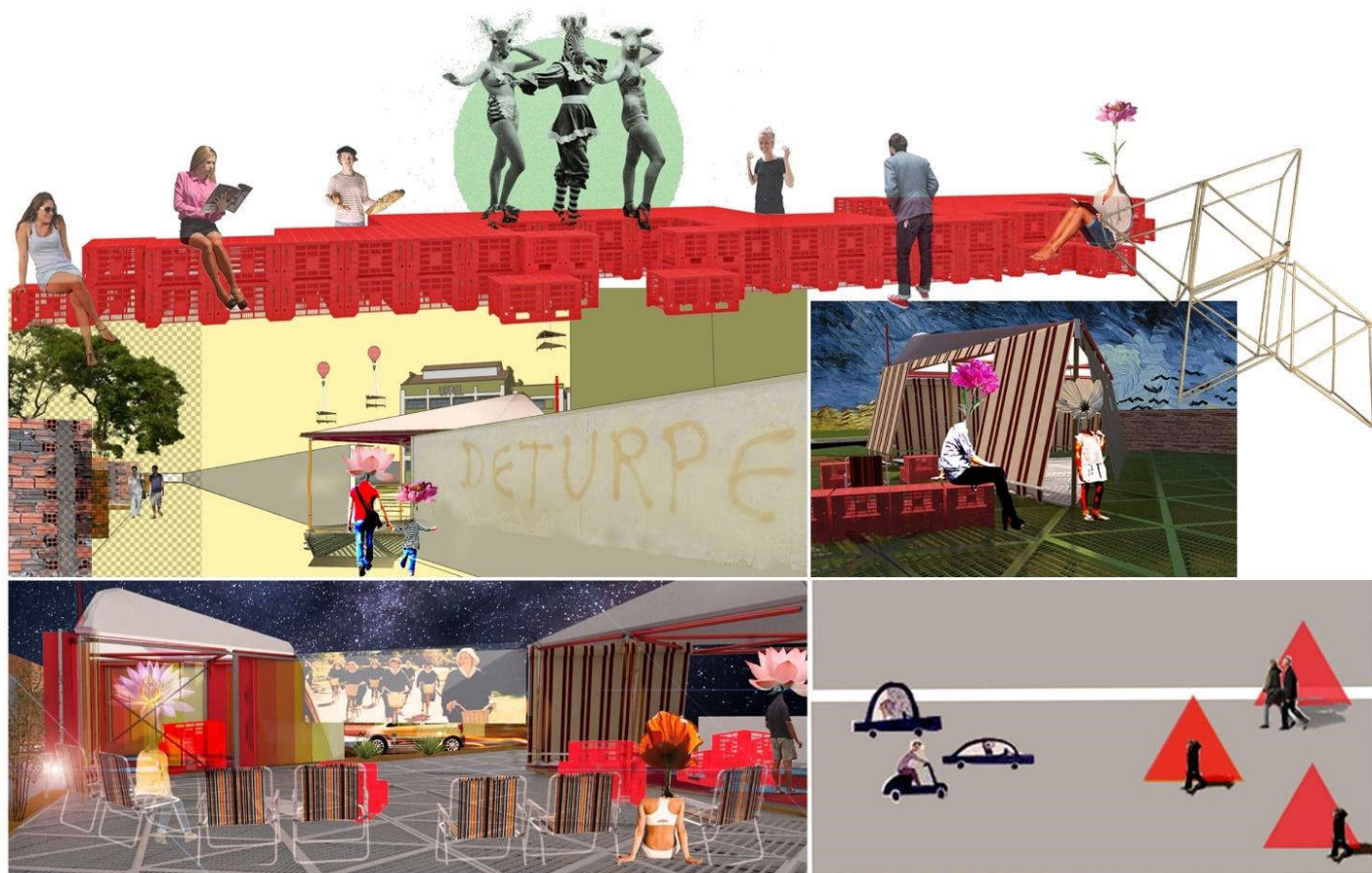


Figura 2.1 Equipamento de extensão universitária. Fonte: Autora, 2017.

Dentro dos estudos de percepção ambiental, destaco a avaliação pós ocupação: **etapa projetual na qual se estuda os espaços em sua utilização**. Essa metodologia considera o olhar dos usuários pois reconhece o contato diário como formador de um senso crítico competente³⁶, nos conduz para uma crítica da realidade e indica **caminhos mais alinhados com as necessidades de cada contexto** ³⁷. Ela pode ser utilizada como uma investigação de nossas **reais necessidades frente a um ambiente hierarquicamente proposto**. Assim, é importante para condução dessa pesquisa entendermos as vivências no espaço construído das escolas e a percepção de seu

³⁶ ONO, Rosaria; ORNSTEIN, Sheila Walbe; VILLA, Simone Barbosa; FRANÇA, Ana Judite G. Limongi. Avaliação pós-ocupação: na arquitetura, no urbanismo e no design: da teoria à prática. São Paulo: Oficina de Textos, São Paulo, 2018.

³⁷ IBIDEM

entorno para encontrar soluções menos normativas e mais adequadas para os espaços educacionais.

Os ambientes escolares são caracterizados por serem local de permanência nos primeiros anos de vida das crianças, tempo de intenso desenvolvimento físico, cognitivo e social. A arquiteta e Psicóloga Gleice Azambuja Elali dedicou-se ao que denominou como quebra cabeça do ambiente escolar, o enfoque do estudo é nas ambiências dentro dos muros, mas auxilia na compreensão de aspectos relacionados ao espaço educacional e a percepção infantil. A pesquisadora pontua que é uma característica intrínseca ao ser infantil a **motivação curiosa** para interagir com o espaço e essa **interação depende do engajamento permitido pelo ambiente**. A convivência com o diferente, a interação com o inesperado e com o adaptável contribui para o desenvolvimento da percepção e do **repertório comportamental**³⁸. Assim, compreender de que forma as **materialidades do entorno escolar atuam para inibir ou estimular a interação** é o caminho para promoção de ambientes com características variadas, tanto físicas quanto sociais, é uma maneira de favorecer a plena vivência infantil.

A percepção articula lembranças e aprendizados do corpo e do mundo. Dessa forma, a criança descobre o mundo quando encontra um meio favorável, acolhedor e estimulante. Nesse vai e vem de experiências, constrói o conhecimento sobre o outro e sobre o eu³⁹. Isso posto, **um ambiente que possibilita a experimentação e a descoberta proporciona um ganho de liberdade infantil e o desenvolvimento da autonomia**. Assim, é necessário reafirmar o ambiente como agente não neutro e reconhecer que ele opera parcialmente abaixo do nível de consciência⁴⁰. A proposta que busco desenvolver aqui é utilizar a **diversidade urbana como ferramenta educacional** frente ao individualismo, reativar o espaço público como local do encontro com as diferenças, contrapondo-se à segregação da cidade condomínio.

³⁸ IBIDEM

³⁹ TIRIBA, **Lea**. *Educação Infantil como Direito e Alegria*. Em busca de pedagogias ecológicas, populares e libertárias. Editora Paz e Terra. Rio de Janeiro/ São Paulo, 2018.

⁴⁰ KOHLSDORF, **Maria Elaine**. *Aprensão da Forma da Cidade*. Unb - Fund. Univ. De Brasília; Edição: 1ª, janeiro de 1996.

Para seguir pensando a relação ambiente-comportamento é necessário observar alguns conceitos da área. A **territorialidade** diz respeito à marcação e defesa de um espaço, que pode tanto ser individual quanto coletivo. Está diretamente relacionada com relações de poder. No caso humano, o território costuma ser delimitado por uso de cercas, muros, ou até inscrições, como é o caso do Pixo. Mas, para além das condições de propriedade, a territorialização está relacionada com o tempo de ocupação e os sentimentos associados ao ambiente⁴¹. As relações de afetividade são capazes de elevar um espaço a categoria de lugar. **Lugar** é o espaço dotado de valor no qual satisfazemos algumas de nossas necessidades⁴². Quando se atribui ao espaço geográfico significados simbólicos e afetivos as pessoas se ligam a ele cultural e emocionalmente constituindo uma unidade adimensional definida como **senso de lugar**⁴³.

Há diferentes intensidades de sentimento em relação aos lugares, desde o amor e identificação, passando pela participação e zelo, chegando até a se sentir pertencente e agir no lugar apropriado. Shamai classifica o senso de lugar em sete níveis (Figura 2.2).

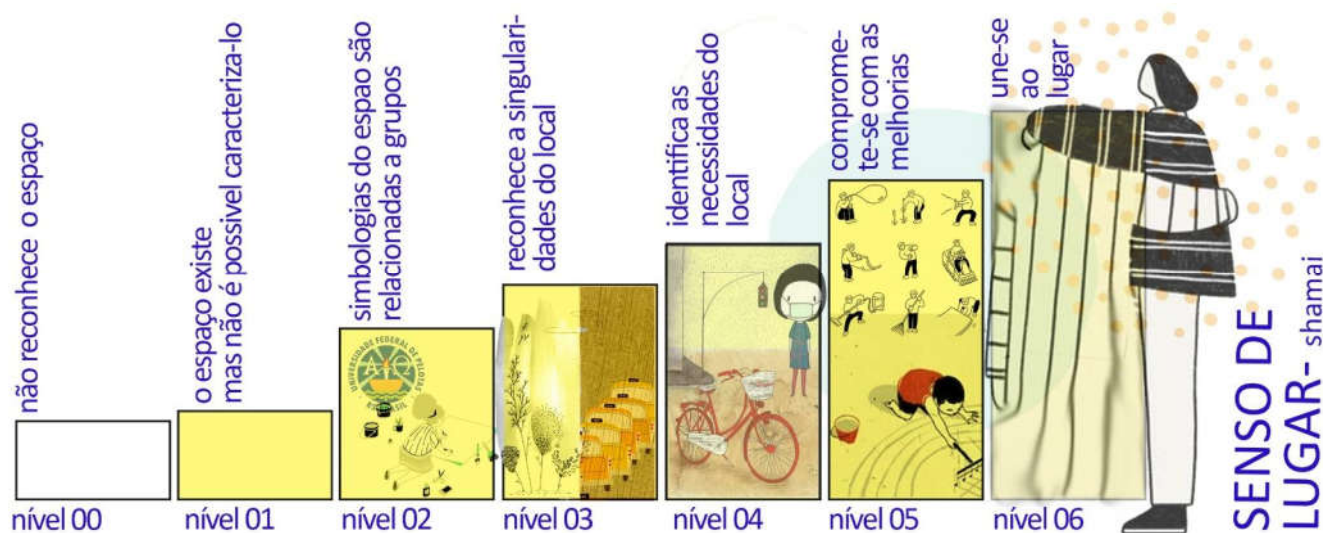


Figura 2.2 Diagrama Senso de Lugar – definições de Shamai. Fonte: Autora, 2021.

⁴¹ ELALI, Gleice Virginia Medeiros de Azambuja; *Ambientes para educação infantil: um quebra cabeça?* Tese de doutorado. FAUUSP, São Paulo, 2002.

⁴² IBIDEM

⁴³ SHAMAI, Shmuel. *Sense of place: an empirical measurement*. Geoforum, v.22, n.3, p.347-358, 1991.

O primeiro deles é o ponto zero, onde não reconhece o espaço como tal. O ponto um diz respeito a estar consciente de que se está em um lugar, de que este é um espaço particular, mas ainda assim não existem sentimentos, pois ele não é mais do que uma localização. No ponto dois as simbologias desse espaço são identificadas como relacionadas a um grupo de pessoas. O terceiro ponto é quando se tem apego pelo lugar, ou seja, esse espaço tem significado e reconhece-se suas singularidades. O quarto ponto é aquele onde o usuário **conhece os interesses e necessidades do lugar** e se identifica com esses objetivos. As pessoas desenvolvem sentimentos de fidelidade e lealdade ao espaço. O quinto ponto é o de envolvimento, quando **se assume um papel ativo de compromisso** com o futuro do espaço, ele implica investimento de recursos humanos, como tempo e dinheiro, em atividades de manejo do espaço. A condição de maior grau do senso de lugar é o sexto e último ponto. É colocado pelo autor como um ponto de sacrifício, onde quem vivencia o espaço se vê comprometido com a prosperidade do lugar num ponto que está disposto a abrir mão de seus interesses pessoais pelo interesse do ambiente⁴⁴.

Atentar-se para a forma como as pessoas avaliam o espaço é uma etapa para a compreensão de suas ações. Quando só um grupo se identifica com o espaço a ponto agir sobre ele, se estabelece uma comunicação unilateral com o futuro da cidade ⁴⁵. A professora arquiteta e urbanista Rita Velloso nos guia através de seus estudos sobre Henry Lefebvre e Guy Debord para compreendermos a construção social urbana e **a possível resposta na revolução dos usos**. A normatização de **padrões e controle de comportamento** no espaço público cria uma **atmosfera monótona marcada pela indiferença**, um espaço urbano que acaba por sufocar a fecundidade do cotidiano e fabricar sujeitos apáticos. É a alienação urbanística apresentada por Raquel Rolnik. Para **contrapor-se a passividade é preciso do ato criativo**, assim Debord e Lefebvre defendem a apropriação⁴⁶.

Apropriação está relacionada com os conceitos de território e de senso de lugar, é um processo que envolve a identificação e o apego, pontuadas no senso de lugar, mas

⁴⁴ SHAMAI, Shmuel. *Sense of place: an empirical measurement*. Geoforum, v.22, n.3, p.347-358, 1991.

⁴⁵ VELLOSO, Rita. *Apropriação, ou o urbano – experiência*. Arquitectos, Vitruvius, ano 16, fev.2016. Disponível em <<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitectos/16.189/5949>> Acesso: outubro, 2019.

⁴⁶ IBIDEM

vai além, pois trata de uma relação pessoa-ambiente onde o **indivíduo sente que tem a liberdade para intervir no espaço**, fazer o ajustamento, adaptar-se e adapta-lo⁴⁷. Ela envolve a propriedade, não de forma jurídica e sim como uma posse coletiva sobre aspectos de um lugar. **Apropriar-se significa reconhecer a si mesmo e tornar-se mestre possuidor do seu mundo, submetendo o espaço ao tempo que se quer viver**⁴⁸. Dessa forma, a apropriação abrange os componentes simbólicos de identificação com o local e a **práxis de ação que permite personalizá-lo**⁴⁹, modificá-lo para que ele possa servir as necessidades e possibilidades da vida em grupo⁵⁰. São condutas de manejo afetivo e simbólico de um determinado espaço ⁵¹.No espaço da rua, estimular a apropriação é uma prática de confronto com a atitude passiva que aceita a primazia da velocidade da máquina. No contexto escolar, Elali ressalta que o processo de apropriação é **importante pedagogicamente**, mas frequentemente regulado e limitado em nome da limpeza e organização⁵².

A qualidade urbana se cria através dos atributos de lugar. Os espaços qualificados a ponto de possibilitarem a apropriação, aqueles que facilitam o afeto e a proximidade entre as pessoas são propícios ao desenvolvimento da **amabilidade urbana** ⁵³. Esse conceito extrapola a relação entre pessoa – ambiente, é uma qualidade física e social pois estimula a **relação entre as pessoas** ⁵⁴. A **amabilidade urbana** se expressa em atos de cortesia com o que está fora do indivíduo: com o outro e com o espaço, é a expansão da intimidade para os ambientes compartilhados. Um lugar apropriado é capaz de fomentar a amabilidade, **desenvolver formas espaciais que convidem a apropriação** é atitude de uma cidade que **reconhece que a conexão é uma**

⁴⁷ ELALI, **Gleice Virginia Medeiros** de Azambuja; *Ambientes para educação infantil: um quebra cabeça?* Tese de doutorado. FAUUSP, São Paulo, 2002.

⁴⁸ VELLOSO, **Rita**. *Apropriação, ou o urbano – experiência*. Arquitectos, Vitruvius, ano 16, fev.2016. Disponível em <<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitectos/16.189/5949>> Acesso: outubro, 2019.

⁴⁹ ELALI, **Gleice Virginia Medeiros** de Azambuja; *Ambientes para educação infantil: um quebra cabeça?* Tese de doutorado. FAUUSP, São Paulo, 2002.

⁵⁰ VELLOSO, **Rita**. *Apropriação, ou o urbano – experiência*. Arquitectos, Vitruvius, ano 16, fev,2016. Disponível em <<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitectos/16.189/5949>> Acesso: outubro, 2019

⁵¹ FONTES, **Adriana** Sansão. *Intervenções temporárias, marcas permanentes. Apropriações, arte e festa na cidade contemporânea*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2013.

⁵² ELALI, **Gleice Virginia Medeiros** de Azambuja; *Ambientes para educação infantil: um quebra cabeça?* Tese de doutorado. FAUUSP, São Paulo, 2002.

⁵³ FONTES, **Adriana** Sansão. *Intervenções temporárias, marcas permanentes. Apropriações, arte e festa na cidade contemporânea*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2013.

⁵⁴ IBIDEM

necessidade humana. A amabilidade se apresenta como uma reação ao individualismo, ela que pode ser desperta através das ações temporárias que deixem como legado o crescimento no nível de identificação e apego ao lugar.

O ambiente escolar é palco de um relacionamento pessoa-ambiente diferenciado, além de seus frequentadores vivenciarem ele por um período significativo de suas vidas, parte dos usuários é infantil. Assim, outro fator considerado importante é a percepção de risco. Dentre as razões para que as professoras mantenham as crianças em ambientes fechado é o medo de que elas se machuquem ou fiquem doentes⁵⁵. Na psicologia ambiental a **percepção de risco** trata do julgamento intuitivo feito para avaliar o risco de determinada atividade, ambiente ou situação. **É um atributo espacial capaz de inibir comportamentos e apropriação de lugares**, ele se desenvolve de forma mais aguçada entre quem cuida de crianças pequenas⁵⁶. A percepção de risco está relacionada com as experiências passadas, as crenças, o grau de exposição ao risco e as medidas tomadas como prevenção do suposto perigo. Alterações no ambiente podem ser eficazes para diminuir a percepção de risco e trabalhar a favor da teoria da **homeostase do risco**. Essa teoria parte da ideia de que cada pessoa caracteriza o risco que é capaz de aceitar e avaliando o nível do perigo que se sente exposto faz os ajustes necessários no ambiente para que essa diferença chegue a zero, ou seja, o nível que está exposto se equipara com o nível que é capaz de aceitar⁵⁷.

A ocupação do espaço físico, a vida urbana cotidiana, os encontros, significados, conflitos e trocas, constituem o lugar. O salto qualitativo que eleva o espaço à lugar é uma construção que se dá no fluir do cotidiano, tendo **a estrutura física como suporte sempre disposto a ser ressignificado**⁵⁸. Apropriar-se do espaço público, através de seu uso da sua construção é ao mesmo tempo usufruir do direito à cidade e do dever cidadão de zelar pelos espaços compartilhados. Para educar na cidade é preciso

⁵⁵ TIRIBA, Lea. *Educação Infantil como direito e alegria*. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

⁵⁶ KUHNNEN, Ariana Kuhn; BIANCI, Alessandra Sant'anna; ALVES, Roberta Borghetti. Percepção de risco em Psicologia ambiental: Conceitos para a leitura da relação pessoa-ambiente. Org. Sylvia Cavalcante e Gleice A. Elali. Editora Vozes. Edição 1, 2018.

⁵⁷ IBIDEM

⁵⁸ FRAGO, Antonio Vrao; ESCOLANO, Austín. Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

desenvolver ações que reforcem o caráter público do espaço e gerem uma socialização menos limitada ao edifício escolar.

A partir da averiguação dos níveis de senso de lugar relacionados ao entorno social estudado e da observação das concepções da comunidade escolar a respeito da percepção de risco e das possibilidades de homeostase do risco, será possível identificar a existência ou não de amabilidade nesse espaço assim como os fatores a serem trabalhados afim de fomentar a apropriação. Na vizinhança das escolas, a apropriação mostra-se como oportunidade de aprendizado e desenvolvimento social. Apropriar-se, é ação da tomada de consciência de que a cidade pode ser melhor para seus habitantes, é o **exercício da responsabilização pelo futuro que se quer**.

2.2- Ambientes Lúdicos Qualificados

O lúdico está ligado ao jogo, ao divertimento, à brincadeira e à imaginação. Para as crianças o brincar é uma forma de aprendizado, é através dele ela toma consciência de si, desenvolve sua personalidade e autonomia⁵⁹. Compreendendo a infância atrelada à brincadeira não se pode projetar um ambiente infantil que não **permita e incentive as atividades lúdicas**. Elza Santos (2011) desenvolveu um estudo de doutorado que elencou categorias de humanização que devem estar presentes em espaços escolares para garantir um suporte adequado ao desenvolvimento das primeiras idades. São uma série de características ambientais capazes de tornar os ambientes mais atraentes, interativos, estimulantes e acolhedores⁶⁰.

As crianças pequenas vivem o processo de separação casa-escola de uma forma cheia de emoção, é dos primeiros espaços não familiares que ela experimenta. Desta forma espera-se que esses espaços sejam **agradáveis, acolhedores e promotores de oportunidades que não se encontram em outro lugar**. Elza apresenta o acolhimento através dos atributos listados a seguir, como ela desenvolveu seu trabalho voltado ao ambiente interno, procurei contextualizá-los para pensar o espaço aberto.

⁵⁹ LIMA, **Rossana** Batista Ferreira. A criança e a cidade: Estudo de Percepção em espaços infantis públicos em Uberlândia – MG. UFU, Uberlândia, 2017.

⁶⁰ SANTOS, **Elsa Cristina**. Dimensão lúdica e arquitetura: o exemplo de uma escola de educação infantil na cidade de Uberlândia.

- 1) **Iluminação e ventilação natural** – nos espaços abertos leio esse atributo como conforto térmico e proteção das intempéries, sendo necessário que o ambiente possibilite áreas de permanência no sol e também na sombra, abrigo de chuva e proteção ao vento.
- 2) **Isolamento acústico** – na rua esse atributo pode ser pensado enquanto conforto acústico, atingido através de estratégias de atenuação de ruídos.
- 3) **Entrada convidativa** – uma rua com características escolares é um convite, um instrumento de acolhimento.
- 4) **Mobiliário confortável e adequado aos usuários.**
- 5) **Professores tratados como profissionais.**
- 6) **Elementos locais para exposição dos trabalhos das crianças.**
- 7) **Ambientes com acesso ao exterior** – integração entre ambientes abertos e fechados.
- 8) **Riqueza de materiais, cores, formas e texturas.**

Além do acolhimento, Elza sugere outros atributos:

Complexidade - para que um ambiente seja vivido de forma plena ele deve conter **estímulos para todos os sentidos**. Ela acrescenta que em sua complexidade o espaço educacional deve almejar obter uma qualidade espacial suficiente para se tornar um elemento significativo de onde está inserido.

Polivalência – Trata de proposições espaciais que estimulam a interação entre as pessoas e o ambiente, são convites para que a criança se entregue ao espaço. Dentre essas proposições a arquiteta ressalta que **os espaços para a apropriação não devem ser grandes, mas sim administrados de tal modo a formar um conjunto de unidades pequenas**. A polivalência também está associada à capacidade do lugar ser receptivo para diferentes grupos.

Ludicidade – O lúdico é qualidade daquilo que **instiga a interação**, favorece o exercício da imaginação e do faz de conta. A ludicidade proporciona espaços para o livre brincar, acolhe o senso de aventura e exploração infantil, é expressa em configurações e materialidades que **evidenciam dimensão de brincadeira e diversão**. Dentre as características desses espaços estão:

- 1) Presença de árvores, desníveis, hortas.
- 2) Locais para performances teatrais, música e dança.
- 3) Cantos e recantos, espaços com brinquedos.

Olhando para esses atributos fica evidente a escassez de espaços qualificados tanto nas escolas quanto nas cidades. Ambientes que reforçam a importância da brincadeira podem ser ferramentas de reflexão para todas as idades, uma vez que abordam valores para além das lógicas de produção e consumo. Pensar o espaço público para atender as necessidades e potencialidades infantis é promover que este seja um espaço ativo, de oposição à homogeneidade urbana. **Um espaço urbano para o livre brincar tem potencial de despertar novos olhares para a vida cotidiana.** Portanto, trazer pensamentos e teorias até então direcionadas para os ambientes educacionais intra-muros, para a rua, é evidenciar as potencialidades de aprender com a cidade, e pode também ser alternativa para escolas que não disponham desses espaços.

2.3- O espaço com crianças



Figura 2.3 Colagem produzida pela autora em tirinha de Quino 1984.

As crianças são o público alvo do espaço estudado, a compreensão das vivências desenvolvidas ali envolve reflexões sobre a infância. Elas não podem ser classificadas em bloco. Numa mesma sociedade **há diferentes infâncias**. O tratamento, suas perspectivas de futuro, o que se espera delas e consequentemente as oportunidades oferecidas

dependem das condições econômicas de sua família⁶¹. É preciso olhar para as relações de classe consciente de que essa envolve o comportamento que adotamos, nossos pressupostos básicos sobre a vida, como lidamos com problemas e nosso conceito de **futuro**⁶². Essas determinações incidem sobre as crianças e seus espaços de permanência.

A arquiteta Mayumi de Souza Lima ressalta que a situação da escola pública, com orçamento reduzido e instalações precárias, é retrato do pensamento social que vê a criança como uma sucata industrial, que será produtiva futuramente se não oxidar, se oxidar ela deixa de ser criança e passa a uma categoria mais baixa: a de menor⁶³. As crianças de zonas periféricas são as maiores candidatas à condição de menor. A escola é uma determinação social que tende a funcionar como um mecanismo de recomposição da hegemonia da classe dominante, reproduzir a sociedade de classes e reforçar o modo de produção capitalista⁶⁴. O espaço da escola pública é pouco acolhedor porque reflete um pensamento de que para seus usuários o pouco tem que ser aceito como suficiente⁶⁵.

Nas sociedades urbanas pré-industriais as crianças apropriam-se das ruas para o convívio e o brincar. As ruas eram utilizadas como extensão das casas e o espaço público reconhecido como local de recreação da classe trabalhadora. Com o tempo a reunião e populares foi percebida pela burguesia como perigosa, “elementos vulcânicos” que passaram a ser reprimidos para **garantir o “decoro” das ruas**⁶⁶, nunca concepção de que a rua – novamente ressaltado ser substantivo feminino - deve ser espaço de **passividade e controle**. A imposição do poder sobre os dominados é explicitada no controle da liberdade dos corpos. É a política da coerção. Dessa forma o imaginário de perigo urbano é continuamente construído e reforçado⁶⁷. Para proteger as crianças há um ideal de **confinamento nos espaços privados** e o espaço público, cada vez mais isolado, assume características de abandono e violência⁶⁸. A disponibilidade dos lugares

⁶¹ BROWN, Rita Mae apud HOOKS, bell. Mulheres negras: moldando a teoria feminista, 2015.

⁶² IBIDEM

⁶³ LIMA, Mayumi Watanabe de Souza. *A cidade e a criança* – Coleção Cidade Aberta. São Paulo: Nobel, 1989.

⁶⁴ SAVIANI, Dermeval. *Escola e Democracia*. Editora Autores Associados. 32 ed. Campinas, SP. Autores Associados, 1999.

⁶⁵ SANTOS, Elza Cristina. *Dimensão Lúdica e arquitetura: o exemplo de uma escola de educação infantil na cidade de Uberlândia*. 211. 363p. Tese de Doutorado. São Paulo: FAUUSP, 2011.

⁶⁶ LIMA, Mayumi Watanabe de Souza. *A cidade e a criança* – Coleção Cidade Aberta. São Paulo: Nobel, 1989.

⁶⁷ DIAS, Marina Simone; FERREIRA, Bruna Ramos. Espaços públicos e infâncias urbanas. Revista Brasileira de estudos urbanos regionais. V17, N.3, p 118-133. Recife, 2015.

⁶⁸ JACOBS, Janes, Morte e vida nas grandes cidades. Martins Fontes, São Paulo, 2014.

de interesse e desenvolvimento infantil também depende da condição de classe dos usuários. Os mais especializados são oferecidos mediante pagamento e localizados em zonas específicas da cidade.

Também é reduzido os ambientes para **brincar ao ar livre**, tanto na cidade quanto nas casas. Nas escolas, a pesquisadora Lea Tiriba identificou que mesmo quando há um espaço destinado a atividades ao ar livre, **raramente há um projeto de adequação para esse uso**⁶⁹. Os espaços disponíveis para as crianças apresentam-se com formas pouco variáveis, pouca textura, pouca natureza e configurações centradas em elementos figurativos que limitam a imaginação, como casinhas e trenzinhos. Ao contrário do existente, um ambiente qualificado não pode adiantar a apropriação, ele precisa limitar-se a sugestão, deve ser um convite a curiosidade da criança, **deve ser projetado para permanecer incompleto**, a ser constantemente complementado pela ação infantil.

Elali ressalta que a localização da escola em relação à moradia interfere na experiência infantil, no processo de adaptação, segurança e identificação. Quando para vencer a distância é necessário a utilização de veículos motores, as crianças apresentam traços de maior insegurança e ansiedade, principalmente se há significativas diferenças socioambientais entre os dois lugares⁷⁰. Na situação estudada as escolas estão localizadas no centro e os alunos vêm de diversas regiões, o que faz deste um ambiente estranho para a maioria. Ao encontro dessas reflexões, o *Laboratorio de Espacio Publico en Mexico* desenvolveu um estudo na cidade de Puebla, procurando soluções para o problema de segurança no entorno escolar. Para iniciar o trabalho, investigaram os efeitos na percepção das crianças pelo uso dos diferentes modais de transporte no trajeto até a escola⁷¹. A metodologia utilizada partiu de uma sensibilização sobre os elementos físicos que existem na rua, para que elas pudessem assimilá-los em seu caminho. Depois foi solicitado que os alunos desenhassem seu trajeto, todos tiveram o mesmo tempo e os mesmos materiais para desenvolver a atividade. O conjunto de

⁶⁹ TIRIBA, Lea. Educação Infantil como Direito e Alegria. Em busca de pedagogias ecológicas, populares e libertárias. Editora Paz e Terra. Rio de Janeiro/ São Paulo, 2018.

⁷⁰ ELALI, Gleice Virginia Medeiros de Azambuja; Ambientes para educação infantil: um quebra cabeça? Tese de doutorado. FAUUSP, São Paulo, 2002.

⁷¹ VALVERDI, Ari Fernando Valverdi. Infancia en auto o caminando. Efectis en la concepción de la ciudad. 2018. Disponível em <https://laboratorioespaciopublicomexico.wordpress.com/2018/03/07/infancia-en-auto-o-caminando-efectos-en-la-concepcion-de-la-ciudad/>

respostas pode ser agrupado por **estar a percepção diretamente atrelada ao modal utilizado** (figura 2.4)⁷².



Figura 2.4 Colagem baseada nas imagens do laboratório espacio publico del México, sobre o experimento de percepção. Fonte: Valverdi, 2014 com intervenção da autora.

O ganho de velocidade implica em prejuízo para apreensão. As crianças que fazem o trajeto a pé ou na garupa da bicicleta, em geral, fizeram desenhos ricos em detalhes e mais precisos, identificando locais, cores e diferentes usos. Já os alunos que são levados até a escola de automóvel retratam características principalmente do local de partida e de chegada. Os trabalhos foram expostos na escola e provocaram reflexões dos pais sobre a necessidade de reduzir o ritmo do adulto, principalmente no entorno escolar⁷³. A privação da vivência no espaço público se dá tanto pelo emparedamento⁷⁴ quanto pelas dinâmicas que priorizam a velocidade e são hostis a escala humana.

Sendo o ambiente não neutro e professor das concepções adultas, e as relações escolares parcialmente determinadas por dinâmicas hegemônicas, é necessário repensar o espaço para fazer frente a essas condições e proporcionar às crianças um vislumbre democrático do futuro. Assim, se faz necessário atentar-se às atuais formas

⁷² IBIDEM.

⁷³ VALVERDI, Ari Fernando Valverdi. *Infancia en auto o caminando*. Efectis en la concepción de la ciudad. 2018. Disponível em <https://laboratorioespaciopublicomexico.wordpress.com/2018/03/07/infancia-en-auto-o-caminando-efectos-en-la-concepcion-de-la-ciudad/>

⁷⁴ TIRIBA, Lea. *Educação Infantil como direito e alegria*. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

de fazer escola, tanto nas instituições quanto nas ruas, compreender a relação infantil com os espaços a procura de estratégias de melhoria dos **ambientes potentes em educação**.

2.4- A escola e as cidades educadoras

No ambiente escolar a arquitetura aparece como discurso que materializa um sistema e valores, é importante para aprendizagem motora e sensorial, **complementar ao currículo educacional**⁷⁵. Desta forma ela se insere na escola como um “currículo oculto”, conceito entendido como o que não está explícito, está por trás da ação educativa: são as normas e valores transmitidos de forma implícita⁷⁶. Porém, há uma desconexão entre os órgãos responsáveis pela construção e gestão dos ambientes escolares, os estudos pedagógicos, o canteiro de obras, as necessidades locais e o espaço construído⁷⁷. Os projetos seguem guiados por códigos seculares que geram espaços de uma pedagogia silenciosa que ensina a segregação, a disciplina e o controle⁷⁸

O espaço escolar é trabalhado para evitar distrações que possam causar desvios no processo de transmissão de conhecimento, as grades determinam o que deve ser aprendido. O movimento do corpo é cerceado e as crianças permanecem emparedadas por longos períodos, é ferramenta de um fazer educacional que prioriza a cabeça em detrimento do corpo, a razão acima da emoção⁷⁹. Essa configuração **empurra os escolares para a passividade e dependência do mais forte**⁸⁰. O programa arquitetônico segue o mesmo há quase 200 anos e cria ambientes escolares, não

⁷⁵ ELALI, **Gleice** Virginia Medeiros de Azambuja; Ambientes para educação infantil: um quebra cabeça? Tese de doutorado. FAUUSP, São Paulo, 2002.

⁷⁶ FRAGO, Antonio Vrao; ESCOLANO, Austín. Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

⁷⁷ LIMA, **Mayumi** Watanabe de Souza. A cidade e a criança – Coleção Cidade Aberta. São Paulo: Nobel, 1989.

⁷⁸ DE FARIA, **Ana Beatriz** Goulart. Por outras referências no diálogo entre arquitetura e educação: na pesquisa, no ensino e na produção de espaços educativos escolares e urbanos. Em Aberto, Brasília, v. 25, n. 88, p. 99-111, jul./dez. 2012

⁷⁹ TIRIBA, **Lea**. Educação Infantil como Direito e Alegria. Em busca de pedagogias ecológicas, populares e libertárias. Editora Paz e Terra. Rio de Janeiro/ São Paulo, 2018.

⁸⁰ IBIDEM

necessariamente de educação⁸¹. Na figura 2.5 podemos observar fotos do interior de salas de aula que estão distantes quase um século, mas seguem o mesmo padrão.



Figura 2.5 Seriam as salas de aula cápsulas que nos transportam para o passado? Fonte: autora, 2020.

Assim como a arquitetura, o urbanismo também tem o poder **de transmitir um conjunto de valores**. É importante examinar a localização e a disposição do edifício na trama urbana como elemento curricular⁸². A violência é uma das barreiras que impedem o reconhecimento do papel educacional urbano⁸³. Para proteger-se do perigo da cidade, os ambientes privados tornam-se cada vez mais fechados⁸⁴. A mensagem **estética desempenha uma função simbólica** na educação da infância e de toda a comunidade. Assim, as instituições não podem compactuar com a imagem que seus muros passam

⁸¹ LIMA, **Mayumi** Watanabe de Souza. A cidade e a criança – Coleção Cidade Aberta. São Paulo: Nobel, 1989.

⁸² FRAGO, Antônio Vrao; ESCOLANO, Austín. Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

⁸³ DO NASCIMENTO, **Andréa** Zemp Santana. A criança e o arquiteto: Quem aprende com quem? Dissertação de Mestrado. São Paulo, 2009.

⁸⁴ IBIDEM

(figura 2.6), esse dispositivo de controle dos corpos nada tem a acrescentar ao processo educativo⁸⁵.

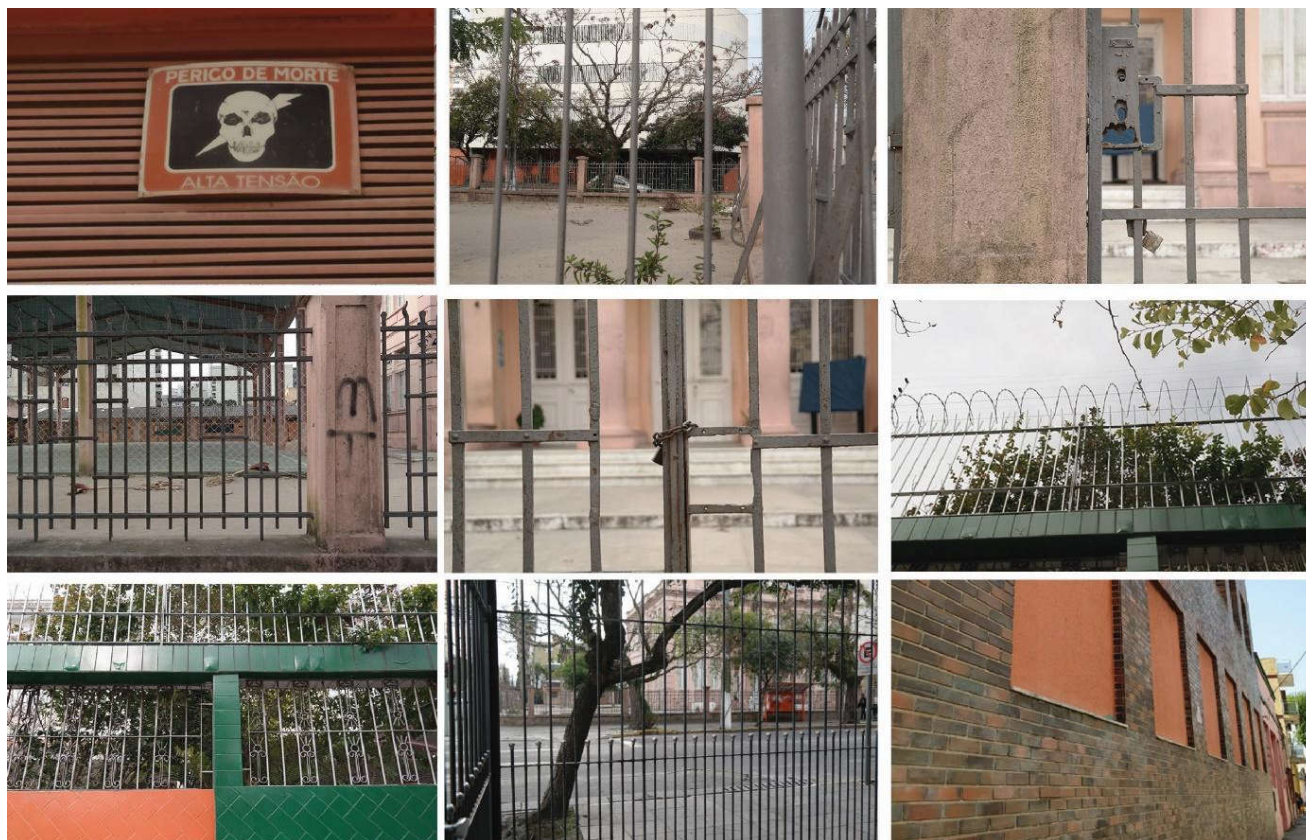


Figura 2.6 - Aparato de fechamento das escolas estudadas. Fonte Autora, 2019.

Sobre a articulação entre arquitetura e escola, o arquiteto Paulo Mendes da Rocha coloca como tarefa da educação a descolonização do pensamento. Defende que é possível, através da arquitetura, **exercitar a imaginação do imprevisível e criar novos modos que se oponham a educação totalitária e coercitiva**⁸⁶. Assim, é tarefa dessa articulação demonstrar no cotidiano que **a reflexão sobre as necessidades da comunidade é promotora de demandas a serem pautadas junto ao poder público**. A abertura da escola para comunidade está no centro das discussões sobre a educação

⁸⁵ DE FARIA, Ana Beatriz Goulart. Por outras referências no diálogo entre arquitetura educação: na pesquisa, no ensino e na produção de espaços educativos escolares e urbanos. Em Aberto, Brasília, v. 25, n. 88, p. 99-111, jul./dez. 2012

⁸⁶ DA ROCHA, Paulo Mendes. O território é educativo quando está aberto à imprevisibilidade. Entrevista concedida à Cecília Garcia. Portal Aprendiz. Agosto, 2018. Disponível em <https://portal.aprendiz.uol.com.br/2018/08/30/o-territorio-e-educativo-quando-esta-aberto-imprevisibilidade-defendem-arquitetos-e-educadora/> > Acesso em : Dezembro, 2019.

que queremos porque ela está diretamente relacionada com a cidade que queremos, o mundo que queremos⁸⁷.

Trabalhar na cidade a fim de ressaltar seu papel de agente educativo é caminhar rumo a uma práxis de priorizar pessoas no lugar dos automóveis e das fábricas. É a contramão de uma perspectiva onde as pessoas tem apenas o valor do seu trabalho e são vistas destituídas de sua humanidade. Essa perspectiva de transcender os muros institucionais bebe em fontes legitimamente brasileiras como o pensamento de Anísio Teixeira, Mário de Andrade e Paulo Freire ⁸⁸. Pensadores que guiaram suas obras sob uma visão de integração que denuncia o **isolamento da escola como barreira para a educação** verdadeira, aquela que se faz presente no cotidiano e no desenvolvimento pessoal, aquela **capaz de mudar o mundo**⁸⁹.

Helena Singer, enquanto representante da Associação Cidade Escola Aprendiz, afirma que toda cidade pode ser educadora, mas precisa de um projeto educativo adaptado para cada contexto⁹⁰. É preciso criar territórios que agreguem escolas cientes de seu potencial de transformação e **articular** outros setores como a saúde e cultura, objetivando o desenvolvimento dos habitantes e usuários deste local. Além disso, para que a cidade seja de fato educadora, é preciso **integrar o Plano Diretor ao Plano Municipal de Educação**. Para exemplificar a necessidade de ação conjunta entre as diferentes esferas, a educadora mostra que não adianta o fortalecimento de territórios se não houver estruturas de transporte público que conectem os habitantes com a cidade; ressalta que sem políticas que garantam o usufruto da cidade e o bem estar dos habitantes, a cidade não se torna educadora⁹¹.

O plano Nacional de Educação prevê a valorização das experiências extraescolares e a necessidade de adequar o projeto pedagógico ao contexto específico⁹². As crianças

⁸⁷ DA ROCHA, Paulo Mendes. O território é educativo quando está aberto à imprevisibilidade. Entrevista concedida à Cecília Garcia. Portal Aprendiz. Agosto, 2018. Disponível em <https://portal.aprendiz.uol.com.br/2018/08/30/o-territorio-e-educativo-quando-esta-aberto-imprevisibilidade-defendem-arquitetos-e-educadora/> > Acesso em : Dezembro, 2019.

⁸⁸ SINGER, **Helena**. Territórios Educativos: experiências em diálogo com o Bairro – Escola. São Paulo: Moderna, 2015.

⁸⁹ IBIDEM

⁹⁰ IBIDEM

⁹¹ SINGER, **Helena**. Territórios Educativos: experiências em diálogo com o Bairro – Escola. São Paulo: Moderna, 2015.

⁹² MEC, Ministério da Educação e Cultura. Plano Nacional de educação. Disponível em < <http://pne.mec.gov.br/18-planos-subnacionais-de-educacao/543-plano-nacional-de-educacao-lei-n-13-005-2014>> Acesso : Março, 2019.

têm direito a cidade e ao aprendizado oferecido pela urbe, assim como não lhes pode ser negado as possibilidades de socialização e a criação de vínculos e afetos com o território⁹³. A educação precisa da realidade⁹⁴. A mudança desafia a escola e a cidade num contexto que constrói altos muros. Para questionar e reverter as heranças de escolas que se parecem com conventos, manicômios e prisões, **precisamos de abordagens generosas e mais indisciplinadas**⁹⁵. É preciso radicalidade e espírito crítico, é preciso **reinventar**.

Assim, a literatura consultada reforça o potencial educador da cidade assim como o poder da escola em territorializar direitos. Reconhecendo a escola, a cidade e a educação diretamente atreladas, as instituições precisam inserir-se na malha urbana como tal. Intervenções no espaço de contato imediato entre escola e cidade podem colocá-lo como ferramenta mediadora desse olhar para o território como fonte de aprendizado. Veremos no próximo capítulo que legislação brasileira prevê um tratamento diferenciado para esses espaços e pode servir como apoio para novas proposições.

2.5- O entorno urbano escolar

Seja pelas atividades que ocorrem dentro dos muros ou pelos fluxos e dinâmicas que provoca no espaço público, o entorno das escolas configura um **espaço urbano diferenciado**. O Departamento Nacional de Trânsito (DENATRAN) reconhece que este é um espaço particular utilizado por uma **parcela significativa e vulnerável dos pedestres** e, para garantir que ele seja tratado como tal, produziu um manual de recomendações para áreas escolares. O manual evidencia como uma das maiores causas de morte na cidade os incidentes de trânsito e assinala que próximo a virada do século, 38% das fatalidades eram causadas por atropelamento⁹⁶. Para atualizar esse dado, cheguei ao *Relatório de Status Global* sobre a Segurança do Trânsito da Organização Mundial da Saúde publicado em 2018. O documento mostra que nos últimos quinze anos o número de mortes no trânsito se manteve estável: um número

⁹³ LIMA, Mayumi Watanabe de Souza. A cidade e a criança – Coleção cidade Aberta. São Paulo: Nobel, 1989.

⁹⁴ FREIRE, Paulo Freire. Pedagogia da Autonomia. Editora Paz e Terra. São Paulo, 1977.

⁹⁵ DE FARIA, Ana Beatriz Goulart. Por outras referências no diálogo entre arquitetura e educação: na pesquisa, no ensino e na produção de espaços educativos escolares e urbanos. Em Aberto, Brasília, v. 25, n. 88, p. 99-111, jul./dez. 2012

⁹⁶ DENATRAN, Departamento Nacional de Trânsito. Manual brasileiro de sinalização de trânsito do Denatran: sinalização de áreas escolares, 2000.

próximo a 1,3 milhões de pessoas por ano, além dos 50 milhões de feridos ⁹⁷. O número de veículos individuais segue em ascensão. É importante atentar-se para o fato de que a estabilidade do número de mortes é fruto de uma remodelação: medidas que proíbem a associação de álcool com direção, assim como campanhas sobre o perigo de distrações do motorista e estímulo ao uso da cadeirinha infantil, são efetivas na redução das fatalidades envolvendo os ocupantes de veículos. Porém, no mesmo período, o crescimento da frota aumentou significativamente o número de pessoas mortas e feridas enquanto caminham⁹⁸. A pesquisa da OMS também assinala que a maioria desses acidentes ocorre em comunidades de baixa renda, significativamente mais propensas por serem menos dispostas de infraestruturas, sinalização e dispositivos de redução de velocidade⁹⁹.

Diante deste diagnóstico, a OMS ressalta que é preciso rever o planejamento das vias e também a forma como as pessoas se comportam no ambiente urbano. O estudo intitulado - *dangerous by design* - ou perigoso por causa do desenho, aponta que **o traçado urbano pode agir diretamente na mudança** dessa que é uma das principais causas de morte na cidade¹⁰⁰. O estudo recomenda que sejam feitos testes e apostas "ousadas e criativas" e cita as intervenções de curto prazo como importantes ferramentas para criar ruas seguras. Sugere que as modificações partam de estratégias para priorizar o pedestre e **diminuir a velocidade dos veículos** ¹⁰¹.

O Manual de Sinalização para Áreas Escolares, produzido pelo Ministério da Justiça em parceria com o Departamento de Trânsito, é um material voltado a técnicos e planejadores a fim de aumentar a segurança em ambientes de circulação de alunos. Além de justificar a necessidade de sinalização dessas áreas, o material traça características do comportamento dos usuários dessa região, procedimentos para fazer o diagnóstico, estratégias para formular alternativas e instrumentos de ações a serem implementadas. As instruções iniciam com a recomendação de "tornar-se criança" e

⁹⁷ OMS, Organização Mundial da Saúde. Global status report on road safety. World Health Organization, 2018.

⁹⁸ IBIDEM

⁹⁹ IBIDEM

¹⁰⁰ SMART GROWTH AMERICA, SMART GROWTH AMERICA, Dangerous By Design, 2019.

¹⁰¹ IBIDEM

imaginar-se com 1,20 m de altura, saindo da escola, brincando rumo a uma experiência de cidade ¹⁰².

O documento do DENATRAN determina que a sinalização do entorno deve ser uma prioridade dos órgãos de trânsito, pois além de aumentar a segurança são instrumentos importantes para educação no trânsito (figura 2.7). Argumenta que as crianças fazem parte do grupo de usuários mais vulnerável por possuírem **características físicas e psicológicas em desenvolvimento** como a percepção de tempo, da distância e do som¹⁰³. Visão periférica menos desenvolvida, ritmo próprio, anseio por autonomia, eventual desequilíbrio, tudo temperado com **o gosto pela brincadeira que diminui significativamente a atenção**. Na atual configuração urbana essa combinação significa perigo uma vez que esses usuários ainda não conseguem avaliar os riscos de cada ambiente.



Figura 2.7. Sinalização de áreas escolares. Fonte: Autora, 2020.

¹⁰² DENATRAN, Departamento Nacional de Trânsito. Manual brasileiro de sinalização de trânsito do Denatran: sinalização de áreas escolares, 2000.

¹⁰³ IBIDEM

O desenho das ruas voltado ao trânsito dos veículos é perigoso para quem caminha ¹⁰⁴. Este perigo é intensificado quando os usuários do espaço são as crianças, o que revela a **necessidade de criação de lugares urbanos com cuidados especiais**. Além disso, é preciso reeducar os comportamentos no trânsito¹⁰⁵ e o pensamento sobre a mobilidade urbana, sendo o entorno escolar uma ferramenta complementar para o trabalho já realizado dentro das instituições educacionais. Para calibrar o olhar para esse espaço, para além das concepções do DENATRAN, esse percurso teórico segue a articular a percepção ambiental, as teorias de desenvolvimento infantil e as concepções sobre educação e escola. Na metodologia retomaremos as etapas apresentadas pelo manual para auxiliar no diagnóstico da situação.

2.6- Rever e reinventar- é preciso repensar o urbano, repensar a educação.

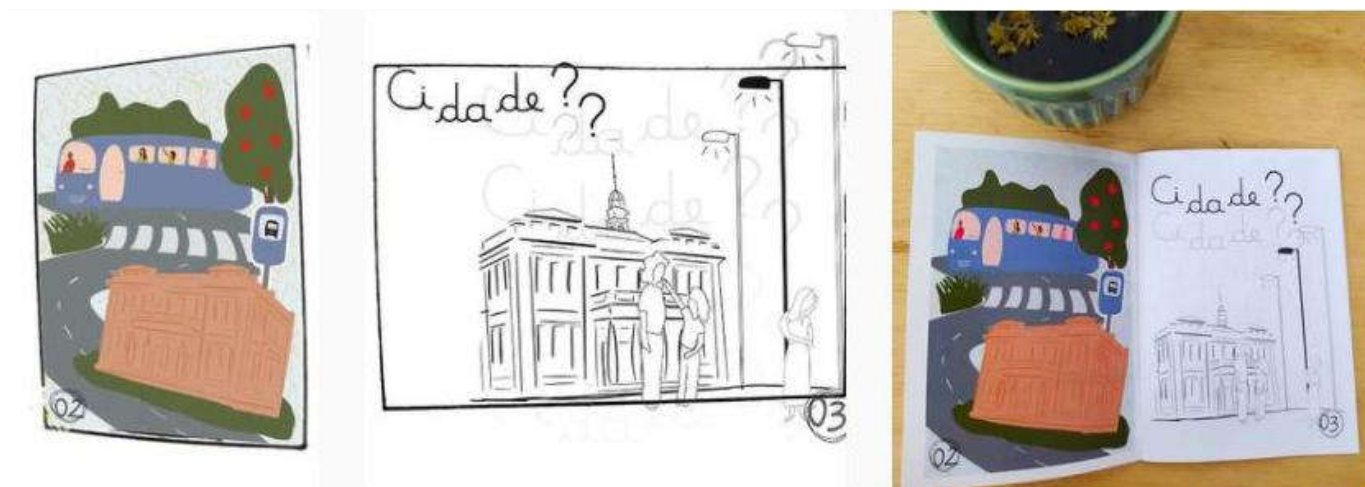


Figura 2.8 Questionamento no livreto Se a Cidade Fosse Minha. Fonte: Autora, 2020.

O ano de 2020 começou surpreendendo com uma realidade não imaginada: uma doença com alto potencial letal se alastra rapidamente pelo mundo. Imersos em novidades e incertezas, em alguns momentos conseguimos vislumbrar a vida humana como mais uma das espécies em possível extinção. A crise sanitária evidenciou a permanente crise que legitima a desigualdade social, explicitou também a necessária busca por alternativas ao modo de viver dominante. Imagens que mostram os animais apropriando-se da cidade percorreram o mundo através da internet e são potentes em

¹⁰⁴ SMART GROWTH AMERICA, Dangerous By Design, 2019.

¹⁰⁵ DENATRAN, Departamento Nacional de Trânsito. Manual brasileiro de sinalização de trânsito do Denatran: sinalização de áreas escolares, 2000.

mostrar como nosso modelo de desenvolvimento é predatório, antropocentrado (figura 2.9).



Figura 2.9 Colagem com notícias do site bbcnews e uol notícias. Fonte: Autora, 2020.

A crise do COVID-19 tem potencial pedagógico e se não se transformar em aprendizado e soluções continuará a se repetir¹⁰⁶. Contorná-la num esforço para restabelecer o então padrão de normalidade mostrou-se a alternativa dos governantes brasileiros. Boaventura afirma que não podemos depender dos políticos uma vez que os que enfrentaram essa epidemia possivelmente não são os mesmos que terão de responder as próximas, **estando as possibilidades na articulação entre processos políticos e os processos de construção do comum**¹⁰⁷.

Santos ainda ressalta o papel das cidades: é preciso traçar soluções democráticas a nível dos bairros, isso porque **fortalecer as articulações locais** é uma estratégia de enfrentamento a um fenômeno recorrente em democracias vulneráveis: as "fake News". A propagação de notícias falsas encontra solo fértil numa sociedade desarticulada, imersa em uma crise de representatividade onde as pessoas não tem fontes próximas

¹⁰⁶ IBIDEM

¹⁰⁷ SANTOS, Boaventura Souza. A cruel pedagogia do vírus. Editora Boitempo, abril de 2020.

em quem confiar¹⁰⁸. Essa estratégia foi utilizada durante as eleições brasileiras de 2018 e retornou agravando o caos provocado pela crise sanitária. Os encontros e o **reforço das relações de vizinhança são práticas eficazes** para compartilhamento de **informações menos manipuladas**¹⁰⁹.

Iazana Guizzo nos guia a fim de uma atitude necessária em tempos de trevas: a ação de **repensar tudo**, até a revisão do próprio ofício de arquiteta e urbanista. Ela nos puxa por uma mão e na outra é conduzida por Lina Bo Bardi, que em outro momento onde se observava o mau tempo chegando, tece uma escrita potente batizada de: Tempos de Grossura. Interrompida pela ditadura Militar, Lina já propunha uma revisão do fazer arquitetônico e urbanístico e evidenciava que não se trata de uma negação de tudo que já foi dito, mas do processo de revisão diante do reconhecimento que as crises sociais e ambientais **extrapolam o que já se disse**¹¹⁰. Em 2020 a crise ambiental entrelaça-se com a crise social e evidencia que o ambiente em que vivemos está diretamente atrelado a saúde do nosso corpo. A saúde depende da cidade, das condições ambientais e da qualidade dos lugares de permanência. É urgente, e faz tempo, rever nossa forma de arquitetar e fazer cidade.

A urbanidade carrega uma esperança de acesso a serviços de saúde, de educação, energia elétrica, abastecimento de água, empregos, lazer e cultura. Porém a estrutura pública urbana não foi pensada para os grupos fora do poder hegemônico hetero branco patriarcal. Fundadas pela invasão colonial, as cidades conservam o caráter de dominação tanto em seu desenho quanto em seus imaginários. São desde o nascimento organizações segregadoras¹¹¹. **Essa dominação não é só colonial como é patriarcal, evidente nos monumentos em homenagem a homens de destaque. Até hoje são eles que batizam ruas, praças e edifícios.** Para além das estátuas e monumentos fálicos, o planejamento moderno foi marcado pela dinâmica masculina e sua lógica casa-trabalho com as mulheres restritas ao ambiente doméstico¹¹². Essa não

¹⁰⁸ IBIDEM

¹⁰⁹ KOHLSDORF, Elaine Maria. *Apreensão da Forma da Cidade*. Universidade de Brasília, 1996.

¹¹⁰ BARDI, Lina Bo. Tempos de grossura: o design no impasse. Instituto Lina Bo, 1994. In GUIZZO, Iazana. *Reativar territórios: o corpo e o afeto na questão do projeto participativo*. Belo Horizonte, Quintal Edições, 2019.

¹¹¹ IBÁÑES, Mario Rodriguez. *Ressignificando a cidade colonial extrativista. Descolonizar o imaginário*. Org Gerard Dilger ; Miriam Lang ; Jorge Pereira Filho. Editora Elefante, 2019.

¹¹² SANZ, Paula Pérez. *Reformulando la noción de "Derecho a la Ciudad" desde una perspectiva feminista*, 2013.

neutralidade do espaço não está apenas na sua construção e concepção, mas também na experiência vivida nele.

Outro fator que acomete esse tempo é que as **idades** são cada vez mais parecidas porque suas singularidades são substituídas por um **padrão de consumo**¹¹³. Raquel Rolnik alerta sobre a atual lógica que procura transformar a cidade em empresa e os habitantes em clientes, sendo essa uma tática velha, testada em diferentes escalas e condenada ao fracasso ¹¹⁴. As escolas não escapam imunes a essa lógica. Atrelado ao imaginário de insegurança urbana, o cercamento responde a uma necessidade de se fazer distinto social e espacialmente, uma estratégia para manter-se longe da indignidade da rua ¹¹⁵. A preferência pelas vias rápidas, pelo automóvel e pelo lazer de shopping, faz parte de um projeto de poder¹¹⁶. O ganho de velocidade modificou as escalas da vida urbana e **insensibilizou o corpo de seus habitantes**¹¹⁷. Essa dinâmica aparentemente abstrata toma corpo e está expressa nos espaços das cidades: uma ambiência morna e estéril, vazia de preocupação lúdica¹¹⁸.

Aceleraram-se os deslocamentos. Cerca-se o lugar da vivência e do lazer. Encarcera-se as possibilidades de aprendizado. O movimento de fechar-se tem aceitação oficial e discursos que o associam com o desejável. O momento **instiga a construção de um discurso propositivo** que se baseie na potencialidade da vida em oposição às políticas de morte. O bem viver é um horizonte de sentido que nos desafia a repensar o que temos como estabelecido e indiscutível ¹¹⁹. Assim, **é preciso refletir sobre o papel do projeto de cidade num tempo que se quer metamorfose, uma**

¹¹³ IBÁÑES, Mario Rodriguez. *Ressignificando a cidade colonial extrativista. Descolonizar o imaginário*. Org Gerard Dilger ; Miriam Lang ; Jorge Pereira Filho. Editora Elefante,2019.

¹¹⁴ ROLNIK, **Raquel**. *Condominialização total é proposta por Ministério da Economia, 2020*. Disponível em < <http://www.labcidade.fau.usp.br/a-cidade-e-nossa-com-raquel-rolnik-3-condominalizacao/>>

¹¹⁵ LEITÃO, **Lucia**. *Quando o ambiente é hostil. XII Congresso Brasileiro de Sociologia*. Gt 25 : Violência, criminalidade e segurança. Belo Horizonte, junho de 2005.

¹¹⁶ ROLNIK, **Suely**. *Temos que fazer todo um trabalho de descolonização do desejo*, 2019. Disponível em < <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/591109-e-preciso-fazer-um-trabalho-de-descolonizacao-do-desejo-entrevista-com-suely-rolnik>>

¹¹⁷ SENNETT, Richard. *Carne e Pedra. O corpo e cidade na civilização ocidental*. Tradução de Marcos Aarão Reis; 3 edição. Rio de Janeiro: BestBolso, 2014.

¹¹⁸ DEBORD, Guy. *Posições Situacionistas a respeito do trânsito*, in *Apologia da Deriva*. Org Paola Berenstein Jacques. Tradução Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro. Casa da Palavra, 2003. Disponível em <<https://teoriadoespacourbano.files.wordpress.com/2013/03/apologia-da-deriva.pdf>> Acesso Dezembro,2019.

¹¹⁹ IBÁÑES, Mario Rodriguez. *Ressignificando a cidade colonial extrativista. Descolonizar o imaginário*. Org Gerard Dilger; Miriam Lang; Jorge Pereira Filho. Editora Elefante,2019.

práxis de superação ao tempo embrutecido de trevas¹²⁰. Apostar na singularidade do nosso território, é apostar no potencial de agir em oposição aos problemas gerados pela valorização da velocidade e da competição. Iazana cita a ativista indígena Dairá Tukano que alerta sobre a necessidade de **aprender pensar o mundo como casa, é preciso reconhecer que habitamos a mesma casa**¹²¹. É o ponto onde se reconhece que não há distância entre a arquitetura e urbanismo, trata-se do ofício e da prática de se **deter e observar o ambiente para que ele responda adequadamente a nossas necessidades enquanto casa**.

Agora relembremos de um potencial que foi capaz de aprovar o Estatuto da Cidade e criar o agora extinto Ministério da Cidade¹²². O Estatuto da Cidade é a lei 10.257 de 10 de julho de 2001, que regulamenta o capítulo "política urbana" da Constituição Brasileira¹²³. É uma conquista coletiva de técnicos e movimentos sociais. É uma herança de luta que carrega caminhos e alternativas aos problemas ainda recorrentes. O Estatuto reúne instrumentos urbanísticos a fim de garantir a função social da cidade. Tem como princípios fundamentais a gestão democrática do território. Coloca sobre os municípios a responsabilidade de agir **visando o interesse coletivo e de convocar a população para participar da organização do seu espaço de vida**. É a garantia legal de participação popular nas decisões de interesse público¹²⁴. Completando vinte anos de sua promulgação mostra-se insuficiente, as forças hegemônicas que planejam cidades trabalham também para falta compreensão do processo de fazer cidade.

Reeducar a esperança na participação popular para construção da cidade passa por olhar para as conquistas do passado e procurar fortalecimento, avançar nas discussões a partir do acúmulo de experiências¹²⁵. Educar para a participação nas

¹²⁰ GUIZZO, Iazana. *Reativar territórios: o corpo e o afeto na questão do projeto participativo*. Belo Horizonte, Quintal Edições, 2019.

¹²¹ IBIDEM

¹²² RETTO, Adalberto Jr; LOMBARDI, Ana Maria. *Reeducar a esperança. Aproximações entre o legado de Paulo Freire e o processo de construção da cidade*, 2020.

¹²³ OLIVEIRA, Isabel Cristina Eiras. Estatuto da cidade; para compreender, 2001. Disponível em < <https://polis.org.br/publicacoes/estatuto-da-cidade-para-compreender/>>.

¹²⁴ GUIZZO, Iazana. *Reativar territórios: o corpo e o afeto na questão do projeto participativo*. Belo Horizonte, Quintal Edições, 2019.

¹²⁵ RETTO, Adalberto Jr; LOMBARDI, Ana Maria. *Reeducar a esperança. Aproximações entre o legado de Paulo Freire e o processo de construção da cidade*, 2020.

políticas públicas **é educar para uma cultura de diálogo**¹²⁶. A esperança que guia o trabalho de Freire está relacionada a possibilidade de **transformar a realidade por meio da nossa ação no mundo**, contrapondo-se aos discursos fatalistas que creem que as coisas não mudam. Um agir alinhado com esse pensamento representa desenvolver processos educativos de promoção do senso **crítico e da vontade de ação individual pelo coletivo**¹²⁷. É preciso reeducar o olhar para o espaço público como bem e todos, potente de encontro e de fortalecimento. A alternativa investigada aqui é a de utilizar as ruas como alimentadoras do poder local e a escola como agente de educação sobre os direitos urbanos.

2.7- O imprevisível na cidade – experimentações urbanas temporárias.

Intervenções Temporárias, **marcas permanentes** é o título de um livro referência para essa pesquisa. Kevin Lynch, já no século passado acreditava no potencial dos eventos e rituais de agir sobre os imaginários da população urbana¹²⁸. Esse pensamento assume que a representação social do espaço é **continuamente alterada**. Se em períodos anteriores à pandemia do Coronavírus o espaço coletivo já era visto como lugar inseguro, agora acompanhamos a demonização do estar fora de casa. Algumas cidades tomaram atitudes de remoção do mobiliário público ou isolamento dos bancos visando afastar a população desses lugares. Aqui trago uma colagem com imagens referentes à interdição de mobiliários públicos nas cidades Brasileiras, a retirada dos bancos no Espírito Santo e o isolamento de um banco monumento na cidade de Pelotas (2.10). Essas ações consistem em intervenções pontuais e temporárias, mas podem significar prejuízos permanentes. Assim, é preciso **fortalecer um urbanismo que reaja à pandemia e as sequelas do isolamento social**.

¹²⁶ FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia. Editora Paz e Terra. São Paulo, 1977.

¹²⁷ RETTO, Adalberto Jr; LOMBARDI, **Ana Maria**. *Reeducar a esperança. Aproximações entre o legado de Paulo Freire e o processo de construção da cidade*, 2020.

¹²⁸ RETTO, Adalberto Jr; LOMBARDI, **Ana Maria**. *Reeducar a esperança. Aproximações entre o legado de Paulo Freire e o processo de construção da cidade*, 2020.



Figura 2.10 O espaço urbano em tempo de pandemia. Fontes indicadas na imagem. Colagem: Autora, 2020.

É característico de **momentos de repressão** que as ruas se tornem um corredor entre as atividades básicas, entre casa e trabalho. O **afastamento do convívio urbano** é ferramenta para o enfraquecimento do poder popular. A promoção de um olhar diferenciado para o uso da rua é a promoção de um olhar crítico para a cultura do automóvel. Ela está intimamente relacionada a crítica ao isolamento proporcionado por muros e grades: a polarização social refletida no espaço que se esforça para eliminar o contato com o estranho ¹²⁹. Não se trata de um combate ao automóvel como um demônio, e sim o combate a sua exagerada concentração e **primazia no espaço**

¹²⁹ FONTES, **Adriana** Sansão. *Intervenções temporárias, marcas permanentes: apropriações, arte e festa na cidade contemporânea*. 1 Ed, Rio de Janeiro: Casa da Palavra. Faperj, 2013.

urbano¹³⁰. Guy Debord afirmava, já em 1959, que urbanistas preocupados com o futuro da vida na cidade devem trabalhar para o **enfraquecimento dos veículos individuais**. Em 2020, a proposta de diminuir o fluxo de automóveis de uma rua no centro da cidade causa desconiança. Uma drag queen me disse que a deputada Luiza Erundina disse que a desesperança é o sentimento mais reacionário que existe¹³¹. Se no século passado já era apontado como demanda urgente, agora é mais do que necessário **esboçar um urbanismo que seja palco para uma vida mais feliz, um urbanismo feito para dar prazer**.

Há um movimento de fazer – cidade que acontece através das intervenções urbanas. Elas são caracterizadas pela **promoção do inesperado no cotidiano**. Partem da **ativação intencional do espaço público**, do desejo de resgatar o **valor humano de viver na cidade** ¹³². São práticas que trazem para o espaço elementos inesperados capazes de reconfigurar momentaneamente a percepção da realidade¹³³. Desenrolam-se em ações temporárias, mas podem significar mudanças duradouras, isso porque a experiência vivida em conjunto pode desencadear novas relações não só com o espaço, mas entre os habitantes. São rupturas cotidianas potentes em resgatar e evidenciar a condição pública dos espaços ¹³⁴, ferramentas para transformar o espaço público em um lugar propício e catalisador de relações sociais saudáveis. Dessa forma, as intervenções funcionam como um antídoto a lugares marcados pela indiferença, sendo capazes provocar um **enriquecimento nas referências de cidade** e de uso dos espaços coletivos.

O agir urbano que ocorre através de intervenções temporárias e intencionadas é uma ação revolucionária na medida em que empodera o significado “público” dos espaços e trabalha propondo a reflexão sobre os comportamentos sociais na cidade.

¹³⁰ DEBORD, Guy. *Posições Situacionistas a respeito do trânsito, in Apologia da Deriva*. Org Paola Berenstein Jacques. Tradução Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro. Casa da Palavra, 2003. Disponível em <<https://teoriadoespacourbano.files.wordpress.com/2013/03/apologia-da-deriva.pdf>> Acesso Dezembro, 2019.

¹³¹ TEMPERO DRAG, 2020 vídeo (20 min) *A realidade é subjetiva*. Publicado pelo Canal Tempero Drag. 2019. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=kdHmy0_Rkcw>. Acesso em: dezembro de 2019.

¹³² VELLOSO, Rita. *Apropriação, ou o urbano – experiência*. Arqtextos, Vitruvius, ano 16, fev. 2016. Disponível em <<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arqtextos/16.189/5949>> Acesso: outubro, 2019.

¹³³ FONTES, Adriana Sansão. *Intervenções temporárias, marcas permanentes. Apropriações, arte e festa na cidade contemporânea*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2013.

¹³⁴ IBIDEM

Como alternativa aos processos tradicionais de projeto surgem práticas urbanas temporárias, informais e contestadoras das formas de viver na cidade. Uma dessas práticas é conhecida como urbanismo tático, ela consiste em ações pontuais e reversíveis que visam **provocar a imaginação** e a abertura de olhares para **outras possibilidades de cidade**¹³⁵. Algumas ações estão representadas em forma de colagem que reúne experiências já realizadas no entorno escolar brasileiro a fim de adequar esse espaço ao uso infantil (figura 11).



Figura 2.11 Colagem sobre intervenções efêmeras no espaço. Colagem: Autora, 2020.

Dessa forma, entendo como intervenção urbana as ações que objetivam modificar o cotidiano nos espaços urbanos, elas alteram e propõem formas de utilizar a cidade. Podem acontecer tanto para coibir, como no caso da remoção e isolamento de mobiliário, quanto para incentivar a apropriação. Quando pensadas para ativar, o impulso lúdico é capaz **de colocar o espaço em ação** e poetizar urbano. As intervenções que chamam para rua explicitam uma inversão de pés que não se contentam mais em andar pelas laterais e querem retomar o protagonismo urbano¹³⁶. No entorno escolar as intervenções

¹³⁵ FARIAS, Ana Carolina Carvalho Farias. *Taxonomia do urbanismo tático: uma proposta para leitura, compreensão e articulação das táticas urbanas emergentes*. 2018. 274 f. Dissertação (Mestrado em Projeto e Cidade) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018. Disponível em: < <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/8507> > Acesso: Janeiro, 2020.

¹³⁶ ANDRÉS, Roberto. *O cortejo errante*. PISEAGRAMA, Belo Horizonte, número 07, página 78 - 85, 2015.

podem ser utilizadas como forma de engajar não só os alunos, mas também a comunidade. **É uma prática potente na educação para a vida política porque evidencia a possibilidade de repensar o próprio espaço**, ao mesmo tempo que estabelece diretrizes para adequação de um espaço urbano traz o sentimento de pertencimento para quem participa do processo.

2.8- Categorias de Análise

A nossa experiência coletiva como sujeitos, a nossa vontade e consciência, advém da experiência com as formas, os códigos, os cenários e personagens do mundo. Essa construção é advinda de um repertório cultural, material constituinte da nossa percepção¹³⁷. Como visto anteriormente, a apropriação não é uma qualidade do ambiente e sim da relação pessoa – ambiente. **O que cabe ao espaço é ter amenidades que favoreçam essa apropriação¹³⁸. No espaço apropriado pode-se desenvolver a amabilidade urbana, que é a relação pessoa-pessoa¹³⁹**. Sendo assim, para estimular a ativação do entorno escolar, torna-se necessário avaliar a imagem desse lugar e como o ambiente urbano **contribui ou não para interação social**. Para compreender essas relações é preciso sistematizar algumas categorias de análise. A essas categorias são associados atributos que funcionam como ferramentas de verificação. A partir da revisão bibliográfica e das primeiras incursões a campo foram selecionadas cinco categorias físicas e simbólicas, elas são fatores relacionados com o tema que se entremeiam e separam para servir como ferramenta de estudo:

- Adequação do espaço ao uso;
- Apropriação Urbana
- Percepção de risco;
- Senso de lugar;
- Expectativas e potencialidades do ambiente.

¹³⁷ ROLNIK, **Suely**. Temos que fazer todo um trabalho de descolonização do desejo, 2019. Disponível em < <https://medium.com/@sarawagneryork/suely-rolnik-temos-de-fazer-todo-um-trabalho-de-descoloniza%C3%A7%C3%A3o-do-desejo-31759ec48c10> > Acesso Fevereiro, 2019.

¹³⁸ LAMAS, José M. Ressano Garcia. *Morfologia urbana e desenho da cidade*. 3 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

¹³⁹ FONTES, **Adriana** Sansão. *Intervenções temporárias, marcas permanentes: apropriações, arte e festa na cidade contemporânea*. 1 Ed, Rio de Janeiro: Casa da Palavra. Faperj, 2013.

Existe uma legislação específica para o tratamento dos ambientes do entorno escolar, isso porque este é reconhecidamente um lugar urbano diferenciado. É necessário averiguar se o ambiente estudado cumpre essas recomendações e ir **além do enfoque de segurança** viária conferido pelos órgãos federais. **Do ponto de vista pedagógico que vê as crianças como indivíduo multidimensional e a educação como integral é preciso que esse espaço se adeque a outras necessidades, sociais, emocionais e culturais.** Não podemos esperar que as pessoas se apropriem de um espaço inóspito, sem amenidades e adequações a situação de uso específica. Para Lang¹⁴⁰, a **compatibilização da estrutura física com o uso** do espaço e a **possibilidade de orientar-se** são também atributos fundamentais do espaço seguro.

No gancho da segurança está a necessidade de averiguar **a percepção de risco**¹⁴¹ e os atributos capazes de trabalhar na homeostase do risco e transformar o espaço público da cidade em local suficientemente seguro para permanência infantil. Esse fator é permeado por construções sociais e midiáticas sendo necessário que se investigue as camadas, os medos reais e **imaginários** para chegar em uma lista de **atributos que favoreçam a sensação de segurança**. A segurança está relacionada a proteção fisiológica (frente a máquinas, natureza e pessoas) e psicológica, garantida através de privacidade, territorialidade e personalização¹⁴².

O **senso de lugar** diz respeito aos sentimentos relacionados ao ambiente, sendo necessário para uma relação pessoa-ambiente saudável que haja identificação e pertencimento. A familiaridade com o espaço é determinante para a sensação de pertencimento. Ela está relacionada a quanto o lugar é conhecido e quanto mais familiar melhor a representação cognitiva do ambiente. Elali ressalta que quando há grandes diferenças sócio- espaciais entre o ambiente da casa e da escola **o bem estar e a relação com o escolar é comprometida**. As duas escolas estudadas estão localizadas

¹⁴⁰ LANG, Jon. *Creating architectural theory: The role of the Behavioral Sciences in Environmental Design*. New York: Van Nostrand Reinhold Company, 1987.

¹⁴¹ KUHNNEN, Ariana; BIANCI, Alessandra Sant'anna; BORGHETTI, Roberta Alves. *Percepção de risco em Psicologia ambiental : Conceitos para a leitura da relação pessoa-ambiente*. Org. Sylvia Cavalcante e Gleice A. Elali. Editora Vozes. Edição 1,2018.

¹⁴² LANG, Jon. *Creating architectural theory: The role of the Behavioral Sciences in Environmental Design*. New York: Van Nostrand Reinhold Company, 1987.

em uma área central da cidade e recebem crianças que residem em diferentes regiões. Dessa forma, esse espaço pode ser ainda mais hostil para alguns, sendo necessário averiguar essas discrepâncias, **encontrar formas de atenuar o desconforto e favorecer a identificação.**

A última categoria se pretende mais aberta às opiniões dos usuários e procura unir as anteriores. Busca identificar as deficiências não só desse espaço público, mas também dos espaços educativos da escola que podem ser supridas em um desenho mais adequado à rua. Cabe averiguar os desejos e expectativas para esse espaço além muros, É preciso questionar os sonhos. Como você gostaria que fosse?

3. METODOLOGIA

3.1- Delinear a pesquisa.

Este capítulo pretende apresentar os procedimentos metodológicos empregados neste trabalho. Trata de uma pesquisa qualitativa, o ponto de partida baseou-se nas recomendações de Carspecken (1996) para o desenvolvimento de uma pesquisa Etnográfica Crítica. Segundo o autor, podemos partir da elaboração de uma lista de questões amplas e flexíveis que não precisam ser muito precisas pois poderão ser modificadas durante o processo¹⁴³. Por que enclausuramos? Do que temos medo? É possível construir relações saudáveis com o espaço público? Como confiar que um espaço será seguro para uma criança? O espaço privado garante segurança? Como mudar o olhar para o urbano? Qual é o espaço infantil? Como as crianças se relacionam com a rua? Como elas gostariam que fosse? Quais são seus ambientes preferidos? O que é preciso para uma rua apropriada? Quais atividades são negligenciadas pelo espaço escolar e podem ser desenvolvidas no espaço público?

Para dar prosseguimento a metodologia foi ramificada em duas frentes . A primeira é a etapa monológica, desenvolvida pela pesquisadora sem a participação direta de outras pessoas¹⁴⁴. Esta etapa permite um entendimento geral da situação e

¹⁴³ CARSPACKEN, 1996 apud MARCONDES, **Maria Inês**; MAINARDES, Jefferson. *Reflexões sobre a Etnografia Crítica e suas Implicações para a Pesquisa em Educação*. Educ. Real., Porto Alegre, v. 36, n. 2, p. 425-446, maio/ago. 2011.

¹⁴⁴ FONTES, **Adriana** Sansão. *Intervenções temporárias, marcas permanentes: apropriações, arte e festa na cidade contemporânea*. 1 Ed, Rio de Janeiro: Casa da Palavra. Faperj, 2013.

deve ser complementada pela visão dos sujeitos. A segunda frente é a etapa dialógica, pautada em ferramentas de interação com os usuários para descobrir as relações entre eles e a cidade. Aqui essa etapa será chamada de comportamental conforme o trabalho de Rossana Batista Ferreira Lima ¹⁴⁵, ela foi desenvolvida através de ferramentas de interlocução com crianças e adultos. O percurso metodológico foi guiado por etapas de ação – em busca das trocas – e reflexão pautada pelas referências bibliográficas (figura 3.1). A sugestão de possibilidades, objetivo do trabalho, origina-se dessas trocas e reflexões. A seguir apresento um mapa resumo da metodologia seguido por um mapa cronológico do percurso de pesquisa.

¹⁴⁵ LIMA, **Rossana** Batista Ferreira. A criança e a Cidade: Estudo de Percepção em espaços infantis públicos em Uberlândia – MG. UFU, Uberlândia, 2017.

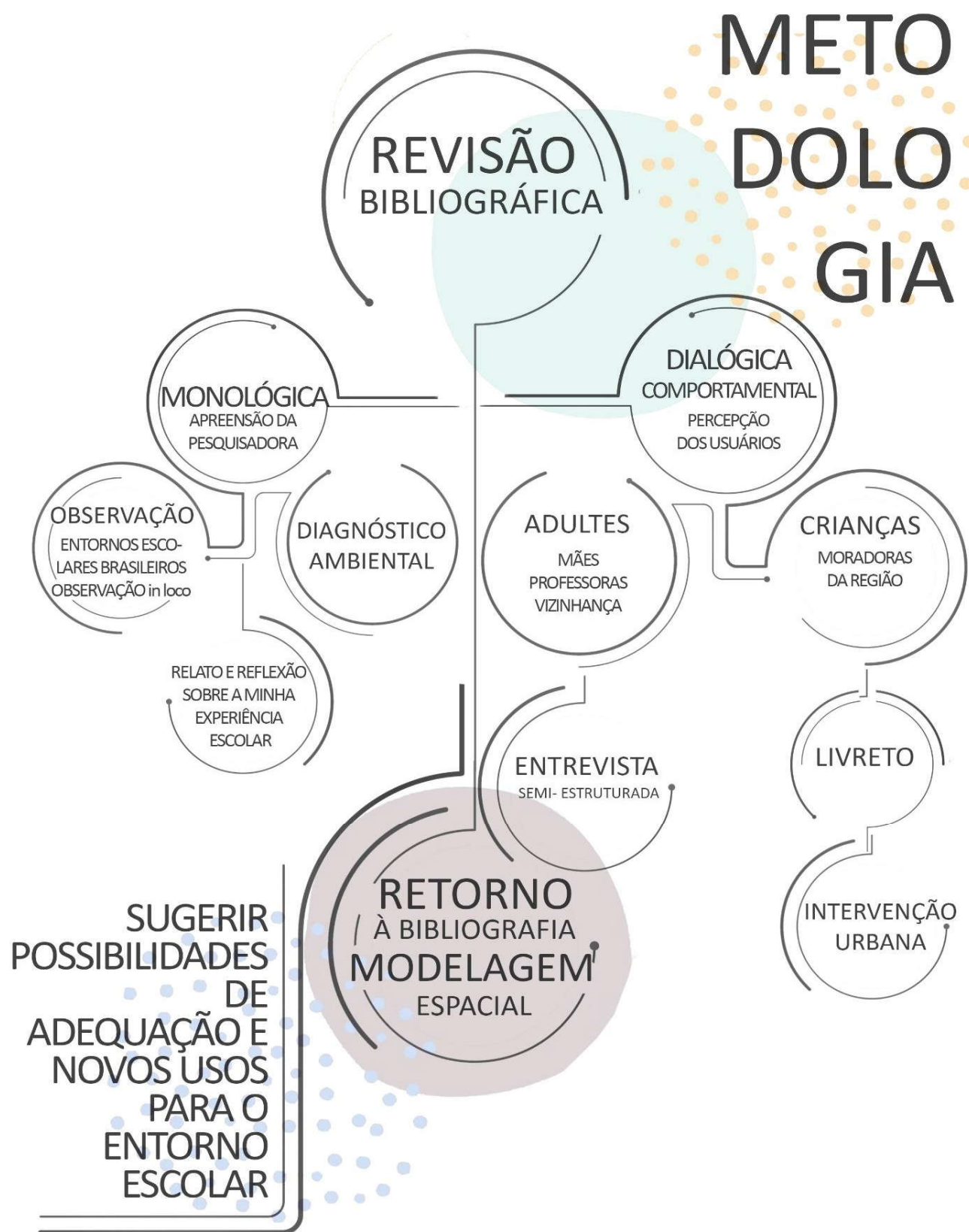


Figura 3.1 Esquema metodológico. Autora, 2021

3.1.2 Percurso de Pesquisa

Este percurso de pesquisa, como dito anteriormente, aconteceu como uma dança de improviso, prescindida de técnica e planejamento precisou de maleabilidade e adaptação para fluir entre incertezas, proibições, brechas e rebeldias. As duas próximas figuras procuram trazer esse mapa temporal que constitui o trabalho aqui apresentado (FIG 3.2 e FIG 3.4).

Datas do percurso de pesquisa:

07.03.2018

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (graduação)
UFPeI NA RUA - Esquipamento de apropriação urbana para extensão universitária.
Implantação na rua ente duas Escolas Municipais no Bairro Dunas - Pelotas, RS.

26.11.2018

PROJETO DE PESQUISA
O ESPAÇO PÚBLICO NO ENTORNO DE ESCOLAS MUNICIPAIS EM PELOTAS-RS. As potencialidades para ativação urbana e estudo do urbano.

20.05.2019

INÍCIO DAS VISITAS DE CAMPO

04.10.2019

BANCA DE SEMINÁRIO:
O espaço urbano da interface escola/cidade no centro de Pelotas – RS

VISITA ESCOLA ROSA E CONVERSA COM EDUCADORAS

Conversa com a zeladoara e encaminhamento de conversa com a diretoria.

VISITA ESCOLA ROSA E CONVERSA COM A DIRETORIA

Conversa com a diretoria, necessidade de fazer um plano de atividades para o próximo ano e apresenta-lo a Secretaria Municipal de Educação.

EDITAL DE AUXILIO EVENTOS - SE ESSA RUA FOSSE MINHA

Aprovada em primeiro lugar pela Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal de Pelotas a Proposta de execução de um evento de rua em frente as duas escolas com fechamento das vias e realização de uma oficina de urbanismo tático.

VISITA COLEGIO LARANJA E CONVERSA COM EDUCADORAS

Nesta visita acordamos sobre as possibilidades de colaboração para realização do evento de rua.

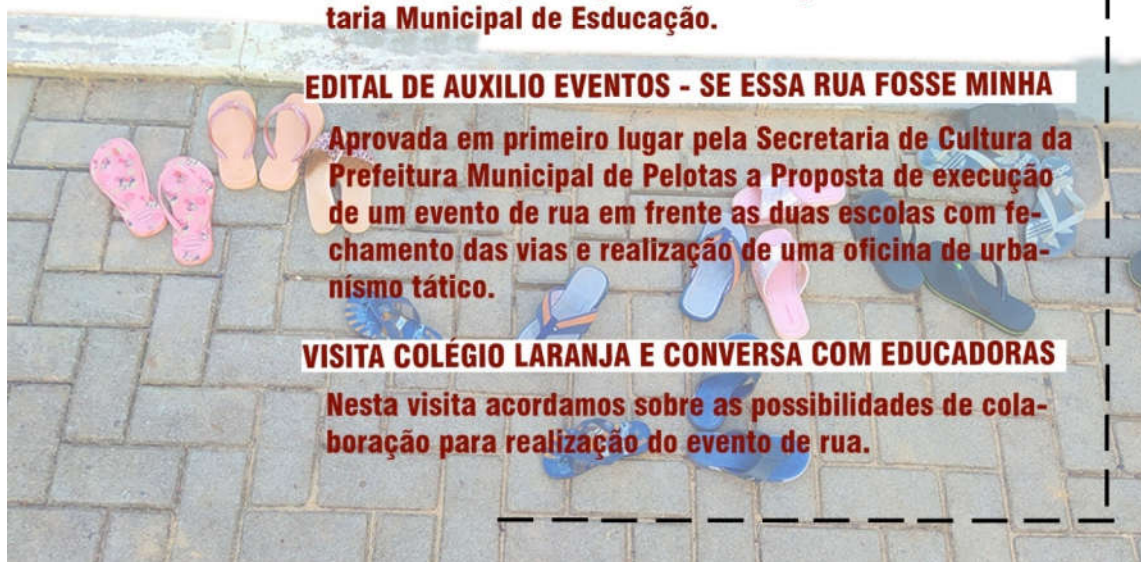


Figura 3.2 Percurso metodológico. Autora, 2021

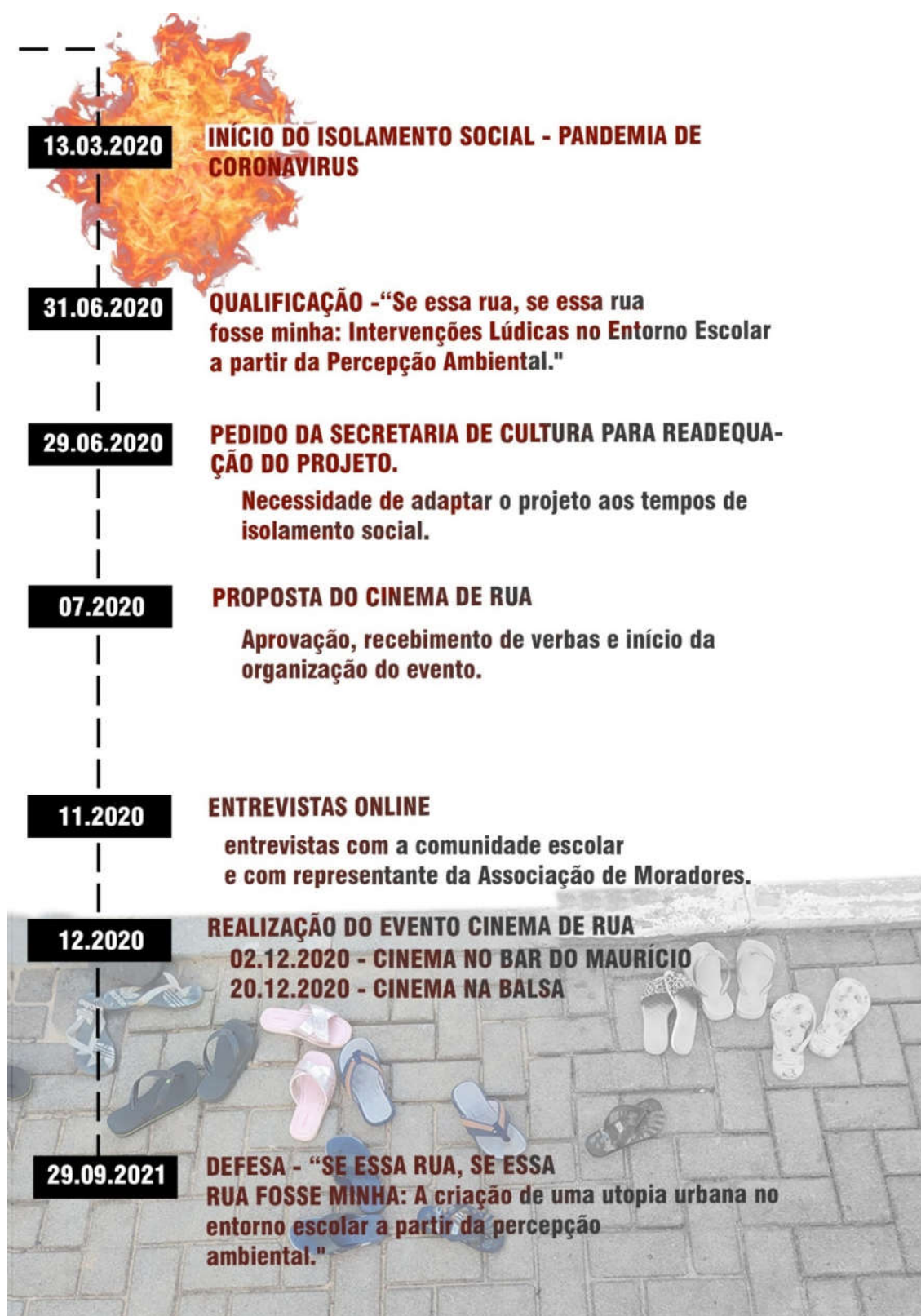


Figura 3.3 Percurso metodológico. Autora, 2021

3.3- Dados Monológicos registros primários.

3.3.1- Observação;

Através da observação ativa seguida dos primeiros contatos, foi possível desenvolver uma **análise reconstrutiva preliminar**, que consiste num entendimento geral da situação através da transcrição de anotações feitas em campo e a sistematização e organização de registros fotográficos captados no local. Os resultados dessa etapa iniciam o próximo capítulo e foram importantes para o delineamento da metodologia.

3.3.1.2- Viagem pelos entornos escolares brasileiros

As escolas públicas pulverizadas em todo território brasileiro e a suspeita de que seu entorno carrega potências inexploradas instigou **o interesse de conhecer um pouco sobre as semelhanças e diferenças que caracterizam esse lugar**. Assim, principalmente através de imagens irei relatar uma viagem realizada em 2019. Nesses tempos que a gente consegue viajar e percorrer vários cantos do mundo sem sair da cadeira. Vamos deambular pelo mapa digital, pousar o ponteiro em qualquer lugar do mapa, qualquer rua. **Vamos numa liberdade pouco vivida: a de andar por aí sem barreiras, sem fronteiras e sem medo.**

A figura 3.2 representa de que forma foram realizados esses trajetos. Navegando pela internet, abri o *google maps*. Diminui o zoom até enxergar toda América Latina, no exemplo fui até a Colômbia, mas na ocasião da viagem relatada aqui foquei o zoom no Brasil. Escolhi um ponto do mapa e fui aproximando sucessivamente, localizei uma cidade que chamasse atenção e novamente aumentei o zoom, **fui andando e andando até localizar o símbolo de instituições educacionais**. Se avistava duas ao mesmo tempo, visitava as duas. Passeava pela quadra, passeava pelos anos de registro. O passeio durou quatro horas e passou pelo Pará, Amazonas, Rio Grande do Norte, Minas Gerais, Paraná, Rio de Janeiro e Santa Catarina. Percebi como são desiguais, **os lugares onde o mapa vai**, a frequência que o mapa vai e pude captar as recorrências desses espaços.

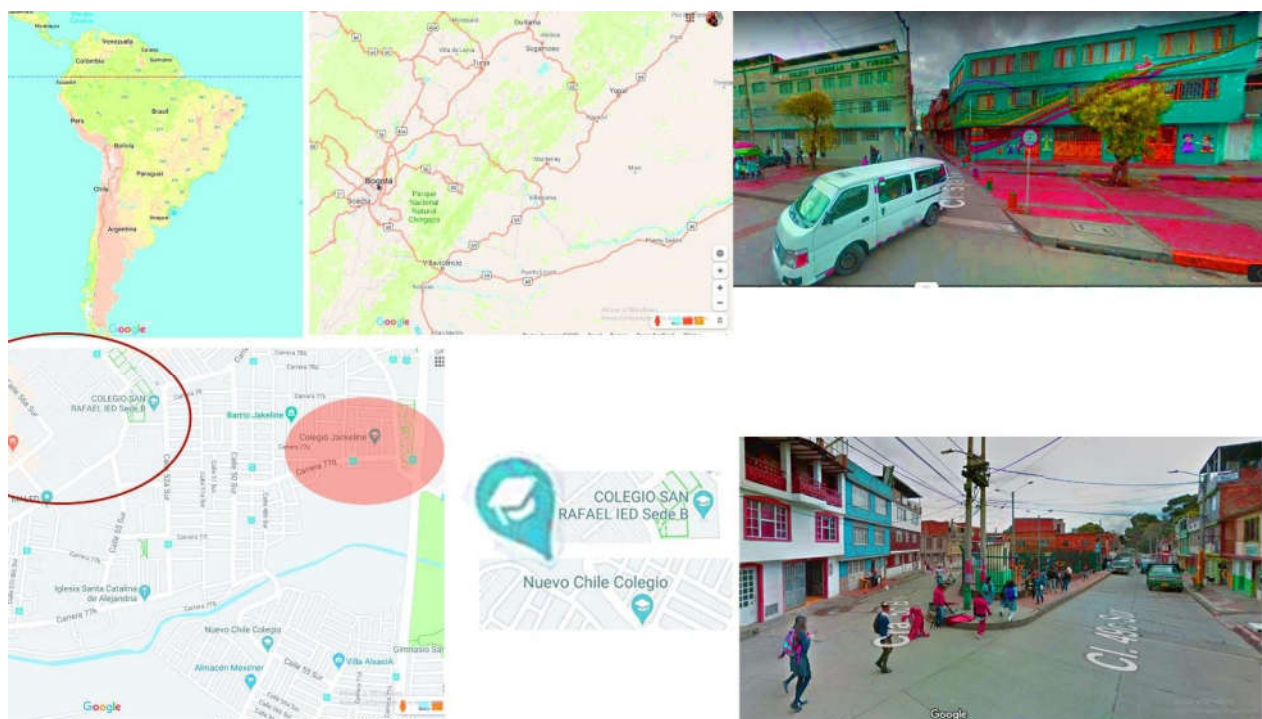


Figura 3.2 Metodologia utilizada na viagem. Fonte: Autora, 2019.

3.3.1.3- Observação in loco - Diagnóstico da Situação Escolar na malha viária.

Para fazer um diagnóstico da situação escolar em relação a malha viária urbana, seguirei os alguns passos indicados no Manual de Sinalização Escolar. Em decorrência da mudança de fluxos e políticas de isolamento social, não puderam ser realizadas todas as etapas previstas no manual. Procurei conversar com moradores e trabalhadores da vizinhança a fim de encontrar **fontes com vivências** para contar sobre fatos acontecidos nessa rua. Além disso, o manual recomenda um levantamento métrico e a produção de fotos e vídeos para serem analisados posteriormente e desvelar coisas que a observação in loco pode ocultar.

Observar a incidência de transporte por bicicletas e as rotas percorridas pelos ciclistas. Quanto aos pontos de ônibus é preciso observar como sua localização interfere na visibilidade da via e como ficam as acumulações e travessias próximas a ele. Também recomenda procurar outros polos geradores de tráfego nas proximidades que utilizem as

mesmas travessias. Há instruções para elaboração dos croquis de diagnóstico que devem compilar e caracterizar os elementos físicos existentes, o desenho do sistema viário contendo as áreas de estacionamento, pontos de ônibus e travessias. Além dos portões de acesso às escolas. Quando a caracterização do desenho urbano, ilustrar-se a geometria aproximada das vias e calçadas assim como materiais e estado de conservação e os principais locais de travessia. Toma-se notas sobre a sinalização vertical e horizontal existentes assim como os semáforos com seus tempos e estágios. Outro fator representado no mapa é o uso de solo dos lotes lindeiros à escola.

3.3.1.4- Auto Observação?

Assim como o espaço não é neutro, o conhecimento também não é. Não pensamos dissociados do que somos. Utilizei um espaço para relatar minha experiência escolar. Pontuo essa questão pela preocupação de evidenciar o caráter processual e pessoal dessa construção discursiva, preocupada em não apenas repetir processos mentais das construções hegemônicas. Acredito que as minhas escolhas de pesquisa, do objeto passando pela metodologia até o olhar para os resultados, são delineados por essas experiências. Desta forma senti necessidade de relatar e refletir sobre a minha experiência escolar logo no começo deste trabalho.

3.4- Construção dos dados dialógicos

Após a construção dos registros primários a pesquisa parte para geração de dados dialógicos onde utiliza de uma série de dispositivos para compreender a situação de pesquisa a partir do olhar dos sujeitos pesquisados¹⁴⁶. Com as medidas de isolamento social as escolas estão fechadas, o que de imediato tem três implicações: 1- O ambiente estudado não estava sendo utilizado pela comunidade escolar; 2 – Os métodos de interação com o usuário aconteceram de forma online ou por ligação telefônica; 3 – As reflexões sobre o entorno escolar carregam memórias e incertezas. Foi preciso encontrar integrantes das comunidades escolares com acesso à internet e dispostas a realizar o procedimento online.

¹⁴⁶ MARCONDES, **Maria Inês**; MAINARDES, Jefferson. *Reflexões sobre a Etnografia Crítica e suas Implicações para a Pesquisa em Educação*. Educ. Real., Porto Alegre, v. 36, n. 2, p. 425-446, maio/ago. 2011.

3.4.1- Instrumento aplicado com os usuários adultos.

3.4.1.2- Entrevista

Para além das conversas nas etapas de observação, foram realizadas cinco entrevistas do tipo semiestruturada. Essa ferramenta consiste na elaboração de um roteiro de perguntas previamente definido (figura 3.3)

categoria	pergunta	pergunta	categoria
territorialidade	A QUANTO TEMPO VOCE FREQUENTA ESSE ESPACO/REGIAO?	COMO VOCE PODE COLABORAR COM ESSA MUDANCA-ADEQUACAO?	senso de lugar níveis - 5 e 6
senso de lugar níveis 0-1-2-3	O QUE DIFERENCIA ESSE LOCAL DO RESTANTE DA CIDADE?	COMO VOCE AVALIA ESSE AMBIENTE EM RELACAO A POSSIBILIDADES DE USO /LIMPEZA/MANUTENCAO/ INCLUSAO?	amabilidade urbana
percepção de risco experiências passadas medidas de prevenção	PENSANDO NO USO DA RUA PELAS CRIANCAS E IDOSOS, QUAIS PERIGOS VOCE IDENTIFICA?	COMO VOCE AVALIA A POSSIBILIDADE DE INTERRUPCAO DE TRAFEGO MOTORIZADO OU A REDUCAO DA VELOCIDADE NESSA REGIAO?	expectativas e possibilidades
senso de lugar nível - 4	QUAIS ALTERACOES PODERIAM SER FEITAS PARA TORNAR ESSA REGIAO MAIS ADEQUADA A VIVENCIA DE CRIANCAS E IDOSOS TODOS?		

Figura 3.3 Roteiro para entrevista semiestruturada. Fonte: Autora, 2020.

O roteiro dá direcionamento à conversa, mas em sua aplicação não há rigidez sequencial ou de tempo, podendo ser intercaladas com outras perguntas que

aprofundem a discussão e também abranger tópicos não imaginados¹⁴⁷. Inicialmente a entrevista piloto foi testada com um interlocutor de sete anos que relatou que para sua cidade melhorar ela precisava “crescer uns metros”. As interlocutoras das comunidades escolares foram encontradas através da página no *facebook* das respectivas escolas. Uma delas é pedagoga, mãe de um aluno de 13 anos do Colégio Laranja, a outra é professora da Escola Rosa, mãe de um aluno que estuda na instituição e moradora desse entorno escolar. Além delas foi entrevistada uma aluna egressa do Colégio Laranja e o diretor da Associação de Aposentados localizada nas imediações da escola.

As conversas aconteceram por chamadas de vídeo e tiveram a duração média de cinquenta minutos. Foram gravadas, posteriormente transcritas e organizadas em uma tabela de correspondências entre a resposta e a categoria que ela se encaixa. Esse trabalho de interpretação, feito continuamente as entrevistas, foi importante não apenas para compreender as percepções dos usuários, mas também para ir aperfeiçoando a forma de entrevistar. Desta forma, além de categorizar as respostas, foi escrito de forma graficamente paralela à transcrição (em tabela) pontos que deveriam ser melhorados nas próximas entrevistas, assim como os achados surpreendentes e o que se fez pensar a partir do que estava sendo dito. Foram também feitas colagens com os principais despertares e sugestões de cada conversa. As transcrições e análises estão no apêndice um deste trabalho.

3.4.2- Metodologias aplicadas com os usuários infantis

3.4.2.1- Intervenção Urbana

Essa pesquisa foi movida pelo desejo de propor uma intervenção urbana. A fim de estimular a criação de alternativas para o futuro desse espaço, objetivava promover uma oficina de urbanismo tático como principal ferramenta de diálogo com os usuários. Para viabilizar alternativas para este desenrolo em ação, escrevi uma proposta no edital de auxílio a eventos da Secretaria de Cultura de Pelotas (SECULT): Intitulada “Se essa Rua fosse minha”, a proposta era fechar as ruas lindeiras às escolas, ocupar o espaço

¹⁴⁷ BONI, **Valdete**; QUARESMA, **Sílvia Jurema**. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC. Vol.2 nº1, janeiro-julho/2005.

com brinquedos infláveis e pipoca e, em conjunto com as comunidades escolares, refazer provisoriamente o desenho urbano dessa região. A proposta foi aprovada em primeiro lugar na sua categoria, foi motivo de grande orgulho para mim. Junto com algumas amigas fundamos a Coletiva Arruaceiras¹⁴⁸, a fim de executar o projeto e torná-lo ponto de partida para outras ações urbanas.

Com o início da pandemia, frente a necessidade de isolamento social, a proposta precisou ser reformulada. Promover uma atividade online não era uma opção uma vez que o objetivo principal do evento era provocar novas experiências entre criança e cidade. Em meio às incertezas e desorientações do ano de 2020, com o grupo Arruaceiras desarticulado, a alternativa para a ação, que já tinha suas verbas aprovadas como evento público cultural, foi um cinema de rua. Assim, para manter a proposição de levar as crianças para o espaço urbano e sugerir usos inusitados para cidade, a proposta surgiu como alternativa condizente com a verba recebida. Foi necessário recorrer ao usual objeto domesticador de corpos - as cadeiras-¹⁴⁹ para que pudéssemos realizar um evento controlado que não oferecesse riscos de contágio aos participantes. O relatório do evento e as fotos da realização estão no apêndice dois do presente trabalho.

¹⁴⁸ A coletiva arruaceiras foi uma união de vida breve, comigo estavam: Ana Gonzalez, Ana Carolina Julio; Aline dos Santos; Bruna Mendes, Marcelly Dalmaso, Priscilla Lampazzi, Tais Beltrame e Shirley dos Santos; tinha como objetivo iniciar por esse evento e dar continuidade desdobrando-se em outras ações urbanas. Afetada logo em seu início pela pandemia o projeto foi encerrado.

¹⁴⁹ FUÃO, Fernando Freitas. LOQUEDAUN: A cidade em tempos de corona vírus. *Indisciplinar*, 6(2), 254–277, 2020. <https://doi.org/10.35699/2525-3263.2020.29040>

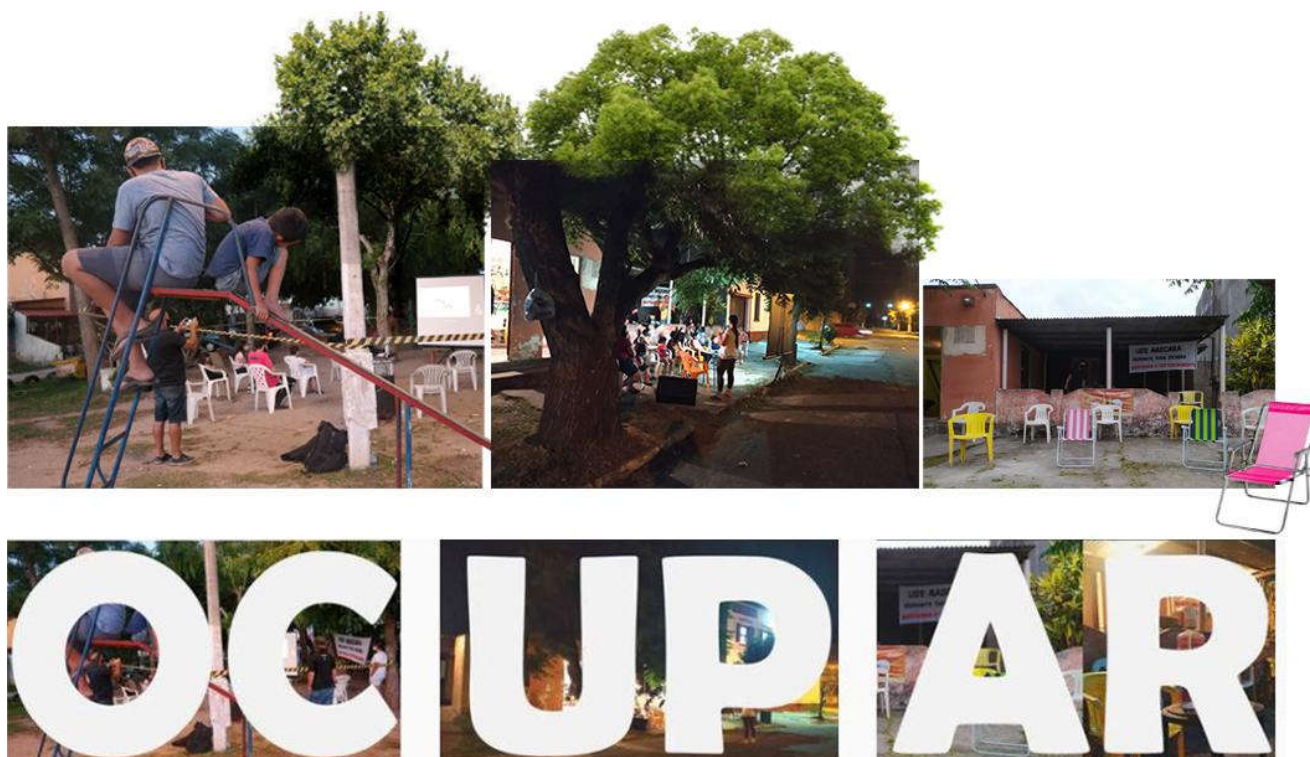


Figura 3.4 Intervenções Urbanas Realizadas. Fonte: Autora, 2021.

3.4.2.2- Livreto

Quando impedida pelos avanços da pandemia de executar o plano inicial, ao repensar minhas ferramentas de trabalho, o maior desafio tornou-se **conversar com as crianças**. O objetivo era que as ferramentas de interação não se limitassem a coleta de dados, mas também fossem **instrumentos de reflexão** para todas que participassem do processo. Procurando um meio de diálogo foi desenvolvido um livro de colorir com uma história infantil sobre a cidade. O livreto intitulado - Se essa Cidade Fosse Minha - traz uma história de uma menina que divide os sonhos que ela tem para cidade, desde a possibilidade de criação de hortas urbanas, passando pela limpeza de rios e culminando na ação de usufruto da rua com a realização de um cinema ao ar livre. Foram impressos 500 livretos de tamanho A5 com páginas coloridas e páginas de convite para colorir (figura 3.5).



Figura 3.5 Livreto produzido para dialogar com as crianças. Fonte: Autora, 2021.

Ciente de que todo ato pedagógico é político, pois pauta-se em escolhas que traduzem a visão de mundo de quem atua¹⁵⁰, e da responsabilidade diante da utilização do dinheiro público envolvido no Edital, me coloquei como agente educacional não escolar. Freire nos fala que um dos papéis da educação é auxiliar na compreensão da capacidade que temos de transformar¹⁵¹. Ao escrever o livro me deparei com dilemas que, imagino, devem acompanhar a atividade docente. A autonomia intelectual parte da compreensão da realidade¹⁵², a construção dela é constante ao longo da vida, então,

¹⁵⁰ ARELARO, Lisete. Esperança e resistência em Paulo Freire. Boniteza – A palavra boniteza na leitura de mundo de Paulo Freire. Org – Ana Maria Araujo Freire. 1ª ed. Paz e Terra. São Paulo, 2021.

¹⁵¹ IBIDEM

¹⁵² IBIDEM

permanecendo em processo de minha própria educação, como posso agir no percurso de outres? Diante desta questão, senti a necessidade de construir uma personagem que, fugindo de compartilhar certezas, divide possibilidades, sonhos. A capacidade de sonhar é por si só professora. A personagem parte dos sonhos para a ação, realiza o evento público no meio da rua afim de evidenciar que assim como a história¹⁵³ a cidade é feita de movimento - e luta. No decorrer do livro a menina revela que assim como a cidade é dela, é também de todos que vivem ali. E no final, afim de evocar outras concepções e provocar o sonho, questiona: “Quais teus desejos para cidade?”

As crianças foram convidadas a responder essa pergunta, fosse por áudio vídeo ou desenho e enviá-la pelo *Whatsapp*. Para incentivar a participação, foi realizado um sorteio de brindes. Recebi menos respostas do que imaginava, sete participações na Balsa, onde algumas pessoas entenderam que culminaria em um sorteio de cesta básica. No entorno do Bar do Mauricio recebi três respostas, duas de filhas de uma pedagoga que participou no dia do evento. O conteúdo das respostas mostra-se influenciado pelo momento vivido, com desejos de uma cidade sem “coronavírus”, além do desejo de uma cidade limpa e algumas reproduções das possibilidades expressas no texto do livro. Essa última recorrência deixa a dúvida de tratar-se efetivamente de reproduções – daquilo que se espera que a pesquisadora quer ouvir – ou de congruência legítima de desejos. No terceiro apêndice está o material de impressão do livreto, um vídeo de seu conteúdo e um podcast com a leitura e os áudios recebidos como resposta.,

Quando iniciei a pesquisa adentrei para aventura numa floresta, no percurso fui coletando aquilo que me podia ser útil no trajeto e na vida, o que me despertava curiosidade e também as surpresas. Parte dessas coletas foram usadas e descartadas no caminho. Outras permaneceram em mim e no texto. Há ainda muita floresta a ser percorrida, mas chegou a minha hora de voltar para casa. A primeira parte da análise dos dados, onde registrei e apresentei os registros de observação, é a análise reconstrutiva, pois procurou falar das ações captadas no nível não discursivo, aquelas que não são observáveis por quem vive a ação¹⁵⁴. Já em casa, durante a transcrição das

¹⁵³ IBIDEM

¹⁵⁴ MARCONDES, **Maria Inês**; MAINARDES, Jefferson. *Reflexões sobre a Etnografia Crítica e suas Implicações para a Pesquisa em Educação*. Educ. Real., Porto Alegre, v. 36, n. 2, p. 425-446, maio/ago. 2011.

interlocuções, procurei organizar os pensamentos em correspondência com as categorias estabelecidas, esse processo possibilitou a compreensão de como a comunidade escolar vê o espaço estudado e os desejos e anseios. Em seguida voltei para a literatura para pedir ajuda no processo de colocar os pensamentos no papel, paralelamente utilizei da computação gráfica para modelar o entorno escolar estudado. A modelagem exige atenção no olhar para medidas e proporções. Esse processo possibilitou avançar na compreensão dos espaços e na representação que me permite comunicar meus achados de pesquisa.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 - Relatos sobre a metodologia utilizada

Na transição entre a metodologia e a discussão dos resultados, trago algumas reflexões sobre os instrumentos utilizados. De início a pesquisa procurou basear-se no fazer da pesquisa – ação. Ir a campo, tomar nota, refletir sobre o que se sabia e seguir para um novo ciclo de ação e reflexão¹⁵⁵. Com os efeitos da pandemia e a atividade escolar acontecendo de forma remota, não foi possível desenvolver atividades junto às escolas. Em decorrência, parte pesquisa afastou-se da escola, intelectual e fisicamente. Acabei por realizar uma das exposições do evento em um bar. Um evento de cunho educativo para o público infantil sediado em um B A R. Inicialmente me pareceu uma heresia. Isso se deu não por falta de esforço para realizá-lo no pátio da escola e acabou por **desprender meu pensamento da educação escolarizada**.

A promoção do evento demandou movimento na cidade. Sobrepunha-se ao desejo de ativar o urbano os necessários cuidados com a crise sanitária. Estávamos em um momento de muitas incertezas, de poucos encontros e urgência nos processos que envolviam o uso da verba pública¹⁵⁶. Esperamos encerrar o período de eleições municipais. A cidade estava experimentando um caos estranho, muita gente na rua,

¹⁵⁵ TRIPP, David. Pesquisa – ação: uma introdução metodológica. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.31, n.3, p-443-466, set./dez.2005.

¹⁵⁶ Quem assumiu esse novo direcionamento comigo foi meu namorado Pedro Erler.

escolas fechadas, bares e shoppings abertos, decretos e bandeiras que mudavam toda hora. Era preciso realizar o evento de forma a não provocar aglomerações. Assim, concluímos que a escala da intervenção era a da **pequena vizinhança**. E como conectar-se a ela? Fizemos caminhadas em regiões previamente escolhidas com tentativas de abordagem de moradores, mas o contato na rua, incomum no cotidiano, sem intermediários e em tempos pandêmicos pareceu impossível. Como chegar? Quais são os poderes da escala da rua? Resolvemos nos aproximar através dos **negócios locais**.

Nesse caminho chegamos até o Maurício, figura conhecida no Porto de Pelotas por realizar há mais de vinte anos uma festa de rua para as comemorações do dia da criança. Maurício é dono de um bar, denominado por ele e evidente nas características “um bar familiar “. O bar também é mercearia. Apresentamos a proposta e ela passou por um processo de discussão e amadurecimento. Com toda articulação do experiente dono do bar, e mediante a suas decisões, no dia programado montamos os equipamentos. As cadeiras foram organizadas na calçada e a tela amarrada em duas árvores na rua. A primeira exibição se deu na calçada em frente ao bar. Nessa ocasião, exibimos o longa-metragem brasileiro: O menino e o mundo, filme que ilustra a história de um menino que sai do interior e enfrenta a cidade grande à procura de seu pai. O esticado tempo de duração do filme aliado à movimentação natural da rua, não combinou com a espacialização distanciada e delimitada pelas cadeiras onde as quinze crianças permaneceram inquietas durante toda a exibição.

A segunda intervenção do cinema movente se deu na praça da Balsa e desenvolveu-se em parceria com a Associação de Moradores. Era final da tarde de um domingo em dezembro. Nessa ocasião, sob orientação do presidente da associação, isolamos com fita sinalizadora parte da praça a fim de delimitar a área de realização do evento. Visando aprimorar a experiencia anterior, optamos por exibir uma série de curta metragens. Essa escolha foi acertada porque possibilitou maior liberdade de ir e vir para as crianças, estimulou a interação delas com o exposto, entre elas e com as agentes. Na praça as crianças assistiram de suas bicicletas e até de ponta cabeça num brinquedo do parquinho.

A exibição no bar se deu em um ambiente adulto. Depois de tudo montado, o Maurício foi até o meio da rua e bateu palmas. O sinal foi entendido e as crianças surgiram rapidamente, algumas acompanhadas de suas responsáveis. A apreensão que eu estava antes, quando na ausência de movimentação achei que elas não viriam, pareceu ser do mesmo tamanho da que elas aguardavam atentas em suas casas. Surgiram rápido e foram embora com a mesma rapidez assim que demos por encerrado. Já na praça da Balsa, as crianças chegaram curiosas no momento da montagem dos equipamentos, foram se aproximando, nos recebendo num local já apropriado por elas, espaço de vivência distante da família. **Neste lugar houve mais trocas, mais empolgação, mais risada, mais vai e vem.** No espaço aberto com presença de comércios, animais, plantas, parque, banco, brinquedos, talvez atrelado a pouca comodidade das casas super habitadas e com poucas telas que “só passa filme de terror”, encontramos crianças com uma **experiência urbana mais rica**, evidente nas relações que desenvolvem ali. Elas iam e vinham sem intermédios “nós já voltamos, vamos na casa dele buscar um casaco e chamar nossa prima”. Eram muitas, todas se conheciam e desenvolviam relações “aquele é o meu namorado, mas não fala, porque ele ainda não sabe” me confidenciou uma delas.

As duas exposições se deram no raio de pouco mais de 1 km de distância da Escola Rosa e do Colégio Laranja. As diferenças entre elas e o imaginário que eu havia criado sobre a vivência urbana infantil ressaltam que as crianças e suas experiências não podem ser analisadas em bloco. Um bairro na cidade pode ser classificado quanto a sua renda, número de habitantes, escolarização, proximidade do centro e ficar escondido através de uma falsa familiaridade¹⁵⁷. O mapa nos familiariza com cenários e situações sociais do nosso cotidiano, aproxima e engloba, mas isso não significa que conhecemos essas realidades e seus diferentes atores, o olhar acrítico para o mapa carrega o perigo de uma falsa homogeneização. A escolha dos lugares para exibição do evento se deu por ocorrências num limite muito próximo ao entorno escolar estudado, eu **não esperava diferenças marcantes como as que encontrei.**

¹⁵⁷ DA MATTA, Roberto 1973 - O ofício de etnólogo ou como ter anthropological blues. Comunicação do Museu Nacional. n. 1. Rio de Janeiro. 1981 - Relativizando. Uma Introdução à Antropologia Social. Petrópolis: Vozes. *apud* Peirano, **Mariza**. A favor da etnografia / Mariza Peirano. — Rio de Janeiro : Relume-Dumará, 1995.

4.2 Repercussão e Reflexões sobre o Evento de Rua Realizado.

Em decorrência da realização do evento concedi uma entrevista a um dos jornais de maior circulação na cidade de Pelotas, o Diário Popular. Fui surpreendida em fevereiro com a reportagem já publicada e fiquei incomodada com o que considerei como deturpação de minhas palavras. Reproduzirei parte da reportagem aqui, e em seguida discuto o motivo da minha indignação e o aprendizado adquirido nessa experiência. A reportagem completa está em fotografia no apêndice deste trabalho. A reportagem sobre o evento é um desdobramento que foge do meu domínio de escrita e ação, revela a visão de outro sobre a minha construção. A construção do evento e da ação de rua objetivava ser um ato de resistência e contestação. A primeira frase da reportagem me assusta e cria um alerta sobre o perigo dos discursos. Sobre distância entre o que a gente pensa, o que fala e o que o outro ouve e interpreta.

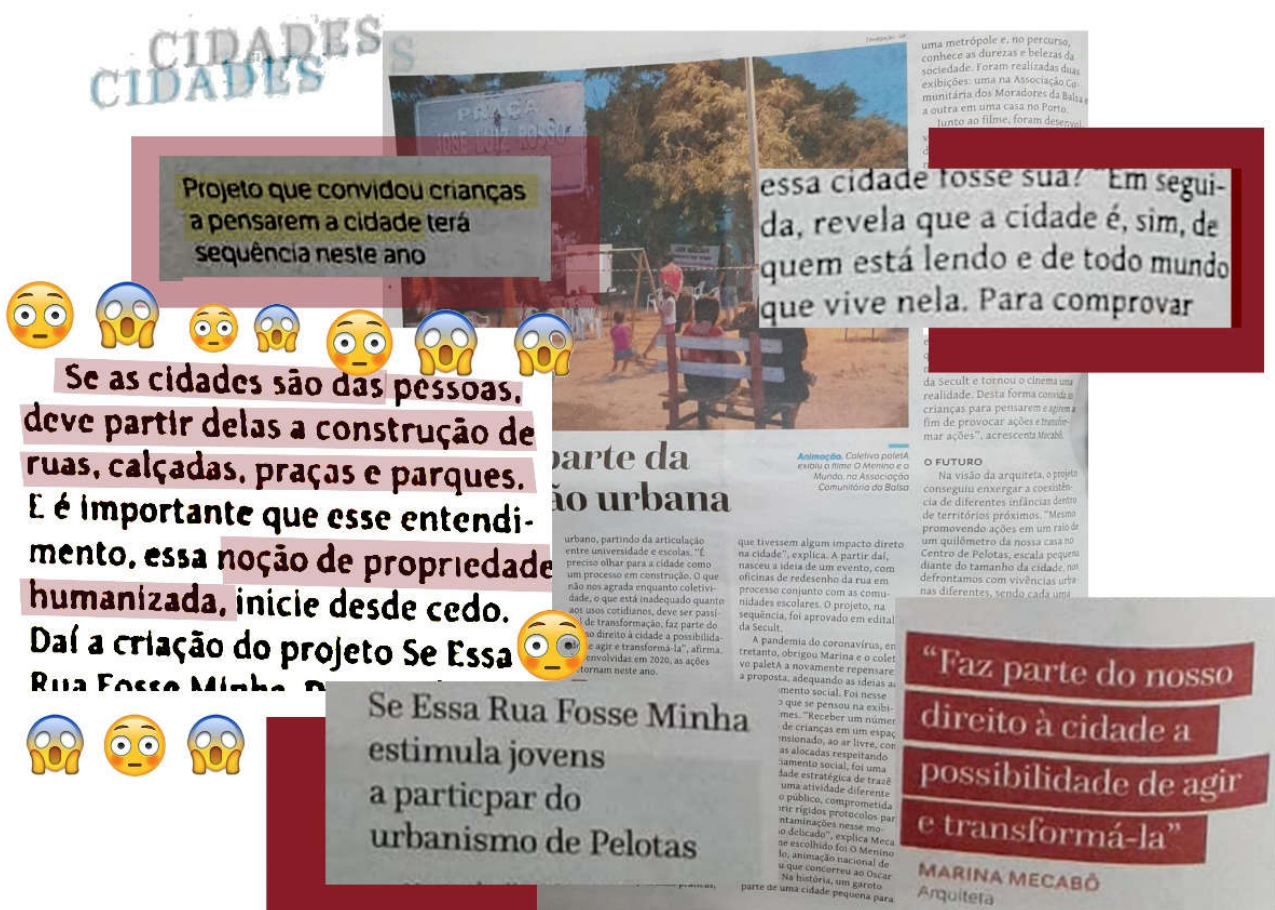


Figura 4.17 Colagem sobre reportagem do Diário Popular. Fonte Autora, 2022.

O discurso de apropriar-se, pensando na retomada do uso democrático do espaço, pode ser utilizado pelo poder hegemônico para capitalizar os bens públicos. Como aparece na reportagem, o fazer cidade pode ser interpretado com a errônea responsabilização individual por aquilo que é dever do estado. O direito de agir, fazer-se ouvir as vozes e necessidades de quem vive a cidade, não compactua com a transferência de responsabilidade e isenção da ação do estado em políticas públicas de melhoria dos espaços habitacionais e sociais urbanos. Ao contrário, exige a criação de ferramentas e instrumentos de troca e diálogo, mas não de transferência de responsabilidade. As ações na cidade são determinadas por poderes que fogem às pessoas comuns, um discurso que transfere a responsabilidade pelo futuro da cidade aos seus habitantes mais despossuídos de poder pode justificar opressões e exclusões.

Os conceitos e discursos quando passam por lentes culturais dominantes podem materializar-se em relações gravemente assimétricas¹⁵⁸. A cidade e a ação sobre ela criam lugares de conflito. Discutir cidade e pautar outros olhares é colocar-se na arena do conflito¹⁵⁹, exige responsabilidade e também paciência com aquilo que nos escapa. Procurar um espaço de conforto e de dissolução dos conflitos é fantasioso e frágil¹⁶⁰. Sabrina nos fala que as contradições sempre vão estar presentes e que nosso objetivo é que elas partam de uma raiz mais emancipada¹⁶¹. Paulo Freire em seus escritos generosos compartilhou amparo com quem se coloca na arena com disposição à doar-se pela mudança, deixando dito sobre a ação de assumir o papel como agente de transformação do mundo: “uma das bonitezas dessa prática está exatamente em que não é possível vivê-la sem correr risco”¹⁶², corre-se o risco de incompreensão, de má interpretação e até de não sermos coerentes¹⁶³. Assumido o risco, o que se tem a fazer é olhar para essa situação como construtiva do processo, olhar como reforço da

¹⁵⁸ ANZALDÚA, **Gloria**. A vulva é uma ferida aberta e outros ensaios. Rio de Janeiro. A Bolha Editora, 2021.

¹⁵⁹ BROWN, **Brené**. Coragem de ser imperfeito. Editora Sextante. 1 edição. Setembro, 2016.

¹⁶⁰ ANZALDÚA, **Gloria**. A vulva é uma ferida aberta e outros ensaios. A Bolha Editora. Rio de Janeiro, 2021.

¹⁶¹ FERNANDES, **Sabrina**. Se quiser mudar o mundo. Editora Planeta, outubro 2020.

¹⁶² FREIRE, Paulo. Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido. São Paulo. Paz e terra, 1992.

¹⁶³ FREIRE, Paulo. Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido. São Paulo. Paz e terra, 1992.

responsabilidade na ação, e na confiança nos processos de ação- escuta – reflexão – transformação e nova ação, cada vez mais forte emancipada.

4.2- Revendo, pensando, inventando – Discutindo.

Retomo os cinco objetivos específicos e o objetivo geral de forma numerada afim de apresentar brevemente os resultados correspondentes a cada um deles, no decorrer do capítulo aprofundo a discussão.

1) Avaliar as características físicas do entorno escolar estudado.

Afim de adequar o ambiente ao uso que se faz dele, os registros de observação, o levantamento métrico e fotográfico e a interlocução com os usuários, permitiram encontrar carências e potencialidades. Em aspectos tanto físicos quanto sociais esse ambiente se faz diferenciado. É uma zona central da cidade, mas com características residenciais marcantes, atrai diferentes públicos em horários variados, dentre as principais inadequações sentidas pelos seus usuários está o intenso fluxo de veículos atrelado a sinalizações ineficientes em promover a sensação de segurança.

2) Estudar as especificidades infantis e suas necessidades espaciais.

Afim de responder ao segundo objetivo, de estudar as especificidades espaciais infantis, o caminho percorrido se deu pela revisão bibliográfica e pela interação com as crianças através do livreto infantil e da intervenção urbana. Adianto a conclusão que permeia toda a discussão dos resultados: um ambiente adequado para a apropriação e desenvolvimento infantil é um **ambiente que responda bem a todos os públicos** e não recortado por uma concepção de infância.

3) Avaliar a relação que as comunidades escolares tem com esse espaço.

“A **minha escola**”, essa expressão dava pistas de que esse é um ambiente que **gera pertencimento**. Para verificar essa possibilidade procurei através do senso de lugar identificar nas minhas entrevistas a afetividade e o grau de apego que os usuários desenvolvem com o ambiente escolar. Elas demonstraram altos níveis de interesse e disponibilidade da comunidade em trabalhar a fim da qualificação desse espaço. Mesmo assim, o ambiente apresenta pouca apropriação. Dessa forma concluo que esse ambiente está subordinado à dinâmicas que limitam o exercício cotidiano de utiliza-lo, de fazê-lo correspondente ao que se vive ali.

4) Identificar as barreiras ao uso do espaço público pelas crianças.

Essa identificação se deu por meio de referência bibliográfica. Encontrou-se como motivos de afastamento o medo da violência urbana¹⁶⁴ e o medo de que as crianças se sujem, se machuquem ou fiquem doentes¹⁶⁵. Além disso, no decorrer das conversas com a comunidade escolar, observei que nesse contexto específico o fluxo de pessoas e a velocidade dos veículos são os maiores geradores de medo.

5) Identificar as demandas educacionais.

O último objetivo costurara-se nessa pesquisa de uma forma que eu não imaginava, mas procurava quando quis desenvolver-la irremediavelmente atrelada a ação prática de intervenção. As demandas educacionais vão muito além das demandas escolares que eu procurava encontrar no início desse trabalho. O processo de desenvolver e realizar a intervenção, que iniciou dentro das instituições e foi deslocado para fora da região estudada, promoveu uma discussão para além das fronteiras escolares. Entre a educação, a escola e a cidade existem várias camadas de barreiras. Para mim isso evidenciou a potência de utilizar esse lugar de interface, lugar das camadas que separam o público do privado, o íntimo do compartilhado, o institucional do social, o regulado do imprevisível, de forma que esses atributos não sejam opostos, mas tenham seus entres ativados.

O exercício de intervenção urbana atrelado a necessidade metodológica de interlocução com quem habita o espaço também foram provocadores de reflexões sobre o fazer da pesquisa de mestrado e da extensão universitária. Sem essas trocas, que foram um imenso desafio em tempos pandêmicos, o exercício desenvolvido e apresentado aqui teria tido outros rumos. Além de terem sido essas práticas informantes para a reflexão sobre a teoria, elas provocaram incomodo, vontade de fazer mais, elas trouxeram motivação para meu percurso após essa etapa.

OBJETIVO GERAL – Identificar as necessidades do entorno escolar para sugerir possibilidades de adequação e novos usos do espaço público de interface escola- cidade.

¹⁶⁴ DO NASCIMENTO, **Andréa** Zemp Santana. A criança e o arquiteto: Quem aprende com quem? Dissertação de Mestrado. São Paulo, 2009.

¹⁶⁵ TIRIBA, **Lea**. Educação Infantil como Direito e Alegria. Em busca de pedagogias ecológicas, populares e libertárias. Editora Paz e Terra. Rio de Janeiro/ São Paulo, 2018.

A discussão nos guiará até o final desse capítulo onde procurei organizar sugestões que correspondem com a situação urbana específica. Essas possibilidades advêm tanto do processo de pesquisa quanto da vivência do espaço. Colocando o meu saber-fazer como instrumento, utilizei da modelagem computacional pra trazer para o papel ideias compartilhadas comigo nas incursões no espaço. Esse exercício serviu para discutir possibilidades e também como retorno a quem generosamente se dispôs a contribuir com a pesquisa. A tentativa de transcender as imposições que incidem sobre esse espaço culminou numa proposição que se diferencia das ambiências locais. Assim o objetivo geral não resultou em um projeto, ou em recomendações pontuais, mas se coloca como **ferramenta para outros fazeres**.

4.1.2- Caracterização da situação estudada

Que lugar é esse onde vamos demorar nosso olhar? Vou passar o endereço. Estamos na rua batizada em homenagem a Francisco Manuel Barroso da Silva, o Almirante da Marinha de Guerra, glorioso por vencer batalhas pouco honráveis. Perpendicularmente, essa rua é cortada por outra que homenageia Joaquim José da Silva Xavier, militar e militante, ativista político mineiro: Tiradentes, decapitado, corpo violado espalhado pelo espaço público. Nesse cruzamento estão localizadas as duas escolas, uma Estadual que recebeu o mesmo nome de Joaquim Assumpção, médico pelotense. A outra é uma instituição católica e seu nome homenageia Giovanni Di Pietro Di Bernardore, frade nascido na Itália, conhecido aqui como São Francisco de Assis.

O entorno urbano é composto pelas ruas que reativam diariamente as memórias de Francisco Lobo da Costa: poeta, jornalista e teatrólogo; Coronel Alberto Rosa (patente alta, bigode grosso¹⁶⁶) e José Antônio Moreira, o Barão de Butuí. "Quem furta pouco é ladrão, quem furta muito é barão, quem mais furta e mais esconde: passa de barão a visconde"¹⁶⁷ A rua de cima é a única batizada no feminino, representante da simbologia católica: a Rua Santa Cruz. Nessa redondeza estão também localizadas outras importâncias. O restaurante universitário da Universidade Federal de Pelotas, local de

¹⁶⁶ Referência a música lançada em 2015 – Dona da Noite – Mc Marcellly

¹⁶⁷ Quadrilha popular durante o reinado de D. João 6º. Disponível em < <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs0306200707.htm#:~:text=Jo%C3%A3o%206%C3%B8%2C%20tornou%2Dse%20popular,passa%20de%20bar%C3%A3o%20a%20visconde%22.>> Acesso em : Março, 2020.

encontro diário de parte dos estudantes da cidade. Por ali também fica a Associação Beneficente dos Aposentados e Pensionistas de Pelotas, que presta serviços de saúde e informação, além de ser lugar de lazer e convivência para idosos. Também na rua Tiradentes, entre a rua do Antônio José Gonçalves Chaves (o dono de todos na Charqueada São João) e a rua Santa Cruz, há uma creche particular que, definitivamente, está entre a Cruz e a Espada. Outro lugar a ser lembrado, um pouco adiante na Almirante Barroso é o prédio que abriga a Previdência Social. Não muito longe do local de estudo, essa rua que, como veremos adiante, tem uma infraestrutura tão pouco condizente com seu uso, está a Secretaria Municipal de Gestão da Cidade e Mobilidade Urbana, na Lobo da Costa (figura 4.1).

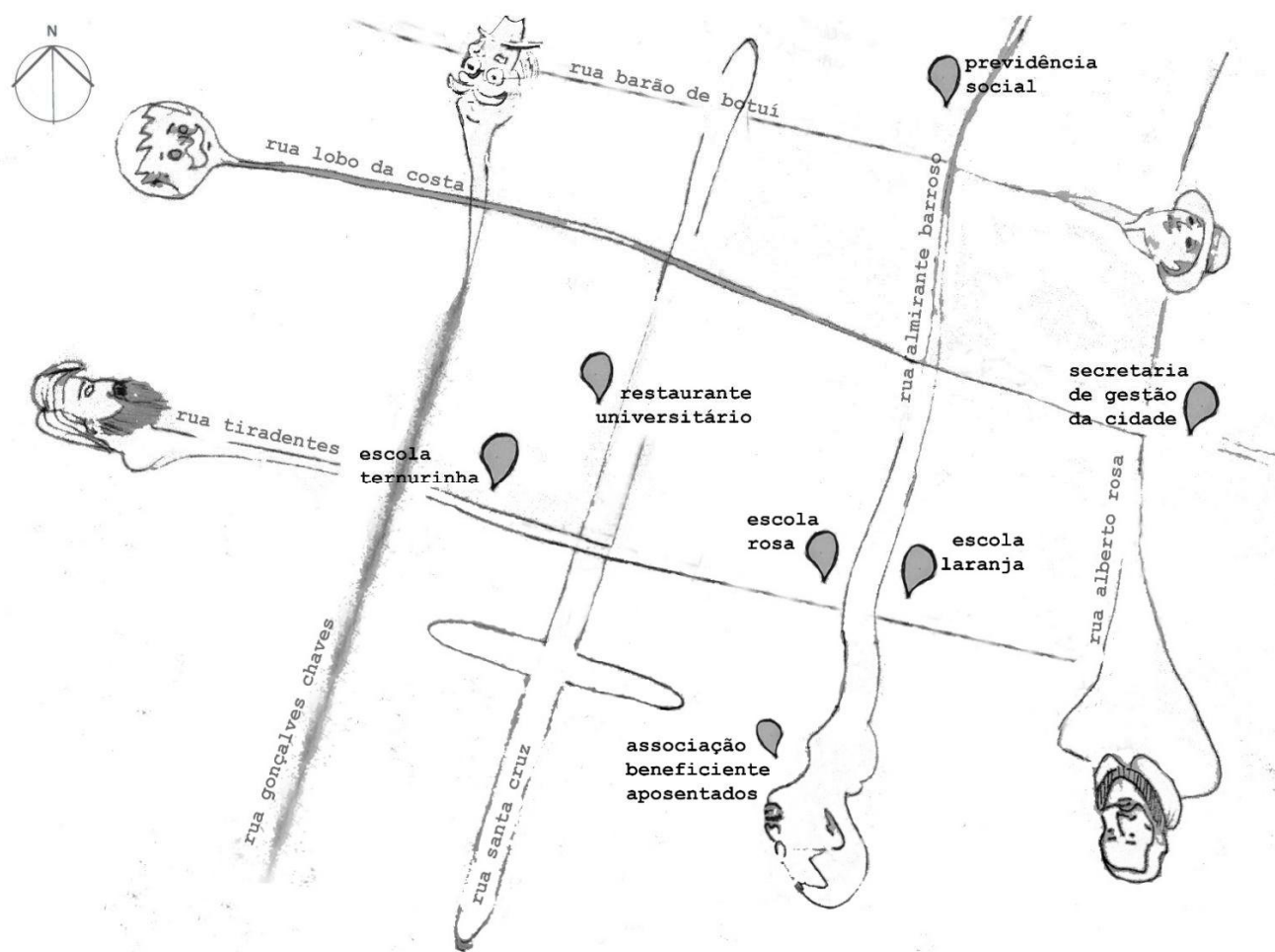


Figura 4.1 - Mapa digitalizado representando a localização das escolas. Autora, 2020.

Resolvi começar a apresentação pela localização na malha urbana, seguida pela caracterização das escolas e por fim apresentar a cidade. Isso porque um meio urbano imerso e batizado com o nome de tantos distintos homens, não é particular, é característico da orientação urbana brasileira. É evidência da ordenação patriarcal, conforme nos alertaram Paula Sanz e Mario Rodriguez Ibanez no primeiro capítulo deste trabalho. Para diminuir um pouco a evocação de tantos nomes masculinos, durante o texto denomino as escolas por um **aspecto característico de sua inserção** na paisagem: a **cor predominante ao nível dos olhos infantis**. Chamarei a Joaquim Assumpção de Escola Rosa, e a São Francisco de Assis de Colégio Laranja. Para encontrá-las, o mesmo endereço: “É na Barroso com a Tiradentes” (figura 4.2).



Figura 4.2 A esquerda da foto a Escola Rosa, a direita o Colégio Laranja, vistos a partir da rua Almirante Barroso. Foto tirada em um final de semana. Fonte: Autora, 2020.

Estamos nas redondezas do centro histórico da cidade. A Escola Rosa funciona neste endereço desde 1927. Por funcionar em uma edificação histórica, seu prédio está

dentre os inventariados, é reconhecido como patrimônio material humano¹⁶⁸. Procura atender alunos da educação infantil, ensino fundamental e médio. Segundo levantamento do censo de 2019 eram 471 alunos entre educação infantil, educação especial e ensino fundamental, e mais 164 alunos na educação de jovens e adultos (EJA), num total de 635 estudantes e 76 educadoras¹⁶⁹.

Em relação a sua inserção na paisagem, a Escola Rosa é implantada em uma esquina e é composta por três volumes. A principal edificação, primeira a ser construída, é de dois pavimentos, centralizada no terreno, no fundo uma edificação auxiliar, pequena e térrea, de quatro águas. Posteriormente foi construído um anexo com formato em L, englobando os fundos e a lateral do lote. No fundo do prédio principal, em construção posterior, está localizada uma quadra coberta, utilizada como quadra poliesportiva e como pátio de múltiplas atividades. Este pátio é onde acontece o recreio e outras atividades pedagógicas, caracteriza-se por ser amplo e aberto. No conjunto de imagens a seguir é possível observar a implantação (figura 4.3).

¹⁶⁸ Os inventários são instrumentos de reconhecimento e preservação da diversidade cultural a partir de políticas públicas de patrimônio. (NOGUEIRA,2017). Antonio Gilberto Ramos Nogueira. Inventário e patrimônio cultural no Brasil. História v.2 n.2. ISSN 1980-4369 Franca, 2017.

¹⁶⁹ QEDU, Plataforma de dados da educação brasileira, 2019.



Figura 4.3 Escola Rosa, características de implantação. Fonte: NEAB,2019 e Autora 2019.

A primeira foto, datada de 1923, mostra além do edifício, pessoas paradas, encostadas, olhando para rua. Mais ao fundo vemos o pátio com os escolares. Quase um século depois, as mesmas atividades ainda habitam esse lugar. As árvores cresceram, implantou-se um ponto de ônibus e outra coisa permanece igual: o fechamento, leve permeável, memória de outrora, tempos de outra relação entre o público e o privado. Esse é o efeito da patrimonialização, permanece a estrutura frente às novas imposições culturais. A primeira imagem é datada de 1923, e faz parte do acervo do NEAB (Núcleo de Estudos de Arquitetura Brasileira) da Universidade Federal de Pelotas. As seguintes são fotografias registradas em 2019 para este trabalho.

Do outro lado da rua está localizado o Colégio Laranja. É uma escola particular do tipo filantrópica. Oferece turmas desde a creche, passando pela educação infantil até o fundamental completo. É uma escola católica. No censo de 2019, estavam matriculados um total de 752 alunos e 89 educadoras¹⁷⁰. Fundado em 1889 por três irmãs franciscanas, até 1903 o Colégio Laranja atendia somente meninas. Em fevereiro de 2005 mudou-se para o atual prédio¹⁷¹. Também implantada em uma esquina, a escola possui três acessos, separando os fluxos das diferentes idades. A edificação principal é alta e imponente em relação a seu entorno (Figura 4.4). Entre uma parte e outra da escola, visto da rua, há três casas de construção antiga, remanescentes de um período anterior à implantação da instituição. O fechamento é predominantemente por muros ou portões metálicos, é pouco permeável. Quase não há contato visual ao nível do térreo.



Figura 4.4 3 Colégio Laranja, características de implantação. Fonte: autora, 2020.

¹⁷⁰ QEDU, Plataforma de dados da educação brasileira, 2019.

¹⁷¹ Doris Moraes de Campo, coordenadora pedagógica dos anos iniciais da ESFA. Em entrevista ao Diário Popular, fevereiro 2014. Disponível em <<https://www.diariopopular.com.br/opiniaio/escola-de-ensino-fundamental-sao-francisco-de-assis-125-anos-79524/>>

Além do endereço, segundo o senso, as escolas compartilham a falta de laboratórios para o estudo de ciências e apenas o Colégio Laranja possui sala de leitura¹⁷². São duas escolas, **uma murada e a outra condicionada a ser para sempre permeável**. Essa é a relação física estabelecida com a rua, a cidade imediata. Qual cidade? Pelotas é uma cidade média localizada no extremo sul do Rio Grande do Sul, segundo o censo do IBGE de 2019, possui uma população estimada de 342 mil habitantes¹⁷³. Fundada em 1758, é lugar de um significativo conjunto histórico, com 1300 prédios inventariados, representantes de diversos períodos da história urbana brasileira¹⁷⁴. As escolas estão localizadas próximo ao centro histórico da cidade, de uso do solo heterogêneo, mesclando comercial, institucional, residencial e de serviços. Além das escolas, há prédios utilizados para atividades da Universidade Federal de Pelotas. É um ambiente de intensa e circulação de pessoas (figura 4.5), **potente para pulverizar ideias e possibilidades**.



Figura 4.5 Rua Tiradentes com representação de usuários urbanos locais. Fonte: Autora, 2020.

¹⁷² QEDU, Plataforma de dados da educação brasileira, 2019.

¹⁷³ IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2019. [até 2021, em consequência da pandemia, este é o ultimo senso disponível]

¹⁷⁴ IBIDEM

O cruzamento onde estão as duas escolas é semaforizado em três esquinas, sendo que em duas delas há também semáforo para pedestres. As quatro travessias possuem rampa a fim de garantir a acessibilidade das calçadas, as rampas estão desalinhadas da faixa de pedestres. A Almirante Barroso está com mão dupla e a Tiradentes mão única. As duas ruas possuem estacionamento dos dois lados da pista, em frente ao Colégio Laranja há sinalização de embarque – desembarque, em frente a Escola Rosa há um ponto de ônibus. As frequentadoras entrevistadas relatam que a condição das calçadas é irregular e precária em alguns pontos. **Não há sinalização que indique a existência das escolas e a necessidade de dirigir com maior cuidado.** A Barroso se destaca das outras ruas paralelas a ela por ser a de mais intensa arborização. Somando, as escolas atendem a mil trezentas e oitenta e sete crianças. A Associação de Aposentados, antes da pandemia atendia em média seiscentos idosos por dia, com as políticas de isolamento social esse número passou para trezentos. Conjuntamente, essas três instituições geram um fluxo de pessoas significativo e com **características de comportamento e necessidades urbanas diferenciado.** A figura 4.6 reúne essas apreensões.



Figura 4.6 Equipamentos urbanos e público atendido. Fonte: Autora, 2021.

O Código de Trânsito Brasileiro define as vias baseado nas suas características de mobilidade e capacidade de trânsito para veículos motorizados. O endereço estudado é a esquina formada por duas ruas coletoras. Na figura 4.7 apresento algumas imagens do local e um recorte localizando as escolas no mapa de hierarquia viária de Pelotas¹⁷⁵. Esse tipo de rua é identificável por ser aquelas que possuem mais semáforos e pontos de ônibus¹⁷⁶. A legislação determina que nessas vias a velocidade máxima deve ser de 40 km/hora. O manual de sinalização para entornos escolares orienta que as escolas não devem ser instaladas em vias dessa configuração devido ao **fluxo incompatível com o uso das instituições**¹⁷⁷.

¹⁷⁵ PELOTAS, Lei do Plano Diretor: Lei 5502/2008 atualizada pela lei 6636/2018. Anexo U03.

¹⁷⁶ DENATRAN, 2000. Departamento Nacional de Trânsito. Manual Brasileiro de Sinalização de Trânsito: Sinalização de áreas escolares. Brasília, DF, 2000.

¹⁷⁷ IBIDEM



Figura 4.7 Barroso e Tiradentes, vias coletoras. O pin rosa e laranja localiza as duas escolas.
Fonte: Autora, 2020.

Para além de minha percepção técnica e de moradora do entorno, nas minhas entrevistas perguntei às interlocutoras quais são as particularidades desse lugar. Foi recorrente o relato de que essa é região é diferenciada no centro da cidade porque o fluxo de pessoas é menor e por ser bastante residencial, os comércios da região são em sua maioria de pessoas que trabalham junto à suas casas. Quanto à estrutura, consideram que a Almirante Barroso é **demasiadamente larga, difícil de atravessar**. No levantamento de campo, identifiquei que o leito carroçável da Tiradentes tem 9,90 m, já a Barroso tem aproximadamente 11,80, sendo a diferença de tamanho entre as duas ruas de aproximadamente dois metros. Atenta a percepção de risco e desconforto ocasionada por esses metros a mais, encontrei estudos mexicanos que indicam **a largura mais segura para uma via como sendo de 7,5 metros**, apontam também que a frequência de acidentes com os pedestres aumenta 3% a cada metro além¹⁷⁸.

¹⁷⁸ WELLE, Ben; LIU, Qingnan; LI, Wei; ADRIAZOLA-STEIL, **Claudia**; KING, Robin; SARMIENTO, Claudio; OBELHEIRO, **Marta**. O desenho de cidades Seguras. WRI – World Resources Institute – Embarq, 2017.

A escola está localizada numa intersecção de quatro aproximações, esse tipo de cruzamento está entre os de maior tendência para acidentes. É possível notar que essa travessia foi tratada de maneira diferenciada de seu entorno. Visando diminuir riscos, algumas atitudes de desenho já foram tomadas como a instalação de sinaleira e de “orelhas”¹⁷⁹ nas esquinas. Observa-se que essas adequações são bastante localizadas, impactando **mais quem chega ali de carro e estaciona nas redondezas do que efetivamente proporcionando uma rota escolar segura**. Há quatro faixas de pedestre nesse cruzamento e outra no meio da quadra da Barroso, em frente a porta de acesso à educação infantil do colégio laranja. Essa concentração gera pontos desassistidos de travessias, o que induz que os usuários não escolares, como da Associação de Aposentados, atravessem a no meio da via. Neste caso, alguns com dificuldade de locomoção, arriscam-se para encurtar o caminho. A frequência das faixas de pedestre, como dispositivos que tornam a travessia dos pedestres mais seguras, é intensa em direção ao centro, e, na ocasião estudada, praticamente inexistente em direção a periferia da cidade. Esse levantamento está registrado no esquema da figura 4.8.

¹⁷⁹ Apelidadas de Orelhas, consistem em avanços na calçada sobre a parte da pista destinada ao estacionamento de veículos. Assim diminuem a travessia e aumentam a visibilidade do pedestre.



Figura 4.8 Localização das Faixas de pedestre com polos de atração de pedestres da região.
Fonte: Autora, 2021.

Outro fator que influencia **na percepção e na segurança viária** está relacionado ao tamanho das quadras, para conforto dos pedestres recomenda-se que elas não ultrapassem 150 metros¹⁸⁰. Essas dimensões estão relacionadas ao ganho de velocidade dos carros e comportamento dos motoristas nessas vias. As quadras da região variam seu comprimento próximo a 90 metros. Em uma análise superficial é um tamanho adequado, mas **a análise crítica de quem vivencia esse espaço** (coletada em entrevistas) indica que outras variáveis influenciam na situação estudada. A presença da sinaleira na Almirante Barroso, quando aberta para os veículos, acaba por provocar o aumento das velocidades daqueles que pretendem avançar antes de seu fechamento.

¹⁸⁰WELLE, Ben; LIU, Qingnan; LI, Wei; ADRIAZOLA-STEIL, **Claudia**; KING, Robin; SARMIENTO, Claudio; OBELHEIRO, **Marta**. O desenho de cidades Seguras. WRI – World Resources Institute – Embarq, 2017.

Dessa forma a quadra adquire quase 180 metros, torna-se uma pista de aceleração, aumentando a insegurança dos pedestres.

Na mesma quadra da Escola Rosa, nas esquinas entre a Tiradentes e a Santa Cruz, os acidentes de trânsito são tão recorrentes que os comerciantes e **moradores locais tomaram medidas próprias de intervenção** e também solicitaram junto à prefeitura municipal o acréscimo de sinalização. Em uma das esquinas foi adicionado estruturas de concreto para evitar que os carros invadam a calçada, e na esquina oposta foi instalado um aparelho luminoso para salientar a necessidade de que os carros que transitam em mão única parem no cruzamento (figura 4.9). No mapa abaixo foi identificado em vermelho o cruzamento perigoso em questão, e em amarelo a localização vizinha das duas escolas.

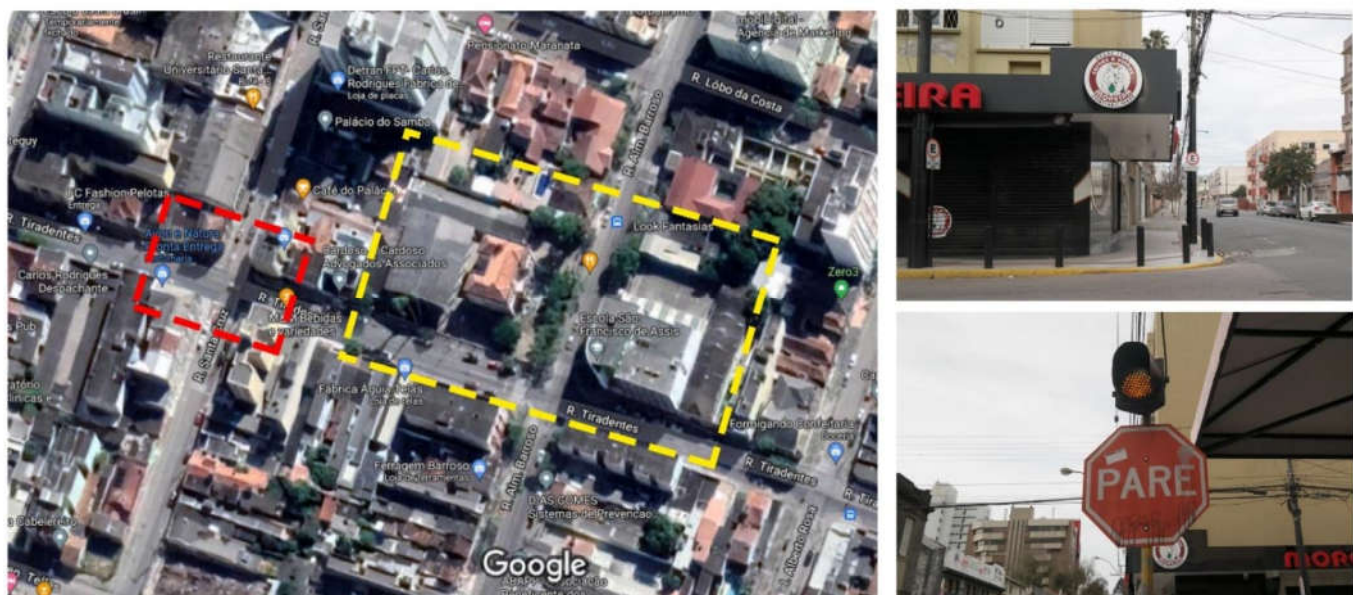


Figura 4.9 Cruzamento Perigoso. Fonte: Google Maps e Autora, 2021.

A desconexão com as zonas periféricas da cidade aparece nas entrevistas relacionadas à falta de um ciclo faixa que ligue efetivamente os diferentes públicos atendidos pelas escolas. A diferenciação do tratamento viário nas diferentes direções pode ser evidência da marginalização dos mais pobres mesmo enquanto usuários de equipamentos centralizados. Os territórios educadores precisam estar conectados em

uma cidade que assume seu papel de educadora¹⁸¹. Para conexão atrelada à melhoria dos trajetos urbanos o uso da bicicleta é uma opção. Ela aparece nas entrevistas como um potente instrumento de interação da criança com a cidade. Os estudos sobre a percepção infantil nos trajetos escolares, discutidos no referencial teórico, apontam como ela é mais rica quando em modais ativos, como a bicicleta ou a caminhada a pé¹⁸². Dessa forma é essencial pensar **nas rotas e trajetos escolares e não apenas no entorno imediato**, promovendo conexões com qualidade e segurança para os corpos fora das máquinas motorizadas. A qualificação que prioriza pedestres e ciclistas, além de incentivar a mobilidade ativa, mais saudável e econômica, aumenta a segurança pois gera ruas mais habitadas e trabalha a favor de democratizar os espaços e eventos que acontecem no centro.

Algumas estratégias de desenho urbano já foram tomadas para qualificar essa região como a sinalização semaforica e o rebaixamento de calçadas, porém essas estratégias têm se mostrado insuficientes para atuar na homeostase do risco, as mães relatam que **não podem confiar que a sinalização será respeitada pelos motoristas**, então, mesmo que as crianças saibam utilizar as travessias, consideram que elas não são seguras. No mesmo sentido a **presença dos cruzamentos semaforizados é percebida como agravante da insegurança** por alguns usuários. O Código de Trânsito reconhece a necessária atenção para os espaços do entorno escolar, prevê em forma de lei que sejam realizadas intervenções afins de **adequar esse espaço ao uso dos escolares**¹⁸³. Reconhecendo essas zonas como especiais é prevista em lei a possibilidade de alteração nos sentidos das vias, ordenamento dos estacionamentos, mudanças de ponto de parada de ônibus, alargamento de calçadas, redução das travessias e o trabalho de agentes no monitoramento¹⁸⁴. Este estudo permitiu constatar que **as usuárias estão insatisfeitas** com a estrutura existente, confirmando a necessidade de pensar em uma solução mais adequada para esse entorno específico.

¹⁸¹SINGER, Helena. Territórios Educativos: experiências em diálogo com o Bairro – Escola. São Paulo: Moderna, 2015.

¹⁸² VALVERDI, Ari Fernando Valverdi. Infancia en auto o caminando. Efectis en la concepción de la ciudad. 2018. Disponível em <https://laboratorioespaciopublicomexico.wordpress.com/2018/03/07/infancia-en-auto-o-caminando-efectos-en-la-concepcion-de-la-ciudad/>

¹⁸³ DENATRAN, 2000. Departamento Nacional de Trânsito. Manual Brasileiro de Sinalização de Trânsito: Sinalização de áreas escolares. Brasília, DF, 2000.

¹⁸⁴ IBIDEM

4.1 – Relato de observação.

Por morar na vizinhança da escola entrei em pesquisa através das capturas cotidianas que esse entorno provoca. Lembro de uma ocasião quando no início da tarde cruzei com duas menininhas que iam de mãos dadas, pouco depois passei por uma mulher que dá porta do carro gritou: “larga isso Bela, você está atrasada”, de longe vi que imediatamente a menina soltou a folha que havia encontrado no chão e seguiu o caminho de suas urgentes obrigações. Também não era incomum ver as mãos loucas por se soltar que prometiam esperar na esquina, o desejo infantil por seguir seu próprio ritmo. A figura 4.10 ilustra alguns desses momentos cotidianos, as crianças vêm e vão, de mãos dadas com suas responsáveis, no canto da imagem um trecho da música de Chico Buarque, que poetiza essa ânsia por autonomia.



Figura 4.10 Registros do entorno escolar com trecho da música Massarandupió. FONTE: Autora, 2020.

A pesquisa também seguiu por conversas informais, uma aluna egressa de uma das instituições me contou sobre um bordão associado a Escola Rosa: “Assumpção, entra burro e sai ladrão”. Esse relato demonstra que os estereótipos de violência relacionados a pobreza, apresentados por Santos como relacionados a periferia, são marcadores sociais que acompanham a escola pública mesmo quando inserida em uma área central da cidade¹⁸⁵. Essa e outras capturas de diferenciação e comparação entre as duas escolas evidenciam que nesse lugar coexistem diferentes infâncias.

¹⁸⁵ SANTOS, Boaventura Souza. *A Universidade no Século XXI: Para uma Reforma Emancipatória e Democrática da Universidade*, 2010.

Passei algumas semanas observando e fotografando o funcionamento desse entorno durante a atividade escolar. Apesar do meu cuidado para não ser notada, minha presença nunca passava despercebida, gerava curiosidade, incômodo. No primeiro dia do mês de outubro de 2019, observei um telefone sem fio de gestos que acontecia no pátio da Escola Rosa. O relógio marcava 17:11 horas e junto comigo na calçada adultos e outras crianças já aguardavam a saída (figura 4.11), as pequenas muito animadas com a brincadeira que viam. Estico o olhar e observo que no Colégio Laranja o vendedor de algodão doce colorido chega quase junto com a saída das crianças às 17:20. Observo três intensidades, a da **comunicação pelas grades entre quem já saiu e quem permanece dentro da escola, brincadeiras de toda sorte que acontecem espontaneamente e a forte presença de idosos**. O horário da saída escolar não coincide com o horário comercial, acredito que por esse motivo alguns avós são encarregados de buscar as crianças.



Figura 4.11 Fotos da Saída da Escola Rosa. FONTE: Autora, 2019.

Depois de alguns dias observando e sendo notada, minha apresentação se fazia urgente, em um dia de comemoração do dia da criança, acontecia na escola a “festa do cabelo louco”, a **ludicidade do momento** me deu coragem para conversar. Lembrei dos escritos de Brené Brown: demonstrar vulnerabilidade é a melhor forma de conexão, é eficiente para travar conversas porque as pessoas efetivamente se abrem¹⁸⁶ Me

¹⁸⁶ BROWN, Brené. Coragem de ser imperfeito. Editora Sextante. 1 edição. Setembro, 2016.

aproximei de duas adolescentes que me notaram desde a primeira ida a campo. contei para elas que estava ali por querer desenvolver um projeto junto a escola, mas que estava com vergonha de chegar. Elas riram, falaram que estudam ali e que eu não precisava me preocupar porque na Escola Rosa “todo mundo adora projetos”. Elas recomendaram que eu procurasse a monitora da tarde que certamente gostaria de colaborar com o meu trabalho. Em seguida falaram entre elas algo que eu não compreendi, a mais falante delas me olhou e disse “a gente gosta desses estudantes, esses da faculdade que sempre passam por aqui e ficam pela praça, eles são normais, mas um pouco loucos, a gente quer ser assim também”, a outra completou “eu queria ser esse casal”.

Esse acontecimento ficou latente nos meus pensamentos como evidência da importância e efetividade de ser o campus universitário **disperso** na cidade. A professora e arquiteta Andrea Moassab nos conta sobre a criação das universidades na Europa do século XV de forma eminentemente atrelada, funcional e espacialmente, a urbanidade. Eram instaladas no centro das cidades. Posteriormente, já na colonização da América, surge o conceito de *Campus* que procura resguardar a produção intelectual ao instalar as universidades afastadas do “descontrole das cidades”¹⁸⁷. Pelas dinâmicas de sua fundação, unindo diferentes instituições existentes na época, a UFPel apresenta-se como uma estrutura híbrida, compartilhando do modelo europeu e também do norte americano ¹⁸⁸. A inserção dispersa na cidade foi reforçada a partir de 1986 através do projeto Universidade na Cidade, coordenado pela professora Ester Gutierrez, que procurou ocupar as estruturas fabris desativadas no Bairro Porto de Pelotas, assim como prédios históricos na área central¹⁸⁹. A fragmentação experienciada pela Universidade Federal de Pelotas mostra-se eficaz em promover encontros e demonstra como a **inserção das instituições faz parte de seu plano de ensino**. O campus aberto, disperso, colabora com a troca permanente entre escola e cidade, a Universidade

¹⁸⁷ MOASSAB, **Andrea**. CAMPUS UNIVERSITÁRIO: uma reflexão para o século XXI a partir do estudo de caso da instalação da Universidade de Cabo Verde. Revista Palíndromo, Universidade do Estado de Santa Catarina. Centro de Artes. Mestrado em Artes Visuais. v.5., n. 5 (2011) - Florianópolis : UDESC, 2009. pp195-223.

¹⁸⁸ PERES, Otavio M.; ESSINGER, **Cintia** ; GOULARTE, **Daniela**. UFPel, Espaço Urbano e a Cidade de Pelotas. In: MICHELON, Francisca Ferreira (org.). O patrimônio industrial da Universidade Federal de Pelotas. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária, 2019. p. 61-68.

¹⁸⁹ IBIDEM

Federal de Pelotas se faz um pouco **mais próxima com suas pessoas normais circulando por ali.**

Na semana seguinte fui, conforme a indicação das meninas, conversar com a monitora. Ela me recebeu com uma postura rígida, depois me chamou para sentar ao seu lado num banquinho próximo ao portão e logo exclamou para uma professora que passava por ali “essa está comigo”. A minha interlocutora estava com sessenta e três anos, trinta e sete de dedicação à Escola Rosa. Uma das primeiras coisas que me contou foi do orgulho que sente por acompanhar a vida de pessoas que estudaram ali, que se formaram e hoje trazem os filhos e até os netos. Contou também que as crianças vêm de todas as regiões da cidade, poucas são do entorno, **a maioria está ali porque seus pais trabalham por perto.** Além disso é a Escola que mais recebe crianças advindas de abrigos. Relatou que só ela tem as chaves, “ninguém entra e ninguém sai” sem o seu conhecimento. Assim como as meninas, a monitora chamou a professora de artes que “adoraria participar”, ela por sua vez disse que era necessário que primeiramente eu marcasse uma conversa com a coordenação para depois dar prosseguimento ao estudo.

No final de novembro retornei à escola a fim de conversar com uma das responsáveis pela coordenação. Ela me recebeu na sala das professoras, conversamos sobre minhas intenções de pesquisa e ela me perguntou sobre a dinâmica de interação com as crianças. Eu ainda não tinha definições e ela sugeriu conversas individuais pois assim as crianças se concentram e são capazes de dar respostas mais objetivas. Me orientou também que era necessário apresentar à secretaria de educação um documento especificando as atividades, os horários e as turmas que iriam participar. A conversa seguiu animada para outras trocas, quando ela estava me contando sobre um educador progressista que a inspira, **risadas interromperam o silêncio que pairava no corretor.** Subitamente ela pediu licença e foi até a fonte do barulho: *“Fernando, Lucas e Gabriel, vocês estão achando que isso aqui é o que? um parque de diversões? ... Já para o lugar de vocês, eu vou avisar a professora que os três vão ficar na sala durante o recreio”.* Esse acontecimento criou um alerta em meio ao meu desejo de transformar a escola em um lugar de diversão. Dentro das salas parecem haver “formigas na cadeira”, mas a disciplina permanece hipervalorizada, a coerção é ferramenta de controle que os adultos, quando cercados por crianças, temem perdê-lo.

Para estabelecer contato com o Colégio Laranja parece haver mais barreiras que seus altos muros. O prédio tem três acessos, mas a forma de contato foi através de uma carta de apresentação enviada por *e-mail*, depois, pelo telefone, marquei uma reunião. A conversa se deu no dia quatro de março de 2020. Na entrada um segurança me recebeu e instruiu que eu subisse a escada e falasse com a secretária. Já no segundo andar reconheci a mulher com quem conversei no telefone, ela me indicou a sala da coordenação, chegando lá me sentei na sala de espera. Diferente da Escola Rosa, por ali não parecia haver crianças, acredito que a área administrativa fique distante dos ambientes de permanência dos alunos. Quando encontrei com a educadora, contei sobre a pesquisa e sobre o edital da SECULT. Ela considerou a proposta “extraordinária”, falou que era preciso passar um documento para direção, mas que provavelmente seria aprovado. Depois quando ela me perguntou sobre as datas, tivemos a então quase-certeza abalada: respondi que a previsão era para o feriado do dia onze de julho, e ela disse que a escola é uma instituição católica e já teria outras programações para essa data. Assinalei que poderíamos alterar, sendo necessário entrar em consonância com a Escola Rosa, nesse momento as duas professoras se entreolharam, uma falou que talvez a diretoria não aprovasse o evento em conjunto, pois os alunos da instituição são muito pequenos. Essa resistência em unir os alunos das duas instituições precisaria ser investigada mais a fundo uma vez que as duas escolas abrangem a educação infantil e o ensino fundamental, com a faixa etária dos alunos correspondente. Tornarei aos relatos da etapa de observação quando se fizer necessário no decorrer do texto que segue.

4.1.3- A inserção urbana da escola brasileira - um relato de viagem

Que ambiente é esse? Que lugares temos aqui? Viajei procurando conhecer a rua da escola, a fim de identificar no mapa os afetos desse espaço. Quais as pistas que a observação ativa pode nos dar para avançarmos na compreensão desse ambiente? Deambular e se deixar levar pelo *google maps*, percorrer sua infinidade e também defrontar-se com suas limitações. Nesta viagem pude identificar a ocorrência dos perfis de escola mapeados por Elali em uma pesquisa em Natal¹⁹⁰. Há escolas que se abrem para rua, há as que fiquem distantes isoladas no lote, já outras estão tão na rua que o que as separa é só uma parede, não tem calçada. Tem as dos muros altos, tem as dos

¹⁹⁰ELALI, Gleice Virginia Medeiros de Azambuja; Ambientes para educação infantil: um quebra cabeça? Tese de doutorado. FAUUSP, São Paulo, 2002.

muros baixos, muitos portões abertos e muitas grades. Há variações de implantação, partido, aberturas, estrutura, conservação, mas o entorno carrega características comuns em todas elas. **Pelo *maps* não podemos saber com exatidão o horário do registro, e mesmo assim, de alguma forma submersa no tempo, é possível identificar a recorrência da apropriação desse território, atrai pessoas, tem gente, sempre alguém ali aguarda.** Ele é um território vivo como poucos outros na cidade. “A porta da rua é serventia da casa”¹⁹¹, a conexão com a rua se mostra realmente útil. A porta da escola é um lugar latente de encontro e de espera. As próximas figuras trazem retratos desse ambiente (figuras 4.12 e 4.13).



Figura 4.12. Relato Retrato de Viagem. Porta da rua é serventia da casa. Imagens Google Maps. Colagem: Autora, 2020.

O que vi ali? Pé de manga madura, tem gente e tem espera! Sempre tem espera. A mãe que espera o filho, a filha que espera mãe, tem uma guria que está ali só de olho, e aí tem beijo na boca. Tem encontro na espera. Tem o pipoqueiro, e tem a pipoca à espera de melear os pequenos dedos. Tem um menino que espera em cima da

¹⁹¹ Dito popular.

bicicleta. Tem as crianças que esperam dentro, mas o mais próximo da rua possível, coladinhas no portão. Coladinhas no portão. Tem curiosidade! Tem espera curiosa! Tem uma mulher que espera e amamenta enquanto espera, alimenta enquanto espera. Tem que ter banco na espera, tem que ter sombra pra esperar, tem que ter descanso bonito para pousar o olhar. Tem o tempo do olhar. O tempo do parar. O tempo do parar para olhar. O tempo pra que a espera curiosa repouse o olhar, que se demore, **um espaço de demora. Um espaço de encontro.** Encontro na espera, encontro que demora. Na espera que demora.



Figura 4.13 Relato Retrato de Viagem. Imagens Google Maps. Colagem: Autora, 2020.

Na porta tem criança de toda idade. Tem avó que busca na escola. Os avós buscam muito na escola. Eu não tinha reparado. As avós também buscam na escola. Você lembra da espera? Eu me lembro da espera... sentava numa janela muito boa de sentar. Tinha brincadeira, tinha elástico, tinha “*pitstop*” de pisar no pé, tinha amarelinha. Fazendo intermédio entre o dentro e o fora tinha tia Jane, conhecia todos pelo nome, os pais e os filhos, gritava para fazer a conexão entre os que chegavam e os que esperavam.

O entorno escolar pode ser visto como um ambiente de meio de caminho. Ele traz ótimas oportunidades para habitar na infância pois funciona como a soleira da porta, onde a criança olha para o mundo, segura da proximidade da família¹⁹². Ali no meio do caminho estão as camadas que separam o público do privado, o conhecido do inédito. É gerador de oportunidades para que as crianças esbarrem com o mundo¹⁹³. Assim, esse espaço diferencia-se não apenas pelo público que reúne, mas também pelas características intrínsecas da instituição escolar. **O entorno imediato torna-se local de socialização constante**, é lugar de permanência para comunidade escolar para além de quem frequenta formalmente o espaço institucional. É local de trocas econômicas e sociais, **é polo atrator de pessoas no centro ou na periferia**, apropriado em suas diferentes formas de acolhimento ou aridez. **É um espaço urbano diferenciado**.

4.1.4- O isolamento escolar

O incômodo que motivou essa pesquisa advinha do fechamento físico das instituições escolares, da preocupação com a imagem pedagógica que os muros passam, e do isolamento das crianças em relação ao exterior durante sua jornada escolar. Nos estudos bibliográficos encontrei a educadora Lea Tiriba que nos fala sobre o **emparedamento** das crianças em salas de aula e o prejuízo causado pela **perda de experiências** de contato com o ambiente aberto e com a natureza¹⁹⁴.

Eu, enquanto pesquisadora interessada em dialogar com a escola, notei que minha aproximação aconteceu de forma diferente nas duas instituições devido às condições **de fechamento** de cada uma delas (figura 4.14). Beatriz Goulart em seu material produzido ao longo de 20 anos de trabalho com as concepções de cidades educadoras, aponta que há diferentes **condições de estanqueidade das escolas**¹⁹⁵. A escola Rosa, somada a seu caráter de instituição pública tem um amplo pátio separado da rua apenas por uma grade, nesse pátio acontecem aulas e as crianças brincam. Do lado de cá do muro,

¹⁹² Oliveira, **Rayssa**. Espaços Afetivos, habitar a escola. 1 ed. São Paulo. Ed. Do Autor, 2021.

¹⁹³ TIRIBA, **Lea**. Educação Infantil como Direito e Alegria. Em busca de pedagogias ecológicas, populares e libertárias. Editora Paz e Terra. Rio de Janeiro/ São Paulo, 2018.

¹⁹⁴ IBIDEM

¹⁹⁵ DE FARIA, **Ana Beatriz Goulart**. Por outras referências no diálogo entre arquitetura e educação: na pesquisa, no ensino e na produção de espaços educativos escolares e urbanos. Em Aberto, Brasília, v. 25, n. 88, p. 99-111, jul./dez. 2012

algumas vezes sentadas ou apoiadas na mureta, mães, irmãs, pais e avós esperam na calçada. O conjunto dessas características faz da escola mais permeável, tornando-se a primeira que me aproximei, permitiu que eu chegasse e me apresentasse, já no Colégio Laranja foi preciso que eu enviasse uma carta de apresentação através de uma conhecida mãe de aluno, que entregou a carta em uma reunião e então através do *e-mail*, consegui agendar para ir até a escola.



Figura 4.14 Escolas Ilhas – Diferente condição de isolamento das instituições. Fonte Autora, 2021.

Quando levei o assunto do isolamento nos diálogos com as minhas interlocutoras percebi que **o medo da vulnerabilidade** das crianças no meio urbano preocupa a comunidade escolar **mais do que as possíveis privações ocasionadas por esses fechamentos**. Em uma conversa de final de tarde com uma das responsáveis por mediar a entrada e saída da Escola Rosa, quando estávamos sentadas próximas ao portão, perguntei para ela sobre a relação tão direta com a calçada e para exemplificar o comprarei com a escola da frente. Ela disse que o contato é ruim, que precisa constantemente mandar as crianças se afastarem da grade, acrescentou também que já solicitaram o fechamento, mas que por se tratar de um patrimônio histórico, o pedido não pode ser atendido. Acrescentou que a escola da frente “*é uma maravilha, toda fechada, ninguém se intromete*”. Lembrei das constatações de Mayumi de que quando se naturaliza o poder dos dominantes, os espaços ocupados por eles são proibidos para os demais e sobre este pairam mistérios, são associados ao maravilhoso, ao fantasioso e mágico. Esses espaços sustentam a ilusão de superioridade daqueles que são “naturalmente” colocados em conforto¹⁹⁶.

Na mesma conversa, quando começaram a chegar os primeiros familiares que aguardavam na calçada e aproveitei para falar sobre a possibilidade de prover mais estrutura para essa espera na rua, e ela prontamente disse “*deus livre bancos, se der comodidade demais os pais vão morar aqui*”. Posteriormente em minhas leituras encontrei uma possível explicação para esse desejo de manter os pais longe da escola. A educadora Êda Luiz, nos fala que essas posturas de fechamento da escola diante de novas possibilidades advêm do medo da mudança e do medo da exposição. A divisão de poder é assustadora para a escola tradicional. **Quando a escola se abre, deixa de ser o todo e passa a fazer apenas uma parte do trabalho**, há medo de perder o controle, seu padrão de funcionamento. Ela ressalta que esse medo deve ser combatido uma vez que quando bem trabalhada, **a relação com a comunidade fortalece a ação da escola**¹⁹⁷.

Durante a etapa de observação, vi que esse **isolamento adquire outras formas**. Nos horários de entrada e saída no colégio laranja os veículos de transporte escolar

¹⁹⁶ LIMA, **Mayumi** Watanabe de Souza. A cidade e a criança – Coleção Cidade Aberta. São Paulo: Nobel, 1989.

¹⁹⁷ LUIZ, **Eda**. Entrevista para Carolina Prestes. “Dá para fazer diferente em educação pública”. Portal Escolas Transformadoras, 2016.

estacionam imediatamente na frente das portas de saída formando um corredor sombreado entre a rua e a escola. Eles tapam não só a luz de um sol já bastante oeste, mas também **escondem a rua**. Parte das crianças sai da escola, dá poucos passos e entra no veículo. O estacionamento paralelo à calçada ocasiona um fenômeno denominado *obstacularização* de parte da cena¹⁹⁸ caracterizado por limitar o alcance da visão. Além de privá-los de mais uma forma do contato com a cidade, é um fator de perigo para possíveis atropelamentos. Na colagem da figura 4.15 apresento fotos dessa ocorrência e um esquema comparativo entre a estatura das crianças em idade escolar e a altura dos veículos que por ali circulam e estacionam. Na imagem superior esquerda observo a vista desse corredor pelo lado da rua oposto (calçada da Escola Rosa) e nas duas imagens seguintes a visão a partir da calçada do Colégio Laranja.

¹⁹⁸KOHLSDORF, **Maria Elaine**. *Apreensão da Forma da Cidade*. Unb - Fund. Univ. De Brasília; Edição: 1ª, janeiro de 1996.



Figura 4.15 Colagem saída Colégio Laranja e esquema de obstacularização. Fonte Autora, 2020.

Ainda sobre os impedimentos estruturais e viários à conexão da escola com a cidade, uma mãe e professora da Escola Rosa relatou em entrevista que apesar de considerar a permeabilidade positiva no sentido de não deixar as crianças numa redoma, o contato com o exterior é reduzido por ser o **centro um lugar muito atrativo para**

“fuga” dos alunos, demandando maior controle pelos pais e pela escola. Além disso, o ambiente muito agitado dificulta as saídas de campo e provoca, comparativamente, uma **relação muito menor entre a escola e seu entorno** quando comparada às escolas de bairro. Dessa forma, além da ideia inicial que guia esse trabalho de que a inserção da escola em seus aparatos de abertura/fechamento afasta o ambiente escolar da vida na cidade, **a forma que a cidade se apresenta nesta interface também é um fator de diferenciação para a experiência urbana escolar.**

No decorrer da pesquisa me deparei com as fronteiras que, no outro sentido, separam a cidade de participar da escola. Nas primeiras investidas de contato com a Escola Rosa, conversei com alunas e mães que aguardavam na calçada do lado de fora, depois minha conversa foi com a zeladora. Em seguida fui alertada que esse não era o caminho certo a seguir, que pela **hierarquia da organização** institucional eu devia primeiramente conversar com a coordenação. Quando na ocasião do evento, a direção da escola recomendou que eu procurasse primeiramente a Secretaria Municipal de Educação (SMED) com uma **carta de apresentação “assinada e carimbada” pela Universidade** e um Plano de Ação detalhado sobre a interação com a instituição. Esses percursos são legítimos uma vez que cada unidade escolar envolve vidas, famílias, orçamentos, grades curriculares, verbas, séries, horários, merendas, expectativas, obrigações, currículos, conselhos, prestações de contas ..., mas acabam por se tornar empecilhos para **ação de agentes educacionais não escolares.**

Quando em novembro de 2020, já no período de pandemia e isolamento social, procurei a escola e a SMED (Secretaria Municipal de Educação e Desporto) para conversar sobre a possibilidade da promoção de um cinema ao ar livre no amplo pátio, seguindo todos os protocolos possíveis, tive o pedido negado sob a justificativa de que as escolas estavam enfrentando inúmeras dificuldades para prosseguir suas atividades. É característico da educação atrelada a escola a **dificuldade para se adaptar às necessidades imediatas** e enfrentar as dificuldades contemporâneas¹⁹⁹. Dessa forma a atividade de intervenção urbana realizada através do Cinema de Rua desenvolveu-se em ambientes, e através de agentes, não escolares. Meu pensamento também se

¹⁹⁹ ILLICH, Ivan. Sociedades sem escolas. 7. ed. Petrópolis: Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1985. 127p.

deslocou para essas possibilidades e lembrei da máxima das cidades educadoras - **A EDUCAÇÃO NÃO CABE NA ESCOLA.**

Confundir educação com escola é como confundir religião com igreja e saúde com hospital²⁰⁰. A confusa fusão entre essas necessidades e instituições é sintoma da ação de poderes e controles sobre a vida cotidiana. Durante a exibição do cinema na praça da Balsa a **distância entre a escolarização real e a educação ideal** ficaram evidentes. Estávamos exibindo curta metragens, fizemos um intervalo onde eu conversei com as crianças e distribuí os livretos. As crianças que estavam participando tinham idades variadas e a maioria delas não sabia ler, quando entreguei o livro elas ficaram constrangidas: **“tia, mas eu não tenho estudo”**, me disse uma das meninas, como se se desculpasse. Respondi que tudo bem, que era um livro de colorir e elas me responderam que não tinham lápis em casa. *Nenhuma das crianças tinha lápis, doze crianças, nenhum lápis.*

As instituições educacionais ensinam que a aprendizagem é cumulativa e etiquetada, e assim se define o valor social de cada um. Illich²⁰¹ defende que a confiança no tratamento institucional da educação cria desconfiança a qualquer tipo de realização educacional diferente da escola, e que a instituição é insuficiente para superação da desvantagem educacional. Isso porque a educação exigida pela vida ultrapassa as possibilidades escolares e **as crianças pobres não têm as oportunidades extraescolares que uma criança de classe média possui**. Os mais pobres têm sua autoestima destruída através da submissão a crença que só há salvação pela escola²⁰². Diante da miséria há tão poucos metros das instituições estudadas, entendi e constatei que para **propiciar educação para todos é necessário que ela seja feita também por todos**²⁰³, **a corresponsabilização pela educação precisa ser compartilhada**. Assim reforcei meu pensamento a fim de alternativas para uma educação não escolar espacializada.

²⁰⁰ IBIDEM

²⁰¹ ILLICH, Ivan. Sociedades sem escolas. 7. ed. Petrópolis: Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1985. 127p.

²⁰² IBIDEM

²⁰³ FERNANDES, Sabrina. Se quiser mudar o mundo. Editora Planeta, outubro 2020.

Eu sabia que a ação de intervenção traria novas compreensões, mas me surpreendi com o poder dela em aprofundar aquilo que eu imaginava já ter compreendido na teoria. Alguns achados da prática me trouxeram camadas de compreensão que quando escrevo voltam para uma superfície teórica. Um aprendizado difícil de trazer para o papel. Aos meus vinte e sete anos, nessa etapa do mestrado, o meu **filtro sobre o mundo é transpassado por vinte e cinco anos de escolarização**. O texto escrito e seu universo parecem quase natureza para mim, mas nas minhas experiências de distribuição dos livretos compreendi com o corpo todo que esse é **apenas um dentre tantos universos** (Figura 4.16). **A familiaridade com os objetos escolares não é natural**²⁰⁴. Os dois grupos que participaram da intervenção possuem diferentes graus de pertencimento com esses objetos. No primeiro grupo, do bar do Maurício, quando comecei a distribuir os livros uma menina me perguntou se poderia levar um a mais para sua irmã que ficou em casa, permiti. Logo em seguida me pediram mais um, junto com a exclamação de uma outra criança “tia, agora todo mundo vai ter irmã pra levar dois”. Ali os livros foram **percebidos como fonte de algum prazer possível para elas**. Já na Balsa, quando fui distribuí-los às crianças tiveram resistência em pegá-los, ficaram incomodadas com o fato que os levariam para casa. Se desculparam por não saber ler, por não ter lápis para pintar.

²⁰⁴ FREIRE, Paulo (org). Cuidado, escola!. Genebra, maio 1980.



Figura 4.16 Colagem sobre a cultura escolar como cultura letrada. Fonte: Autora, 2021.

Essas reflexões me levaram a concluir que explodir os muros e abrir a escola para o espaço urbano é correr o risco de esquadrihar²⁰⁵ o espaço, colocar sobre ele a disciplina e a ordem²⁰⁶. A ação de ir a campo e agir longe das instituições me fez olhar para além das necessidades escolares que eu buscava, e **olhar para as necessidades educacionais**. Sabrina Fernandes nos explica a diferença entre promover a Igualdade de oportunidades e de tratar a desigualdade. A primeira trata de nivelar aspectos historicamente diferenciados entre duas pessoas que tiveram vivências diferentes, já a segunda significa trabalhar na estrutura para que a desigualdade não se crie²⁰⁷. As cotas

²⁰⁵ O manejo regulador do espaço é uma das ferramentas da disciplina na produção de corpos dóceis. Ele se dá na delimitação de espaços para cada ação; para cada pessoa.

²⁰⁶ FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir. 40 ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

²⁰⁷ FERNANDES, Sabrina. Se quiser mudar o mundo. Editora Planeta, outubro 2020.

para adentrar em instituições estruturalmente excludentes agem na promoção de igualdade de oportunidades, já o **fomento da educação não escolar, a potencialização de oportunidades e agentes educacionais** alternativos pode trazer caminhos para ampliar os horizontes, as escolhas e os instrumentos, numa formação mais constante e menos hierarquizada.

4.1.5- O pertencer sufocado pelo valor de troca

Retomo o poema de Clarice Lispector que abre o capítulo de revisão da literatura: “eu quero pertencer para que minha força não seja inútil e fortifique uma pessoa ou uma coisa”²⁰⁸; a potência do pertencer a um lugar, a um grupo, não nos diz sobre a fraqueza de seres que não existem solitários, mas sim da **potência experimentada quando estamos em grupos**. Pertencer é unir forças. A apropriação, como usufruto de um espaço, favorece o pertencimento. Entendendo como apropriação o manejo afetivo do espaço, e que o ambiente que se faz amável instiga uma evolução relacional de impacto não apenas na relação pessoa - ambiente, mas também nas relações entre as pessoas, proponho uma forma urbana pensada para fortalecer os laços.

Podemos olhar para o lugar como a união entre uma localização, um local e o senso de lugar²⁰⁹. Uma **localização** é uma área geográfica afetada por processos econômicos e políticos, é parte de uma produção maior do espaço, possuidora de **função nesse contexto maior**. Esse estudo trata de uma localização central, centro histórico de uma cidade média, que atrai um significativo fluxo pela prestação de serviços e pelo comércio. Parte dos estudantes dessas escolas estão ali não pela localização de sua moradia, e sim pela proximidade ao trabalho de seus responsáveis. Já o **local** é caracterizado por ser um agregador de instâncias formais e informais, é a **configuração acionada pelo seu uso cotidiano**. No caso estudado o que traz o caráter local é o ambiente escolar e a vizinha associação de aposentados. Já o **senso de lugar** habita a **imaginação humana**, é instância que deriva do viver em um local. O geógrafo Marcelo Lopes defende que essa última instância, de criação humana imaterial, encontra-se perturbada pelos fenômenos modernos que **apagam as singularidades** locais a favor

²⁰⁸ LINSPECTOR, Clarisse. Pertencer – A descoberta do Mundo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.pág 164-167.

²⁰⁹ SOUZA, Marcelo Lopes de. Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 2013.

de uma **homogeneidade da localização** em um plano global²¹⁰. **Atentar-se para fortalecer o valor de uso é fazer frente à forma bruta que os poderes de mercado atuam no espaço urbano e acabam por sufocar as relações.** Um espaço ocupado a fim de fazer predominar seu valor de uso age contra o empobrecimento da experiência urbana.

Se o que faz de um espaço – lugar é o sentimento que as pessoas associam a determinado território, observamos que no caso das escolas há, na régua de Shmuel Shamai²¹¹, os mais **altos níveis de senso de lugar**. As pessoas, unidas por sentimentos de esperança e cuidado, estão **dispostas a doar seu tempo e seus recursos** a fim do que consideram melhor para o espaço de aprendizado de seus alunos ou filhos. Então porque o ambiente estudado permanece sendo de passagem, pouco funcional, pouco apropriado? Arrisco a dizer que é um sintoma da cidade contemporânea neoliberal. A mesma lógica que sufoca o Estatuto da Cidade, o capital especulativo que comanda o Plano Diretor, sufoca as vivências na rua. Esse entorno escolar **está sujeito ao seu valor de troca**, a prioridade é para a máxima velocidade permitida em uma via coletora no centro urbano. Dessa forma as escolas são apenas uma localização em uma malha viária pensada para conectar com a maior fluidez as diferentes zonas da cidade. O olhar atento promovido por essa pesquisa sugere que essa fluidez, essas conexões criadas, **não englobam a necessidade de quem não está ali só de passagem**, mas vive e desenvolve suas relações nesse espaço.

O território é uma relação social espacialmente localizada, assim, as relações tornam-se espaço²¹². Sobre essa criação de território se impõe o olhar para o espaço urbano como mercadoria. O território é, e também faz parte, de uma das dimensões das relações sociais, ele só existe enquanto elas perdurarem. Na situação estudada o valor de uso – território das relações sociais escolares – está subalternizado pelo valor de troca do solo urbano. Isso porque as dinâmicas desse cruzamento de via coletoras, com intenso fluxo de ônibus, motos e automóveis, **gera uma força que se sobrepõe às faíscas de uso e encontro geradas pelo espaço escolar**. A resposta, assim como já

²¹⁰ IBIDEM

²¹¹ SHAMAI, Shmuel. *Sense of place: an empirical measurement*. Geoforum, v.22, n.3, p.347-358, 1991.

²¹² SOUZA, Marcelo Lopes de. Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 2013.

discutida no decorrer deste trabalho, passa pela utopia, **pelo reconhecimento que somos seres históricos com o dever de apropriar-se do espaço e fazê-lo condizente com o tempo que se vive.**

O barulho perturba as aulas, o fluxo intenso de veículos limita a ação da escola, o desrespeito no trânsito preocupa as famílias. As configurações da cidade, que deveria acolher seus habitantes e abraçar a educação, mostram-se hostis. A escola cria um território, faz-se lugar independente das materialidades que a envolvem, porém, **liberar espaço para fortalecimento das relações é utilizar do potencial da escola de irradiar possibilidades.** O espaço urbano de seu entorno pode ser trabalhado a fim de ressaltar seu valor de uso em detrimento das trocas e interesses que o reduzem ao valor como mercadoria. *O espaço que envolve a escola pode tornar-se resistência a imposta monotonia das localidades, nele podemos trabalhar para devolver o uso coletivo das ruas.*

Conforme a perspectiva freiriana, a escola pública carrega o potencial de tornar-se polo de fortalecimento, produção e irradiação de cultura das comunidades locais²¹³. A escola pública brasileira, a qual se direcionam os jargões depreciativos numa cultura que a torna margem – periférica mesmo quando inserida no centro, demanda uma transformação social afim de que se trate “a coisa pública” com decência e honra²¹⁴. Fazer da escola pública um local agradável e estimulante para as trocas educacionais é uma operação ético – política²¹⁵ de fortalecimento dos valores de uma educação que além de pública caminha para ser popular e democrática. Dessa forma a melhora da infraestrutura é um passo e não um fim. A materialização do respeito por esse lugar é um meio para construção da boniteza educacional.

²¹³ DA SILVA, Itamar Mendes. Escola Popular e democrática na periferia: quando a boniteza alcança substantividade. Boniteza – A palavra boniteza na leitura de mundo de Paulo Freire. Org – Ana Maria Araujo Freire. 1ª ed. Paz e Terra. São Paulo, 2021.

²¹⁴ MENDONÇA, Erasto Fortes. A boniteza da educação Pública pelos olhos de Paulo Freire. Boniteza – A palavra boniteza na leitura de mundo de Paulo Freire. Org – Ana Maria Araujo Freire. 1ª ed. Paz e Terra. São Paulo, 2021.

²¹⁵ DA SILVA, Itamar Mendes. Escola Popular e democrática na periferia: quando a boniteza alcança substantividade. Boniteza – A palavra boniteza na leitura de mundo de Paulo Freire. Org – Ana Maria Araujo Freire. 1ª ed. Paz e Terra. São Paulo, 2021.

4.1.6- A - Criança; - Escola; **Mulher**

A escola como dispositivo de controle não exerce seu poder apenas nos corpos em escolarização. Nela estão condicionadas às cargas de trabalho exaustivas, a baixa remuneração, o acúmulo de funções, a precariedade do ambiente de trabalho e a frustração cotidiana daquelas que enxergam que **a educação pode ser muito mais**. Quando chegamos a escola somos recebidas por muitas mulheres, elas são professoras, auxiliares, merendeiras, diretoras... educadoras. Abraçando muito mais funções do que são remuneradas, elas são a maioria das trabalhadoras dessas instituições²¹⁶.

Essa recorrência advém de uma colocação histórica, advém do olhar para o atendimento das crianças com função das mulheres. Até a década de 70 do século passado, era usual o pensamento “quem pariu que embale”²¹⁷. Com as transformações demográficas e econômicas surge a discussão a respeito da **responsabilidade pelo cuidado** de crianças pequenas²¹⁸. Muitos defendiam que elas eram dever de suas mães, outros afirmavam ser dever do Estado, e numa **responsabilidade compartilhada** entre essas duas esferas surge a primeira ideia de jardim de infância²¹⁹. Jardim porque via as crianças como semente de flores, que necessitavam de cuidado para desabrochar. Para manejar esse desenvolvimento recorreu-se às jardineiras, que deveriam ser mulheres jovens, bonitas e amáveis com as crianças²²⁰.

Ser jardineira mostrava-se como profissão ideal para alocação de parte das mulheres, visto como um **braço do trabalho doméstico**, quase natural para elas, em nome da natureza e do amor maternal²²¹. Isso é uma recorrência, uma vez que são elas responsáveis por cuidar, seja na escola, na família, no asilo, nos hospitais e nas

²¹⁶ GATTI, Bernadete Angelina; BARRETO, Elba Siqueira de Sá. Professores do Brasil: impasses e desafios / Brasília: UNESCO, 2009.

²¹⁷ ARANTES, Ana Cristina (org); DA HORA, Angélica Viana; SOUZA, Elisabete Araújo; CARDOSO, Natalia Camargo. Mário de Andrade, o precursor dos Parques Infantis em São Paulo. Phorte. São Paulo, 2008.

²¹⁸ FONTOURA. Natália; ARAUJO, Clara; [org] Uso do tempo e gênero / Rio de Janeiro: UERJ, 2016.

²¹⁹ ARANTES, Ana Cristina (org); DA HORA, Angélica Viana; SOUZA, Elisabete Araújo; CARDOSO, Natalia Camargo. Mário de Andrade, o precursor dos Parques Infantis em São Paulo. Phorte. São Paulo, 2008.

²²⁰ IBIDEM

²²¹ IBIDEM

comunidades²²². Restritas ao cuidado e ao servir, as profissões feminizadas são mal remuneradas²²³. Com as professoras não é diferente, os salários recebidos são muito díspares se comparados a outras profissões com mesmo grau de formação²²⁴. A baixa remuneração é consequência da **naturalização do trabalho de cuidado**²²⁵, diante do costume de não pagar por ele: qualquer valor parece mais do que suficiente.

A criação do jardim de infância surge como resposta a demandas burguesas e atendia inicialmente apenas as famílias ricas. Paralelamente, havia no Brasil os chamados “depósitos de bebês”, que eram instituições filantrópicas sustentadas por meio de caridade e pela igreja, a fim de prover assistência para crianças em extrema pobreza²²⁶. O nome dado a essas instituições retrata a **culpabilização sofrida pelas mulheres** que recorrem ao auxílio para o cuidado de sua prole. Nesse contexto ainda não havia ambientes e programas voltados às crianças da classe trabalhadora. Com os primeiros surtos de industrialização e a inserção das mulheres nesse novo mercado de trabalho, as demandas das trabalhadoras, assim como do **movimento feminista**, forçaram a tomada de atitudes que abraçassem a infância. A primeira regulamentação a respeito do trabalho feminino no Brasil, no ano de 1923, ainda atrelava a responsabilidade pelas crianças à figura da mulher, impunha a obrigação de se instalarem creches ou salas de amamentação próximas ao espaço de trabalho²²⁷.

Dessa forma, no começo do século passado, denominado “o problema da infância”, o que fazer com crianças seguia por se resolver. As alternativas apresentadas tratavam de, para algumas, dar assistência médico-sanitária a fim de que elas sobrevivessem, e para outras alfabetizar e preparar para vida adulta. Essas concepções

²²² HIRATA, **Helena**; KERGOAT, **Danièle**. A Classe Operária Tem Dois Sexos. Estudos Feministas, Florianópolis, v. 2, n. 3, jan. 1994, p. 93. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16291/14832>>. Acesso em: 13 abr. 2017

²²³ COUTINHO, **Priscila** Muniz. Trabalhadoras no comando da educação institucional: Perspectivas e representações de gênero para a direção escolar. Seminário Mundos de Mulheres E Fazendo Gênero 11, Florianópolis, 2017.

²²⁴ GATTI, **Bernadete Angelina**; BARRETO, **Elba Siqueira de Sá**. Professores do Brasil: impasses e desafios / Brasília: UNESCO, 2009.

²²⁵ HIRATA, **Helena**; KERGOAT, **Danièle**. A Classe Operária Tem Dois Sexos. Estudos Feministas, Florianópolis, v. 2, n. 3, jan. 1994, p. 93. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16291/14832>>. Acesso em: 13 abr. 2017

²²⁶ ARANTES, **Ana Cristina** (org); DA HORA, **Angélica** Viana; SOUZA, **Elisabete** Araújo; CARDOSO, **Natalia Camargo**. Mário de Andrade, o precursor dos Parques Infantis em São Paulo. Phorte. São Paulo, 2008.

²²⁷ IBIDEM

ignoram o presente, olham para as crianças como adultos incompletos. Opondo-se e imerso no projeto de modernizar o Brasil a partir da cultura nacional, Mário de Andrade via na “indefinição” da infância **a possibilidade de um ser mais total** ²²⁸. Inspirado pela ideia de corresponsabilização entre família e Estado, preocupado com a diminuição dos espaços livres em cidades de intenso crescimento, o então diretor do Departamento de Cultura e Recreação da Prefeitura Municipal de São Paulo, de braços dados com Maria Aparecida Junqueira Duarte, Dona Nini, inaugura na cidade de São Paulo, os primeiros Parques Infantis²²⁹. Estrutura inédita pensada para crianças filhas da **classe operária**, com implantação próxima aos lugares mais desassistidos de infraestrutura verde e de lazer, recebia crianças de três a doze anos, em tempo integral ou no contra turno escolar²³⁰.

Contrário à didatização do lúdico e as atividades e instrumentos de disciplina, Mário de Andrade se preocupava com o tempo do não-trabalho, seja na folga do proletariado ou na vida dos que não devem trabalhar (crianças)²³¹. Os parques infantis objetivavam garantir **qualidade de vida infantil**. Procuravam ser um lugar atrativo e estimulante, de liberdade ao ser criança. Defendiam o **prazer pelo prazer**, não como luxo, mas como necessidade. Em um jornal da época um crítico escreveu sobre os parques: “entre esse serviço e o escolar, nenhum traço de conexão, são duas coisas inteiramente independentes”²³². Esse tratamento dispensado as crianças e aos mais pobres causou estranheza e má interpretação, Mario foi julgado como extremista, o que culminou no desmantelamento ideológico dos parques que vieram posteriormente a se transformar nas Escolas de Educação Infantil²³³.

Léa Tiriba em seus estudos incomodados pela educação que é feita “do pescoço pra cima”, procurou entender o que afasta as educadoras de promoverem mais tempo ao ar livre. Encontrou como resposta mais uma vez o medo. O que empareda as crianças

²²⁸ IBIDEM

²²⁹ ARANTES, Ana Cristina (org); DA HORA, Angélica Viana; SOUZA, Elisabete Araújo; CARDOSO, Natalia Camargo. Mário de Andrade, o precursor dos Parques Infantis em São Paulo. Phorte. São Paulo, 2008.

²³⁰ IBIDEM

²³¹ ARANTES, Ana Cristina (org); DA HORA, Angélica Viana; SOUZA, Elisabete Araújo; CARDOSO, Natalia Camargo. Mário de Andrade, o precursor dos Parques Infantis em São Paulo. Phorte. São Paulo, 2008.

²³² IBIDEM

²³³ IBIDEM

é a tentativa de controlar a fim de evitar que elas se machuquem; o estar ao ar livre e junto a natureza é associado a sujeira e a doença²³⁴. Tanto a criança doente quanto a roupa mais difícil de lavar, significam mais trabalho para as mães. Quando há crianças no lar, além do acesso a serviços de cuidado como a creche a existência de uma rede de apoio é determinante para que as mulheres possam desenvolver outras atividades²³⁵.

As escolas, além de não atenderem a todas que recorrem a ela, atuam apenas em uma parcela do cuidado demandado pelas crianças. Diante dessa realidade as Brasileiras “se viram”²³⁶, formam redes de apoio entre familiares e vizinhança para acompanhamento dos pequenos. As que não tem a quem apelar, perdem oportunidades e ficam reféns de sua maternidade. Já nas famílias que podem pagar, esse cuidado é delegado para uma outra mulher. Assim, o “problema da infância” pode ser lido como o negligenciado trabalho de reprodução social²³⁷, não é suficientemente respaldado em políticas públicas de **corresponsabilização pela manutenção da vida** humana.

Pensando nas jornadas duplicadas e até triplicadas, entre casa, trabalho, cuidado de doentes e idosos e assistência às crianças; os equipamentos existentes são insuficientes. Para além das mudanças de comportamento e revisão dos papéis sociais, sugere-se apostas em políticas nacionais voltadas para assumir o cuidado como responsabilidade coletiva²³⁸. Assim a estratégia é **a democratização de serviços** como lavanderias, restaurantes populares, e acompanhamento infantil²³⁹. A necessidade de criação de outras ferramentas aparece de outras formas. As educadoras criam laços com seus alunos que tem importante papel na proteção das crianças. Muitas vezes as profissionais tornam-se a única referência de adulto que se pode confiar. São elas que no convívio diário detectam violação nos direitos da criança e dos adolescentes, sejam eles nutricionais, psicológicos ou sexuais. Assim, a escola torna-se **lugar de proteção e**

²³⁴ TIRIBA, Lea. *Educação Infantil como Direito e Alegria*. Em busca de pedagogias ecológicas, populares e libertárias. Editora Paz e Terra. Rio de Janeiro/ São Paulo, 2018.

²³⁵ FONTOURA, Natália; ARAÚJO, Clara; BARAJÁS, Maria de la Paz López [et al] (orgs) *Uso do tempo e gênero*. UERJ, 2016.

²³⁶ HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. A Classe Operária Tem Dois Sexos. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 2, n. 3, jan. 1994, p. 93. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16291/14832>>. Acesso em: 13 abr. 2017

²³⁷ FEDERICI, Silvia. *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. São Paulo: Editora Elefante, 2017.

²³⁸ AGUIAR, Neuma; MONT’ALVÃO, Arnaldo. *Estratificação residencial, valorização do trabalho doméstico e uso do tempo? Contribuições para a análise do caso do Brasil*. *Uso do Tempo e Gênero*. UFRJ, 2016.

²³⁹ IBIDEM

denúncia e as professoras são conduzidas a assumir a responsabilidade social de agir contra esse problema sem que sejam instruídas para lidar com essas situações. O acúmulo de demandas e de conteúdo a serem tratados em sala de aula também aumentam o peso sobre elas. Esses são fatores, para além da remuneração, que acabam causando danos psicológicos e sociais para as educadoras²⁴⁰.

Assim é preciso trabalhar na desconstrução dessas ordens que ainda se apresentam como naturais²⁴¹, **a corresponsabilização sobre o cuidado deve estar na nossa agenda de futuro**. A ideia e possibilidade que surge dessas reflexões é de utilizar o espaço do entorno escolar como auxiliar para responder essas demandas. Atrelar ao novo espaço dinâmicas que possibilitem uma permanência qualificada de crianças em horários que complementam a atividade escolar é tarefa de políticas públicas, mas o espaço pode se tornar seguro, atraente e provocador de outras possibilidades.

4.1.7- A extensão no mestrado

Na conclusão dessa etapa da minha formação retorno às discussões e impulsos geradores do meu trabalho de graduação. Consta na constituição de 1988, mais precisamente no artigo 207, que as Universidades devem obedecer ao **princípio da indissociabilidade de seu tripé de base: o ensino, pesquisa e extensão**²⁴². Talvez, o caminho para fortalecer a atuação da Universidade passe por reconhecer que ela cambaleia porque tem um dos pés mais curtos: na graduação prioriza o ensino, na pós graduação foca na pesquisa. A extensão, definida como oxigenação necessária para atividade acadêmica, frente que deve permanecer atenta às práticas e anseios de seu contexto para articular ensino e pesquisa às necessidades sociais, é muitas vezes negligenciada. Talvez o tratamento diferenciado que gera instabilidade na base seja o mesmo responsável por sufocar o estatuto da cidade e fazer valer o valor de troca sobre o valor de uso no espaço urbano escolar estudado: **a necessidade de produzir por vezes sufoca a própria motivação do fazer**.

²⁴⁰ DE OLIVEIRA, Marcio; DA SILVA, Fernando Guimarães Oliveira; MAIO, Eliane Rose. Violência sexual contra crianças e adolescentes: a escola como canal de proteção de denuncia. Revista PERSPECTIVA, Florianópolis, v. 38, n. 4 p. 01-23, out./dez. 2020

²⁴¹ TIRIBA, **Lea**. *Educação Infantil como direito e alegria*. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

²⁴² FORPROEX, Fórum de Pró – Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. Política Nacional de Extensão Universitária. Manaus, maio de 2012.

A indissociabilidade deve ser orientadora por que é um princípio de qualidade da ação universitária autônoma, competente e ética²⁴³. **Negligenciar a extensão é afastar-se da realidade vivida.** Esse movimento é parte de uma injustiça cognitiva que privilegia o conhecimento científico ocidental aos conhecimentos localizados²⁴⁴. No contexto brasileiro, tão permeado pelas referências europeias, a extensão mostra-se essencial para trilhar um caminho menos disciplinado. Atentar-se para fortalecer a extensão universitária é um modo de trabalhar contra a colonialidade continuada, nos planos culturais e epistemológicos²⁴⁵. A extensão é um desafio, precisa de esforço e criatividade política, mas é compensadora, pois quando o corpo docente se esforça para unir a pesquisa, o ensino e a extensão, irremediavelmente mantém-se atualizado. Para que o ensino não seja alienado da realidade, a extensão e a pesquisa estão diretamente atreladas tornando-se assim uma consequência da docência²⁴⁶. Dessa forma o fazer universitário provoca e é provocado pela realidade.

O presente trabalho explorou possibilidades de articular a pesquisa e a extensão. Desde o início objetiva desencadear-se em ação colaborativa. No processo para realizar ações práticas houve muito planejamento. A ação de ir a campo para conversar com **diferentes interlocutoras**, seja nas escolas, na Secretaria de Educação, Secretaria de Cultura, nos bairros e Associação de Moradores, foi sempre precedida e sucedida de reflexão. Pensava nas melhores estratégias para se fazer presente e aberta à **construção coletiva**, me preocupava em fazer aproximações convite, sem que o status conferido pela Universidade fosse dominante da ação.

Mesclar no processo de pesquisa a produção cultural possibilitou a expansão, ou **extensão do pensamento**. O processo ação, demandado pelo evento, intercalado com a necessidade de teorizar e narrar a experiência, demandado pela pesquisa, **guiou o percurso até a formulação dos resultados**. As trocas geradas pelo fazer em ação

²⁴³ MOITA, Filomena Maria Gonçalves da Silva Cordeiro; ANDRADE, César Bezerra. Ensino – pesquisa – extensão: um exercício de indissociabilidade na pós graduação. Revista Brasileira de Educação. V14 n.41, maio/agosto, 2009.

²⁴⁴ IBIDEM

²⁴⁵ MIGNOLO, Walter. Os esplendores e as misérias da “ciência”: colonidade, geopolítica do conhecimento e pluriversalidade epistêmica. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (Org.). Conhecimento prudente para uma vida decente. São Paulo: Cortez, 2004. p. 667-710.

²⁴⁶ MOITA, Filomena Maria Gonçalves da Silva Cordeiro; ANDRADE, César Bezerra. Ensino – pesquisa – extensão: um exercício de indissociabilidade na pós graduação. Revista Brasileira de Educação. V14 n.41, maio/agosto, 2009.

foram efetivas em balançar os rumos dessa investigação para além das que poderiam ser pensadas apenas na interação com os saberes escritos. Eu sabia que tinha uma visão romantizada da escola e por isso, para afinar o meu olhar, me dediquei na teoria e no trabalho produzido por educadoras que aprenderam e compartilharam conhecimentos do “chão da escola”. Mesmo assim, a ida a campo, o estar na escola pública, na escola privada e na secretaria de educação, trouxe outras compreensões. Eu reconhecia também que existem diferenças sociais nos bairros da cidade, inicialmente queria conversar com crianças de diversas regiões, depois acabei por me embrenhar em lugares não habituais para mim. Intervir na realidade, balançar a rotina, é uma aventura no desconhecido²⁴⁷ **e eu fui ver para saber na prática.**

Essa experiência não foi atrelada formalmente como prática extensionista da Universidade Federal de Pelotas, mas reafirmou para mim a necessidade **das práticas acadêmicas conectadas** e o necessário fortalecimento de seus caminhos dentro da instituição. O esforço para sair da Universidade e unir-se à cidade, trabalhar para além dos muros e procurar **conduzir o estudo olhando para possível aplicação prática**, mostrou-se uma forma fecunda de conduzir essa dissertação de Mestrado.

4.2 – Exercitar-se na Aventura de Criar a Cidade.

4.2.1- Possibilidades a partir da percepção dos usuários.

Quando trabalhamos com a percepção dos usuários, não muito diferente do que acontece quando nos baseamos em teoria, devemos estar atentos à possibilidade de parte dos desejos e necessidades advirem da fabricação dos modos de viver e se relacionar com o mundo produzidos pelas forças do capitalismo mundial²⁴⁸. Acredito que apesar disso a percepção advinda da relação com o mundo, apesar de fabricada não se faz artificial. É interpelada por esses poderes, mas **passa por uma dialética cotidiana que eminentemente resulta em um certo grau de autenticidade.**

²⁴⁷ FERNANDES, Sabrina. Se quiser mudar o mundo. Editora Planeta, outubro 2020

²⁴⁸ GUATARRI, Félix; ROLNIK, Suely. Micropolítica - Cartografias do desejo. Rio de Janeiro: Vozes, 1986

Paulo Freire nos ensina sobre a importância e sobre os desafios da tentativa de agir para mudar a percepção da realidade. A partir da percepção que as pessoas tem da realidade objetiva **estão condicionadas as formas de enfrentá-la, suas aspirações e suas expectativas**²⁴⁹. Nas minhas trocas e interlocuções procurei questionar sobre a mudança. O ato de questionar o que pode ser diferente e receber respostas é por si só informante: quem sabe responder sobre as necessidades de um espaço revela uma relação de pertencimento e identificação. **Além disso, a possibilidade de pensar a mudança é transformadora da realidade fantasiada de estática.** O olhar para uma realidade imutável provoca posturas fatalistas e desesperançadas²⁵⁰. Assim, nas interlocuções coletei desejos e possibilidades.

Para fins de apresentação discutirei elas divididas em duas frentes: as sugestões para mudanças comportamentais e de mudanças estruturais.

Mudanças comportamentais

1. “Abertura das ruas com proibição do trânsito de carros no final de semana”²⁵¹

Abrir temporariamente a rua para pedestres e fechar para os veículos. Essa ação permite que a população ocupe as ruas como espaço de lazer, prática de esportes, encontros e trocas comerciais. Legalmente, na cidade de Pelotas, qualquer cidadão pode fazer o pedido junto a prefeitura que, se aprovado, autoriza agentes de trânsito a interditar a rua com cones e cavaletes. Para solicitar é necessário entregar na Secretaria de Mobilidade Urbana um documento informando as ruas a serem interditadas, os períodos de realização do evento, a assinatura de um responsável e também de uma parcela significativa de moradores da região. Essa possibilidade surgiu nas entrevistas provavelmente informada e referenciada em alternativas de outras cidades. Ela é efetiva no trabalho de revisão da cultura de uso: amplia as áreas de lazer da cidade, é palco de apresentações artísticas, estimula o estar ao ar livre e o estar em conjunto (figura 4.17). Entra no campo das intervenções temporárias que alteram a percepção e o

²⁴⁹ FREIRE, Paulo. Educação e Mudança. 1 ed.1979. 44 ed. Editora Paz e Terra, 2020.

²⁵⁰ FERNANDES, Sabrina. Se quiser mudar o mundo. Editora Planeta, outubro 2020

²⁵¹ As possibilidades desse capítulo estão entre aspas para evidenciar que são oriundas das interlocuções (anexo).

pertencimento dos lugares. Pontuada no final de semana não abrange as dinâmicas escolares, mesmo assim é um convite para vivência no espaço público coletivo.



Figura 4. 17- Colagem sobre a possibilidade de fechar a rua para tráfego veicular e abri-la ao pedestre no final de semana. Fonte Autora, 2021.

1. ***“Presença de guarda municipal na travessia nos períodos de entrada e saída da escola”.***

Essa adequação parece ser eficiente em trabalhar no sentido da homeostase do risco, as mães se sentiriam encorajadas em permitir que seus filhos percorressem um pequeno trajeto sozinhos, ou do carro até a escola, ou num raio de vizinhança de apenas uma travessia. Porém, além dessa pequena abrangência espacial, a presença da guarda municipal de trânsito em períodos delimitados mantém os tempos e travessias desassistidos, sendo uma solução que atende apenas as dinâmicas disciplinares das escolas e não o cotidiano de uso desse espaço.

2. ***“Alteração de via dupla na Barroso para tornar-se mão única”.***

A sugestão é que a rua Almirante Barroso se tornasse mão única de veículos no sentido da Avenida Bento Gonçalves até o Porto de Pelotas. Alterar o sentido da via sem uma reforma estrutural aumentará a pista de rolagem dos carros podendo acarretar em ganho de velocidade para os mesmos. Assim, essa solução deve estar atrelada a outras alterações do espaço físico que garantam a segurança dos pedestres.

3. Redução do barulho advindo dos carros.

Alterar as dinâmicas da rua no sentido de reduzir os principais geradores de ruído, que são a aceleração e redução de velocidade, passa por rever a sinalização dessa região. É uma alteração comportamental oriunda de mudanças estruturais. Como veremos em seguida, é preciso atentar-se as soluções sugeridas uma vez que algumas propostas podem aumentar o barulho da região.

Mudanças estruturais

1. “Pensar nas bicicletas; Ciclofaixa segura para conectar a escola aos bairros”

Quanto às possibilidades e potencialidades, a área urbanizada de Pelotas é caracterizada por pouca variação em seu nível topográfico com cotas que variam entre cinco e vinte cinco metros, mostrando-se ideal para utilização de meios de transporte movidos a tração humana, como as bicicletas²⁵². Para promover um trajeto convidativo, o ideal é que ofereça infraestrutura aos ciclistas como pontos de estacionamento, pontos de hidratação e de manutenção dos pneus. Para além do cuidado em toda rota, para que seja seguro é preciso garantir o afastamento e proteção frente ao trânsito de veículos. É importante salientar que pelas particularidades dessa região, deve-se atentar para a sinalização e para redução da velocidade desse modal no entorno imediato da escola.

A figura 4.18 traz uma simulação dessa possibilidade. A ciclofaixa foi posicionada próximo a calçada do Colégio Laranja na rua Almirante Barroso, com largura de 2,25 metros ocupando a área hoje reservada para estacionamento de veículos. Escolheu-se esse lado a fim de simular a mínima intervenção na situação atual. Para posicionar do outro lado da rua, ou uma de cada lado, é necessário rever a rota do transporte coletivo.

²⁵²VIANA, Otávio Gigante. Pelotas Compartilhada – Plano de Ampliação da Rede Cicloviária. Tfg Online. Pelotas, 2017. Disponível em <<https://wp.ufpel.edu.br/tfgonline/temas/urbanismo-e-desenho-urbano/>> acesso: julho, 2021.

A proposta ilustrada acarretaria na necessidade de repensar o local de estacionamento dos veículos de transporte escolar que costumam estacionar neste local.



Figura 4.18- Simulação de Ciclofaixa na Rua Almirante Barroso. Fonte Autora, 2021.

2. “Alargamento e requalificação das calçadas”

As principais queixas quanto a infraestrutura existente se deve ao estado de conservação das calçadas. A dimensão das vias é considerada excessiva por parte dos usuários e a efusividade que as crianças saem da escola faz surgir a demanda por calçadas maiores. A figura 4.19 simula o alargamento da calçada em frente à escola Rosa na rua Tiradentes, ocupando o lugar que hoje serve de estacionamento.



Figura 4.19- Simulação do alargamento de calçada na rua Tiradentes. Fonte Autora, 2021.

A ação de alargar as calçadas caminha no sentido de priorizar o pedestre, dar mais espaço para as pessoas e menos para o automóvel. Essa alternativa é uma possibilidade adequada para a região uma vez que por sua ocupação, caracterizada pela mistura de usos de solo, atrai um fluxo constante de pessoas. Esse aumento das calçadas também é favorável ao desenvolvimento de atividades locais, aumenta a segurança, o conforto e consequentemente o desejo de estar no espaço público²⁵³.

3. “Alternativas de Estacionamento”

Há demandas de ampliação da área reservada para estacionamento advindas de interlocutoras das duas escolas. Acredito que essa demanda se dê por situações de conforto frente a climas extremos, com chuva, frio ou muito calor, porém, noto que ela está principalmente relacionada a insegurança em possibilitar que as crianças façam parte do caminho a pé e sozinhas. Dessa forma penso que é necessário trabalhar com soluções que ultrapassem a demanda pelo conforto possibilitado pelo estacionamento próximo a entrada dos ambientes escolares, mesmo porque eles ocupam uma parcela significativa das ruas e não atendem a todos os usuários de equipamentos dessa região.

²⁵³ WELLE, Ben; LIU, Qingnan; LI, Wei; ADRIAZOLA-STEIL, **Claudia**; KING, Robin; SARMIENTO, Claudio; OBELHEIRO, **Marta**. O desenho de cidades Seguras. WRI – World Resources Institute – Embarq, 2017.

4. “Redução de velocidade”.

Como já discutido no percurso teórico deste trabalho, a necessária redução de velocidade deve acontecer de maneira atenta à geração de ruídos e aumento da poluição do ar da região. Assim, para atender essa demanda seria ideal que os carros já chegassem em menor velocidade nesse entorno, com alternativas localizadas antes de adentrar as quadras escolares. Dentre as medidas de suavização de tráfego que poderiam ser utilizadas estão as lombadas ou almofadas atenuadoras de velocidade que devem ser projetadas com altura e constância calculadas para que os veículos mantenham uma velocidade constante²⁵⁴. Nas quadras anteriores poderiam ser instalados afunilamentos, que consistem na redução das faixas de rolagem, gerando gargalos que obrigam os motoristas a reduzir a velocidade e negociar o espaço²⁵⁵ (figura 4.20).

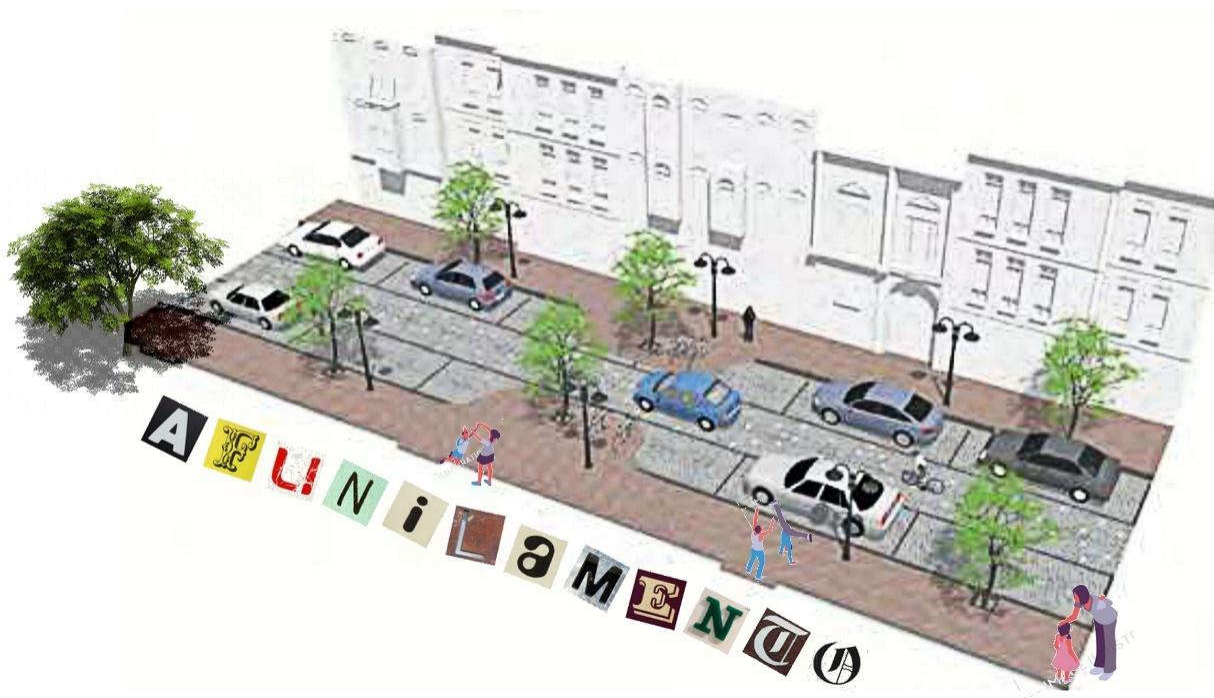


Figura 4.20 - Esquema de Afunilamento. Fonte: WRI, 2017 com intervenção da Autora, 2020.

Uma alternativa que agrega esses três últimos tópicos (redução de velocidade, alargamento das calçadas e organização dos estacionamentos) é a criação de desvios

²⁵⁴ WELLE, Ben; LIU, Qingnan; LI, Wei; ADRIAZOLA-STEIL, Claudia; KING, Robin; SARMIENTO, Claudio; OBELHEIRO, Marta. O desenho de cidades Seguras. WRI – World Resources Institute – Embarq, 2017.

²⁵⁵ IBIDEM

artificiais. Em ambientes marcados pelas pistas em linha reta, como o centro da cidade de Pelotas, as “chicanas” são uma estratégia de desenho que quebra a linearidade. Essa alternância no percurso demanda maior atenção e culmina na redução da velocidade. Elas podem ser aplicadas em vias de um ou dois sentidos alternando o estacionamento de um lado para o outro da pista. Devem ser projetadas atentando-se para não criar pontos cegos, que podem ser perigosos. A figura 4.21 ilustra esse tipo de solução.

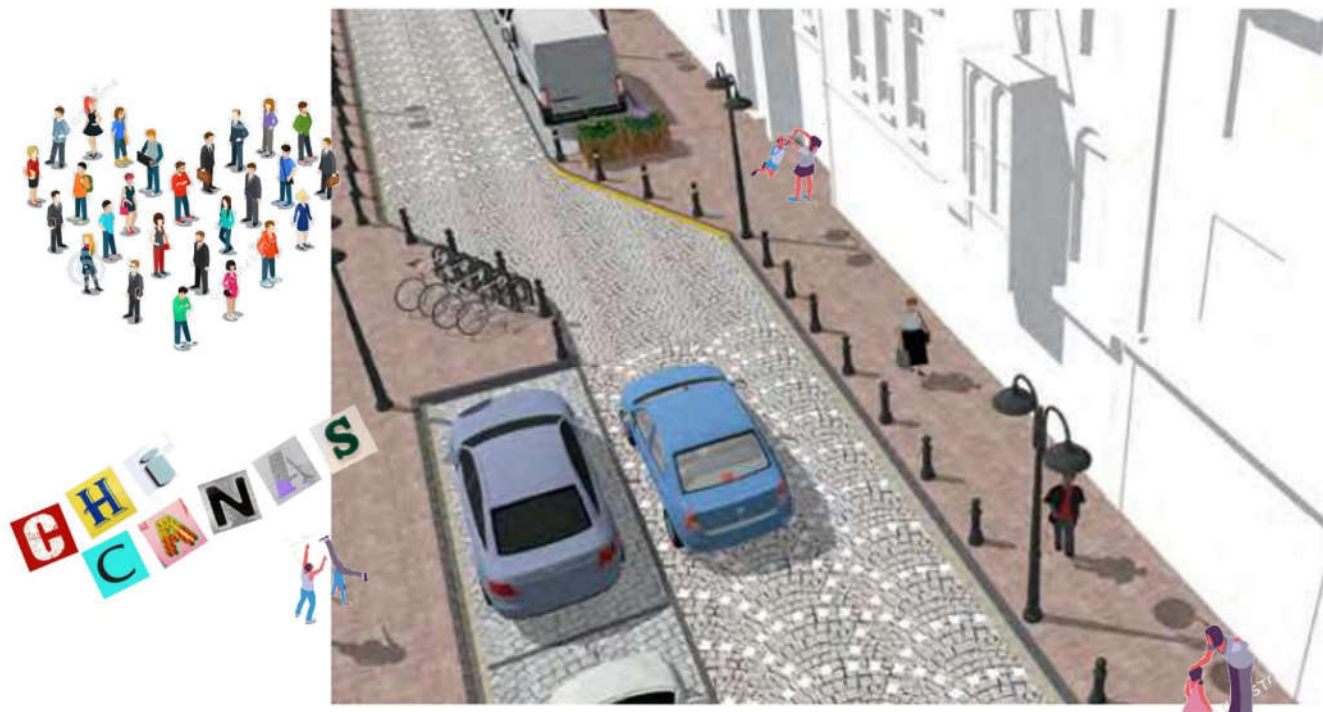


Figura 4.21- Estratégia de redução de velocidade - Chicanas. Fonte: WRI, 2017 com intervenção da Autora, 2020.

5. “Realocação do ponto de ônibus” [“eu acho que é fácil de solucionar, é só colocar o ônibus para Alberto Rosa, da Tiradentes pra Dom Pedro “]²⁵⁶

A proposição de alterar a rota do ônibus surge relacionada tanto ao barulho gerado quanto pela atração de pessoas fora da comunidade escolar, fluxo que provoca desconforto e insegurança para uma das interlocutoras. A figura 19 apresenta fotos da dinâmica atual: onde os ônibus param em frente à Escola Rosa. Nesse esquema também observamos o mapa viário de Pelotas, a cor amarela ressalta as vias coletoras, abaixo deste: o esquema de alteração sugerido pela interlocutora.

²⁵⁶ Trecho retirado das entrevistas.



Figura 22- Esquema de desvio da rota de ônibus. Intervenção sobre mapa da Prefeitura Municipal de Pelotas. Fonte Autora, 2021.

6. “Diminuir o contato entre o pátio da escola rosa e a rua - Eu tenho uma proposta meio paisagista pra escola, já pensei, já propus isso, já me dispus a fazer, que é colocar uma cerca viva na escola... porque seria uma solução com estética legal, que não interferiria na estética do prédio”²⁵⁷

A grade permeável da escola rosa, evidência de outros tempos e relações com a cidade, é motivo de incômodo e insegurança para as educadoras. Na ocasião da entrevista essa possibilidade de intensificar a vedação, apareceu pra mim como pouco desejável uma vez que aumentaria o isolamento da escola em relação a cidade, mas agora penso que se essa estratégia, atuando na homeostase do risco, possibilitar maior liberdade infantil no ambiente que elas permanecem tantas horas, possibilitar que elas se apropriem do pátio sem tantos gritos para se afastar da grade, é uma ação que agirá

²⁵⁷ Trecho de entrevista.

em prol da melhora de vida das crianças dentro da instituição (figura 4.23). Porém, essa não pode ser tratada como única solução, pode fazer parte de um plano de mais liberdade para as crianças no domínio escolar, mas deve ser acompanhada de melhorias para que o espaço externo também seja convidativo e adequado.



Figura 4.23 - Cultivo de cercas vivas junto às grades da Escola Rosa Fonte Autora, 2021.

7. “Faixa Elevada para travessia em frente à associação”.

A faixa elevada em frente a Associação de Aposentados, segundo o interlocutor representante da entidade, foi requerida pelos usuários e aprovada pela Secretaria de Mobilidade Urbana de Pelotas, mas ainda não foi executada. Nivelada com a calçada, ela facilita a locomoção e aumenta a segurança dos pedestres (figura 4.24). Assim como a presença da sinaleira, a faixa elevada demanda que os veículos freiem e em seguida aceleram, esse processo gera ruídos e aumento na emissão de gases oriundos da combustão. Então, apesar do ganho de segurança há produção de desconforto, o que nos instiga a procurar melhores soluções.



Figura 4.24- Simulação de travessia elevada em frente a ABAPP na Almirante Barroso. Fonte Autora, 2021.

8. “Banco para espera em frente a associação”.

Assim como o entorno da escola, as dinâmicas da Associação de Aposentados também geram um fluxo de espera. A demanda por bancos próximos à associação não veio do interlocutor entrevistado como representante e sim de uma ex-aluna do colégio laranja que relatou que sua família costuma esperar a avó durante os atendimentos. A imagem da figura 4.25 representa essa possibilidade. Acredito que para ser efetivada seria necessário também pensar em uma proteção solar, uma vez que a fachada se localiza orientada para oeste, recebendo sol intenso durante a tarde.



Figura 4.25- Simulação faixa elevada e Banco em frente a ABAPP na Almirante Barroso. Fonte Autora, 2021

9. “Tinha que fazer um calçadão igual vão fazer ali na frente da FAE, trancar rua, virar festa”.

A possibilidade sugerida trata de nivelar o leito carroçável com as calçadas, essa solução, de transformar a rua numa superfície contínua, objetiva que todos os usuários negociem seu estar no espaço, seja de carro, de moto, bicicleta ou a pé, passando ou desfrutando do lugar. Denominadas como Ruas Compartilhadas²⁵⁸, devem ser bem sinalizadas em seu início e final, mas no percurso elas dispensam o uso de dispositivos de regulação de trânsito, uma vez que as dinâmicas desse desenho urbano impõem uma corresponsabilização pelo estar, é uma aposta na raiz social da rua²⁵⁹. Nessa configuração o acesso veicular costuma ficar restrito aos moradores ou a casos de urgência. Os estudos sobre essa forma urbana já são cinquentenários e afirmam serem as ruas compartilhadas capazes de fomentar as relações sociais e produzir novos códigos básicos de relacionamento urbano.

²⁵⁸ DÉRIVE LAB. Manual Ruas Compartilhadas. Mexico, 2014. Tradução Sampapé. São Paulo, 2017.

²⁵⁹ ibidem

O objetivo dessas vias é deixar de ser lugar só de passagem para torna-se um ponto de chegada²⁶⁰ ou uma ponte para relações. Por isso, são instalados equipamentos de descanso, de exercício, de brincadeiras e de esportes. Para reforço de segurança os percursos mais largos não acontecem em linha reta, forçando as baixas velocidades. Dessa forma, a requerida negociação do espaço se dá através do contato visual²⁶¹. Um dos maiores desafios a implantação dessa solução é a aprovação dos usuários, por isso se faz necessário a construção participativa, e isso pode se dar utilizando das intervenções e aberturas pontuais já discutidas nesse percurso de trabalho. Vale nessas negociações fazer testes a fim de comprovar se essas intervenções são, como afirma a teoria, refletidas no fortalecimento da economia local, na atração de investimentos em infraestrutura e também na melhora dos índices de segurança e coesão social ²⁶² Também é válido encontrar ferramentas para mostrar como melhoram os índices de segurança pessoal e de coesão social²⁶³. A figura 4.26 ilustra essa intervenção. Vale ressaltar que essa mudança implica no desvio da rota de ônibus e na interrupção parcial do trânsito, dessa forma aponta para soluções mais radicais.

²⁶⁰ *ibidem*

²⁶¹ *ibidem*

²⁶² DÉRIVE LAB. Manual Ruas Compartilhadas. México, 2014. Tradução Sampapé. São Paulo, 2017.

²⁶³ DÉRIVE LAB. Manual Ruas Compartilhadas. México, 2014. Tradução Sampapé. São Paulo, 2017.



Figura 4.26- Proposta de ruas compartilhadas. Fonte Autora, 2021

As sugestões de adequação demandam diversos níveis de intervenção. No primeiro deles é urgente que a existência das escolas esteja sinalizada para informar os motoristas do necessário acréscimo de atenção, além disso é preciso que eles adentrem a quadra com a velocidade recomendada pelo Manual de Acessibilidade Espacial para Escolas²⁶⁴, não superior a 20 km por hora, e que essa velocidade se mantenha em todo entorno. Em um segundo nível de intervenção é preciso requalificar as calçadas, além do nivelamento é necessário que os pisos táteis de alerta e de direcionamento sejam efetivamente aplicados. Também se mostra de extrema importância garantir a travessia segura para os usuários da Associação de Aposentados.

Quando as necessidades e possibilidades advindas da percepção das crianças, acredito que a ferramenta utilizada, os livretos seguidos por uma resposta dada através do aparelho celular de adultos (familiares e vizinhas) não foi a mais eficiente. As

²⁶⁴ BRASIL, Ministério da Educação. Manual de Acessibilidade espacial para escolas: O direito à escola acessível. Brasília, 2009. Disponível em <http://www.mp.go.gov.br/portalweb/hp/41/docs/manual_escolas_-_deficientes.pdf.pdf> Acesso: Agosto, 2021.

respostas ficaram limitadas às sugestões apresentadas na narrativa do livro, quando se desviaram foram no sentido de desejar uma “cidade sem coronavírus”. Paralelamente, nas ações urbanas com crianças foi possível identificar que elas “são mais”, interagem e se entregam, em espaços onde desenvolvem maior autonomia, lugares que lhes permite independência. Mas essa conclusão advinda da observação não me parece suficiente, de início esse trabalho objetivava ser construído através do diálogo e troca com as crianças. A impossibilidade gerou frustração. Para suprir esse desejo procurei trabalhos que utilizassem estratégias próximas das que acredito e desejava desenvolver. Quase no final dessa escrita o trabalho intitulado Habitar Escolas me encontra. Rayssa Oliveira conduziu sua pesquisa através da produção de desenhos junto às crianças em períodos livres nos pátios escolares. Os achados dela se somam aos meus no desenvolvimento do próximo e último capítulo desse trabalho.

4.2.2- E o papel da arquiteta? Fomentar a imaginação utópica.

Vivemos o tempo das catástrofes, assistimos isolados em nossas casas ao aprofundamento das desigualdades e os limites estruturais da Terra²⁶⁵. O esgotamento da ideia de um progresso infinito e o vislumbre do fim do mundo criam um **presente que sufoca a utopia**²⁶⁶. Nos vemos subordinados a uma força que exige que continuemos produzindo e reproduzindo diante de tanta perplexidade e precariedade. O colapso do mundo não é mais um horizonte, está nas nossas costas, já começou²⁶⁷. Conscientes que estamos caindo, que a queda seja em balões coloridos²⁶⁸.

A paixão pela racionalidade, característica do modernismo, levou a tentativas de moldar o indivíduo e a sociedade a partir do desenho urbano, sua consequente frustração causou descrença no potencial da arquitetura em **participar da transformação social**²⁶⁹. A lição que absorvemos é que o futuro não pode ser previsto ou fabricado no papel, que **a fruição cotidiana é incompatível com o planejamento**. O pensar cidade carrega práticas disciplinadoras que procuram gerenciar o acúmulo de pessoas no

²⁶⁵ STENGERS, Isabelle. No Tempo das Catástrofes, São Paulo, Cosac Naify, Coleção EXIT, 2015.

²⁶⁶ FERNANDES, Sabrina. Se quiser mudar o mundo. Editora Planeta, outubro 2020

²⁶⁷ KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

²⁶⁸ IBIDEM

²⁶⁹ NAPOLI, Larissa. Caminhos para utopia iconoclasta: Diálogo entre psicanálise, arquitetura e urbanismo. Indisciplinar / EA-UFGM. V. Semestral. v.6, n.2 – Belo Horizonte, 2020.

espaço, a forma da cidade planejada impõe a disciplina, que por sua vez objetiva indivíduos dóceis para política e produtivos para economia²⁷⁰. Mas se pensar e agir sobre o espaço não é tarefa de especialistas, o que podemos fazer é transformar nosso conhecimento e título de urbanistas em ferramenta para reflexão sobre os rumos da cidade.

“Como vislumbrar futuros nesse odor de retrocessos?”²⁷¹ Acredito que a resposta está em reconhecer que o **viver no mundo é um processo de reinvenção**, num fluxo infinito e constante que depende das nossas relações, processos e projetos de sociedade. Habitar o mundo, a escola e o entorno é juntar-se ao processo de transformação²⁷². Pautar uma relação de respeito ao presente passa pela aceitação da transitoriedade, pelo olhar para o que existe como **natureza e não objeto**. A ação consciente com objetivo coletivo de propiciar qualidade de vida nos liberta da ideia estática de criar uma perfeição. O capítulo anterior procurou utilizar as ferramentas da arquiteta para fazer uma construção imaginativa, e em certo ponto material, dos espaços. Em uma construção coletiva, teve o objetivo de praticar a imaginação.

Escutar os desejos individuais e coletivos a fim de encontrar alternativas possíveis faz parte da ação reflexiva sobre as práticas e crenças existentes, etapa indispensável para sugerir caminhos de futuro²⁷³. A capacidade de interpretar o nosso mundo em contraste com o que poderia ser, o exercício utópico, permite organizar as demandas, às urgências e as possibilidades²⁷⁴. Fomentar a utopia é brincar com a imaginação, com a realidade, e também é criar precedentes, pautar outros pontos de partida para o pensamento e para discussão. Olhando para a cidade contemporânea mercantilizada como uma “situação limite”, proponho um agir de arquiteta que parte da reflexão e das trocas e culmina numa “ação editanda²⁷⁵”, ferramenta para o **Inédito Viável**.

²⁷⁰ IBIDEM

²⁷¹ MURTA, **Ana Luisa** Ennes. Tensões entre Utopia e distopia: reflexões sobre ordem e controle social no *optimorepublicae* de Thomas More. Indisciplinar / EA-UFG. V. Semestral. v.6, n.2 – Belo Horizonte, 2020.

²⁷² INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. *Horizonte Antropológico*. Vol.18 no37. Porto Alegre, 2012.

²⁷³ FERNANDES, **Sabrina**. Se quiser mudar o mundo. Editora Planeta, outubro 2020

²⁷⁴ NAPOLI, **Larissa**. Caminhos para utopia iconoclasta: Diálogo entre psicanálise, arquitetura e urbanismo. Indisciplinar / EA-UFG. V. Semestral. v.6, n.2 – Belo Horizonte, 2020.

²⁷⁵ Termo utilizado por Paulo Freire no livro *Pedagogia do Oprimido*, compreendido por mim como caminho de ações rumo ao inédito viável.

Apresentado por Paulo Freire, esse conceito faz parte do assumir-se como agente histórico responsável pela mudança do mundo, é agir com atos limites em situações limites. As situações limites são promotoras do “ser menos” e caracterizadas pelos momentos onde “não há nada por se fazer” frente a uma realidade esmagadora determinada pelo fluxo da história na qual a única alternativa parece ser adaptar-se²⁷⁶. O inédito viável é a reação do fazer possível, é o que está por chegar se **elegermos a nossa capacidade de sonhar como prioridade nas nossas vidas**. O inédito viável é algo ainda não percebido, mas sonhado, e que quando **destacado** por quem pensa utopicamente, torna-se algo que pode se tornar realidade²⁷⁷.

A ideia da cidade como dada, pronta ou acabada, coexiste e disputa a percepção de que ela é em construção. O espaço urbano é normatizado, a forma de utilizá-lo segue regras e por isso a atitude de ousar na cidade de forma inesperada é repreendida e disciplinada. A cidade não é um produto, é obra em aberto e deve permanecer disponível para múltiplas apropriações e leituras²⁷⁸. A cidade não é estática, é histórica. **Sugerir a utopia é abrir uma porta para mudança**, e nisso nós arquitetas somos ótimas. Nesse jogo de proposições, afim de sanar problemas se criam novos problemas, o objetivo é que esses problemas sejam menores, ou melhores uma vez que partirão de raízes sociais menos dominadas²⁷⁹. Trabalhar para que o existente não engula nossas utopias exige ações ousadas, “fora da caixinha”.

O destino humano deve ser criar e transformar o mundo²⁸⁰. É importante atentar-se a imaginar o mundo que queremos não como o extremo oposto do que não queremos, mas um mundo que **superou o que temos**²⁸¹. Assim, o inédito viável não é oposto ao presente que se faz passado, **é superior**. A ação editante parte de aproveitar o que culturalmente construímos de positivo e **resolver o que limita o bem-estar social** de todos. Dessa forma não se trata de destruir o vigente, mas torná-lo obsoleto²⁸². Para tanto é preciso criar alternativas mais qualificadas e, se possível, mais convenientes.

²⁷⁶ FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 50. ed. Paz e Terra. São Paulo, 2011.

²⁷⁷ IBIDEM

²⁷⁸ IBIDEM

²⁷⁹ FERNANDES, **Sabrina**. Se quiser mudar o mundo. Editora Planeta, outubro 2020

²⁸⁰ FREIRE, Paulo. Educação e Mudança. 1 ed.1979. 44 ed. Editora Paz e Terra, 2020.

²⁸¹ FERNANDES, **Sabrina**. Se quiser mudar o mundo. Editora Planeta, outubro 2020

²⁸² IBIDEM

Sugerir práticas de territorialização é coisificar a cidade. Assim, preciso diferenciar coisa de objeto: olhar para o futuro crente de que ele pode ser determinado no presente é objetifica-lo; perceber que o futuro escapa do nosso controle, mas se constrói no presente, independente ou com a nossa ação, é coisifica-lo²⁸³. Coisificar é dar primazia aos processos e não aos objetivos estáticos como formas finais²⁸⁴.

O desejo por educar e educar-se advém do reconhecimento da nossa incompletude²⁸⁵. A educação não pode ser o processo de adaptação das pessoas à sociedade, deve caminhar para o reconhecimento dos educandos como agentes transformadores da realidade. Dessa forma, o espaço e a inserção da escola não devem ser forçados a adaptar-se às estruturas dominadas por uma lógica que ignora o papel educador dos ambientes. **Uma educação que não se adapta pode estar refletida em um espaço que foi adaptado a outras formas de viver e aprender.** A educação é viva, e tudo que é vivo vaza.²⁸⁶ **Assim vamos propor um ambiente educador onde não conseguimos diferenciar se tá vazando da escola, da cidade ou da vida.** Para tanto retomo os atributos identificados no referencial teórico como potentes para fazer do ambiente um lugar estimulante para o aprendizado. Esses atributos aparecem aqui como nuvem de palavras (figura 4.27), uma vez que já foram apresentados e discutidos.

²⁸³ INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mudo de materiais. Horizonte Antropológico. Vol.18 no37. Porto Alegre, 2012.

²⁸⁴ IBIDEM

²⁸⁵ ADORNO, Theodor w. Educação e Emancipação. Traduzido por, Wolfgang Léo Maar. Edição, 4. Editora, Paz e Terra, 2006.



Figura 4.27- Nuvem de Atributos coletados no referencial Teórico. Fonte Autora, 2021.

Substituir a ideia de desenvolvimento por *reenvolvimento*, amansar o giz, devolver os escolares ao seu corpo. Célia Xakriabá, professora e ativista indígena do povo Xakriabá ensina que a escola precisa valorizar o corpo e não apenas a mente, chama esse movimento de amansar o giz²⁸⁷. No entorno escolar, que amansemos o asfalto. **Se essa rua fosse minha eu mandava des-asfaltar**. Reconheço que em alguns contextos o asfalto traz dignidade, faz sentir-se pertencente a cidade. Essa é uma resposta propositiva para esse ambiente específico, feito um recorte nas quadras imediatamente lindeiras à escola com a finalidade de abrir possibilidades e provocar a imaginação. Rayssa Oliveira, em seus ricos estudos sobre as escolas, concluiu que as pegadas das crianças têm que marcar, que devemos promover mais convites a rastros do que ao culto da esterilização²⁸⁸. A estrada de terra não é regresso, não é passado porque “estrada de terra e gente boa nunca vão acabar”²⁸⁹. Léa Tiriba defende o contato com a natureza como direito da infância e conclui que precisamos trabalhar a fim de parar de julgar os elementos naturais como sujeira, como perigo²⁹⁰. Novamente são estudos guiados pelo pensar do pátio escolar, mas que tem o potencial de enriquecer a experiência urbana ao

²⁸⁷ XAKRIABÁ, Célia. Amansar o giz. PISEAGRAMA, Belo Horizonte, número 14, página 110 - 117, 2020.

²⁸⁸ Oliveira, Rayssa. Espaços Afetivos, habitar a escola. 1 ed. São Paulo. Ed. Do Autor, 2021.

²⁸⁹ Dito Popular.

²⁹⁰ TIRIBA, Lea. Educação Infantil como Direito e Alegria. Em busca de pedagogias ecológicas, populares e libertárias. Editora Paz e Terra. Rio de Janeiro/ São Paulo, 2018.

extrapolarem a escola. Estar próximo ao chão é a natureza que somos, essa base que se transforma e é permeável é a “grande pele do mundo”²⁹¹, vamos deixar o mundo respirar na rua.



Figura 4.28- Imagem da sugestão proposta mostrando a marcação de acesso. Fonte Autora, 2021.

Seguem os questionamentos: Como proporcionar ambientes que apresentem formas de aprendizado mais generosas? Acreditando nos desejos das crianças: o desejo por brincar e por estar perto da natureza são expressão da consciência daquilo que as fazem mais potentes²⁹². A proposta é tornar o entorno escolar um espaço mais apto a vida e a surpresa. Vimos que a criação de cantos e recantos é importante, mas, para garantir os encantos, eles destinam-se a nada, ou a qualquer coisa, estão abertos para receber novos significados a cada dia, são espaços escolha²⁹³. Sem bancos e sem mesas, teremos esconderijos, curvas, quem quiser sentar pode até deitar. Estímulo ao

²⁹¹ Oliveira, **Rayssa**. Espaços Afetivos, habitar a escola. 1 ed. São Paulo. Ed. Do Autor, 2021.

²⁹² TIRIBA, **Lea**. Educação Infantil como Direito e Alegria. Em busca de pedagogias ecológicas, populares e libertárias. Editora Paz e Terra. Rio de Janeiro/ São Paulo, 2018.

²⁹³ Oliveira, **Rayssa**. Espaços Afetivos, habitar a escola. 1 ed. São Paulo. Ed. Do Autor, 2021.

olfato? Podemos plantar flores, ervas. Teremos, pedras, troncos, gravetos. Quanto às árvores priorizar aquelas de cume baixo, que tem galhos convidativos²⁹⁴ como a pitangueira e a jabuticabeira. Desníveis? Dos que possibilitam acesso e pulo.



Figura 4.29- Imagem da sugestão com enfoque nas árvores. Fonte Autora, 2021.

Sem abrir mão do conforto, dos avanços e tecnologias, sugiro passarelas. Com desenhos paramétricos feitos em madeira? Com estruturas simples e placas fotovoltaicas? A geração de energia pode permitir um lugar aberto coberto com tomadas; acesso à internet- isso também é convite. Captação de águas de chuva? Pode transformar-se em fontes para brincar e para refrescar-se, em dias de sol formarão até arco – íris. É preciso também ter à disposição estruturas de banheiro. Os elementos e equipamentos são colocados de tal forma a não impedir o fluxo de carros, mas forçá-los a desacelerar. Portas que vão do nada pro lugar nenhum? Tantas quanto escadas pro mesmo lugar. A proposta é criar um ambiente que exista em harmonia com o “ser

²⁹⁴ IBIDEM.

inacabado”²⁹⁵, que também permaneça em processo e não passe a ideia de estático, pronto e resolvido.



Figura 4.30- Imagem da sugestão com enfoque na infraestrutura. Fonte Autora, 2021

Normalizar a radicalidade exige pautar outra visão sobre o que entendemos como vida abundante²⁹⁶. É preciso normalizar a radicalidade para que as coisas que parecem distantes ou impossíveis hoje não sejam excluídas do nosso campo de visão política²⁹⁷. A sugestão de um inédito viável não aponta para um paraíso, mas destaca uma possibilidade que ainda não existe por não ter lugar no pensamento e fazer hegemônico. Assim, a proposição apresentada cria um espaço de contraste frente ao

²⁹⁵ FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 50. ed. Paz e Terra. São Paulo, 2011.

²⁹⁶ FERNANDES, **Sabrina**. Se quiser mudar o mundo. Editora Planeta, outubro 2020

²⁹⁷ IBIDEM

atual centro da cidade que caminha para a homogeneização. **Reflete no espaço o direito e a valorização do viver com a natureza.** A simplicidade de um chão de terra remonta valores de uma outra abundância. O fluir cotidiano de um lugar que se permite ser natureza é vivo, e como vida é educador.

4 SÍNTESE DOS RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentre as reflexões provocadas por esse trabalho finalizo pensando sobre as opressões que agem sobre a mulher, sobre a escola, sobre a cidade e sobre as crianças. Pensei sobre o potencial das ações propositivas e cheguei em uma charada: O que a cidade e as crianças têm em comum? Elas não são, elas estão, e **podem vir a ser outra coisa.**

A impossibilidade de desenvolvimento desse trabalho e ação dentro das instituições acabou por me apresentar caminhos para além dos institucionais. Nesse processo o isolamento dado pelos muros que tanto me incomodava evidenciou-se como **apenas uma das barreiras à educação justa e democrática.** No decorrer do estudo apresentado aqui, vivi uma frustração com a ideia que eu tinha de escola, nesse momento de desilusão encontrei estudos sobre as possibilidades de sociedades sem o tipo de educação formal que conhecemos. Em minhas análises compreendi que mesmo falha e ineficaz na diminuição das desigualdades, na realidade brasileira a escola assume papéis para além dos imaginados em sua institucionalização e se faz um equipamento essencial.

A escola é expressão da sociedade disciplinar, assim como sinalizou Foucault, é o lugar da fabricação de indivíduos para manutenção do status quo, mas ela é muito mais que isso. Cobrindo parte do território nacional em alguns lugares as escolas são o único espaço de convívio, lazer e recreação disponível para comunidades inteiras. Nas escolas brasileiras as educadoras extrapolam sua prática profissional e assumem funções de cuidado que são essenciais na vida da comunidade. No Brasil, muitas crianças fazem na escola sua única refeição. As educadoras são responsáveis por identificar necessidades especiais de seus alunos e até por denunciar abusos e violências domésticas. A escola é historicamente um ambiente feminino. Ela oferece auxílio às famílias e foi por muito tempo a única possibilidade de trabalho para as

mulheres, funcionando como extensão possível de suas atividades domésticas. Dessa forma sigo acreditando ser essencial fortalecer as instituições de ensino, assim como a consciência de que a educação nunca caberá dentro da escola e que a responsabilidade por formar e educar não cabe apenas na articulação mães – educadoras. **Educar é sim tarefa social** de forma que a cidade deve assumir seu papel enquanto tal.

No início imaginei que para assumir o papel educativo a cidade deveria promover espaços deliberadamente infantis e que esses seriam um lugar DE CRIANÇA. O processo de pesquisa me afastou de pensar um espaço PARA criança pelo reconhecimento de que **todo lugar é potencialmente COM crianças**, fazendo-se necessária a pluralização dos espaços para que eles acolham a diversidade de seres, de corpos e de idades. O decorrer da pesquisa trouxe a compreensão de que a fragmentação da vida, que esquadrinha o espaço de cada um: do pobre, do rico, do trabalho, da diversão, do idoso, da criança, serve as estruturas de controle e opressão. Acredito que equipamentos e as brincadeiras com o espaço não perdem importância, mas não precisam estar atrelados a nossa visão de infância, eles devem ser múltiplos, permitir a interação de crianças, mas também de idosos, adultos, fomentar a apropriação lúdica, que sejam de brincar, mas que sejam de parar, de descansar, de conversar, espaços que possibilitem a vida para **além das máquinas que nos aceleram**.

Se de início a pesquisa interrogava sobre a possibilidade de romper os muros e transcender os limites da escola, o processo conclui que demarcar um espaço educacional não escolar é repetir a setorização de funções. Não é possível prever os aprendizados necessários para o futuro, o que podemos é **destravar o espaço para que ele se desenrole**. O potencial da cidade, das pessoas e da vida escapa às contenções. A ideia moderna do arquiteto/planejador como um deus com lápis também escapa, o espaço especializado existe só no desenho, não é possível controlar os usos, determiná-los, prevê-los. Acredito que um dos papéis importantes das profissionais de arquitetura e urbanismo, trabalhando em um meio onde técnicos muitas vezes superam nosso conhecimento prático, é a capacidade de traduzir as possibilidades de futuro. A representação da arquitetura evidencia o processo do que pode vir a ser outra coisa, longe de esgotar as possibilidades, num mundo de contradições, **cria alternativas que exercitam a imaginação**.

Se para uma das educadoras a ideia de prover bancos em frente à escola era ruim por dar comodidade demais aos pais, sugere-se **uma apropriação urbana que não acomoda, mas incomoda, em busca de um olhar para o urbano que nos tire da passividade**. Parte de defender o valor de uso nos espaços lindeiros à escola, trabalhar na retomada dos lugares de encontro reconhecendo a **educação como constante em toda a vida**, presente em lugares diferenciados e estruturados fora da escola. O presente processo de pesquisa culmina em algumas indicações de materialidades possíveis, elas foram orientadas pela análise de dados coletados, porém, para serem validadas, precisam **retornar a campo para revisão dos usuários**. O entorno urbano escolar estudado localiza-se em uma área central da cidade percebida como altamente residencial, servida pelo comércio local e prestação de serviços sociais e educacionais, **essa característica de múltiplos usos atrai pessoas e mostra-se como potencial para soluções mais alinhadas à escala de pedestres**.

Dessa forma chegamos a diferentes níveis de intervenção, nos primeiros está a necessidade – urgente – de que a presença das escolas esteja sinalizada para os motoristas, assim como prevê a legislação. A escola pública localizada no centro atrai um público não morador da região que precisa fazer grandes deslocamentos para acessá-la. Na situação estuda, a escola está pouco conectada à periferia através das possibilidades de mobilidade ativa. Assim as adequações devem estar atreladas a um plano que englobe a conexão centro – periferia, de forma a garantir rotas escolares seguras. Trabalhar o desenho de maneira a proporcionar trajetos de bicicleta práticos e seguros, além de trazer benefício para cidade como um todo, mostra-se como potente no ambiente do entorno escolar uma vez que esse **é um dispositivo atraente para as crianças e pode ser um mediador da relação delas com a cidade**.

Quando o incômodo gerado pelos carros, o trabalho permitiu identificar que a presença de sinalização não é o suficiente para atuar na homeostase do risco no entorno escolar, elas deixam os pedestres vulneráveis à consciência de trânsito dos motoristas, assim a diminuição da velocidade deve acontecer antes de se adentrar na quadra das escolas. Também, os estudos discutidos no referencial teórico e a prática observada demonstram como a dimensão dos veículos no ambiente de intenso fluxo de crianças é desproporcional e prejudicial para percepção e para segurança, sendo necessário rever as configurações de estacionamento. **Aponta-se também pela necessária valorização**

do andar a pé, demandando soluções como alargamento das calçadas e elevação de travessias.

A prática extensionista almejada exercitou-se tanto nas interlocuções, nas ações de intervenção urbana e também na elaboração de um material resumo onde estão apresentadas as sugestões feitas pela comunidade escolar e do entorno a fim de funcionar como retorno e retribuição à essas participações (apêndice cinco). Para somar a elas desenvolvi também possibilidades imaginativas. Como desdobramento futuro tenho curiosidade de apresentar essas possibilidades diretamente em atividade junto às comunidades escolares. Será essa uma estratégia agressiva que vai direcionar as possibilidades ou uma dinâmica potente para provocar novas ideias? Será o exercício imaginativo utópico eficiente para avançar e estimular projetos participativos? Não sei, sigo muito curiosa. Permanecem muitas pontas em aberto, muitas reflexões ainda na superfície, assim como permanece comigo a vontade de agir e aprender que motivou esse trabalho

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

5.1 Que referencias são essas?

Como explicitado no início desse trabalho, partindo da consciência de que estamos imersas em uma cultura que é embranquecida, patriarcal e colonizada, o percurso de pesquisa teve como compromisso guiar-se pela escrita de mulheres, preferencialmente de mulheres negras e do pensamento gerado no sul do mundo. Agora apresento esse esforço em números e trago algumas das mulheres que me ajudaram e inspiraram nesse processo.

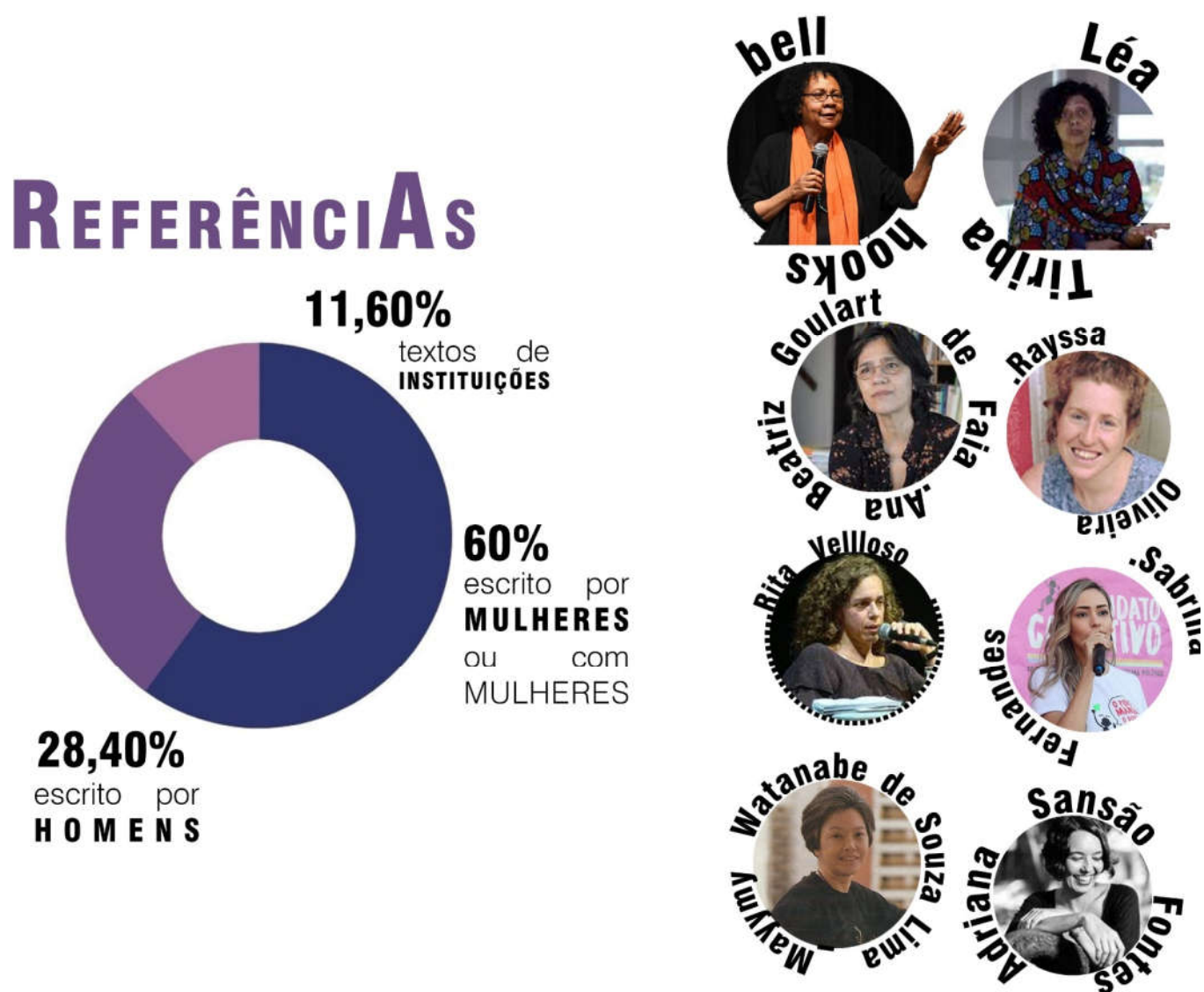


Figura 5.1 Infográfico das referências de pesquisa. Fonte Autora, 2021.

5.2 Lista de Referencial Bibliográfico

ADORNO, Theodor w. **Educação e Emancipação**. Traduzido por, Wolfgang Léo Maar. Edição, 4. Editora, Paz e Terra, 2006

AGUIAR, Neuma; MONT'ALVÃO, Arnaldo. **Estratificação residencial, valorização do trabalho doméstico e uso do tempo? Contribuições para a análise do caso do Brasil**. Uso do Tempo e Gênero. UFRJ, 2016.

ALMEIDA Cleite; ROCHA, Luís Octavio. **Em busca de uma aproximação entre Arquitetura e Educação**. CEMOrOC-Feusp. Universidade do Porto, 2019.

ANDRÉS, Roberto. **O cortejo errante**. PISEAGRAMA, Belo Horizonte, número 07, página 78 - 85, 2015. Disponível em < <https://piseagrama.org/o-cortejo-errante/>> Acesso em: 12 de fevereiro,2019.

ARANTES, Ana Cristina (org.); DA HORA, Angélica Viana; SOUZA, Elisabete Araújo; CARDOSO, Natalia Camargo. **Mário de Andrade, o precursor dos Parques Infantis em São Paulo**. Phorte. São Paulo,2008.

ARELARO, Lisete. Esperança e resistência em Paulo Freire. **Boniteza – A palavra boniteza na leitura de mundo de Paulo Freire**. Org – Ana Maria Araujo Freire. 1ª ed. Paz e Terra. São Paulo, 2021.

ANZALDÚA, Gloria. **A vulva é uma ferida aberta e outros ensaios**. A Bolha Editora. Rio de Janeiro,2021.

BARDI, Lina Bo. Tempos de grossura: o design no impasse. Instituto Lina Bo, 1994. In GUIZZO, Iazana. **Reativar territórios: o corpo e o afeto na questão do projeto participativo**. Belo Horizonte, Quintal Edições, 2019.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. **Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais**. Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC. Vol.2 nº1, janeiro-julho/2005.

BRASIL, Ministério da Educação. **Manual de Acessibilidade espacial para escolas: O direito à escola** acessível. Brasília, 2009. Disponível em<http://www.mp.go.gov.br/portalweb/hp/41/docs/manual_escolas_-_deficientes.pdf> Acesso: 13 de agosto, 2021.

BROWN, Brené. **Coragem de ser imperfeito**. Editora Sextante. 1 edição. Setembro,2016.

BROWN, Rita Mae apud HOOKS, bell. **Mulheres negras: moldando a teoria feminista**, 2015.

CANÁRIO, Rui. **A escola tem futuro: das promessas às incertezas**. Editora Artmed, São Paulo, 2006.

CARSPECKEN, 1996 apud MARCONDES, Maria Inês; MAINARDES, Jefferson. **Reflexões sobre a Etnografia Crítica e suas Implicações para a Pesquisa em Educação**. Educ. Real., Porto Alegre, v. 36, n. 2, p. 425-446, maio/ago. 2011.

CAU, Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil. Notícia no site do conselho: CAU/BR vai produzir material sobre Educação Urbanística para Escolas, 2019. < Disponível em <caubr.org.br/cau-br-vai-produzir-material-sobre-educacao-urbanistica-para-escolas/> Acesso: 22 de junho, 2019

COUTINHO, Priscila Muniz. **Trabalhadoras no comando da educação institucional: Perspectivas e representações de gênero para a direção escolar**. Seminário Mundos de mulheres E Fazendo Gênero 11, Florianópolis, 2017.

DA MATTA, Roberto 1973 - O ofício de etnólogo ou como ter anthropological blues. Comunicação do Museu Nacional. n. 1. Rio de Janeiro. 1981 - **Relativizando. Uma Introdução à Antropologia Social**. Petrópolis: Vozes. apud Peirano, Mariza. A favor da etnografia / Mariza Peirano. — Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

DA ROCHA, Paulo Mendes. **O território é educativo quando está aberto à imprevisibilidade**. Entrevista concedida à Cecília Garcia. Portal Aprendiz. Agosto, 2018. Disponível em <https://portal.aprendiz.uol.com.br/2018/08/30/o-territorio-e-educativo-quando-esta-aberto-imprevisibilidade-defendem-arquitetos-e-educadora/> > Acesso em: Dezembro, 2019.

DA SILVA, Itamar Mendes. Escola Popular e democrática na periferia: quando a boniteza alcança substantividade. **Boniteza – A palavra boniteza na leitura de mundo de Paulo Freire**. Org – Ana Maria Araujo Freire. 1ª ed. Paz e Terra. São Paulo, 2021.

DE FARIA, Ana Beatriz Goulart. **Por outras referências no diálogo entre arquitetura educação: na pesquisa, no ensino e na produção de espaços educativos escolares e urbanos**. Em Aberto, Brasília, v. 25, n. 88, p. 99-111, jul./dez. 2012

DE OLIVEIRA, Marcio; DA SILVA, Fernando Guimarães Oliveira; MAIO, Eliane Rose. **Violência sexual contra crianças e adolescentes: a escola como canal de proteção de denúncia**. Revista PERSPECTIVA, Florianópolis, v. 38, n. 4 p. 01-23, out./dez. 2020

DEBORD, Guy. **Posições Situacionistas a respeito do trânsito**, in Apologia da Deriva. Org Paola Berenstein Jacques. Tradução Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro. Casa da Palavra, 2003. Disponível em <<https://teoriadoespacourbano.files.wordpress.com/2013/03/apologia-da-deriva.pdf>> Acesso Dezembro, 2019.

DENATRAN, 2000. Departamento Nacional de Trânsito. **Manual Brasileiro de Sinalização de Trânsito: Sinalização de áreas escolares**. Brasília, DF, 2000.

DÉRIVE LAB. **Manual Ruas Compartilhadas**. Mexico, 2014. Tradução Sampapé. São Paulo, 2017. Disponível em <https://issuu.com/sampape/docs/ruascompartilhadas_portugues> Acesso: 13 de julho, 2021.

DIAS, Marina Simone; FERREIRA, Bruna Ramos. **Espaços públicos e infâncias Urbanas**. Revista Brasileira de estudos urbanos regionais. V17, N.3, p 118-133. Recife, 2015.

DO NASCIMENTO, Andréa Zemp Santana. **A criança e o arquiteto: Quem aprende com quem?** Dissertação de Mestrado. São Paulo, 2009.

MORAES DE CAMPOS, Doris, coordenadora pedagógica dos anos iniciais da ESFA. Em entrevista ao Diário Popular, fevereiro 2014. Disponível em <<https://www.diariopopular.com.br/opiniao/escola-de-ensino-fundamental-sao-francisco-de-assis-125-anos-79524/>> Acesso, 15 de novembro, 2020.

ELALI, Gleice Virginia Medeiros de Azambuja; **Ambientes para educação infantil: um quebra cabeça**. Tese de doutorado. FAUUSP, São Paulo, 2002.

FARIAS, Ana Carolina Carvalho Farias. **Taxonomia do urbanismo tático: uma proposta para leitura, compreensão e articulação das táticas urbanas emergentes**. 2018. 274 f. Dissertação (Mestrado em Projeto e Cidade) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018. Disponível em: <<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/8507>> Acesso: Janeiro, 2020.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Editora Elefante, 2017.

FERNANDES, Sabrina. **Se quiser mudar o mundo**. Editora Planeta, outubro 2020.

FONTES, Adriana Sansão. **Intervenções temporárias, marcas permanentes. Apropriações, arte e festa na cidade contemporânea**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2013.

FONTOURA, Natália; ARAÚJO, Clara; BARAJÁS, Maria de la Paz López [et al] (org.) **Uso do tempo e gênero**. UERJ, 2016.

FORPROEX, Fórum de Pró-reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. **Política Nacional de Extensão Universitária**. Manaus, maio de 2012.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. 40 ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

FRAGO, Antônio Vrao; ESCOLANO, Austín. **Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

FREIRE, Paulo (org.). **Cuidado, escola!** Genebra, maio 1980.

_____. **Conscientização: uma teoria e prática da libertação - introdução ao pensamento de Paulo Freire**, São Paulo, Centauro, 1980.

_____. **Educação e Mudança**. 1 ed.1979. 44 ed. Editora Paz e Terra, 2020.

_____. **Pedagogia da Autonomia**. Editora Paz e Terra. São Paulo, 1977.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 50. ed. Paz e Terra. São Paulo, 2011.

FUÃO, Fernando Freitas. LOQUEDAUN: **A cidade em tempos de corona vírus**. Revista Indisciplinar, 254–277, Belo Horizonte, 2020. Disponível em < <https://periodicos.ufmg.br/index.php/indisciplinar/article/view/29040>> Acesso em: 20 de junho, 2021.

GARCIA, Cecília. **O território é educativo quando está aberto à imprevisibilidade, defendem arquitetos e educadora**. Portal Aprendiz,2018. Disponível em:<<https://portal.aprendiz.uol.com.br/2018/08/30/o-territorio-e-educativo-quando-esta-aberto-imprevisibilidade-defendem-arquitetos-e-educadora/>> Acesso em: 06, fevereiro de 2020.

GATTI, Bernadete Angelina; BARRETO, Elba Siqueira de Sá. **Professores do Brasil: impasses e desafios** / Brasília: UNESCO, 2009.

GELEDES, portal. **Morre, aos 87 anos, o escritor e dramaturgo Ariano Suassuna**, sem autoria, 2013. Disponível em < <https://www.geledes.org.br/ariano-suassuna-diz-que-universidades-brasileiras-estao-de-costas-para-o-pais-real/#:~:text=%E2%80%9CA%20universidade%20brasileira%20ensina%20de,da%20qualidade%20de%20Matias%20Aires%E2%80%9D.>> Acesso: 12 de dezembro. 2019.

GOMÉZ, Alain Lennart Flandes. **A escola e seu território educativo: Estudo de caso a Ilha do Governador na cidade do Rio de Janeiro**, 2017. Disponível em < https://issuu.com/alainflandes/docs/dissertacao_mestrado_isuu> Acesso: 22 de novembro, 2020.

GUATARRI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica - Cartografias do desejo**. Rio de Janeiro: Vozes, 1986

GUIZZO, Iazana. **Reativar territórios: o corpo e o afeto na questão do projeto participativo**. Belo Horizonte, Quintal Edições, 2019.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. **A Classe Operária Tem Dois Sexos**. Estudos Feministas, Florianópolis, v. 2, n. 3, jan. 1994, p. 93. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16291/14832>>. Acesso em: 13 de agosto, 2021.

HOOKE, bell. **Ensinando a transgredir. Educação como prática da liberdade**; tradução de Marcelo Brandão Cipolla – 2ed. São Paulo. Editora WMF Martins Fontes,2017.

_____. **Vivendo de amor. Intelectuais Negras.** Revista Estudos Feministas, V.3, nº 2, 1995

IBÁÑES, Mario Rodriguez. **Ressignificando a cidade colonial extrativista. Descolonizar o imaginário.** Org Gerard Dilger; Miriam Lang; Jorge Pereira Filho. Editora Elefante, 2019.

ILLICH, Ivan. **Sociedades sem escolas.** 7. ed. Petrópolis: Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1985. 127p.

INGOLD, Tim. **Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mudo de materiais.** Horizonte Antropológico. Vol.18 no37. Porto Alegre, 2012.

JACOBS, Janes, **Morte e vida nas grandes cidades.** Martins Fontes, São Paulo, 2014.

KOHLSDORF, Elaine Maria. **Apreensão da Forma da Cidade.** Universidade de Brasília, 1996.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KUHNEN, Ariana Kuhnen; BIANCI, Alessandra Sant'Anna; ALVES, Roberta Borghetti. **Percepção de risco em Psicologia ambiental: Conceitos para a leitura da relação pessoa-ambiente.** Org. Sylvia Cavalcante e Gleice A. Elali. Editora Vozes. Edição 1, 2018.

LAMAS, José M. Ressano Garcia. **Morfologia urbana e desenho da cidade.** 3 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

LANG, Jon. **Creating architectural theory: The role of the Behavioral Sciences in Environmental Design.** New York: Van Nostrand Reinhold Company, 1987.

LEITÃO, Lúcia Leitão. **Quando o ambiente é hostil.** XII Congresso Brasileiro de Sociologia. Belo Horizonte, junho de 2005.

LIMA, Mayumi Watanabe de Souza. **A cidade e a criança – Coleção cidade Aberta.** São Paulo: Nobel, 1989.

LIMA, Rossana Batista Ferreira. **A criança e a Cidade: Estudo de Percepção em espaços infantis públicos em Uberlândia – MG.** UFU, Uberlândia, 2017.

LINSPECTOR, Clarisse. **Pertencer – A descoberta do Mundo.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. pág 164-167.

LUIZ, Eda. **Entrevista para Carolina Prestes. “Dá para fazer diferente em educação pública”.** Portal Escolas Transformadoras, 2016. Disponível em < <https://escolastransformadoras.com.br/noticias/meu-desafio-e-nao-repetir-o-que-deu-errado/> > Acesso: 13 de Março, 2019.

MARCONDES, Maria Inês; MAINARDES, Jefferson. **Reflexões sobre a Etnografia Crítica e suas Implicações para a Pesquisa em Educação**. Educ. Real., Porto Alegre, v. 36, n. 2, p. 425-446, maio/ago. 2011.

MARICATO, Ermínia. **Entrevista para Luís Eduardo Gomes. Para enfrentar o problema habitacional, é preciso combater o analfabetismo urbanístico**, 2017. Disponível em <https://sul21.com.br/entrevistasz_areazero/2017/11/para-enfrentar-problema-habitacional-e-preciso-combater-analfabetismo-urbanistico-defende-erminia-maricato/> Acesso: 13 de abril de 2020.

MEC, Ministério da Educação e Cultura. **Plano Nacional de educação**. Disponível em <<http://pne.mec.gov.br/18-planos-subnacionais-de-educacao/543-plano-nacional-de-educacao-lei-n-13-005-2014>> Acesso: 13 de Março, 2019.

MENDONÇA, Erasto Fortes. A boniteza da educação Pública pelos olhos de Paulo Freire. **Boniteza – A palavra boniteza na leitura de mundo de Paulo Freire**. Org – Ana Maria Araujo Freire. 1ª ed. Paz e Terra. São Paulo, 2021.

MIGNOLO, Walter. **Os esplendores e as misérias da “ciência”: colonidade, geopolítica do conhecimento e pluriversalidade epistêmica**. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (Org.). Conhecimento prudente para uma vida decente. São Paulo: Cortez, 2004. p. 667-710.

MILLS, Wright apud MARCONDES, Maria Inês; MAINARDES, Jefferson. **Reflexões sobre a Etnografia Crítica e suas Implicações para a Pesquisa em Educação**. Educ. Real., Porto Alegre, v. 36, n. 2, p. 425-446, maio/ago. 2011.

MOASSAB, Andrea. **CAMPUS UNIVERSITÁRIO: uma reflexão para o século XXI a partir do estudo de caso da instalação da Universidade de Cabo Verde**. Revista Palíndromo, Universidade do Estado de Santa Catarina. Centro de Artes. Mestrado em Artes Visuais. v.5., n. 5 (2011) - Florianópolis: UDESC, 2009. pp195-223.

MOITA, Filomena Maria Gonçalves da Silva Cordeiro; ANDRADE, César Bezerra. **Ensino – pesquisa – extensão: um exercício de indissociabilidade na pós graduação**. Revista Brasileira de Educação. V14 n.41, maio/agosto, 2009.

MURTA, Ana Luisa Ennes. **Tensões entre Utopia e distopia: reflexões sobre ordem e controle social no optimoreipublicae de Thomas More**. Indisciplinar / EA-UFGM. V. Semestral. v.6, n.2 – Belo Horizonte, 2020.

NAPOLI, Larissa. **Caminhos para utopia iconoclasta: Diálogo entre psicanálise, arquitetura e urbanismo**. Indisciplinar / EA-UFGM. V. Semestral. v.6, n.2 – Belo Horizonte, 2020.

NOVIK, Naomi. **Enraizados**. Editora Rocco. Rio de Janeiro, 2015.

OLIVEIRA, Isabel Cristina Eiras. **Estatuto da cidade**; para compreender, 2001. Disponível em <<https://polis.org.br/publicacoes/estatuto-da-cidade-para-compreender/>>, 2001.

OLIVEIRA, Rayssa. **Espaços Afetivos, habitar a escola**. 1 ed. São Paulo. Ed. Do Autor, 2021.

OMS, Organização Mundial da Saúde. **Global status report on road safety**. World Health Organization, 2018. Disponível em < <https://www.who.int/publications-detail-redirect/9789241565684>> Acesso 15 de março de 2019.

ONO, Rosaria; ORNSTEIN, Sheila Walbe; VILLA, Simone Barbosa; FRANÇA, Ana Judite G. Limongi. **Avaliação pós- ocupação: na arquitetura, no urbanismo e no design: da teoria à prática**. Oficina de Textos, São Paulo, 2018.

PELOTAS, **Lei do Plano Diretor**: Lei 5502/2008 atualizada pela lei 6636/2018. Anexo U03. Disponível em <<https://www.pelotas.rs.gov.br/servicos/gestao-da-cidade/plano-diretor-mapas>> Acesso: 13 de Julho de 2021.

PERES, Otavio M.; ESSINGER, Cintia; GOULARTE, Daniela. UFPEL, Espaço Urbano e a Cidade de Pelotas. In: MICHELON, Francisca Ferreira (org.). **O patrimônio industrial da Universidade Federal de Pelotas. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária**, 2019. p. 61-68.

QEDU, **Plataforma de dados da educação brasileira**, 2019. Disponível em < <https://novo.qedu.org.br/>> Acesso em: Dezembro, 2019.

RETTO, Adalberto Jr; LOMBARDI, Ana Maria. **Reeducar a esperança. Aproximações entre o legado de Paulo Freire e o processo de construção da cidade**. Arquitectos. Vitruvius, 2020. Disponível em < <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitectos/20.236/7625>> Acesso: 13 de novembro, 2020.

ROLNIK, Raquel. **Condominialização total é proposta por Ministério da Economia, 2020**. Disponível em <<http://www.labcidade.fau.usp.br/a-cidade-e-nossa-com-raquel-rolnik-3-condominializacao/>> Acesso: 13 de dezembro, 2020.

ROLNIK, Suely. **Temos que fazer todo um trabalho de descolonização do desejo**, 2019. Disponível em < <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/591109-e-preciso-fazer-um-trabalho-de-descolonizacao-do-desejo-entrevista-com-suely-rolnik>> Acesso: 12 de março, 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa (org.) **Democratizar a democracia: Os caminhos da democracia participativa**. Rio de Janeiro, Record. 2002.

_____. **A cruel pedagogia do vírus**. Editora Boitempo, 2020.

_____. **A Universidade no Século XXI: Para uma Reforma Democrática e Emancipatória da Universidade**, 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, Elsa Cristina. **Dimensão lúdica e arquitetura: o exemplo de uma escola de educação infantil na cidade de Uberlândia**, 2011.

SANZ, Paula Pérez. **Reformulando la noción de “ Derecho a la Ciudad” desde uma perspectiva feminista**. Encrucijadas. Revista Critica de Ciencias Sociales nº5,2013, pp. 92-105. Espanha, 2013.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia**. Editora Autores Associados. 32 ed.Campinas,SP. Autores Associados, 1999.

SENNETT, Richard. **Carne e Pedra. O corpo e cidade na civilização ocidental**. Tradução de Marcos Aarão Reis; 3 edição. Rio de Janeiro: BestBolso, 2014.

SHAMAI, Shmuel. **Sense of place: an empirical measurement**. Geoforum, v.22, n.3, p.347-358, 1991.

SINGER, Helena. **Experiências em Educação Integral inspiram um novo movimento na Educação Brasileira**. Educação e Território, 2017. Disponível em < <https://educacaoeterritorio.org.br/artigos/helena-singer-experiencias-em-educacao-integral-inspiram-um-novo-movimento-na-educacao-brasileira/>> Acesso, 20 de Fevereiro, 2019

_____. **Territórios Educativos: experiências em diálogo com o Bairro – Escola**. São Paulo: Moderna,2015.

SMART GROWTH AMERICA, **Dangerous By Design**, 2020. Disponível em < <https://smartgrowthamerica.org/dangerous-by-design/>> Acesso em: 13 de março de 2020.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa socioespacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

STENGERS, Isabelle. **No Tempo das Catástrofes**, São Paulo, Cosac Naify, Coleção EXIT, 2015. TEMPERO DRAG,2020 vídeo (20 min) A realidade é subjetiva. Publicado pelo Canal Tempero Drag. 2019. Disponível em < https://www.youtube.com/watch?v=kdHmy0_Rkcw>. Acesso em: 13 de dezembro, 2019.

TIRIBA, Lea. **Educação Infantil como Direito e Alegria. Em busca de pedagogias ecológicas, populares e libertárias**. Editora Paz e Terra. Rio de Janeiro/ São Paulo, 2018.

Tripp, David. **Pesquisa – ação: uma introdução metodológica**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.31, n.3, p-443-466, set./dez.2005.

VALVERDI, Ari Fernando Valverdi. **Infância en auto o caminando. Efectis en la concepción de la ciudad**. 2018. Disponível em <https://laboratorioespaciopublicomexico.wordpress.com/2018/03/07/infancia-en-auto-o-caminando-efectos-en-la-concepcion-de-la-ciudad/>> Aceso 8 de maio, 2020.

VELLOSO, Rita. **Apropriação, ou o urbano – experiência**. Arquitectos, Vitruvius, ano 16, fev.2016. Disponível em <<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitectos/16.189/5949>> Acesso: 13 de outubro, 2019.

VIANA, Otávio Gigante. **Pelotas Compartilhada – Plano de Ampliação da Rede Cicloviária**. Tfg Online. Pelotas, 2017. Disponível em <<https://wp.ufpel.edu.br/tfgonline/temas/urbanismo-e-desenho-urbano/>> acesso: 13 de julho, 2021.

WELLE, Ben; LIU, Qingnan; LI, Wei; ADRIAZOLA-STEIL, Claudia; KING, Robin; SARMIENTO, Claudio; OBELHEIRO, Marta. **O desenho de cidades Seguras**. WRI – World Resources Institute – Embarq, 2017. Disponível em <<https://wribrasil.org.br/pt/publicacoes/o-desenho-de-cidades-seguras>> Acesso: 13 de junho, 2021.

XAKRIABÁ, Célia. **Amansar** o giz. PISEAGRAMA, Belo Horizonte, número 14, página 110 - 117, 2020. Disponível em < <https://piseagrama.org/amansar-o-giz/>> Acesso: 13, maio, 2021.

6 APÊNDICES

6.1– Entrevistas

6.1.2 – Transcrição entrevista piloto – Criança de sete anos.

Data: 12/11/2020

Horário de Início: 11:26

Horário final: 11:35

Duração: 9 minutos.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA	COMENTÁRIOS DE ANÁLISE
- Você está preparado para ser entrevistado Dudu? - Sim - É pro meu trabalho de mestrado tá ? Eu vou te perguntar coisas sobre o lugar que você mora tá? - Tá, tá bom - São seis perguntas, aí você pode responder do jeito que você achar, não tem jeito certo de responder. - Tá - Primeiro você tem que falar qual é o seu nome e quantos anos você tem. - Meu nome é -----o e eu tenho sete anos, to quase fazendo oito porque eu faço em maio. -Arrasou, quanto tempo você mora nesse lugar que você está agora? - Faz dois anos. - A é, e o que você acha que esse lugar que você mora é diferente dos outros lugares da cidade? - É bem diferente, esse lugar é bem fechadinho e também passa pouco carro. - Como assim fechadinho? O que que é fechadinho? A casa? - Não a casa, to falando da rua. - ah, e você brinca na rua? - Sim, com meus amigos. - Então você acha que é diferente dos outros lugares da cidade porque passa pouco carro e é bem fechadinho. - Sim	FOI FEITA UMA BREVE APRESENTAÇÃO DA ENTREVISTA NO MOMENTO DO CONVITE. Achei importante ressaltar que não tem resposta certa. [você pode começar se apresentando?] Penso que em uma entrevista com alguém que não me conhece, posso falar assim: [Para começarmos eu vou me apresentar, depois você se apresenta, e aí começamos a conversar sobre as perguntas que separei. Tudo bem? Pode ser assim?] 7 níveis de Senso de Lugar. - Ponto zero, onde não reconhece o espaço como tal. O ponto um diz respeito a estar consciente de que se está em um lugar, de que este é um espaço particular, mas ainda assim não existem sentimentos, pois ele não é mais do que uma localização. No ponto dois há pertencimento, as simbologias desse espaço são identificadas como relacionada a um grupo de pessoas. O terceiro ponto é quando se tem apego pelo lugar, ou seja, esse espaço tem significado e é reconhecido como centro de experiência individual e coletiva. Reconhece-se

- Tá, então isso que é diferente do resto da cidade. E pensando assim, no uso da rua pelas crianças, você acha que tem algum perigo?

suas singularidades e se imprime uma identidade para o lugar.

- As vezes tem, as vezes não. Que nem uma vez que eu bati numa menina, com a minha bicicleta. - A, então você é o perigo! Tem outras coisas que você acha perigoso? - Pera aí só um pouquinho [...] Pronto, voltei. - Então tá, a primeira pergunta você já respondeu. Dudu, sete anos. A segunda era o que diferencia o lugar que você mora do resto da cidade, você disse bem fechadinho e tem pouco carro, aí eu perguntei para você que pelo uso das crianças que perigo você identifica, aí você falou que você já atropelou alguém. Que mais.. - Sim - Não tem outros perigos? - Ah, só atropelou alguém, e também quase fui atropelado. - A é, você quase foi atropelado por quem? - ééé, por um caminhão. - a é? :o [silencio] - e como foi isso, menino? - eu tava andando com meus amigos, e daí meio que tinha um morrinho bem pequeno, e daí tinha um caminhão passando , daí meu amigo falou pra mim olhar pra trás, daí eu olhei, tinha um caminhão e ele tava quase chegando em mim, aí eu virei pro lado. - Entendi. E você acha que essa rua é adequada pras crianças brincarem pros idosos que já não caminham direito andar, tá boa? - Sim - E você acha que podia alterar alguma coisa pra ela ser melhor pras crianças? - Não, ela já é bem boa, porque a gente pode andar de bicicleta e pode fazer um monte de coisa legal. - a é, e que tipo de coisa você que você pode fazer aí de legal? - aqui, lá fora? Andar de bicicleta, brincar com meus amigos aqui dentro, de alguma coisa, não é, tem muita coisa aqui dentro que dá pra brincar. Eu ando de bicicleta, eu brinco de lutinha. - Na rua? - que? - brinca de lutinha na rua? - sim. - arrasou. Agora vou te perguntar outra coisa. Você acha que a rua aí é limpa, cuidada?	Na psicologia ambiental a percepção de risco trata do julgamento intuitivo feito para avaliar o risco de determinada atividade, ambiente ou situação. Está relacionada com as experiências passadas, as crenças, o grau de exposição ao risco e as medidas tomadas como prevenção do suposto perigo. O entrevistado demonstra percepção do risco em relação ao fluxo de veículos. Boa avaliação do ambiente quanto as possibilidades de uso. Um ambiente com muitas possibilidades é um ambiente que possibilita o desenvolvimento de amabilidade urbana.
---	--

- Não é tão limpa, é tem que melhorar, tem que cuidar mais. - Que que você acha que tem que ser melhor cuidada? Tem alguma coisa que você possa ajudar para cuidar mais da rua? - Sim, é tem gente que bota fogo na natureza, e também tem gente que joga garrafa na natureza. - Nossa!! Você pode ajudar nisso? - Sim, jogando todas as garrafas que jogam e os elementos fora. - Arrasou. E você acha que se dissesse que não pode mais passar carro e caminhão, ou que os carros e caminhões tem que passar devagarinho. Você acha que ia ser bom pras crianças brincarem? Ia evitar o perigo de atropelamento? - é, eu acho que também ia melhorar se as motos forem menos aceleradas, melhor pras crianças brincarem. - E você sente falta de alguma de ter um lugar pra fazer coisa ai perto da sua casa? - Aqui tem tudo que eu quero brincar. - Alguma coisa pra mudar a rua, você acha que ia ser legal se ela fosse diferente, mais colorida? - Não, eu acho que não precisa. Acho que ela já tem bastante cor, bastante natureza. Isso já melhora um pouco, as cores da rua. - Entendi, acabou já a entrevista, eu gostei. - Meio que, aqui quando a gente passa por qualquer lugar aqui do meu bairro, tem sempre, sempre, sempre folha, tem todo lugar que a gente passa no meu bairro tem sempre natureza. Mas tem gente que não cuida, tem gente que não cuida muito bem da natureza, isso que é ruim. - Nos outros lugares que você morava tinha natureza também? Tinha mas bem pouca - Então você está gostando de morar ai né? Sim, eu gosto. - E na cidade de Videira, que que você acha que podia melhorar? - Eu acho que o shopping podia abrir mais coisas, e também que Videira ficasse mais grande, meio que construíssem mais, Tipo eu queria que ele construíssem um <i>McDonald's</i>, porque eu só posso comer <i>McDonald's</i> quando eu to em alguma viagem.	O quarto ponto é aquele onde se reconhece os interesses e necessidades do lugar e se tem a identificação com esses objetivos. O quinto ponto é o de envolvimento com o lugar, quando se assume um papel ativo de compromisso com o futuro do espaço, ele implica investimento de recursos humanos como tempo, dinheiro e talento em atividades de manejo do espaço. Será que fui muito pretenciosa perguntando desse jeito?
--	---

E NO USO DA CIDADE PELAS CRIANÇAS,
VOCE VE ALGUM PERIGO?

- AS VEZES TEM, AS VEZES NÃO. QUE NEM
UMA VEZ QUE EU BATI NUMA MENINA, COM A
MINHA BICICLETA.

AH, SÓ ATROPELEI ALGUÉM, E TAMBÉM
QUASE FUI ATROPELADO.



uma metro
a cidade tem que



pedia fazer um lugar para passar bicicleta

Colagem feita a partir da entrevista piloto. Fonte: Autora, 2020.

6.1.3 Transcrição entrevista Professora/ Mãe de Aluno. [Escola Rosa]

Data: 12/11/2020

Horário de Início: 19:30

Horário final: 20:45

Duração – 75 min de ligação

50 minutos de gravação

Então quero começar te agradecendo por se disponibilizar a participar da entrevista. Hã, quero te perguntar se tem problema eu a gravar pra transcrever depois, aí eu transcrevo e te mando pra se tu quiseres dar uma olhada. - Não, tranquilo. Na verdade, eu sempre. Em que que tu tá te formando, desculpa que eu não te perguntei, qual é tua formação? - Eu sou arquiteta, estou fazendo mestrado em arquitetura, na área de percepção do ambiente pelos usuários. - Nossa, que interessante - Só um pouquinho que eu vou tentar abaixar, assim eu tô o dia inteiro sentada procrastinando na frente do computador pra escrever um artigo, aí quando a gente tá nessa vibe assim qualquer coisa incomoda né. - conversa com o filho – - razão para os seis filhos gatos – - Agora sim podemos conversar - Eu vou começar me apresentando, falando um pouco sobre o meu trabalho, aí depois tu te apresentas, e aí eu tenho umas perguntas, essa é uma entrevista semiestruturada, então eu vou trazer alguns pontos pra gente conversar. Então eu sou a Marina, me formei em arquitetura aqui na Universidade Federal de Pelotas em 2018, moro aqui em Pelotas desde 2011, e desde quando fui escolher um tema pro meu TCC, eu me interessei em estudar as escolas, e mais especificamente o espaço urbano que fica bem imediato da escola, bem na beira da escola, essa cidade que tem contato imediato com a escola, então entrei no mestrado na área de percepção do ambiente pelo usuário, e me propus a pensar como que a comunidade escolar, tanto as mães, quanto às professoras, alunos, vizinhos, Dessas duas escolas aqui do centro, a Joaquim Assumpção e a Francisco de Assis, essas que ficam aqui na esquina da Barroso com a Tiradentes. Como que enxergam esse espaço, como que enxergam a relação das crianças ali com essa região. Então essa é a proposta do meu trabalho, e isso porque eu moro bem aqui, na	– pra você ter essa conversa também – E urbanista né queridinha. Tua pesquisa é em urbano, ressalta isso, pode ajudar a aprofundar o debate, já apresenta o olhar para a cidade. Falando sobre a metodologia, sobre o instrumento, Disponibilizar áudio, entrevista. Uma pasta com meu seminário e com meu TCC.
--	---

Barroso entre a Tiradentes e a Teles, e eu passo bastante por ali e observo essa coexistência entre as duas escolas, observo um pouco essa forma de se relacionar com a rua. Então acho que é isso, se tu quiser me perguntar alguma coisa, pode ficar a vontade também. - Eu quero só saber se teu áudio está falhando também, porque quando eu falo tá falhando muito pra ti, porque tá falhando muito pra mim. - Ah, vou colocar aqui na minha 3G que talvez melhore. - Tá, então assim ó Marina, tu me apresentando o trabalho eu já tenho algumas ideias do que eu entendo dessa relação mas acho que é interessante tu fazer as tuas perguntas pra eu poder seguir o roteiro né. - tá, mas se tu puder primeiro se apresentar, teu nome, que que tu faz - Então, meu nome é -----, eu sou professora de ----- na Prefeitura Municipal de Pelotas, agora nesse momento sou professora 40h na escola Joaquim Assumpção, sou mãe de um aluno da Joaquim Assumpção, e moro perto da escola. [caindo, mudamos para chamada de voz. (sugerido pela entrevistadora)] - caiu a ligação. - Nova ligação pelo drive. - Show, eu costumo fazer pelo whats, mas aqui não é difícil né. - Não é difícil não, mas a gente é meio desconfiado com essas coisas, mas vale a pena. Tem como botar pra gravar, não sei se tu tá visualizando aí. - tu estava te apresentando quando travou tudo - e sou professora de ciências no assumpção, do ensino regular e da EJA, eu sou mãe de aluno, meu filho estuda ali no pré, não sei se minha formação é importante ou não, se tem alguma relação, mas vou falar em qualquer forma. Eu sou bacharel licenciada em química, sou pedagoga, mestre em educação e agora sou licencianda em biologia. Tá, e aspirante a doutora em educação.	Professora da Escola Joaquim Assumpção Sou sortuda demais, segunda entrevistada, segunda mãe de aluno, segunda pedagoga. Olha aí a entrevista disruptiva Se sente ótima lecionando em uma escola imersa nessa situação peculiar. (que também é reconhecida por outras pessoas)
---	--

Bom, a primeira coisa que eu pensei antes de tu me fazer qualquer pergunta, a primeira coisa que pensei quando tu falaste, é na diferença da relação com o ambiente externo entre essas duas escolas. E isso me deu um start assim, eu fui ter uma aula há um tempo atrás pra um pessoal ali na licenciatura, e um aluno lá me perguntou: professora como tu te sente sendo professora de uma escola pública que fica na frente da escola privada. E eu disse que me sinto ótima, porque apesar da desvalorização arquitetônica e de manutenção que nossa escola passa, ela tem uma expressão histórica muito grande, e uma relação com o ambiente externo também muito grande. Justamente em função de ser um prédio histórico, porque o Assumpção só tem aqueles muros baixos porque não pode mudar em função de ser uma , me desculpe faltou a palavra - de ser um patrimônio né... - é, de ser um patrimônio cultural histórico da cidade de Pelotas. Então assim, pensando, visualizando as duas escolas, eu me sinto mais feliz com a relação aluno - ambiente encontrada no Assumpção. Ambiente externo assim, do que a situação do aluno do São Francisco. Porque o aluno do São Francisco vive dentro de uma redoma né, é assim que eu visualizo a relação dos dois, mas, em relação a outras escolas, eu não sei se isso cabe ou não cabe, a relação com o entorno lá é muito menor, por se tratar de um ambiente muito agitado. Então assim, você não pode fazer uma saída de campo ali no Assumpção, porque o ambiente que é muito urbanizado acaba prejudicando nesse sentido. Então assim, quando tu fala da tua temática a primeira impressão que eu tenho é essa, e a primeira relação que eu faço entre o São Francisco e o assumpção é que no São Francisco eles estão numa redoma, e o assumpção tem o privilégio de estar em um ambiente histórico, que tem uma relação com o exterior, daí claro, tem os prós e os contras. - Sim, as minhas perguntas vão bem por aí, é bem sobre o que eu tenho pensado, essa relação é diferente de uma escola pra outra. Ai eu tenho estudado umas teorias que falam sobre a importância da criança se localizar, dela conseguir identificar em que lugar ela está, ela entender que ela tá na cidade, na rua, que está no centro. Então eu acho que a forma como a	Avalia como melhor a relação aluno- ambiente da Escola Rosa em comparação com o Colégio Laranja. Acredita que essas escolas se relacionam menos com o entorno, comparativamente a outras escolas, por estarem inseridas em um ambiente muito agitado. - esse estarem inseridas - me provocou outro pensamento, o colégio laranja inseriu-se ali, nesse ambiente central e movimentado, porém, acredito que a escola rosa, inseriu-se em um tempo de outro movimento nessa região do centro, então o movimento que se sobrepôs a inserção da escola. redoma x ambiente aberto histórico. (pergunta sobre territorialidade) Senso de lugar nível 03 - diferencia esse lugar do restante da cidade.
---	--

escola é implantada impacta nessa percepção que elas têm. - com certeza - A primeira pergunta é quanto tempo que tu frequentas esse espaço, essa região aqui. - Assim, moro aqui nessa região, é que antes eu morava na casa do estudante tá, que acho que não dá pra considerar essa região, eu saí de lá em 2003, tu contas 17 anos que eu moro nessa região. - E o que tu achas que diferencia essa região, onde estão essas duas escolas, do restante da cidade? - Pensando nos ambientes escolares assim, e sobretudo nas escolas públicas, municipais, que eu já trabalhei em várias, o que acontece é o seguinte, nos outros bairros, o convívio com o entorno é muito maior. Executando o pelotense, as demais escolas se localizam em bairros mesmo, em regiões onde eles podem ter um contato um pouco maior com a rua e com a natureza assim. - Não sei se te respondi - Respondeu - e das escolas particulares não tem diferença, porque nas escolas particulares existe um modus operandi de redoma, e eu não estou fazendo uma crítica, porque eu entendo que é uma questão de segurança, que tolhe muito essa relação com o exterior né. Assim, meus alunos vão a pé para escola, os coleguinhos do meu filho vão a pé, acho que o único que não vai a pé é meu filho, e mesmo assim às vezes a gente também vai, existe uma relação com o mundo externo, com o entorno. Por exemplo, é isso que me chama bastante atenção, que diminui muito aqui que é no centro, e que se amplia muito nos bairros. Acho que é o Joaquim e o Pelotense que tem essa característica peculiar de ser muito urbano mesmo. - E isso da redoma, nessas minhas observações, além do São Francisco ter os muros altos e o pátio meio escondido, ali tem aquela parte na esquina que eles às vezes alguns esperam ali, ficam um pouco, uma gaiolinha bem pouco usada, na entrada e na saída para uma fila de transporte escolar formando um corredor, então as crianças que saem e entram direto na van nem olham para rua. - Sabe que esse foi um dos motivos para eu não querer que meu filho estudasse numa escola	Escolheu a escola para não deixar o filho em uma redoma. Acredita que nas escolas públicas essa relação com o entorno é potencializada, uma vez que as crianças moram mais perto e chegam mais a pé. Preocupação com essa “ cidade artificial ” criada no entorno das crianças. Considera um perigo a relação tão direta entre a escola e a rua.
--	--

particular. E eu entendo, o muro do assumpção é extremamente perigoso, demanda uma dedicação dos pais muito grande. Entende, porque é uma comunicação direta com o ambiente externo, porque ali você pode ter pessoas do bem e pessoas do mal, você não sabe o que tá entrando ali pela gradinha. Eu entendo esse isolamento e tal. Mas sabe que é triste, que a gente vive assim, nesse sentido. - sim, parece que tem uma escola lá na estrada do laranjal que é grudada em um condomínio que é para as crianças poderem ir para escola a pé, então observa-se a necessidade, mas aí entrega uma cidade muito higienizada, sai do condomínio, entra na escola, que cidade é essa né. - Sim Marina, esses dias eu vi uma reportagem, não sei se foi um artigo, um blog assim, de uma mãe fazendo uma fala, que eu sempre retomo, sempre penso nisso, que ela mora em um condomínio fechado e tal, e um dia o filho dela de três quatro anos perguntou - Mamãe, onde vivem as pessoas marrons? E ela entrou em confronto interno né, eu não quero que meu filho ache que o mundo tem as pessoas marrons que vivem separadas das outras pessoas, que não moram no mesmo lugar que ele e que só vão lá para prestar serviço. Então eu acho que é essa a concepção dessas escolas, que lá fora tem um outro mundo que você não precisa ter contato. - e que é perigoso né, essa construção do medo desde sempre, que o que tá ali fora não tem que chegar perto. - é perigoso, é racista, e excludente. Uma série de coisas negativas na verdade. - E agora pensando no uso das crianças dessa rua, pensando na possibilidade de elas permanecerem mais ali, usarem mais esse espaço. Que perigos/ empecilhos você identifica? Falando em relação a calçada, desse uso das crianças do espaço que fica ali ao redor. - tem a questão do trânsito, tem a questão do assalto, tem a questão do tráfico. Basicamente isso. Claro... isso tu fala do uso autônomo ou do uso pela escola ali? - Dos dois, do estar da criança ali - Porque pela escola a gente precisa pegar autorização para poder sair da escola, então isso só vai acontecer com os anos bem finais assim, oitavo e novo. Alguma saída que normalmente se faz um passeio cultural aqui no entorno, no	Concepção e cultura de isolamento adotada por algumas escolas. pergunta sobre percepção de risco. A questão do tráfico é vista muito do ponto de vista de dentro da escola e por essa permeabilidade permitida pela forma de implantação. Não saem da escola sem um destino final muito delimitado, não saem para explorar. Cuidado reforçado devido à proximidade com o centro. --- PENSEI QUE O QUE QUERO PROPOR É UMA ZONA DE AMORTECIMENTO, entre o estar na escola e estar na rua ---- Há um espaço aberto interno na escola pra permanência, ninguém esperava na rua.
--	---

museu Carlos Ritter, ou a Coronel Pedro Osório. Alguma coisa específica entente, mas assim, jamaiz, nem no Assumpção, a gente sai com uma turma dentro da escola sem um motivo muito delimitado. Porque tem todo uma questão cultural de cuidado, que é o fato da gente estar no centro, muito próximo ao centro, e o <i>aluno poder sair da aula sem ser percebido, matar aula no centro</i> e todas essas coisas, então a escola, o Assumpção tem um controle bem rígido de entrada e saída, pelo menos uma tentativa disso, certamente não na mesma forma do São Francisco, claro, por questões óbvias estruturais, mas se tem muito esse cuidado com a área externa ali, o que acaba reduzindo esse convívio com a parte externa. E isso se dá de forma diferente nos bairros. - Tá, e na hora de entrada e saída, de chegar com a criança e depois buscar. -Há, daí é assim, as crianças caminham pelo entorno, mesmo com as famílias, elas caminham a pé, elas geralmente, mesmo os maiores esperam no pátio dentro ali na frente. Então é uma escola que os estudantes têm o hábito de entrar, eles não ficam na frente da escola, nunca. As famílias dos pequenos esperam na frente da escola, na saída, mas também na maioria das vezes é ali dentro do pátio da escola, que no final acaba sendo dentro da escola, que é justamente por essa questão da urbanização entende, Tipo ninguém vai esperar lá parada do ônibus que fica na frente, porque tem um espaço melhor, mais acomodado, mais tranquilo, mais controlado, no patiozinho ali, que por exemplo é utilizado para o recreio dos pequenos, então a gente praticamente não tem contato com a área externa da escola, é mais na entrada e saída, é claro que é um contato maior do que o aluno do São Francisco, porque que os pais vão a pé, levam a pé, buscam a pé, que as crianças passam ali, conhecem de bicicleta, essas coisas. - é isso que tu falaste de ser diferente das outras escolas, numa das etapas exploratórias da minha pesquisa eu fui visitando pelo google mapas escolas pelo Brasil. e isso é uma recorrência, sempre tem gente na porta, sentada, esperando, conversando, no meio fio. Muito recorrente. Sempre que eu me aproximava do mapa numa escola tinha alguém, ou sentado, ou vendendo uma pipoca algodão doce.	O modal de transporte (a pé) possibilita conhecer mais a região. Diferença cultural na ação da escola pela localização no centro. entrevista provocadora de pensares Senso de lugar nível 4 - identifica as necessidades do local Senso de lugar nível 6 - porque se propõe a despendar tempo e recursos para suprir uma necessidade do ambiente. dificuldade de transformação determinada pela localização.
---	---

- Sabe que agora tu falando eu pensei numa coisa, se um pai do são Francisco precisa esperar uma criança ele tem que ficar na calçada, já no assumption se o pai precisa esperar tem uma área interna pra poder esperar um lugarzinho pra sentar. Obviamente eu nunca tinha pensado sobre isso, mas é muito interessante, porque acaba sendo mais cômodo pro pai e pra criança, mesmo sendo numa escola pública. - e pensando nesses riscos que tu identificado estar das crianças na rua, tu consegue ver alterações que poderiam ser feitas para tornar-se um pouco mais adequado? [25 min] - Então, subir um muro? adequada, mas não confortável. Eu tenho uma proposta meio paisagista pra escola, já pensei, já propus isso, que é colocar uma cerca viva na escola. Pensando na segurança, daquela coisa assim, que eles conseguem ter contato com as pessoas da rua, e não se sabe o que pode vir da rua, a única ideia que eu já tive, principalmente na parte onde os alunos ficam, não ali na frente. No pátio de cá onde eles ficam muito, eu propus já para direção de fazer uma cerca viva, porque seria uma solução com estética legal, que não interferiria na estética do prédio, e talvez amenizasse um pouco esse contato com o exterior mais perigoso, então a pessoa teria que escalar para conseguir chegar no aluno. Então a única coisa que poderia ajudar é isso, no mais não tem muito o que fazer, porque a localização da escola conta muito. - E tu acha que essa necessidade de mudança é sentida pelas outras pessoas da escola, e elas estariam dispostas a fazer alguma coisa para melhorar esse ambiente? - Então, agora tu chegaste num ponto complicado. a necessidade da mudança? sim! Quando tu trata de uma escola pública tu vai esbarrar sempre numa questão, que é a financeira. Então, eu já fiz essa proposta e a coisa ficou no “é, vamos ver... vamos fazer...” Talvez as pessoas aceitassem essa ideia se elas não precisassem depender absolutamente de nada, nem mão de obra. Eu me propus a fazer tá, eu não	Impedimentos financeiros para transformar o lugar - O URBANISMO TÁTICO PROPÕE AÇÕES DE BAIXO CUSTO. Ela pensa nas necessidades e se propõe a abdicar de um tempo para supri-la, maior grau de apego ao lugar [eu tenho dificuldade de fazer pensar fora, durante a entrevista, falhas na minha estrutura ou barreira característica da cultura escolar?] Problemas na infraestrutura do entorno. Responsabilização da prefeitura. [preciso conseguir fotos desse buraco] Conflitos e medo de retaliação por parte da prefeitura.
---	--

sou muito boa de planta mas eu ia fazer mesmo assim, então tem que fazer canteiro em todo ao redor, e aquilo ali é areia, então a primeira dificuldade, a escola não tem dinheiro pra comprar terra. Não sei se tu sabes como é mantida a escola pública?

- não sei

- então, a gente recebe o ** PARf **, que é um financiamento, esse PARf, é pra quando tem situações em geral, papel, caneta de quarto branco, tem que colocar um quadro numa sala, é dinheiro do PARf. Só que esse dinheiro, eu não quero te mentir, parece que ali no assumpção é 4000 a cada trimestre, sendo que agora na pandemia a escola não recebeu o PARf. Então como tu tira de uma fechadura que quebrou pra comprar uma terra? É muito complicado. **Então minha resposta é assim, as pessoas apoiariam e interessariam mas, reticências, esbarra numa questão financeira.** Eu fui lá, propus, vamos fazer? vamos fazer, mas assim, não tem dinheiro pra comprar terra, você vai conseguir terra?. E aí, um saco de terra de 10 kg é 15 reais, eu preciso de 100 kg de terra, é complicado.

- Sim, entendi. E pensando essa parte externa da escola, a parte da cidade mesmo, como tu avalia. Como tu o avalia em relação às possibilidades de uso? Se dá pra esperar ali, se dá pra criança brincar, limpeza, manutenção, acessibilidade, esse tipo de coisa.

- É complicado tá Marina, vou te contar uma situação que aconteceu comigo quando eu estava grávida do meu filho. Eu parei o carro, desci bem na frente da escola, e tem um **buraco no chão**, bem, pensa, a escola é da prefeitura, quem deveria consertar?

- a prefeitura

- Sim, porém o coordenador da época me disse assim, é Lisandra, não posta nada nas redes porque a gente pode se complicar, a prefeitura pode jogar isso pra cima da escola. **Então tem coisas que deveriam mudar sim, por exemplo.** podiam ser melhorada, na calçada lateral da Tiradentes tem um buraco que até hoje tá lá destapado, o buraco que eu cai nele, grávida. Pela Barroso, a calçada tá toda esburacada, então tu pode vir ali caminhando e torcer o pé, ali de ter um trânsito muito constante. **É seguro ficar ali? Não, não é, porque tem uma parada de ônibus ali com pessoas estranhas todo tempo, o movimento dos carros é intenso, pra atravessar a**

necessidade de melhoria das calçadas.

incômodo pela localização da parada de ônibus

perigo nas travessias.

Percepção de risco por experiências passadas. (às vezes as respostas aparecem em outras perguntas, amei isso dá entrevista semi- estruturada)

PASSARELA DE PEDESTRES?

falei sobre a legislação do DENATRAN que aparentemente ninguém conhece. Pensei em fazer um resumo visual dele das partes que mais me interessam.

rua, mesmo com sinaleira, é muito perigoso, porque são ruas de trânsito muito intenso. E ali assim ó, eu estava passando ali anteontem e lembrando de duas situações que aconteceram, por exemplo. Um dia eu estava dando aula, uma noite eu estava dando aula na EJA, quando a gente ouviu uma barulheira, um carro entrou no prédio da esquina. Pensa, tipo, qualquer um que tivesse indo pra escola ali, ia ser atropelado. Outra vez eu estava dando aula de manhã e um senhor foi atropelado na Tiradentes e faleceu no acidente. Então, não é seguro, ponto. Inclusive é bem perigoso, talvez fazer uma passarela? sim, talvez fosse o caso. - Agora estudando sobre a pesquisa, eu vi que o DENATRAN tem uma legislação específica para áreas escolares, e que tipo de soluções tu pode propor, porque tá previsto em lei que essas zonas escolares tenham um tratamento especial, então uma das coisas que colocam como possibilidade é a interrupção ou a redução do tráfego motorizado, nessa região do entorno da escola. Então chegamos na última pergunta. Como você avalia essa possibilidade de interromper ou reduzir o trânsito nessa região? - Muito fácil, tira a vaga do ônibus dali pronto. Assim ó, porque eu não sabia disso, a escola fica numa esquina, que passam ônibus em todos os sentidos. Todos os ônibus do areal passam ali, todos os ônibus do navegantes passam ali, então é absolutamente contra esse regulamento, porque são duas escolas que tem o tráfego constante, e intenso. [filho, calma só mais um pouquinho, depois prometo que deixo você tocar bateria pra tia]. Então eu acho que é fácil de solucionar, é só colocar o ônibus pra Alberto rosa, da Tiradentes pra Dom Pedro. - Sim, é uma boa. Agora a gente terminou as perguntas que eu tinha pontuado. Eu tinha até ido conversar na Joaquim assumpção, porque no final do ano passado eu tinha me inscrito naquele edital de auxílio eventos da secult, e propus a realização de um evento junto com as duas escolas de um negócio que chama de urbanismo tático, não sei se você já viu, mas é sobre repensar o desenho das ruas. Minha pesquisa no começo era mais voltada para as crianças, para rever com elas o uso da rua. Aí foi por isso que eu propus, ficou em primeiro lugar no edital, era pra gente fechar a Tiradentes e a barroso durante um final de semana, e fazer atividades ali pra discutir	Sugestão de mudança da rota do ônibus. Assumpção recebe muita criança de abrigo, elas vão de van para escola. demanda de estacionamento. Proposição de um calçadão, com referência a outro existente em Pelotas. O barulho do trânsito e a dinâmica da rua acabam atrapalhando acusticamente as aulas. Mais um argumento a favor da - ZONA DE AMORTECIMENTO - ciclofaixa segura para conectar a escola aos bairros da região.
--	---

o que poderia ser feito para melhorar no dia a dia, se seria alargar a calçada, remover estacionamento, barrar carros, estacionamentos, conversar. - Tai aí, eu não falei uma coisa que eu sempre falo, você já percebeu que na frente do São Francisco tem meia quadra de estacionamento? isso eu quero que você bote, por favor, na frente do São Francisco tem meio quadra de estacionamento, na frente do Assumpção não tem onde estacionar, na escola dos ricos tem estacionamento, mas pobre não tem carro mesmo né? Isso é uma coisa que me chama atenção sabe marina, e o Assumpção é uma escola que recebe muita criança de abrigo, muita criança de abrigo, acho que grande parte das crianças de abrigos estudam no Assumpção, e essas crianças vem de vã, outras também vem de van, poucas, mas vem, e as vans não tem onde parar, porque bem na frente da escola tem um ponto de ônibus, e na Tiradentes não tem onde estacionar, porque todo comércio do entorno estaciona na quadra da Tiradentes. Eu acho que tinha que fazer um calçadão igual vão fazer ali na frente da FAE, trancar rua, virar festa. - Vou te mandar depois essa oficina de urbanismo tático, o tanto que é legal, fecha a rua, porque é isso, uma das coisas que me fizeram querer estudar isso, é que é muito possível alguém passar aqui na rua todo dia, e não perceber que tem duas escolas ali, não tem diferenciação nenhuma sendo que os usuários são muito específicos. Essa legislação do DENATRAN reconhece que elas estão em idade de desenvolvimento, que a velocidade é mais agressiva pra elas. - Sim, e outra coisa também, por exemplo, a gente tem uma sala de aula específica dentro do Assumpção que é quase impossível usá-la. Eu não sinto tanto porque eu dou aula pros anos finais, e essa é a sala do sexto ano, que eu não trabalho, e tem uma turma da tarde, e à noite eu dou aula ali, que é a sala que fica bem do lado da Tiradentes, e às vezes a gente tem que parar a aula por causa do barulho dos carros, é complicado nesse sentido. Nossa, e são umas coisas que geralmente a gente não pensa né.	Uso de bicicleta pela comunidade escolar. [assim como apareceu na entrevista com a outra mãe]
---	--

- Por isso que eu to achando muito legal essa possibilidade de troca, eu com o olhar de arquiteta conversar com você, eu fui vendo as pessoas na página do Joaquim assumption, e quando cheguei a ti não sabia que você é pedagoga, e outra mãe que eu fui conversar da São Francisco também tive essa surpresa, muito bom, muito enriquecedor pra mim esse olhar de vocês.

- Não sei se você já falou com outras pessoas

- Pois é, queria ver contigo, quem tu achas que ia gostar de participar.

- Assim ó, qual é a tua amostragem, eu tenho várias pessoas pra te indicar, dois ou três colegas, mãe de aluno, alunos, alunos da eja, tu fazes uma lista e me manda pelo whats, que eu vejo isso pra ti.

- Show, muito obrigada. Sabe eu fiz o piloto dessa entrevista com o meu sobrinho de sete anos, e ele me deu respostas incríveis, tipo aquela pergunta sobre os riscos que identifica na rua, ele me respondeu “tem perigo sim, porque esses dias eu estava andando com a minha bicicleta e atrolei uma guria” hahahahaha, ele é o perigo.

- Sabe que teu sobrinho tem razão, eu **acho que tinha que ter uma ciclofaixa** ali na rua, pensa bem, a Tiradentes tinha que ser mão única, já é, mas ela tinha que ter uma ciclovia, porque a Tiradentes é o acesso direto do Navegantes ao centro. Eu tenho uma aluna, que é mãe de um coleguinha do meu filho, e ela traz o filho dela, o Arthur, de bicicleta pela Tiradentes, pensa no desvio que ela teria que fazer para pegar uma ciclovia lá na Gomes Carneiro. Nós bonitinhas que só andamos de carro e vamos a pé uma vez na vida outra na morte não faz diferença, mas pensa todo dia, morar lá no Navegantes, sair com teu filho de bicicleta, ai ir até a Gomes Carneiro pra poder vir, aí pensa, vai lá na gomes, ai vira na Felix e depois tem que descer a Tiradentes que é super movimentada. Então assim, aquele entorno ali não tem mobilidade urbana, nenhuma. Não tem. Não poderia, assim, o assumption foi fundado em 1920, uma escola de 100 anos, você não vai tirar ele dali. Mas **falta uma adequação ali**, é muito perigoso mesmo, seu sobrinho tem razão, precisa de uma ciclovia. [44 min e 35s]

Aqui uma recorrência que eu já vinha identificando ao ouvir professoras, aqui se fortalece a crítica que faço as proposições do CAU de material didático. A relação com a cidade não pode ser mais um conteúdo curricular. O espaço precisa ser trabalhado ciente de sua possibilidade e dever de passar lições, o espaço precisa ser efetivamente educador em sua vivência, não como matéria escolar. Preciso pesquisar mais sobre isso.

- E isso é recorrente em todas as entrevistas, a ideia da ciclovía. E eu vi na entrevista com ele que a bicicleta é um dispositivo potente pra promover essa interação entre as crianças e a cidade. Eles são apaixonados pela bicicleta.

- Claro. Eu sou sedentária, lançaram o sedentário no mundo, eu estava lá. Às vezes eu até tenho vontade de não ser, mas essas ciclovias são um perigo, eu tenho medo disso, porque ... quando meu filho era menor a gente ia pra praça Coronel Pedro Osório de bike, e era um perigo, um grande perigo, porque os carros simplesmente avançam a ciclovía. **Além da necessidade de ter ciclovía, as ciclovias que tem são extremamente mal feitas.**

- E também a educação do trânsito, as pessoas não respeitam muito a bicicleta. Isso foi outra coisa que me deixou admirada no Manual de Trânsito do DENATRAN, além desses dispositivos para promover a segurança, ele fala sobre esse espaço do entorno escolar para promover a educação para o trânsito. Como uma extensão da escola no pensar do agir da cidade. [46 min]

- Aí eu vou fazer uma defesa com relação a educação para o trânsito. A escola está tendo que dar conta de tanta coisa, tanta coisa, que acaba gerando um abismo na educação. E eu não to dizendo que não é importante. Só seria possível se falar de tudo que é necessário, se nós tivéssemos educação em tempo integral. Porque? Agora a gente tem a BNCC, e a BNCC nesse ano foi reduzida pra gente trabalhar na pandemia. Só que o que a gente tem que trabalhar de habilidades, dentro da BNCC, é quase impossível num ano letivo, porque se você trabalhar conforme é solicitado, simplesmente você 100% larga o lado afetivo, o lado do pensamento crítico, só transmite matéria. E aí quando tu pegas as transversalidades pra trabalhar, tu acabas entrando numa sinuca de bico. Vou te dar um exemplo da minha área. Dentro do oitavo ano, deveria ser trabalhando num trimestre, as questões de sexualidade, afetividade, relacionamentos abusivos, e todas essas coisas que são super fundamentais, só que são coisas que você não trabalha só com jogo de conteúdo, você tem que construir junto com os alunos. E todos os anos da minha vida, desde que

eu me conheço como professora, eu atraso o conteúdo do oitavo ano. Porque? Porque são assuntos de uma complexidade, de uma necessidade tão grande, que eles demandam mais tempo, mais dedicação e do aluno também, porque é uma construção. Então no momento que tu coloca educação para o trânsito, acho, sinceramente, fazendo um olhar bem objetivo, eu acho que pra educação infantil e primeiro e segundo ano, é possível, se passar desse período não é mais, porque aí gente tem uma cobrança, por mais que exista o discurso de que não tá?. Se você for falar com gestão, com SMED, com secretários de educação e tal, eles vão te dizer, não, o professor tem toda a liberdade do mundo pra trabalhar da forma que ele quer. Mentira, mentira porque a gente é cobrado se a gente não cumpre, você pode trabalhar da forma que tu quiser, desde que tu cumpra isso daqui, e aí como é que você vai cumprir isso daqui é problema teu {48.44 min}, Aí te digo, pré A, pré B, primeiro e segundo ano, tu conseguiria trabalhar com educação para o trânsito, mas daí tu esbarra em outra questão, se a gente ficar eu vou até amanhã, a outra questão é a disposição teórica do professor.

Sim, essas teorias que eu estou estudando, que as práticas ainda são bem experimentais, é pensar nessa conexão da escola com a cidade como um agente de educação. Que a criança vai observar esse espaço, quando ela entrar e sair da escola, e ninguém vai precisar falar nada, a rua vai ser o agente de educação, a rua trabalhada de tal forma a mostrar outras possibilidades de cidade, a o que tu tem que olhar, um tempo pra que a criança perceba o contraste, o que oferece perigo, o território como agente educativo, para vida na cidade e para vida no trânsito.

- não com certeza, mas depende muito, porque tem uma relação de classe social, de vivência, de socialização, porque por exemplo, meu filho sabe as cores da sinaleira, sabe que tem que parar quando alguém está na faixa de pedestre, em decorrência de uma relação que se tem com isso, mas, tem que lutar muito, tomara que se avance. Mas eu só digo uma coisa, numa cidade onde as pessoas ainda constroem condomínios eletrizados com energia por fora, aérea, tem que comer muito feijão com arroz.

- Muito obrigada por essa conversa, me ajudou demais, fez pensar em outras coisas.

- Por nada, você fique a vontade no que precisar, eu acho que sempre a gente tem que ajudar quem pesquisa.

[encerramento com show de bateria do pequeno]

6.1.4 Transcrição entrevista Mãe de Aluno. [Colégio Laranja]

Data: 16/11/2020

Horário de Início: 10:00

Horário final: 10:42

Duração: 46 minutos

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTAS

COMENTÁRIOS INTERPRETATIVOS

- Olá, bom dia.
- Oi, tudo bem?
- Tudo bem e contigo?
- Tudo bem, tudo tranquilo.
- O que acha de conversarmos por vídeo, que aí podemos nos ver, penso que talvez seja melhor...
- Pode ser sim
- Vou mudar aqui então.
- Opa, oi!! Melhor assim que a gente se vê né.
- É quase ao vivo.
- Muito obrigada por aceitar participar dessa entrevista, é a primeira que vou fazer assim a distância.
- O pessoal não se dispõe muito, mas eu acho importante participar, porque é uma ajuda pra vocês né, todo mundo precisa, e a gente está em casa mesmo não tem problema, podes me perguntar.
- Tá bem. Eu vou gravar a nossa conversa, pra eu poder transcrever depois. Ai assim que eu a tiver por escrito te retorno para se quiseres dar uma olhada. Pode ser?
- Pode.
- Eu vou começar me apresentando e apresentando o trabalho, não sei se tu chegaste a dar uma olhadinha no vídeo que eu fiz?
- Sim
- Meu nome é Marina, me formei em arquitetura e urbanismo aqui em Pelotas em 2017, moro aqui desde 2011. Aí terminei a faculdade fiquei por aqui trabalhando e agora estou no mestrado também no programa de arquitetura da federal. Eu estou estudando sobre a percepção do ambiente pelo usuário, e o meu enfoque de pesquisa é a percepção das crianças no ambiente urbano escolar, de forma a trabalhar essas áreas a fim de torná-las fortalecedoras do desenvolvimento infantil. O meu enfoque nas ruas vem de um incômodo com algumas dinâmicas atuais, quando eu era pequena eu brinquei muito na rua, e essa era uma experiência bem rica para mim, e agora parece que se perdeu um pouco desse costume, em alguns lugares. Agora parece que as crianças estão cada vez mais dentro de casa. Então a minha pesquisa busca

Apresentação

Como essa foi a primeira entrevista, risquei essa parte para não a repetir, fiquei com

encontrar formas para que essa rua seja mais segura pra vivência infantil. - Sim- - Ai eu moro no centro de pelotas, bem aqui perto da ferragem que tem próximo a escola São Francisco de Assis e Joaquim Assumpção. —Claro , é o centro também, mas eu moro aqui na Colina do sol, e mesmo aqui a gente não consegue ter segurança pela questão da velocidade, o pessoal passa correndo, mesmo sendo uma via que não é tão pública, ela é mais reservada aos moradores, então ocorre que às vezes ... a gente quando era criança também fazia isso, brincava na rua, a gente jogava caçador, era um brinquedo que a gente jogava, um jogo de bola, a gente dividia a rua ao meio e quando um carro ia passar todo mundo recuava para beirinha, o carro passava devagarinho e a gente voltava a jogar. Isso não acontece aqui porque as crianças primeiro não saem pra rua, então não dá pra juntar muitas, mas a gente sente falta desse espaço de rua para lazer mesmo, porque o que importa é a diversão não é tanto o local. - Pois é! Então, não sei se tu quer começar te apresentando, o nome, o que tu achar importante... - Tá bem, eu me chamo Eva Rosane Quaresma Lopes, eu tenho 57 anos, tenho um filho de 13 e um de 19, sou casada a 32, 33 anos, já meio que perdi a conta. Eu sou formada em pedagogia com pós graduação em psicopedagogia. Trabalhei 32 anos numa escola de ensino fundamental, na verdade em duas porque fui diretora numa escola e na outra eu fui vice, mas nesse intervalo entre direção e vice direção eu tive sempre com alfabetização, a minha paixão assim, meu melhor trabalho sempre foi na área da alfabetização. E eu gosto muito do lúdico, porque a aprendizagem deles é voltada toda para imaginação, então eles gostam de todo tipo de brincadeira. Agora eu não sei, já é outra geração que está mais tecnológica, mas as crianças com quem eu trabalhei gostavam de pátio, balanço. de gangorra, correria, e também de todo tipo de jogo de competição que a gente fazia, tipo á vamos fazer um bingo, vamos fazer um jogo de sei lá, dividir a turma em grupos e ai vamos ver quem ganha. Aí a gente sempre se divertia, é isso que eu acho, desses 32 anos que trabalhei acho que 20 foi na sala de aula e eu me divertia muito com eles, a melhor parte era a diversão com as crianças né, porque eu sempre fui também muito voltada pra essa parte do lúdico e da atividade física. Durante alguns anos eu trabalhei com a pré escola, e a pré- escola ela envolve toda a psicomotricidade, todo o lazer voltado para	medo de que essa minha opinião guiasse as respostas da interlocutora. Compartilhamento de doces memórias de uma infância brincava na rua. convívio mais ameno com os carros (talvez tinha menor quantidade dees) Que lindeza, “meu melhor trabalho sempre foi na área de alfabetização” Aprendizagem pela imaginação. As crianças gostavam de pátio... correria.
---	---

aprendizagem, então eu tenho um conhecimento, pouquinho, mas eu entendo criança nas suas áreas afetivas, psicomotora, social. Acho que é isso, se tu quiser algum detalhe tu me pergunta. - Ah eu fiquei muito feliz, não sabia que tu eras pedagoga. Eu to aqui na segunda fase do mestrado sonhando em estudar pedagogia. Cada texto que eu leio sobre educação, eu li agora, não sei se tu conheces, um livro da Lea Tiriba sobre Educação Infantil como direito e alegria, que conversa com as educadoras sobre essa vivência do pátio, é muito lindo, eu to apaixonada. Esse olhar pra criança, infância e lugares abertos que ela tem. - Eu ia gostar, mas não li. Eu ia amar porque tá dentro de uma realidade que eu vivi. - Tá, então agora vou ... eu estava procurando conversar com as pessoas mais aqui do entorno, tentar focar minha pesquisa aqui no entorno das escolas, então esse questionário é focado aqui, mas eu acho que por tu ter esse olhar de pedagoga a gente vai conseguir, mesmo que tu more na colina do sol, pensar esse entorno escolar aqui.	educação como direito à alegria, diversão. Eu fiquei muito feliz quando soube que conversava com uma pedagoga. Uma profissão incrível. Convite para pensar junto
--	---

- É porque o Henrique está estudando lá, desde a pré escola, então eu morei ali perto, morei na dom Pedro durante um tempo, e agora tem uns anos que a gente se mudou, mas ele tá com treze, desses treze, onze anos ele tá no São Francisco, ele foi bem novinho pra lá, foi pro maternal, dois então eu to bem habituada com o entorno da escola; - Pois é, a primeira pergunta é isso a quanto tempo você frequenta esse espaço, região aqui. - Isso, em torno de onze anos, porque ele foi pro maternal com dois e ta com treze agora - E o que tu vê que diferencia esse local aqui do resto da cidade? - bom ali tem pontos positivos e negativos né, na localização da escola...Um ponto positivo, aliás, vários positivos, é assim ó, a escola contém dentro dela um espaço amplo para diversão, para lazer, e também para esporte, atividades física das crianças que é o pátio e o estádio também, eles também tem uma sala enorme, que é a sala do balé. Que é uma sala onde as crianças têm muitos espelhos para que eles possam se ver enquanto fazem alguma atividade. A área não tão boa é que a escola não é recuada, ela é direto na calçada, o entorno dela é bastante movimentado, na área externa, ali a barroso é uma área de muito fluxo de carros. Tanto a barroso como a que passa ao lado dela, - é, a Tiradentes - então essa região ali precisa de ter diariamente teria que ter uma guarda municipal, acredito que um guarda de trânsito naquela zona, porque são duas escolas ali na verdade, o respeito em relação ao guarda de trânsito é bem maior do que quando só tem uma sinaleira né, porque ali o pessoal que vem do centro pela rua do lado da escola, às vezes dobra e não pode, muito, eles fazem muito isso, dobram em direção a barroso, então acontecem umas coisa perigosas ali, tem ônibus também, é uma rua de bastante fluxo, não sei se é isso que tu entende, que tu gostaria que eu analisasse. - Essa região se diferencia do entorno, acho que é uma região muito movimentada, se for pensar nas outras escolas, se diferenciam por estar nessa rua movimentada com bastante carro - A próxima pergunta é pensando no uso das ruas pelas crianças, especificamente pelas crianças, quais perigos tu identificas? - Ali, assim ó, é a questão dos carros né, que eu vejo que é , a velocidade ali é, bem complicada, é... não sei se com relação á transeuntes, ali teria algum problema, porque o Charles sempre ficava na porta, e ele identifica cada criança, então não sei se há, em algum momento abordagem de pessoas entranhas, os pais são	Pergunta para avaliar a territorialidade. Pergunta para avaliar o senso de lugar nível 01. O ponto um diz respeito a estar consciente de que se está em um lugar, de que este é um espaço particular (SHAMAI,1991). Uma fraqueza/ameaça desse lugar é o intenso fluxo de carros. A entrevistada reconhece esse lugar em suas particularidades, identifica necessidades e possíveis adequações. O quarto ponto na escala de senso de lugar é aquele onde se reconhece os interesses e necessidades do lugar e se tem a identificação com esses objetivos (SHAMAI,1991). O manual de sinalização para áreas escolares prevê que em alguns ambientes é recomendado que profissionais da guarda de trânsito se responsabiliza pelas travessias no entorno escolar (DENATRAN,2000)
---	---

muito presentes ali, eles não liberam as crianças, mesmo os maiores, já deixa determinado se vai levar, se vai buscar, se vão sozinhos a gente explica isso tudo, quem vai buscar, não é. Ali ocorre um probleminha interessante assim, a escola particular tem muita van, muita van, e durante as entradas e saídas as vans estacionam ali nas beiras da calçada. Então Isso é um problema que não me compete, mas a questão assim ó, fica o estacionamento lotado, a gente tem dificuldade de descer as crianças, então a geralmente a gente pra lá adiante, porque ali tá tomado de vã, gente acaba descendo e acompanhado eles até a sinaleira, porque a gente se preocupa, até com a sinaleira né, porque a gente não sabe se a sinaleira vai ser obedecida ou não né. Então a questão das vãs na barroso, talvez eles pudessem fazer a lateral, porque tem um portão grande ali do lado, de entrada pra carro, e deixas aquele espaço das vãs ali só pra vãs o espaço das vãs ali na barroso, ou vise e versa sabe. Agora na saída está abrindo as duas portas, na entrada só abre uma, então é uma correria naquela entrada ali sete e quarenta começa um fluxo bem grande. Então eu acho que a escola até poderia se organizar ali melhor, por causa do excesso das vans, acho que umas sete ou oito param ali na frente, e a gente tem que se adaptar a isso. Fora isso não me lembro assim. - A próxima pergunta era um pouco do que tu falaste de quais alterações poderiam ser feitas, mas também nessa pergunta eu quero que a gente pense um pouco sobre acessibilidade, tu achas que pra quem tem mobilidade reduzida, ou visual, se esse ambiente é adequado? - É ele tem sinalização, a escola tem um portão bem grande, tem elevador, a escola tá preparada pro cadeirante, mas assim ó, por exemplo, uma coisa que eu acho legal hoje em dia é a gente pensar nas bicicletas. Porque as crianças não vãs pra escola de bicicleta, vamos supor eles até passeiam como pais, e tudo. Mas é interessante essa alternativa de ir pra escola né. Então em termos de acesso à escola com bicicleta que os pais pudessem ir pedalando com as crianças né, em tempo bom. Eu acho que a estrutura enquanto escola, e também naquela situação ali de centro, não tá preparada para isso. E é interessante essa questão da bicicleta, acaba que eles andam muito de carro, entra do carro desce do carro, a maioria não mora ali perto, e as crianças gostam, pedalar faz bem né, mas a gente não consegue fazer isso, porque não tem estrutura na rua para que as crianças pudessem, por exemplo:, vem lá da Bento, que tem todo aquele	Velocidade dos carros é vista como um risco para vivência infantil nesse entorno. A presença da sinaleira não é suficiente para garantir a diminuição do risco. Na psicologia ambiental a percepção de risco trata do julgamento intuitivo feito para avaliar o risco de determinada atividade, ambiente ou situação. Está relacionada com as experiências passadas, as crenças, o grau de exposição ao risco e as medidas tomadas como prevenção do suposto perigo. (KUHNEN, BIANCI e BORGHETTI, 2018) O ambiente não transmite segurança suficiente para que se sintam confortáveis em deixar as crianças irem sozinha até a porta, é necessário acompanhá-las. Acompanhados até a sinaleira Convite para pensar junto A bicicleta surge novamente na conversa (como na entrevista piloto), acredito que ela seja um potente dispositivo de utilização da cidade pelas crianças.
--	--

espaço ali pra ir de bicicleta de uma ponta outra né, e depois entrar na barroso, porque eu acho que ali não tem ciclovias, não sei se tu sabe se tem ou não, mas eu nunca vi ali. - É, não, só tem na Félix, mas não tem conexão pra descer aqui na Tiradentes - É então muitas crianças podiam aproveitar uma ciclovias ali pra ir com o pai e a mãe pedalando né. Eu vejo muitas mães carregando os filhos na bicicleta descendo aquela rua ali, porque ela é uma rua larga, e é asfaltada, então é bom pro pedal né. - Sim, sim. Eu fiz essa mesma entrevista com um menino de sete anos e ele me falou muito da bicicleta, eu acho que a bicicleta é um instrumento pra criança viver a cidade muito importante né, é significativo pra eles, gostam muito né. - Gostam de fazer um passeio ciclístico, quando a escola promove, dia dos pais por exemplo, eles fazem, chama azulzinho, para tudo, promove toda estrutura pra não haver problema né, e eles gostam, vão com os pais, a bicicleta é uma festa para eles, aquele momento né. - Pensando nessas possibilidades de adequação e mudança desse entorno, tu acha que tem formas dos pais colaborarem diretamente nessa melhora, pensando que seria uma articulação, entre uma política pública, engajamento das escolas. não sei se tu acha que tem possibilidade dos pais contribuírem nessa mudança? Teria interesse? - Então, eu vejo isso aí faz parte de um interesse comum, então é preciso primeiro fazer essa pesquisa, as pessoas têm esse interesse, eu to falando porque a gente gosta da bicicleta, meu marido gosta, e sem contar que a gente usando a bicicleta tem menos poluição, menos gasto, mais saúde, é um conjunto de coisas. E a bicicleta não seria só pra quem estuda na escola, seria pra todas as pessoas que estão por lá, segurança geral, naquela rua que já tem ciclista. Agora em relação aos pais, se eles têm interesse em colaborar, fazer um a petição e coisa assim, só vendo, só perguntando pra cada um, as escola costuma fazer isso, quando eles acham que alguma coisa tem que ser mudada eles perguntam o que os pais acham, mas geralmente é com assuntos relacionados com a escola em si. Fico te devendo essa questão porque é uma questão que tem que ser analisada com o grupo ne.ar. - E como tu avalia esse ambiente em relação às diferentes possibilidades de uso? a manutenção,	Sugere e avalia como positiva a facilitação para que os alunos cheguem até a escola de bicicleta, mas ressalta que a estrutura da cidade e da escola precisariam passar por adequações. Identifica que muitos trajetos infantis estão restritos aos carros. Sugestão de rota para ciclovias. Identifica a ocorrência do uso da bicicleta pelas mães. COMPARTILHEI UM PENSAMENTO DO MOMENTO. Concluimos que a bicicleta é uma festa Há possibilidade de os pais trabalharem ativamente nessa mudança? – pergunta para avaliar o quinto grau de senso de lugar. O quinto ponto é o de envolvimento com o lugar, quando se assume um papel ativo de compromisso com o futuro do espaço, ele implica investimento de recursos humanos como tempo, dinheiro e talento em atividades de manejo do espaço. A mudança é um interesse comum Convém investigar se há mesmo esse interesse entre o restante da comunidade escolar.
---	---

limpeza, inclusão? A qualidade ambiental assim, desse entorno escolar. - Ali eu acho assim ó, por ser uma escola particular, a direção muitas vezes se envolve até com a questão da limpeza, a questão da segurança no entorno da escola, isso aí eu vejo sim, há um cuidado da direção da escola com esse entorno né. Não vou te dizer que a parte da prefeitura não se faça, eles estão sempre arrumando o asfalto, estão sempre cuidado da questão ali, é conjunta né, o trabalho é feito sempre em duas vias, tanto da parte da prefeitura quanto da parte da escola, e vejo também que a escola se importa com aquele parte externa, eles tem ali uma floreira, um jardimzinho externo ali, mesmo que pequeno. Tem uma parte gradeada que as crianças que não saem cedo vão ficar dentro daquele espaço de grade. Eu fico até com dó, eles ficam ali atrás das grades esperando os pais que se atrasam, mas é por causa disso, é a segurança deles também. Então eu considero que em termos de entorno da escola, é um entorno digamos, 90% seguro para as crianças né, e com relação ao outros itens assim, em termos de calçada né, essa questão das calçadas, até pra pessoas de idade que caminham por ali, geralmente a calçada ela é responsabilidade do dono da casa, então ali há um probleminha nesse , tipo assim ó, se a pessoa tem idade que já arrasta os pés, ou uma criança que corre e não olha pra onde correr, então ali há espaços onde falta, lajota, tem buraco, tipo de coisa assim esporádico, não na frente da escola, mas eu digo no entorno, nas calçadas em geral ali, mas isso é responsabilidade do dono, cada um tem que cuidar em frente à sua casa, então é um item, aqui na colina cada um se responsabiliza por calçada, tem bonita, lisinha , organizada, cada um cuida da sua parte. Mas em termos de limpeza eu acho bem organizado, tem coletora de lixo ali perto. O centro é bem cuidado. Não dá nem para comparar com os outros ambientes né. - É meio que cuidado e recuidado né, porque sempre tão fazendo obra e melhorando, melhorando por aqui. - É uma das coisa que a gente vê assim, que eu reclamava da prefeitura, é que eles estavam cuidando demais do centro, desde calçadão, tudo reformado, revitalizado, mas enfim, por algum lado tem que começar né, acho que mais no aspecto turístico nesse espaço ali que a prefeitura está priorizando. Acho que é isso. -Ai agora é a última pergunta que eu coloquei aqui nessa estruturação da entrevista, que é como que tu avalia a possibilidade de interrupção do tráfego motorizado ou redução da velocidade aqui nessa região das duas escolas?	A escola tem costume de consultar os pais sobre as possibilidades de mudança. A escola privada se envolve com o cuidado com seu entorno. Reconhece esse ambiente como lugar de uma responsabilidade compartilhada entre a comunidade escolar e a prefeitura. A escola se importa, tem a floreira, um jardim. As crianças ficam dentro da grade. Tem aquela flor linda roxa. Posso tirar fotos disso Ou procurar entre as minhas Pra fazer a colagem. (as crianças no cercadinho) Avalia como um ambiente bastante seguro para as crianças. - 90% seguro para as crianças. • Os trechos cortados são aqueles ditos por mim que julguei ruim ter falado. Algumas calçadas não são adequadas para pessoas que já arrastam os pés ou crianças que correm. Patologias identificadas em algumas calçadas – falta lajota, tem buraco. Responsabilidades compartilhadas também pela vizinhança.
---	---

- Tu falou interrupção... - ou redução da velocidade dos trafego de veículos motorizados por aqui. - Nesta região; - É. - É, ali assim ó, com relação a interrupção, é , alguns lugares fazem isso uma vez por semana, aos domingos né, interrompem o trânsito para as pessoas poderem passear, caminhar. Mas no caso da escola ali não, porque a escola é em horário comercial, durante a semana né, mas essa questão da interrupção eu não acredito que vá favorecer a escola, porque seria no final de semana, Mas com relação a redução da velocidade, com certeza isso daí seria possível, porque, ali , por exemplo ta, a escola vai até o maternal que é lá adiante no meio da quadra né, - uhum - Nós só temos um quebra-molas, não, nós só temos uma faixa de segurança na altura da sinaleira, na frente da entrada da escolinha, dos pequenos, não tem nada, não tem sinalização. Então ali, é necessário uma redução de velocidade porque os pais vão descendo com as crianças como eu te disse ,as vezes tem que parar do outro lado, e tem que atravessar, e não tem nenhuma indicação de reduza a velocidade, não tem um quebra-molas, umas bolinhas aquela que eles botam vários pras pessoas passar, com o carro ali, que tem que parar pra dar uma puladinha nas bolinhas, Como é o nome daquilo que eles botam? É redutor de velocidade. Naquela região ali da escolinha, enquanto a gente levava o Henrique era difícil de atravessar, tanto pra lá quanto como pra cá. Eu acho que é importante isso de redutor de velocidade ali. Também porque depois já chega a sinaleira né. - Pois é, muito obrigada, as questões que eu tinha pontuado eram essas. Outra coisa que tu falou que eu tenho observado, é essa questão das vãs, porque elas param imediatamente na porta da escola né, e elas acabam formando até um corredor ali, aí eu fico pensando - é, porque aquele espaço ali é pra os pais não fazem fila dupla, eles param ali nesse espaço que tá como estacionamento de carga e descarga né, mas as vans chegam ali onze e meia, onze e quinze já tem uma fila de vãs, aí você tem que estacionar o carro onde tu consegue pra descer e pegar. Então ia ser necessário fazer uma alternativa para quem vai de carro com os seus filhos e pra quem vai sair pela vã né, porque a escola tem duas entradas, tem três entradas até.	Reconhece o centro como ambiente diferenciado na cidade pelo atributo CUIDADO. Conhece casos de lugares que fecham uma vez por semana. Não considera a ideia de fechamento total. Considera viável e benéfica a redução da velocidade. Reconhece ser necessário um tratamento especial às travessias, como também previsto no manual de sinalização escolar (DENATRAN). Acho que seria interessante de alguma forma eu ilustrar e esquematizar o manual de sinalização escolar do Denatran. Nós
--	--

- daí nessas teorias que eu to estudando para esse trabalho, elas falam sobre a visual das crianças assim, que um carro estacionado imediatamente na calçada, limita a visão delas, e que é importante, essa autora Elali que eu to estudando, ela defende que é importante pra criança ela se localizar onde ela tá, ela conseguir enxergar, ela sair da escola e conseguir ver que a escola tá na rua, e como é a rua. Só que esses veículos que estacionam imediatamente impedem o visual né, a criança sai da escola, tem um corredor de vãs e ela perde a percepção do local urbano que ela tá, onde está a rua, como funciona a rua, por causa dessa limitação visual. E isso é diferente das duas escolas né, elas estão localizadas no mesmo lugar, e Joaquim assumção a gente não vê as vãs paradas ali, imagino que tenha um ou outro que até usa essas mesmas vãs que param ali na São Francisco, mas a Joaquim assumção, tanto por ela ser recuada em relação ao lote, quanto por parar os carros mais baixos, e não poder parar bem na frente da escola, talvez as crianças possam se localizar mais na rua.

-Sim é, não, a cada dia a gente vê mais pessoas trabalhando com transportes escolares, e a **necessidade dos pais também vai aumentando né**, a gente entende que isso é importante, mas ali na lateral, não sei como é o nome daquela rua, acho que é dom Pedro, É Dom Pedro aquela rua Cleber? Da lateral da escola. Ele não ouviu. Ali na lateral

- é a Tiradentes que desce ali

- é, eu não sei nome de rua. Tem um portão de garagem ali, então ali tem um portão de garagem, então ali tem todo um espaço que pode ser determinado né, porque eu acho que até meio que tá determinado, as vans tomaram conta da Barroso, só que a escola não tá abrindo na entrada por ali, só na saída. Pelo menos eu via na saída quando eu ia lá, agora eu não tenho ido. Mas aí, enfim, é só uma observação porquê dá pra descer de carro por ali e caminhar até o portão lateral, mas tudo pensando na segurança, **mais seguro tu descer na porta da escola do que dobrar a esquina e sair caminhando né, geralmente quando.**

- É, sim, talvez a gente tivesse que trabalhar, é isso que eu tenho pensando, trabalhar esse desenho da rua, pra expandir um pouco essa entrada e saída da escola, pra conseguir se organizar melhor por ali.

- É eu não tenho muito problema assim com relação, porque o Henrique é bem obediente a sinal, ele se

Ouvir novamente entre os pontos 45 e 47 da gravação.

Sugestões de alteração.

Gostei da possibilidade de compartilhar as teorias que venho estudando. Acho que devo me aprofundar um pouco mais no manual de sinalização escolar pra poder conversar sobre isso também.

cuida, ele obedece assim, ele usa a faixa de segurança, mas, tem uma gurizada que não usa muito, que vai adentrando no meio da rua, como se tivesse num passeio. Mas o Henrique eu não tenho problema, a gente consegue, ele também tá crescendo então é mais tranquilo, a gente pensa mais é nos pequenos né - Sim, então é isso, muito obrigada, gostei muito de conversar contigo. - Magina, queria ter te ajudado mais, mas é que eu não tenho muito conhecimento nessa região aí assim, quem mora, deve ter mais noção né. - pois é, não sei se te vem à mente alguém que possa me ajudar, que poderia responder, outra essa pra eu entrevistar, pode ser até criança, porque eu vi que essa perguntas as crianças conseguem, porque a minha formação de arquiteta, a gente não aprende nada sobre como se conversa com o outro, muito menos como se conversa com uma criança né, e daí quando eu testei essa entrevista com meu sobrinho de sete anos ele conseguiu me responder tudo, ele me deu respostas muito interessantes, então eu queria continuar falando com crianças - sim, no entorno eu só conheço a mãe do Murilo, que foi a que me pediu pra eu estar fazendo contigo essa entrevista. Fora a mãe do Murilo eu não conheço nenhuma criança que more ali no entorno, tem a mãe do Murilo, a irmã do Murilo que já é uma adolescente, e o Murilo também, de doze anos, não sei se você já fez com eles - Eu não fiz com eles, ela achou que ela fosse ficar muito tímida de fazer a entrevista, mas eu vou conversar, quem sabe conversar com o Murilo. Eu acho que tu podes perguntar, o Murilo é bem querido assim, acho que poderia fazer pra ti, ele tem uma idade boa, seus treze doze anos eu acho, só ele que eu conheço. - Ele tem a idade da minha irmã. Vi que você tem filhos com a mesma diferença de idade né, eu e minha irmã temos quinze anos de diferença. Eu tenho vinte seis, e minha irmãzinha tem doze também, bem distante. É parecido com o Lucas e o Henrique né, um de vinte e nove e um de treze. É	Zona de amortecimento entre a escola e o fluxo da cidade. Algumas crianças vão adentrando no meio da rua como se estivessem num passeio.
---	--

Mas é bom, é bom, eles se cuidam.

Então tá Eva, muito obrigada viu, eu vou transcrever nossa entrevista, fazer uma colagemzinha e te mando no whats pra tu dar uma olhada.

Tá, pode mandar, eu leio e te dou retorno.

Tá bem, muito obrigada, bom dia pra vcs aí, boa semana.

Espero que tu consigas bastante informação pro teu trabalho.

Brigada, beijo.

Tchau tchau.

6.1.5 Transcrição entrevista com Aluna Egressa [Colégio Laranja]

Data: 12/11/2020

Horário de Início: 19:30

Horário final: 11:35

Duração: 115 minutos de ligação

55 minutos de gravação

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA

COMENTÁRIOS INTEPRETATIVOS

• Eu elaborei essas questões pensando em falar com as pessoas aqui da vizinhança, mas eu acredito que as memórias de uma ex aluna, podem ser bem ricas, uma vez que são suas memórias de infância permeadas pela tua vivência de agora né... • então vou começar apresentando meu trabalho e depois tu te apresentas com o que tu achares importante. o meu trabalho procura possibilidades para que esse entorno seja mais adequado para as crianças e sua família, trabalhar pra que ele se torne um lugar de vivência e encontro e não só um lugar de passagem, de velocidade , então eu to levantando se há esse interesse, se há possibilidades pra isso e quais são os desafios, esse estudo é parte do meu Mestrado no Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo na Universidade Federal de Pelotas e meu interesse nessa região se deu pelo fato de estar morando aqui, em frente a associação de aposentados. E é isso aí haha aí tu te apresenta com o que tu achar importante. • Então, eu sou a Gabriela, nasci em Pelotas, tenho 26 anos. Estudei no colégio São Francisco durante o Ensino Fundamental inteiro, dos meus 6 anos aos 13, entrei na primeira série e saí na oitava série. Era, eu acho que ainda é hoje, não tenho certeza, não tinha Ensino Médio. Então eu saí, porque não tinha opção, porque eu gostava da Escola meus pais gostavam também. Eu morava relativamente perto do São Francisco quando eu estudava lá, morava no final da Tiradentes, onde a Juscelino se encontra com a Tiradentes e tem uma rótula ali, tipo Porto, Fátima e tal. Eu morava ali, daí dava tipo dez minutos do São Francisco a pé. Eu pensei nisso agora porque tu falou da vizinhança e eu tava pensando nisso porque eu morava meio perto e eu lembro que nessa idade meus pais deixavam eu ir a pé sozinha e eu tinha um limite de região que eu	Apresentação
---	--------------

podia ir e o meu limite era a Barroso, porque era onde eu estudava e era uma rua movimentada, ela tinha mais trânsito. Eu lembro que até eu ter uns doze anos meus pais me deixavam ir até ali só. Lembrei disso quando tu me chamaste. Enfim, eu estudei no São Francisco esse tempo e aquele prédio é um prédio novo, quando eu entrei no São Francisco ele não era naquele lugar, era num outro prédio. Aí eu fui pra, quando o São Francisco trocou de prédio, eu tava na sexta série então já foi o final assim. Meus últimos dois, três anos no colégio. Pensei nisso também porque não fiquei tanto tempo naquele prédio da Barroso. Acho que é isso! • Arrasou. Foi ótimo! Então você frequentou essa região por causa da escola há mais ou menos três anos, mas antes onde era o prédio? • O prédio era ali na... hoje é o SENAC eu acho. • Ah, então era por aqui também né, são umas quadras pra cima né. • É, ele fica na... em cima é a Gonçalves Chaves, dum lado é a Butuí do outro lado é a ... aquela rua que sai ali da praça, talvez seja a Princesa Isabel. Que sai lá no estádio do Brasil, lá embaixo, que é meio larga e tem umas ruas bonitas. Eu lembro que é entre a Gonçalves Chaves e a Félix. Mas qual é as ruas de cima e de baixo eu não lembro bem. Mas lembro que uma delas é a Butuí. É um prédio super antigão e o Colégio funcionava em todo aquele prédio. Mas eu lembro que tinha junto, dentro do prédio um instituto, não sei muito bem o que que é, mas a gente conhecia como instituto de menores. Lembro que tinha várias meninas que frequentavam lá, em algum período do dia, não era bem um colégio, era meio um lugar de acolhimento assim, eu acho. E aí a gente dividia o prédio, mas era um prédio bem grandão assim. • Sim, então dá pra dizer que você frequentou essa região por toda tua idade escolar, no Ensino Fundamental? • Sim e depois também. Até eu me mudar daí eu frequentei bastante essa região! • E tu lembra os anos, esses que tu estudou na São Francisco? • Lembro que eu saí do São Francisco em 2007, que eu tava na oitava série, 2008 eu entrei no Ensino Médio. Eu entrei em 2000, lembro certinho, porque foi quando eu fiz seis anos, primeira série. E acho que ali onde é o prédio novo, esse da Barroso foi de 2005 a 2007, mais ou menos.	O convite para conversa provoca novos olhares e novas percepções. Historicamente as duas instituições tratam de acolhimento (a Joaquim recebe crianças de abrigo)
---	--

• Show. E o que que tu vê que diferencia esse lugar do resto da cidade, ou talvez que naquela época diferenciasse? • Do resto da cidade... eu acho que quando eu era criança eu tinha a visão de ser perto da minha casa, pra mim tinha essa sensação de região que eu conheço, que eu posso andar sozinha e eu gosto muito dessa região na verdade, gosto muito do porto, dessa parte do Centro da cidade mais pra baixo, sabe? Gostava das ruas serem mais calmas. Gostava de subir de onde eu morava e ir pro centro, gostava de ir ou pela Tiradentes ou pela Butuí. Gostava do movimento, achava legal ser uma zona residencial, então sempre tinha pessoas na frente de casa sentadas. Eu gosto do clima aí dessa região. Mas eu não sei o quanto que isso é uma coisa diferente do resto da cidade. • Legal, e pensando no uso da rua pelas crianças, quais perigos você identifica? • Eu tinha essa impressão quando eu estudava e ainda tenho assim quando eu passo ali, eu acho que a Barroso ainda é uma rua muito movimentada, de carros assim. Isso me preocupava, não muito quando eu era mais nova, mas eu percebia isso assim, e pensava tipo “a gente não pode ficar perto do meio da rua”, e as vezes eu passo ali e ainda fico preocupada, quando eu vejo muitas crianças na calçada, tem ônibus que passa ali e tal. Pra mim, a impressão que eu tenho de perigo é essa assim. • Em relação a acessibilidade, o que você identifica que pode ser feita de alteração pra tornar essa rua mais adequada não só pras crianças, mas também pra idosos e portadores de necessidades especiais? • Eu acho as ruas ali e enfim, em Pelotas em geral, as calçadas muito inacessíveis. São muito cheias de buracos, não tem tanta rampa de acesso, acho super ruim de transitar. Sempre penso isso quando eu passo ali, porque é muito não uniforme, acho que isso seria uma questão. Eu também acho que as calçadas ali podiam ser, não sei se é questão de gosto minha, mas eu acho que as calçadas ali podiam ser um pouco mais largas. Eu tenho a sensação que de um lado da Barroso, até não é tão estreito. Acho que daquele lado que tem a Associação de idosos, eu tenho a impressão que é um pouquinho mais larga. Mas o lado que é o do Assumpção eu acho que é muito estreito, tanto que até fizeram um prolongamento do ônibus	Percepção das ruas mais calmas no entorno e caos em frente as escolas.
--	---

depois, não lembro bem, mas eu sempre achei meio estreita a calçada ali. Eu achava esquisito porque a calçada pra mim parece um pouco menor em relação a proporção, sei lá, ao meio da rua. Eu acho o meio da rua largo demais e acho que a calçada fica meio, não sei, apertadinha assim. Até porque, são sei se quando tu passas ali com frequência, tipo agora não deve ta acontecendo isso mais, quando é saída das crianças e chegada, nas duas escolas fica uma coisa meio caótica na rua e pouco espaço sabe, acho que isso faria diferença talvez. • E você acha que a vivência que você tinha da escola e o que tu vê hoje, você acha que a comunidade escolar, os pais, a escola, teriam interesse em se comprometer em fazer algumas adequações nesse espaço? • Não sei, acho que talvez não essas que estamos falando. Eu tenho sempre a sensação de que pais de alunos de colégio sempre estão preocupados com o trânsito principalmente. Ter onde estacionar, onde parar o carro, coisas desse tipo, mas pode ser só uma impressão minha. A impressão que eu tinha quando eu tava no São Francisco era que a comunidade escolar era bem... era uma escola pequena e eu sentia que tinha uma ideia de comunidade escolar. Os pais eram meio envolvidos, acho que rolava dos pais estarem mais próximos da escola e eu não sei, acho que dependendo do que fosse em relação ao espaço acho que rolaria talvez uma integração. • Sim, e como você avalia esse ambiente em relação a possibilidades de diferentes usos, limpeza, manutenção... • ? • Eu acho que as possibilidades sempre existem né. Talvez eu tenha dificuldade em pensar coisas novas ali ao redor, acho que eu não consigo pensar em coisas assim. Faz um tempo que eu não transito ali até, mas eu lembro que eu achava, na época que eu frequentava ali, achava relativamente limpo assim, mas eu não sei, acho que não tenha o aspecto de um lugar bem cuidado, as calçadas, a região, acho que poderia ter um cuidado em relação a isso sim. • Como que tu avalia a possibilidade de interromper o tráfego de veículos na frente da escola ou colocar dispositivos de redução de velocidade? • Eu acharia ótimo. Eu acharia muito bom . Sempre penso nisso. Acho que podia fazer aquelas coisas	Preocupação de toda comunidade com o trânsito.
--	---

tipo lomba, sei lá. Eu fico pensando que em um final de semana, um domingo sei lá, que fechassem aquela quadra ali da Lobo da Costa até Telles assim, ia ser muito incrível. Até porque é bem largo, sabe, eu acho que ia ser muito legal fazer alguma coisa ali. • Guria, essa era a ideia do edital. Foi pra fazer isso que eu ganhei o edital. Eu ia fechar as ruas e alugar piscina de bolinha, cama elástica, pipoqueiro... • Ia ficar muito legal! • Ia ser muito legal, mas quem sabe pós micróbio rola ainda. • É, sim pois é. • Agora a gente já chegou na pergunta bônus. A pergunta bônus é sobre a possibilidade de transformar ali num lugar de estar. Colocar ali bancos, plantar mais árvores, o que tu acha, você acha que ia ser usado, acha que ia fazer diferença nesse lugar ou que as pessoas não iam dar muita bola ? • Eu acho que ia ser usado sim, acho que ia fazer muita diferença na verdade, no sentido de ser meio até uma necessidade assim. Não tipo, uma proposta “ah quem sabe as pessoas vão gostar” acho que as pessoas iam adorar, até porque uma coisa que tu falou que eu não lembrava é que a Associação é ali do lado e a Associação é um lugar que meus pais meio que frequentam... não frequentam, mas tipo, minhas avós, as duas eram associadas e iam em médico ali, e eu sempre tenho a lembrança dos meus pais ficarem lá e esperando pra ser atendidos ali na frente e da minha vó ir fazer consulta, etc. Acho que nessa ali, ia ser muito útil, acho que tem uma super demanda pra isso, sabe? De tipo ter bancos, um lugar mais aconchegante pras pessoas ali na volta, aguardando os filhos saírem da escola, dos dois lados ali da Barroso. Eu acho que seria bem interessante sim. • Legal! Acabei as perguntas. Eram essas, não sei quê que tu achou da entrevista... • Era isso? Adorei! • Era isso, eu pensei uma coisa que eu queria te perguntar fora da entrevista. Das tuas lembranças, que que tu lembra dessa relação entre a escola e a cidade de quando você estudava ali. Entre a escola e a rua, essa relação de saída e entrada e poder e não poder. • Eu super acho que é meio pro lado de não ter uma relação ou ser uma relação meio de defesa, sabe?	Memórias relacionadas ao estar criança na rua.
--	---

Não sei assim, eu lembro que tinha o Charles, que eu acho que ele até trabalha hoje lá, que ele ficava cuidando a porta, cuidando dos alunos, entrada e saída. E eu lembro que até uma certa idade a gente não podia ficar na calçada, porque o Charles não deixava. E quando a gente ficava também, eu lembro que não era uma coisa assim.. era legal, do tipo “estamos na rua”, mas eu sinto que não tem tanto essa comunicação pelo menos da minha experiência. É aquela coisa “entrem, fiquem aqui dentro, protegidos” ou quando tu sai tu ta sob responsabilidade dos teus pais, ou se tu já é mais velho já pode sair sozinho. Não sei, pra mim tem essa coisa de uma separação muito grande. Talvez não seja assim agora, talvez tenha até piorado, porque quando eu estudei, eu lembro que não tinha sei lá, meus pais me deixavam andar sozinha na rua tranquilamente, não tinha assalto essas coisas, sabe? Que hoje em dia já é um pouco diferente, a realidade Pelotas. Então talvez tenha até piorado. • E a relação com a outra escola? • Acho que também não. Não lembro assim, de ter ... nem com outra escola, nem com nada ali na região. Até pra dizer que a gente não tinha relação com a região, uma vez a gente foi, foi um grande acontecimento de quando eu tava no colégio, teve uma, não lembro de que disciplina, a gente teve uma coisa de ir na feira ali no Porto. E foi todo um rolê assim, a gente foi e tinha a ver com entender a coisa do dinheiro assim, a gente recebeu, cada aluno recebia um valor e era uma coisa meio tipo, um dólar na época, que nem lembro quanto era. E a gente tinha que comprar coisa com isso, pra entender, era uma coisa até bem interessante, porque era assim, eu lembro que tinha saído alguma pesquisa na época que tinha não sei quantas milhões de pessoas no mundo que viviam com menos de um dólar por dia, eu lembro que era uma matéria que a gente tinha, acho que era ciências, acabou virando um projeto de várias disciplinas da gente ir na feira com esse valor e ver o que a gente conhecia comprar. Depois a gente voltou pra escola, e num sábado a gente fez um negócio no colégio, os pais foram junto, a gente fez umas comidas, uns lanches e tal. Lembrei disso porque eu tava tentando lembrar se a gente fazia alguma coisa com relação ao ambiente assim, tipo fora, ai eu lembrei da feira.	
---	--

• Que legal! Eu acho que é por isso que eu gosto tanto de trabalhar com criança, porque as coisas ficam muito na memória! Qualquer coisa assim que fuja da rotina, no dia é incrível e ce pensa assim “uauu que dia muito legal” e fica pra sempre, a gente lembra pra sempre. • Siim, eu sinto falta de sentir isso na vida adulta. Desse “aaah que divertido” ahahaha. • Pois é. Quero te agradecer pela entrevista, muito obrigada, vai me ajudar muito! • De nada • Ah tenho que te perguntar outra coisa, você sabe de alguém que poderia participar dessa pesquisa? Não sei, pode ser em relação alguém que tenha ligação com a Associação, com a vizinhança, ou com a outra escola Joaquim Assumpção, ou alguém que ainda esteja estudando. Se tu lembrar... • Beleza, te aviso. • Parei de gravar	

6.1.5 TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA COM MEMBRO DA ASSOCIAÇÃO DE APOSENTADOS.

Data: 23/03/2021

Horário de Início: 10:05

Horário final: 10:58

Duração: 53 min de ligação
48:37 minutos de gravação.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA

COMENTÁRIOS INTEPRETATIVOS

- Eu quero começar agradecendo o senhor pela disponibilidade de participar dessa entrevista. Eu vou começar me apresentando e apresentando meu trabalho e meus interesses com ele.

-Pois não.

- Eu me chamo Marina Mecabô, sou arquiteta e urbanista formada pela UFPEL e agora estou fazendo mestrado na área de percepção do ambiente pelo usuário. O meu trabalho é **focado nos entornos escolares, como a gente pode trabalhar esses espaços para que eles sejam mais adequados para as crianças e para a educação**. O meu interesse nesse local aí, tão vizinho da associação de aposentados, é porque eu morava, agora com a pandemia eu me mudei, mas eu morava imediatamente na frente da associação, num predinho verde que tem aí, 1567, e eu frequentava bastante esse entorno, então eu observava a movimentação nessa rua, que julguei diferenciada, tanto pelo público da escola, quanto da associação, e a velocidade dos carros muito altas, então eu resolvi dedicar esse tempo de mestrado para estudar o que a gente pode fazer nessa rua pra tornar ela mais adequada para esses usuários. Então esse é o interesse do meu trabalho, repensar o funcionamento dessa rua. Eu estou gravando a nossa entrevista pra poder transcrever, aí depois eu mando pro senhor quando estiver transcrita, tudo bem?

- Tudo bem Marina, tudo bem.

- Agora se o senhor quiser se apresentar, falar um pouco sobre seu trabalho aí.

- Certo, tô aparecendo aí pra ti?

- Está aparecendo, mas só o cantinho do rosto.

- Só o cantinho do rosto? então pera aí então.

- Ah, agora assim.

- Agora tu está vendo uma imagem de uma pessoa de 74 anos, quando na verdade eu só tenho 40.

- risos-

- De trabalho, de trabalho. Marina é um prazer para mim receber teu convite, um prazer também contribuir com essa tua pesquisa, e fico muito feliz em poder contribuir, quero te parabenizar pela iniciativa, acho importante, a associação está nesse local há 50 anos, então ela tem uma importante contribuição aqui na Barroso entre a Teles e a Tiradentes. Há 16 anos atrás eu entrei aqui na associação, como presidente eu estou a 12 anos,

quando eu assumi tinha 1800 sócios, hoje estamos beirando 10.000 sócios, por essa razão eu me sinto à vontade a dizer que hoje além de médicos e clínicos, nós atuamos em todas as áreas da saúde e também implementamos na própria associação uma área de lazer onde tem ginástica, pilates, bordado, pintura, etc... então o fluxo de pessoas aqui entre consultas e áreas de lazer seria uma média de 600 pessoas por dia... Na verdade, hoje com essa pandemia, a parte social não está funcionando, então reduziu mais do que a metade. Então, meu nome é ----- tô no quarto mandato aqui de presidente da associação e me sinto muito bem e com muito orgulho, tanto do nosso trabalho de diretoria, composta por 24 pessoas, diretores que são bastante participativos, a diretoria executiva que ficam dentro na associação, o presidente, o secretário geral que é o ----- e nosso diretor financeiro que é o ----- Então, hoje estamos com essa pandemia trabalhando com o protocolo, com tudo que exige a vigilância sanitária, e quero te dizer que fico muito feliz com essa entrevista, que eu possa vir contribuir, porque também acho, eu tenho umas ideias para te dar, eu sei que você vai me fazer algumas perguntas, e eu me prepare para isso, mas eu quero já te dizer uma coisa, que pode já entrar nas minhas respostas, mas eu acho que a Barroso é uma rua muito movimentada, e ela fica muito concentrada, os dois colégios na esquina da barroso com a Tiradentes e mais a associação, mesmo a gente dizendo que tem na esquina sinaleira e faixa de segurança, não é o bastante, porque criança é desatenta, ela não fica com a atenção voltada, ela atravessa né, e infelizmente o fluxo de pessoas idosas é bem grande, e no tocante à associação, os idosos não vão até a esquina, eles atravessam aqui na frente da associação. Então eu mesmo não tendo vivenciado nenhum acidente grave aqui na frente, eu vejo como muito perigosa essa faixa porque ela é muito larga para atravessar as pessoas idosas, Veja só, as vezes não é só os carros, e passa ônibus e motos, e tal, mas o perigo é que a pessoa olha pro lado direito e vê que a sinaleira tá fechada, aí olha pro lado esquerdo e também não vê ninguém e começa a atravessar, é nesse momento que abre a sinaleira e a moto que tava lá na esquina de repente tá em cima, e muito rápido, poucos segundos, então eu quero te dizer que eu já fiz esse pedido, em outras oportunidades, que eu queria que fizessem em frente a associação uma elevação, que fosse pintada	600 PESSOAS POR DIA EM FLUXO NOORMAL SUPRIR NECESSIDADES DE SAÚDE A TIVIDADES DE LAZER PARECE SÓ TRABALHAR HOMENS NESSA DIRETORIA PERCEPÇÃO E RISCO POR EXPERIÊNCIAS PASSADAS
---	---

com uma faixa de segurança, mas também, ao mesmo tempo, na Tiradentes tem uma sinaleira, mas do outro lado não tem nada, só lá na Dom Pedro Segundo que tem sinaleira, então eu queria te dizer o seguinte, que eu acho importante que nessa quadra na teles em direção a Tiradentes a gente tivesse um redutor de velocidade, que as pessoas não pudessem passar mais de 30/40, sei lá, porque as pessoas querem aproveitar a sinaleira, de ambos os lados né, se pelo menos um lado tivesse mais atenção, pelo menos ia ajudar um pouco. Outra ideia porque nada é impossível né, a gente nunca sabe o que a administração municipal está pensando, mas a gente sabe que houve muitas alterações na cidade, a e já tivemos adequação em várias ruas de mão única e tal , eu acho que ia ajudar muito se a Barroso, apesar dela dela ser uma rua larga, que ela fosse uma mão única, que viesse a Avenida nessa direção aqui que vai pro Porto, uma mão única, acho que ia ajudar muito, isso são sugestões, claro que é a parte da prefeitura que tem que fazer essa adequação e tal, mas às vezes Marina, eu queria que tu entendesse, não precisa concordar, que às vezes esse secretário que cuida dessa parte de sinaleiras, da mobilidade urbana da cidade, é muito serviço, é uma cidade muito grande, então a gente vê muitas e muitas faixas de segurança completamente apagadas, quanto tem sinaleira a gente tem atenção, e tem ruas, não de grande fluxo, mas essa aqui atrás, do açougue moreira, [SANTA CRUZ, sugere Sr. Márcio que acompanha entrevista] quantas vezes as pessoas entram ali e dão peixada, inclusive na frente do açougue ali tem uns pilares para não bater direto no prédio, mas hoje eles colocaram, não uma sinaleira, não sei te dizer o nome, mas fica piscando ali pra chamar atenção que na esquina a Tiradentes é preferencial, então as pessoas vem pela santa cruz e tentam atravessar a Tiradentes ali e se chocam com um veículo que vem da preferencial, então ali eles corrigiram, o na barroso eu acho que pelo movimento que tem aqui na frente da associação, e pela aproximação dos dois colégios, teria que ter uma atenção maior nessa sinalização, teria que ter na pista, ali no chão, reduza a velocidade, devagar, ou uma faixa, só pode passar a 30/40, sei lá qual é o mínimo. E também eu posso te dizer que esse pedido de colocar um alto relevo largo e pintado em cima, não é lombada, lombada parece que é meio proibido, é outro, que tem na Pedro Osório, o carro que vem correndo não consegue	PERCEPÇÃO DE RISCO FAIXA ELEVADA EM FRENTE À ASSOCIAÇÃO DE APOSENTADOS colocação de dispositivos de redução de velocidade Alterações que são dever do poder público
--	---

atravessar essa extensão que é mais alta que ele, que dá um solavanco. Eu tinha dado uma ideia pra prefeitura a muitos anos atrás sobre inclusive, de pintar esse branco com preto ele não parece muito, de pintar então de branco com vermelho, e na época que eu dei a ideia eles não concordaram na época porque representava sei lá o que, e hoje eu vejo em alguns pontos da cidade, o vermelho chama muito mais atenção. Porque não adianta só colocar a sinalização, tem que ficar visível, que as pessoas percebam, se não não resolve né Marina. Esse pedido foi feito, ele já foi liberado, o alto relevo em frente a associação, pela secretaria de trânsito, esse pedido estaria parado na secretaria de obras que precisaria vir colocar aqui, acho que é pixo, um asfalto que eles colocam ali, que depois vem a secretaria de trânsito fazer a sinalização em cima. Isso eles prometeram ano passado, mas aí aconteceu não sei o que e tal, depois as eleições, e não fizeram. Mas essas coisas a gente tá atento, e tá tentando contribuir, e realmente se faz necessários, não vamos deixar acontecer pra depois é tentar, como se fosse/8, porta arrombada colocar tranca de ferro. Eu acho que a Barroso, principalmente nesse trecho da teles até, não só a Tiradentes mas a outra esquina lá onde tem um universidade, acho que teria que uma sinalização no meio da faixa, mas acho que também tinha que ter uma atenção com o semáforo, de chamar atenção, que é devagar, e a ideia da faixa na frente da associação, quanto tá na movimentação normal, 600 pessoas por dia, mesmo que a gente diga que o correto é atravessar na faixa lá na esquina, a gente vê as pessoas atravessando bem aqui na frente, com a sinaleira aberta. Isso tudo já foi constatado, eu já fiz vários relatórios e já enviei pra secretaria de trânsito, secretaria de obras, e não foi nada resolvido, então eu acho importante, dentro do seu trabalho, sugestão, não sei se seria adequado ou não, mas quem manda, quem decide isso, não é a prefeitura, quem decide isso são os secretários, eu posso te dizer que essa lombada na frente da associação foi aprovada pela secretaria de trânsito, e já tá em ponto de finalização ali na secretaria de obras, que não fizeram, não tiveram tempo, sei lá se eu, até um pouquinho de boa vontade. Mas é possível, até a redução, escrever na beira da faixa velocidade tal, eu acho muito importante, pelo fluxo de pessoas idosas, e de crianças. tá bem. Eu já constatei muitas vezes aqui, que quem vem do centro pela Tiradentes, é proibido dobrar à esquerda, mas	proposição do mínimo de velocidade já age em prol do lugar EXISTE UM PEDIDO FEITO E APROVADO PARA QUALIFICAÇÃO DESSE ESPAÇO
---	--

tem muitos carros que vem que não tá vindo ninguém, e dobram à esquerda. É proibido, meio contramão, mas as pessoas fazem. Se todo mundo cuidasse no trânsito não teria tanto problema, mas as pessoas fazem, mais ou menos isso ô Marina, que eu tenho pra te dizer, e dizer que Associação, tu morou aqui na frente tu sabe, é um exemplo nacional, não tem nenhuma associação com o trabalho interno que tem aqui, com os profissionais que tem aqui, o serviço que ela presta, e hoje com o valor simbólico, que até o ano passado era trinta e agora passou para trinta e cinco, então com trinta e cinco reais o sócio tem direito a ter consultas médicas, consulta de dentista, participar das atividades físicas e etc e tal, e pode colocar a esposa, companheira de dependente, e os filhos até dezoito anos como dependente. Então a associação cresceu, e eu tenho a felicidade de estar na frente por quatro mandatos, o patrimônio da associação cresceu nem sei quantas vezes vezes, não sei a quanto tempo tu está aqui, mas eu posso te garantir, que há alguns anos, a associação era uma garagenzinha, que nem iniciou como associação, não tinha médico não tinha nada, isso daqui era uma funerária, tinha caixão e flores, e hoje graças a Deus eu faço parte da federação dos aposentados e pensionistas, que fica lá em Porto Alegre, e quando a gente se reúne, o presidente sempre dá de exemplo a associação aqui de Pelotas, se ela cresceu, nesse período, nosso maior patrimônio não é essas volumosas e prédio grande, nosso patrimônio é nosso associado, e 10.000 sócios é gente, e atender todo esse povo não é fácil, então eu te digo que a gente tem muita compreensão e muita colaboração, todo mundo se empenha e valoriza nosso sócio, que realmente ele merece, sem sócio a associação vira tapera né, e eu sou orgulhoso de estar aqui no quarto mandato, tá dizendo que eu to fazendo um bom trabalho né, os diretores sou eu quem escolho, tem que ser da associação, tem que ser sócio, e eu posso terminar te dizendo, para não me alongar muito, que eu to muito satisfeito com a minha diretoria, que de quatro em quatro anos a gente tem que trocar, em razão de as pessoas não querem mais, são aposentados mas não querem dar o seu tempo, então hoje a gente tem com a diretoria executiva, uma secretária que faz essa associação estar no patamar que está hoje, é isso aí o marina, eu posso dizer que eu to muito satisfeito, conta sempre comigo, o Mário é meu braço direito, hoje eu tô um pouco afastado por causa da minha idade, ainda não	ESTÃO ATENTOS AO LOCAL, PROCURANDO MELHORA-LO Prevenir para não remediar SÃO 600 PESSOAS QUE, ASSIM COMO AS CRIANÇAS, MUITAS VEZES TÊM DIFERENÇAS E DIFICULDADES NA SUA MOBILIDADE, NA VISÃO E NA VELOCIDADE. Uma das mães entrevistadas também relatou o desrespeito às sinalleiras. A BARROSO É UMA RUA CENTRAL, MAS COM CARACTERÍSTICAS DE RUA LOCAL, OS COMÉRCIOS DESSE ENTORNO SÃO DE PESSOAS QUE MORAM JUNTO AO SEU NEGÓCIO, E O TÊM POR MUITOS ANOS. Penso que em etapas posteriores (pós vacinação) posso entrevistar a senhora que cuida da ferragem e o Sr. Do Moyses Imóveis.
---	---

tomei a vacina, vou tomar hoje, mas o Mário é mais novo, já tomou as duas vacinas, então ele inclusive tá administrando, eu tô atento, a gente se comunica virtualmente, ou pelo whatsapp, eu venho aqui uma vez na semana, assinar documentação e tal, mas tá tudo maravilhosamente bem. estamos bem, satisfeitos, orgulhosos da nossa cidade, te dizer que a Barroso é centro da cidade, mas é uma rua privilegiada, tem colégio tem faculdade, mas não tem grande número de comércio, não há um fluxo de pessoas como no calçadão, pessoas sentadas e tão, aqui as pessoas passam, então as pessoas passam para ir pro seu colégio, ir pro seu trabalho, ir pra associação, então para nós é uma localização muito boa. Então Marina, agora eu fico à disposição para responder perguntas, tu me deu uma lista, de nem sei quantas perguntas , eu já te respondi algumas mas eu posso te responder de novo agora, com maior tranquilidade. - Muito obrigada, o senhor já me deu várias informações que vão ser muito boas pro meu trabalho, eu já olhava de longe e admirava o trabalho de vocês, sempre com muito movimento, então é muito legal saber desses dados e do sucesso do trabalho de vocês. Então eu vou começar fazer essas perguntas que eu estruturei, só pra não deixarmos nada de fora, mas bastante coisa o senhor já comentou. Sim, assim fica registrado de forma mais objetiva. Então a quanto tempo o senhor frequenta esse espaço e região ai ? A associação eu estou aqui como vice e como presidente a 16 anos. E o que o senhor identifica que diferencia esse local do restante da cidade de Pelotas? Características que fazem ele se tornar um lugar diferente? Mesmo sendo um local bastante central, a barroso né , a barroso não é poluída pelo comércio né, não tem aglomeração de pessoas, e tem bastante residências familiares, o que torna a convivência com os vizinhos muito agradáveis né, realmente a situação é bem boa, não temos problema com a barroso, nesse sentido	RUA CENTRAL MAS BASTANTE RESIDENCIAL, “FAMILIAR”, TRANQUILA. nível 01 de senso de lugar atingido: identifica que esse é um lugar diferenciado da cidade.
--	--

Sim, os comércios que estão aí mais próximos, o vizinho, a ferragem, os donos também moram ali né, do outro lado os moysés imóveis, também moram ali. Sim, é verdade, na esquina tem o chaveiro também. Mas não são comércios de grande fluxo de pessoas, e esses tipos de comércio, a pessoa compra e vai embora, não parada, então a Barroso tem esse privilégio de ser central, mas ao mesmo tempo ela não é uma Barroso comercial uma barroso residencial. Agora pensando nessa região na vivência das crianças e dos idosos, que perigos o senhor identifica principalmente para esse público? Bem, eu quero te responder, identifico como sendo o mais perigoso nessa região, relativo ao uso da rua tanto para idoso quanto para crianças, o trânsito de veículos, uma via bastante larga e bem pavimentada, o tráfego motorizado é muito rápido, é aquilo que te falei, a moto tá lá na esquina, de repente tá em cima da pessoa que está atravessando a rua, por ela bastante larga a gente demora pra atravessar, e tem gente que atravessa de muleta, outros com outras dificuldades, por isso que tem o lado bom e o lado ruim, a rua larga é bom, a rua pavimentada é bom, mas em contrapartida, o idoso, ele tem dificuldade de atravessar a rua, pelo tempo que ele demora entende, e por ser uma rua bastante larga e bem asfaltada, os motoristas apertam um pouquinho o acelerador, então ficam mais rápidos, aí nessas consequências ele traz um perigo iminente para todos os pedestres que por aqui transitam, isso é uma realidade, essa quadra aqui, da Teles até a outra esquina, que não é a Tiradentes, da teles até a lobo da costa, é bem transitada pela faculdade, pelo colégio São Francisco, pelo colégio da frente, e pela associação. Então quais alterações o senhor identifica que poderiam ser feitas para corrigir um pouco desses perigos? Então, eu te respondo que um pensamento que a gente já comprovou e exigimos uma faixa de segurança aqui na esquina da tiradentes com a barroso, bem próxima a associação aqui na esquina, e bem próxima as duas escolas que ficam na frente uma das outras, minimiza o perigo para para os	CHAVEIRO – FERRAGEM - IMOBILIÁRIA A RUA É MUITO LARGA, MUITO BEM PAVIMENTADA, OS VEÍCULOS PEGAM MUITA VELOCIDADE. Algumas pessoas que frequentam a associação tem dificuldade de mobilidade e acabam demorando mais para conseguir atravessar. Identifica como significativa a presença da faculdade Percepção de risco por experiências anteriores.
--	---

alunos, sem dúvida alguma, uma faixa de segurança ali ali contribui para que os alunos possam atravessar a rua quando a sinaleira tá fechada, atravessar com segurança, já na Teles com a Barroso, onde existe um fluxo diário, antes da pandemia a gente tinha um **fluxo de 600 pessoas, considerando a grande maioria de idosos né**, e às vezes não é a grande quantidade de pessoas que atravessa a rua, **pode infelizmente até acontecer um acidente com menor fluxo né de pessoas atravessando, as vezes infelizmente, às vezes a pessoa puxa uma perna, a pessoa pensa que vai atravessar, aí vem um motoqueiro, pode acontecer, já aconteceu né, = sem grande gravidade, um motoqueiro que vinha fazer entrega, cair toda a venda no chão, foi desviar, caiu e tal, o motoqueiro até se estressou mais que a própria pessoa.**

A próxima eu pergunto sobre as possibilidades de colaboração com mudanças e adequações, tanto pelo senhor quanto as pessoas que o senhor conhece que frequentam ai. Tu acha que existe esse interesse em se disponibilizar, é dever do poder público fazer a sinalização, mas você acha que as pessoas estão dispostas a se doar um pouco pra esse lugar?

Na verdade eu sempre tento contribuir em todo sentido, eu tenho certeza que o ser humano ele procura facilitar a coisa pra ele né, ele quer que a gente resolva o problema dentro da associação e fora da associação, e às vezes, a gente tem que recorrer às autoridades né, e solicitar, porque isso se dá, às autoridades municipais que são encarregadas do trânsito e de mobilidade urbana, que faça então, já levei esse problemas pra eles, tanto pra secretaria de trânsito, quanto para outra secretaria de obras, já levei pra eles o levantamento do fluxo de pessoas que passam, já levei pra eles perguntando o que a gente podia disponibilizar em termo de segurança, que pudesse facilitar e dar mais segurança para as pessoas nesse local. Então eu posso te dizer, claro, que depende muita coisa dele, mas eu já estive envolvido na parte administrativa da associação, e sei que esse trabalho de mudança de direção de rua, **exige um planejamento que vem de cima para baixo**, mas essa parte de colocar, faixa de segurança, sinaleira, essas coisas, isso é pedido pro secretário. Nesse sentido eu já fiz pedidos para vários pontos da cidade, alguns foram atendidos, outros não, eu tenho mais ou menos, nesse meu trajeto de oito

Fiquei até constrangida em fazer essa pergunta, já tinha ficado claro que ele é super ativo na ação

Conhecimento de limites em relação ao poder comunitário frente as decisões do poder público.

ENGAJAMENTO – PERTENCIMENTO – nível 06 de senso de lugar.

anos, três mil e quinhentos PEDIDOS, três mil e quinhentos pedidos, eu fui atendido só em mil, menos de um terço né, mas eu fui atendido, então eu tenho a minha contribuição né na parte da cidade mas eu acho que podemos melhorar muito mais, sem sombra de dúvidas.

Certo, e como o senhor avalia esse ambiente em relação a outras possibilidades de uso? Por exemplo, colocar alguns equipamentos como bancos, sombras... faz diferença ou não faz? teria uso ou não teria?

É, eu posso dizer que cada governo, ou cada prefeito da cidade, ele tem uma meta a ser atingida, a gente viu que quando no governo do prefeito Anselmo Rodrigues (Governança) ele implantou cidade limpa, que é a cidade que mais cresce, cada prefeito tem uma ideologia, e hoje nós estamos vendo que a nossa prefeita, Paula Mascarenhas, ela tá atingindo vários pontos, principalmente no mandato que começou esse ano, ela tá fazendo algumas ruas na praia, pavimentando, colocando coqueiros, as calçadas, fazendo calçadas, e agora principalmente aquela rua que vem do Joaquim Assumpção e emenda naquela rua que sai aqui, na antena da pelotense, então a gente vê progresso nessa parte, eu vejo na associação, propriamente dita, eu acho que bancos, **como eu te disse, é muito familiar, cada um faz o que quer na frente da sua casa, mas plantar uma árvore e dar essa atribuição para que as pessoas cuidem na frente da sua casa, eu acho importante, agora quanto a limpeza na barroso, eu acho que tá bastante satisfeito, o container o pessoal respeita, são famílias que botam lixo no container, então eu acho que quanto essa parte da limpeza, eu acho que a barroso merecia mais a parte de mobilidade, que é, sinaleira... apesar de que eles não gostam muito de colocar sinaleira, porque dizem que a sinaleira ela tranca um pouco o trânsito, mas tem pontos da cidade, isso daqui não é pista de corrida né, tem pontos da cidade que se faz necessário né, a barroso não se dá pra olhar como um todo, da avenida até Tamandaré, o maior fluxo é aqui nessa parte, da Teles, até a lobo da costa, que é mais carente né, precisa de uma sinalização melhor, tu pode ver que faixa de segurança, hoje, tá tudo apagado nas esquinas, isso eles só fazem quando é solicitado, e é trabalho dos vereadores que estão na ativa né, eles se preocupam, os moradores pedem e eles se**

a instalação de led não é um consenso urbano.

preocupam, lâmpadas queimadas né e enfim, tem projetos pra nossa cidade, e inclusive pra barroso né, de num futuro próximo **colocar lâmpadas de led**, então eu te digo, que a maior preocupação hoje ná barroso é o trânsito que é muito movimentado e o fluxo de pessoas atravessando muito grande, por exemplo, a gente desce da 7 de setembro pra Barroso e se tu quiser dobrar pra esquerda vem carro pros dois lados, pra dobrar pra direita é fácil mas pra esquerda é bem difícil, tu tem atravessar a rua, tem que esperar, que os carros tão vindo pela mão direita deles, e os outros também, então ali é um obstáculo, a barroso vc tem um fluxo muito grande, então ela tem essas precariedades né, aí a pessoa espera um pouquinho, espera o trânsito ficar mais calmo e atravessa né, ou entra na barroso de carro, mas eu acho que esse teu trabalho nessa área da gomes da costa até a teles, dar mais atenção, reforçar a sinalização, **colocar essa faixa elevada em frente a associação**, velocidade máxima nesse trecho tanto, reduza a velocidade, acho que vai ser importante.

- Sim eu não sei se o senhor já viu aquilo que foi feito ali em frente ao instituto de ciências humanas da UFPEL, ali no porto... que eles pegaram a Alberto Rosa em frente a faculdade e elevaram a rua na altura da calçada.... e aí pode passar carro mas com velocidade diminuída, aí promove mais atenção nesse espaço, é novo, já tava na pandemia quando foi feito.

É, mas a rua ali é mais estreita né, veja bem, e o fluxo lá de pessoas, lá são jovens da faculdade e tal, **aqui nós estamos falando dos dois extremos né, crianças e idosos, que são mais carentes dessa mobilidade ali**. Eu acho que isso que eu te falei tem fundamento, de fazer um alto relevo ali pra diminuir a velocidade, e essa parte eu to insistindo porque acho importante, eu vejo como a barroso é uma fuga de muitas outras ruas, as pessoas gostam de andar na barroso pela largura da barroso, porque é muito movimentado aqui. **Então eu não sei o que seria se fizesse da Barroso desde a avenida até a Tamandaré uma mão única**, com certeza nós teríamos a Santa Cruz, Gonçalves chaves, com mais fluxo né, e são ruas mais estreitas, então eu não sei até quando poderia resolver essa situação né marina, eu não sei, mas eu to

Então eu terminei as minhas perguntas, gostei muito da entrevista, quero agradecer muito o senhor, eu estive conversando com mães e professoras das duas escolas, e elas também têm essa preocupação

Aqui mais uma vez aparece a problemática das vãos.

quanto ao movimento, elas consideram que o semáforo ali, pro publico infantil não é o suficiente, chegaram a sugerir que pelo menos no horário de entrada e saída ali ficasse um agente de trânsito, porque as crianças não entendem muito bem ainda o semáforo, então eu to levantando tudo isso pra fazer uma proposta , e assim que eu avançar nos meus estudos eu envio pra vocês, como uma resposta e também para continuarmos esse diálogo, pra gente continuar conversando.

Muito obrigada, eu acho que todas as pessoas aqui responsáveis, inclusive as mães dos alunos, foram muito felizes quando te repassaram a sensação, que na verdade **só a sinaleira ali é muito pouco, ali também quantas, essas auto escola, de pessoas que vem trazer as crianças para escola, encostam tudo ali e etc e tal, então eu acho que tem que ter uma sinalização**, outra coisa importante também, é que nesses horários de pico, a entrada do colégio de manhã, saída meio dia, entrada uma e meia, saída cinco horas, devia ser destacado pela prefeitura um guarda municipal, porque **o pessoal só fica escondido atras da arvore, com a maior preocupação de multar as pessoas**, o carro, pessoa que tá sem cinto de segurança. isso e aquele outro, mas eu acho que prevenção é adverti, não deveria só olhar a questão financeira, então eu acho que seria muito **importante um guarda ali**, porque a qualquer momento a pessoa vem em alta velocidade o guarda tem que apitar e sinalizar que a pessoa tem que diminuir a velocidade, porque o pessoal passa rasgando, a pessoa entra ali na teles, a sinaleira tá aberta, eu não vou parar, aceleram onde? bem na frente da associação, porque eles querem pegar a sinaleira aberta, essas coisas que eu vivencio aqui, que é difícil a gente passar pra esses nossos secretários, porque eles sentados no gabinete é fácil resolver, mas a gente tem que olhar na prática o que realmente está acontecendo, não adianta a gente recomendar, dizer, que, aqui, vou te dar um exemplo, não tem nada ver com isso, nós temos aqui no nosso protocolo, uma cadeira ocupada por sócio, a outra tem que ficar sozinha, as pessoas elas se juntam, se aproximam para conversar, aí a gente fala, o distanciamento é importante, não, mas ela é minha filha, mas ela é minha irmã, mas ela é minha amiga, a gente não tem...então marina, eu quero te parabenizar mais uma vez pelo teu trabalho, por essa pesquisa, sucessos no teu trabalho ai, com certeza vai

ser aprovado e vamos ter mais uma arquiteta, é arquiteta ne?

É, sim , é pro mestrado, uma mestre. Aproveitando, eu tenho depois um trabalhinho pra ti de arquiteta, essa entrevista tem um preço tá, tu dá uma olhada aqui se tá bem feito. tu conhece a associação aqui por dentro?

só por fora

nesse momento então to te fazendo um convite especial, vou te deixar uma pessoa importante aqui no aguardo, quanto tu chegar , o nosso secretário geral, -----, vai te mostrar toda a associação, e até comentar contigo o que ela era, e como tá crescendo, não tem um ano que a gente não cresce, tem setor que ainda não foi inaugurado, vai ser um prazer te receber aqui, então estou te convidando, essa pessoa que é o Mário fica todo dia aqui, então vai ser um prazer te receber, ele tá acenando aqui que sim, ele já bateu uma foto da tv que temos aqui do lado , está vendo ali?

Olá, bom dia, to vendo, que legal.

então ele já guardou bem o teu rosto, não tem como ele se enganar,

tá bem, combinado então, muito obrigada, uma hora dessa nos encontramos, bom dia

bom dia

6.2 Intervenção Urbana

6.2.1 Relatório sobre a ação urbana – EVENTO SE ESSA RUA FOSSE MINHA

Relatar esse evento me desperta muitos sentimentos. Agradeço, evidencia o quanto ele foi significativo, não apenas na minha dissertação, mas também para minha vida. A proposição do evento Se Essa Rua Fosse Minha - surge do desejo de observar a relação das crianças com a cidade. Havia uma suposição de que elas estavam passando tempo demais nas telas e pouco tempo ao ar livre. O lugar então considerado propício para essa pesquisa - trocar - descobrir com crianças foi a escola. Tão diferentes quanto podem ser essas instituições em seus múltiplos aspectos, duas chamaram atenção por dividirem o mesmo endereço, mas se relacionarem com a cidade de maneira distinta.

No Centro de Pelotas, nas esquinas entre a Rua Almirante Barroso e a Rua Tiradentes coexistem duas escolas: O Colégio São Francisco de Assis e a Escola Municipal de Ensino Fundamental Joaquim de Assumpção. O primeiro é murado e pouco permeável, a segunda separa-se da calçada por uma cerca baixa de forma que essa calçada tem contato com o pátio de atividades e a quadra de esportes, bastante visíveis da rua. Juntas formam um espaço urbano particular pois circulam por ali crianças em idade escolar das duas instituições. À primeira vista fica evidente que o grande fluxo de crianças é incoerente com as dinâmicas de intenso movimento de veículos nesta via.

Inicialmente a proposta era fechar as ruas em frente às escolas para promoção de um dia de atividades no meio da rua, o compartilhamento dessa ideia empolgava professoras e mães. O objetivo do evento era promover uma oficina de urbanismo tático, onde pensaríamos o desenho dessa via e faríamos com tintas e mobiliários uma proposição mais adequada aos usos e usuários do espaço. De início, articular uma escola municipal com um particular para realização do evento de rua já estava se mostrando uma árdua tarefa, algumas professoras estavam receosas em relação ao contato entre os alunos das duas escolas. Quando as atividades foram interrompidas pela pandemia, as incertezas tomam conta dos planos traçados.

Tendo em vista as impossibilidades de promover a reunião de pessoas no formato previsto, a Secretaria de Cultura de Pelotas (SECULT) solicitou uma revisão e adequação da proposta de evento. Promover uma atividade online não era uma opção uma vez que o objetivo principal do evento era provocar novas experiências entre criança e cidade. Assim, para manter a proposição de levar as crianças para o espaço urbano surgiu o Cinema Itinerante e, para complementar a ação, objetivando um meio de diálogo com os pequenos, foi desenvolvido um livro de colorir com uma narrativa sobre a cidade.

O livreto intitulado - Se essa Cidade Fosse Minha - traz uma história de uma menina que revela os sonhos que ela tem para cidade, sonhos estes que abrangem as demandas ambientais com a sugestão da criação de hortas públicas e limpeza dos rios urbanos, criação de novos espaços de lazer, até a discussão de densidades e concentração espacial, chegando até a ideia de apropriação urbana através da realização de um cinema no espaço público compartilhado cotidiano. O livro sugere que a cidade é de todo mundo que vive nela, sustenta o argumento ao mostrar que aquela menininha se inscreveu num edital da prefeitura e conseguiu realizar seu cinema. O final do livro é um convite à participação e convoca as crianças a pensarem e compartilharem seus pensamentos sobre os desejos que elas têm para cidade a cidade. Para incentivar a participação anunciamos o sorteio de cestas de presentes.

A realização do evento apresenta-se desde o início como um desafio. O processo de realização da intervenção baseou-se em metodologia de pesquisa - ação, e desenvolveu-se em ciclos de ação e reflexão. O maior dos desafios foi o contato com as comunidades e o convite para participação das crianças. O projeto proposto inicialmente partia das estruturas e conexões já estabelecidas pelas escolas, com as mudanças impostas pela ação em pandemia, foi necessário experimentar outras formas de conexão. Como o objetivo era não gerar aglomeração, e a sugestão apresentada era que as crianças acompanhassem da porta de suas casas, procurávamos articulações na escala da rua.

Inicialmente acreditávamos ser viável passar de casa em casa fazendo o convite. Após algumas caminhadas, o receio do contato com o desconhecido, patologia de nosso tempo agravada pela crise sanitária, mostrou que essa não seria melhor forma de chegar

até as pessoas. Então qual seria? Forças locais. Tendo como já estabelecido a escala de rua, visando abranger um número controlado de crianças, qual seria o poder local no nível da rua? Nossas caminhadas atentas trouxeram algumas respostas. Em meio aos mandos e desmandos, as certezas e incertezas do ano de 2020, sofrendo as consequências deste inesperado, estavam os negócios locais. O mercadinho, a padaria, sorveteria, doceria, bar, lanchonete, salão de beleza... eles estavam por tudo, muitos comerciantes conhecem a vizinhança pelo nome, são conhecidos também das crianças, vimos que há quem às tenha mapeadas na cabeça.

Dia doze de outubro, segunda-feira de feriado e dia das crianças. “Hoje vamos encontrar pessoas brincando na porta das casas”. Caminhamos no perímetro deliberado até então para a realização do evento e pudemos observar um fluxo de crianças e familiares nesse entorno. Nesse momento ainda havia dúvidas acerca da metodologia a ser utilizada para travar o contato com esses moradores. Depois de caminhar por algumas ruas vazias encontramos uma doceria aberta e decidimos entrar e conversar com quem estivesse por lá. Ali conhecemos a Cristina, professora de uma escola de ensino fundamental em Rio Grande, mãe de dois filhos. Com ela compartilhamos nossas ideias e lhe questionamos sobre a presença de crianças naquela região. Ela relatou que por ali as crianças já estavam bem crescidas, na faculdade, falou de uma e outra nas ruas vizinhas, e aconselhou que procurássemos por um senhor, dono de bar, conhecido por realizar tradicionalmente uma festa de dia das crianças, relatou que levou seus filhos nessa festa muitos anos consecutivos, que é uma festa que mobiliza a região do Porto e que talvez estivesse acontecendo naquele dia, apesar de ela não ter ouvido nem barulho, nem alguma movimentação.

Com o endereço em mãos, seguimos atrás do Bar do Maurício. Descemos muito [relativamente ao que estamos acostumados a andar no Porto de Pelotas], entramos em ruas do Bairro Porto que não conhecíamos, pedimos informação na avenida, mas o rapaz do estacionamento não conhecia o ilustre vizinho. Já estava ficando escuro quando encontramos o bar sem placa, em uma quadra pacata e residencial, uma mistura de comércio com casa, dois homens bebiam encostados na porta de entrada, espiamos e no interior com pouca luz havia movimentação de outras pessoas. As características peculiares davam ao bar um ar íntimo e reservado, não tivemos coragem de chegar e abordá-los.

Passamos lá outras vezes, mas tivemos dificuldade na aproximação. Até onde vimos nos nossos passeios noturnos, era um lugar frequentado por homens, e eu não me senti à vontade para entrar. Ficou combinado então que o Pedro iria sozinho, se aproximaria como um consumidor do bar e depois, quando tivesse uma brecha falaria do evento. Alguns dias depois de tomarmos essa decisão, num final de tarde chuvoso, Pedro chegou em frente ao bar, ouviu que pessoas conversavam lá dentro, porta entreaberta, não se sentiu à vontade para adentrar, mas era isso ou ficar na chuva, entrou ofegante. A conversa cessou e Pedro foi olhado e analisado de cima a baixo, olhou para o senhor atrás do balcão e perguntou O senhor é o Mauricio? “por enquanto to sendo” “Cheguei aqui através da Cristina, da doceria ” “Não conheço”, “Ela me falou sobre a festa de dia das crianças, o senhor que faz a festa?” “ Não, não vou fazer, enquanto não tiver vacina não vou fazer, não”. Com essas repostas, Mauricio entrou pra dentro da casa e minutos depois voltou com um álbum de fotos da festa que ele realiza há 35 anos. Pedro ficou impressionado com a grandiosidade do evento que mobiliza toda rua e que chegou a reunir uma média de 4 a 5 mil pessoas. Mauricio explicou que ele puxava, mas todo mundo se envolvia, cada casa da rua fazia um tipo de quitute e ele arrecadava patrocínios com empresas, convidou para que ele entrasse em sua casa, que fica junto ao bar, para ver o estoque de brinquedos esperando a próxima ocasião. A festa não ocorreu em 2020 devido à pandemia, e Maurício repetiu repetidas vezes que não faria outro evento antes de estarem todos vacinados. Pedro deu alguns detalhes do projeto, interagiu com os demais ali presentes, e combinou com o Maurício que voltaria em outra oportunidade acompanhado por mim, Maurício passou seu telefone para combinarmos um dia certo depois que ele terminasse uma obra de colocação de azulejos que ele estava fazendo no interior do bar.

Pedro me relatou essa visita, disse que o Maurício era um homem desconfiado e que não foi muito simpático. Numa tarde de quarta-feira, conforme combinamos pelo telefone, eu e Pedro chegamos até o bar, eu já estava preparada para ser escoraçada. Assim que entramos Maurício nos recebeu com um sorriso e com a advertência “ eu não vou fazer nada enquanto não tiver vacina”, todos do bar nos cumprimentaram com simpatia. Preocupados com a permanência em local fechado com outras pessoas, pedimos uma cerveja e fomos para a varanda lateral, ao mesmo tempo do bar e da casa do Maurício. Enquanto estávamos ali percebemos um fluxo constante de crianças e moradores do entorno, o bar também funciona como uma venda. Pouco tempo depois

Mauricio nos traz um álbum com as fotografias do evento, dei a ele um exemplar do livreto que preparei para a ocasião, e ele se anima.

Mostrei para o Maurício a ilustração sobre o evento para afirmar que seria algo pequeno, possível de manter o controle e os cuidados sanitários recomendados. Não precisou de muita conversa para que Maurício aceitasse “ Vamos fazer sim, só marcamos a data”. Que alegria. Missão cumprida combinamos de voltar para conversar melhor em um outro momento e nos preparamos para sair quando Maurício nos impediu, disse que esperássemos, que haveria o aniversário de um menino. Ele estava esquematizando o bar em duas regiões para evitar os contatos, disse que comprou uma torta e que esperassem porque o aniversariante ficaria feliz em nos ver. Pouco tempo depois ele chegou, carinhosamente chamado de menino, estava completando 25 anos, veio acompanhado da mãe e outros familiares. Eu achei aquele momento mágico, Guigo, amigo que fizemos nessa ocasião só me olhava e repetia “estão preparados para se envolver? aqui é assim, fortes emoções “. Além da torta, os amigos do bar fizeram uma vaquinha para comprar uma cachorrinha de pelúcia, que Bruno, o menino, nomeou de poppy e um outro cachorrinho que pula e late no chão, ele ficou fascinado, todos alegres festejando o “ Rei do Bar”. Fui embora nas nuvens, que lugar peculiar onde um bar que é acolhimento e pertencimento para um menino de que nasceu com Síndrome de Down. Saímos de lá também nos sentindo acolhidos, pertencentes e ansiosos para retornar com o evento.

Optamos por não realizar nenhuma atividade no período eleitoral, tendo isso em vista, a data do dia dois de dezembro foi a escolhida e confirmada com o Maurício pelo telefone, Mauricio já tinha determinado o horário que ele achava mais viável: vinte horas. Passaram-se duas semanas e retornamos ao bar, na ocasião discutimos as medidas de segurança a serem tomadas no dia do evento, o lugar onde colocaríamos a tela e onde ficariam as crianças. Para deixar o Maurício mais tranquilo e firmar nosso compromisso, deixei nessa ocasião uma faixa para ser estendida no dia do evento onde estava registrado, em forma e aviso, o necessário distanciamento e permanência da máscara durante a exibição do filme. Ficou decidido que o Maurício convidaria as crianças da rua e que o evento seria anunciado com três dias de antecedência, para não haver a possibilidade de aglomeração. O evento não foi anunciado em nenhum tipo de mídia, apenas no grupo do WhatsApp dos frequentadores do bar.

Quarta Feira dois de dezembro, meu aniversário, às vinte horas aconteceu a primeira sessão. Chegamos no Maurício uma hora e meia antes, eu e Pedro fomos separados porque não coubemos nós dois, tela e equipamentos no mesmo Uber, ele foi com o carro e eu segui a pé. No caminho encontrei a Bruna, colega de mestrado, que se animou com a notícia do cinema e quis ir junto, eu julguei melhor que ela nos acompanhasse em uma próxima devido ao ambiente intimista característico do bar do Maurício e também as restrições de ajuntamento de pessoas. Chegando lá, o dia estava normal, não haviam crianças e nenhuma movimentação diferenciada. Mauricio me mostrou o convite que fez para as crianças " teatro no bar do Mauricio" .O local para a permanência das crianças, assim como de colocação da tela, teve que ser adaptado devido a uma remota possibilidade de chuva. Alocamos a tela de forma que ela pudesse ser amarrada em duas árvores e para as crianças organizamos um espaço na calçada. Na varanda do bar, estendemos a faixa que comunicava a necessidade do uso de máscara e distanciamento durante toda sessão. Dispusemos as cadeiras com o distanciamento devido, para alocar a tela apareceram muitos auxiliares, alguns vizinhos perguntaram se aconteceria um teatro por ali, o Maurício colocou potes de álcool gel em um banco próximo à tela.

Chegada às dezenove e quarenta e cinco a presença infantil ainda era pequena. Alguns olhos curiosos apontavam na esquina observando a movimentação. Eis que faltando dez minutos para o início da sessão, Maurício vai até o meio da rua, bate palmas e grita "Tá na hora do cinema gurizada" e então saem das casas, algumas acompanhadas pela mãe, quinze crianças já ansiosas pelo evento. Foi incrível como eu mal percebi e de uma hora para outra aquele ambiente estava ocupado por olhos animados. Surpresos e muito felizes, orientamos quem chegava sobre a ocupação do espaço, nos apresentamos e comunicamos sobre como seria a realização do cinema. Todos nos seus devidos lugares, tivemos dificuldade com os equipamentos, mas recebemos ajuda e apoio de todos os lados, chegou até desde um técnico em informática até uma pedagoga assessorando as crianças, iniciamos o filme.

A animação escolhida foi O Menino e o Mundo, filme brasileiro que concorreu ao Oscar. A primeira vista, assistindo em casa, a escolha do filme parecia certa: trata sobre a saga de um menino que sai do interior rumo a uma cidade grande a procura de seu pai, o filme não possui diálogos verbais, e é feito com desenhos simples como "

boneco de palito “ ele é capaz de provocar reflexões sobre a vida na cidade. O filme tem a duração de 1h20min e logo nos primeiros minutos as crianças já estavam inquietas. Não sou especialista em crianças, mas aquela reunião na rua, com outras crianças, à noite, contato raro nos últimos tempos, gerava uma agitação que, em contraste com o filme, evidenciava as formigas que moram na cadeira das crianças. Elas estavam agitadas, mas permaneciam em silêncio nas cadeiras, a inquietude delas foi me inquietando, eu estava ansiosa e de repente acontece um infortúnio, o inesperado de estar ao ar livre, o estar desprotegido das intempéries: o vento parecia querer levar o Menino e o Mundo para voar para fora dali alguns frequentadores do bar de revezavam para segurar a tela, até que começou chover. Meu olhar procurou o Mauricio, que estava tão animado quanto as crianças, tão apreensivo quanto eu, ele sugeriu a transferência das crianças para a varanda, a tela estava um pouco torta, mas tinha sido firmada com pedras. A transferência foi rápida e organizada, entramos no alpendre e seguimos o filme, mas a chuva aumentou, a inquietude das crianças também e eu receosa de perder o controle preferi parar o filme. Para mim foi um alívio.

Maurício pediu para que as crianças esperassem, disse que ainda tinha uma surpresa. Entrou na casa e trouxe uma torta, todos cantaram parabéns para mim. Foi lindo e angustiante ao mesmo tempo, estar naquele lugar tão acolhedor, cercada de crianças, em uma varandinha no meio da chuva, os dois metros do isolamento impossíveis de serem cumpridos. Depois dos parabéns, faltava distribuir os livretos para completar o ciclo da nossa atividade. Mauricio apareceu com várias bonecas, anunciei o livro e o sorteio da cesta e assim entregamos os livros juntamente com os brinquedos. As crianças, acostumadas em ganhar mimos no bar, não se empolgaram muito com as bonecas, mas enquanto eu distribuía os livros uma me perguntou “ posso levar um para minha irmã?” fiquei feliz, disse “ claro que sim, e entreguei mais um para ela”, quando cheguei na outra cadeira outra menina me pediu “ posso levar pra minha irmã que não pode vir ?” imediatamente ouvi uma vozinha que vinha mais de trás “ agora todo mundo vai ter irmã”, me liguei do golpe, falei para ela que ia distribuir um para cada pessoa que estava ali, se não faltasse, entregaria o da irmã dela, sobrou, entreguei”.

As crianças foram embora tão rapidamente quanto chegaram. Ficamos por ali, desmontamos a estrutura, guardamos os equipamentos, organizamos o bar e recebemos elogios e agradecimentos. Mauricio me falou que é sempre assim, que

quando ele anuncia que vai fazer algo, seus amigos e apoiadores surgem para auxiliar, que eles são “pau pra toda obra” e dão suporte a tudo que ele inventa. Combinamos de fazer outras vezes, em dias de clima mais ameno. Fomos embora ainda com chuva, eu estava exausta, mas quando cheguei em casa, fiquei incomodada com a forma que interrompi o filme, sem uma conversa direta com as crianças. Fiquei chateada de ter realizado o evento em um dia com possibilidade de chuva. Fiquei frustrada com a situação toda, que poderia ter sido mais incrível do que foi.

Uma semana após o evento, não tínhamos recebido nenhum retorno das crianças, então preparamos a cesta de prêmios (lápis de cor, massinha de modelar, gibi, alguns doces e um quadrinho) afim de deixar exposta no bar e estimular a participação. Fomos até o bar curiosos e apreensivos quanto ao desenrolar do evento. Como não conseguimos manter rígidas normas de segurança, ficamos preocupados quanto a temível contaminação. Graças às máscaras, álcool gel, organização e um pouco de sorte, tudo ocorreu bem, e as pessoas ficaram felizes com a realização do evento. Maurício deixou a cesta bem à mostra, e falou que lembraria as crianças de enviarem resposta.

Após as reflexões geradas na primeira exibição, fizemos adaptações no formato da exibição. Percebida a inquietude das crianças, e as interrupções mais suscetíveis no espaço aberto, optamos por selecionar dez curta metragens brasileiras de cinco a quinze minutos de duração, facilitando as pausas e abrangendo diferentes assuntos e diferentes enfoques. Sentimos a necessidade também de delimitar de forma mais visível a área de permanência das crianças. Assim foi possível adaptar a exibição de acordo com a interação do “respeitável público” infantil. Adquirimos também o que viemos a chamar de “kit primeiro socorros”, composto por equipamentos que se fizeram necessários, como régua de energia, fita de isolamento, barbante, camiseta para equipe, etc. Planejadas as adequações, partimos em busca do segundo local para montar o cinema.

Entramos em contato então, através da internet, com João Paulo Pinho. Morador e responsável pela Associação Comunitária dos Moradores do Balsa, que demonstrou interesse e logo acolheu o evento. Conjuntamente a ele, decidimos o local de exibição (Praça José Luiz Rosso) e as medidas de segurança a serem tomadas no dia do evento. Havíamos decidido que o cinema aconteceria no domingo dia treze de dezembro, porém

com o decreto da Prefeitura de suspensão das atividades na cidade, o evento foi adiado pro dia vinte, na outra semana.

Optamos por iniciar mais cedo e dessa vez a sessão ficou marcada para às dezenove horas. Chegamos uma hora antes na praça, alocamos a tela, isolamos o espaço onde ocorreria o evento, espalhamos cadeiras com o distanciamento devido. João Paulo conseguiu que um vizinho emprestasse a tomada para ligar os equipamentos, ele também nos forneceu a extensão e as cadeiras. Adaptamos a estrutura ao espaço e começamos a interagir com as crianças que circulavam por ali. O evento, assim como o anterior, não foi anunciado em nenhum tipo de mídia, visando diminuir o risco de aglomeração.

Montada a estrutura aguardamos alguns minutos além do combinado para iniciar a sessão. Compareceram no primeiro momento cerca de treze crianças, esse número variou com o tempo chegando até dezesseis. O fato de termos escolhido passar curtas mostrou-se adequado, pois facilitou a dinâmica de entrada e saída das crianças depois do início da exibição, elas iam e vinham, saíram pra chamar amigas, para buscar máscara para quem não tinha e queria participar, algumas foram buscar casaco já que pararam de correr e agora estavam paradas. Alguns assistiram da bicicleta, outros de ponta cabeça no parque de diversões. Essa dinâmica ressaltou a familiaridade que as crianças dessa região têm com o espaço público, elas iam e vinham de casa, nos contaram sobre suas relações “aquele ali é o meu namorado, mas ele não sabe não tia”. A sessão ocorreu sem problemas, atraindo os olhos e a participação tanto das crianças, adolescentes e adultos que ali estiveram. No meio da exibição, como em um intervalo, expliquei sobre o projeto e distribuimos os livretos. Ao contrário do que aconteceu no Maurício, que as crianças queriam até mais de um, essas se mostraram muito receosas com o presente, “mas é pra mim? eu posso levar embora? pode pegar mesmo? levar pra minha casa?”; um menino ao abrir o livro me falou “eu não posso participar não, porque eu não sei ler”, várias delas afirmaram também não saber, eu queria ter lido com eles, mas na hora isso não me ocorreu e respondi “tudo bem, ele é feito para colorir, vocês podem pintar”, “mas eu não tenho lápis” “nem eu, nem eu”, pintar em casa, respondi “mas não tem lápis nem papel na minha casa” “nem na minha”. Fiquei surpresa, nenhuma daquelas crianças tinha o mínimo de material escolar em casa. Como tínhamos levado conosco a cesta de prêmios do sorteio e continha duas

caixas de giz de cera, nós abrimos, higienizamos e distribuímos. Novamente de início as crianças ficaram com receio de aceitar. Colocamos novamente os curtas. Finalizado o evento, desocupamos a praça, agradecemos ao João Paulo e a quem ainda se encontrava, quando estávamos quase indo embora, uma senhora veio correndo nos perguntar se iríamos distribuir cesta básica, porque ela estava precisando muito, mostramos a cesta e informamos que seria um brinde para as crianças. Nos dias que se sucederam a participação das crianças e familiares no envio dos desejos para a cidade foi significativamente maior do que a anterior, as crianças se reuniram e mandavam três ou quatro mensagens do mesmo número de celular.

O sorteio foi realizado entre as crianças que responderam a pergunta do livreto, foram 9 crianças que compartilharam seus pensamentos através de áudios no WhatsApp. Escolhemos o dia de natal para isso. As sortudas foram, dentre as três participantes do Bar do Mauricio, a Lívia, e dentre os dez participantes da Balsa, a Isadora. As cestas foram deixadas nos locais que acolheram o cinema sob a responsabilidade de nossos parceiros: Maurício e João Paulo. Compartilhamos o vídeo com o resultado do sorteio com todas as pessoas que participaram e as ganhadoras dos prêmios buscaram as cestas e mandaram mensagem comemorando.

Essa ação foi eficiente em demonstrar as potencialidades de uso do espaço público e de promover a socialização infantil interrompida pela pandemia devido ao fechamento das escolas e de demais espaços dedicados a isso de uma maneira segura e responsável. Observamos também as diferenças socioculturais que abrangem e permeiam as relações presentes na cidade, já que os locais que acolheram o cinema possuem 900 metros de distância um do outro e apresentaram diferenças notáveis em suas particularidades. Realizar esse evento se mostrou uma árdua tarefa de muito aprendizado. As trocas e os contatos realizados com as pessoas que passaram por cada etapa desse processo se mostraram necessárias e enriquecedoras. Acreditamos nas máximas “intervenções temporárias e marcas permanentes”, e por isso presumimos que esse evento seguirá reverberando em toda e qualquer pessoa que teve contato com ele. Portanto, podemos considerar que esse projeto foi efetivo e cuidadoso no que se propôs e acima de tudo um presente a nós realizadores.

6.2.2 Fotos das intervenções

6.2.2.1. Fotos do cinema no bar do Maurício.



Apêndice 02 – Figura 01 – Cinema montado na calçada, antes da chegada das crianças no Bar do Maurício. Fonte: Autora, 2020.



Apêndice 02 – Figura 02 – Exibição de filme na calçada do Bar do Mauricio. Fonte: Autora, 2020.



Apêndice 02 – Figura 03 – Cinema no bar do maurício, colaboração da comunidade local. Fonte: Autora, 2020.

6.2.2.2 – Fotos do cinema no Bairro Balsa



Apêndice 02 – Figura 04 – Cinema na Balsa. Exibição em território já apropriado pelas crianças. Fonte: Autora, 2020.



Apêndice 02 – Figura 05 – Cinema na Balsa. Exibição de curta metragens e entrega dos livretos.. Fonte: Autora, 2020.



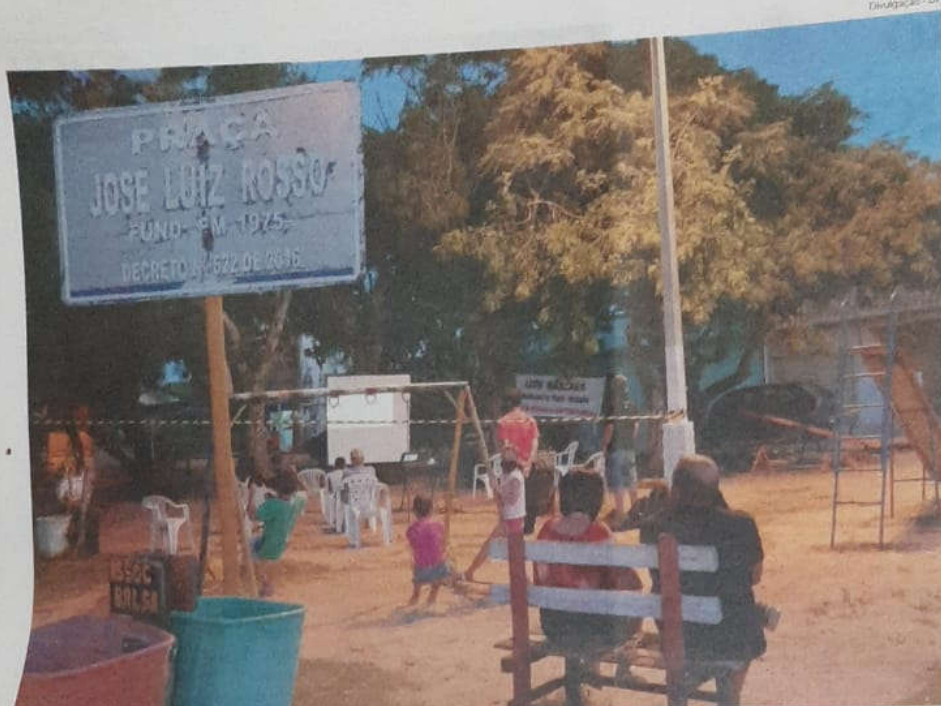
Apêndice 02 – Figura 06 – Cinema na Balsa. Exibição de curta metragens e entrega dos livretos. Fonte: Autora, 2020.



Apêndice 02 – Figura 06 – Cinema na Balsa. Exibição de curta metragens e entrega dos livretos. Fonte: Autora, 2020.

6.2.3 Reportagem Jornalística sobre o Evento – Se essa rua fosse minha

CIDADES



Elas são parte da construção urbana

Projeto que convidou crianças a pensarem a cidade terá sequência neste ano

Por Leon Sanguinê
leon.sanguine@diariopopular.com.br

Se as cidades são das pessoas, deve partir delas a construção de ruas, calçadas, praças e parques. É importante que esse entendimento, essa noção de propriedade humanizada, inicie desde cedo. Daí a criação do projeto Se Essa Rua Fosse Minha. Desenvolvido ao final de 2020 e com sequência em 2021, ele tem como objetivo ouvir as crianças e estimulá-las a participar do urbanismo de Pelotas. A ideia é do coletivo paletA, formado por Marina Mecabô e Pedro Erler, e tem apoio da Secretaria de Cultura (Secult) e do escritório Veríssimo Arquitetos.

O projeto surgiu dos estudos da arquiteta goiana Marina Mecabô, à época estudante da Universidade Federal de Pelotas (UFPe), acerca da provocação de novas relações das pessoas com o espaço público

urbano, partindo da articulação entre universidade e escolas. “É preciso olhar para a cidade como um processo em construção. O que não nos agrada enquanto coletividade, o que está inadequado quanto aos usos cotidianos, deve ser passível de transformação, faz parte do nosso direito à cidade a possibilidade de agir e transformá-la”, afirma. Desenvolvidas em 2020, as ações retornam neste ano.

Se Essa Rua Fosse Minha estimula jovens a participar do urbanismo de Pelotas

No trabalho final de graduação, em 2017, Mecabô propôs um equipamento itinerante voltado para dar suporte às ações extensionistas. Dentro da proposta, a estrutura ficaria em frente às escolas fazendo pontes entre a academia e a cidade. “Essa proposta ficou só no papel, então ingressei no mestrado decidida a fazer um estudo que me levasse a ações mais práticas,

que tivessem algum impacto direto na cidade”, explica. A partir daí, nasceu a ideia de um evento, com oficinas de redesenho da rua em processo conjunto com as comunidades escolares. O projeto, na sequência, foi aprovado em edital da Secult.

A pandemia do coronavírus, entretanto, obrigou Marina e o coletivo paletA a novamente repensarem a proposta, adequando as ideias ao distanciamento social. Foi nesse momento que se pensou na exibição de filmes. “Receber um número reduzido de crianças em um espaço pré-dimensionado, ao ar livre, com as cadeiras alocadas respeitando o distanciamento social, foi uma possibilidade estratégica de trazê-las para uma atividade diferente no espaço público, comprometida em cumprir rígidos protocolos para evitar contaminações nesse momento tão delicado”, explica Mecabô. O filme escolhido foi O Menino e o Mundo, animação nacional de Alê Abreu que concorreu ao Oscar em 2014. Na história, um garoto parte de uma cidade pequena para

uma metrópole e, no percurso, conhece as durezas e belezas da sociedade. Foram realizadas duas exposições: uma na Associação Comunitária dos Moradores da Balsa e a outra em uma casa no Porto.

Junto ao filme, foram desenvolvidas como proposta em unidades de um livreto no qual uma personagem conta os sonhos que possui para a cidade onde habita, desde a plantação de hortas no centro, limpeza dos rios, até questões como densidades e setorização das funções, visando uma cidade mais caminhável. Após a apresentação, feita através de textos e desenhos para colorir, o livro interroga: e se essa cidade fosse sua? “Em seguida, revela que a cidade é, sim, de quem está lendo e de todo mundo que vive nela. Para comprovar esse ponto a personagem relata que sonhou com um cinema no meio da rua, se inscreveu no edital da Secult e tornou o cinema uma realidade. Desta forma convida as crianças para pensarem e agirem a fim de provocar ações e transformar ações”, acrescenta Mecabô.

O FUTURO

Na visão da arquiteta, o projeto conseguiu enxergar a coexistência de diferentes infâncias dentro de territórios próximos. “Mesmo promovendo ações em um raio de um quilômetro da nossa casa no Centro de Pelotas, escala pequena diante do tamanho da cidade, nos defrontamos com vivências urbanas diferentes, sendo cada uma das exposições um universo à parte. As crianças têm, quando em um ambiente propício e em conjunto com seus pares, muita disposição ao diálogo e à troca”, comenta.

O grupo agora prepara material de divulgação dos desejos infantis resultantes dos livretos. A ideia é aprofundar o diálogo com crianças de outras comunidades com exposições em diferentes pontos. Quando a pandemia for vencida, o objetivo é, enfim, realizar o evento como proposto inicialmente. **DP**

“Faz parte do nosso direito à cidade a possibilidade de agir e transformá-la”

MARINA MECABÔ
Arquiteta

6.3 Livreto

6.3.1 Livros Impressos



6.3.2 Páginas para impressão



ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
MUNICÍPIO DE PELOTAS
SECRETARIA DE CULTURA

De essa cidade fosse minha



UM LIVRO DE
MARINA MECABÔ

ILUSTRAÇÕES

**Aurora
Inspira**



Cidade??

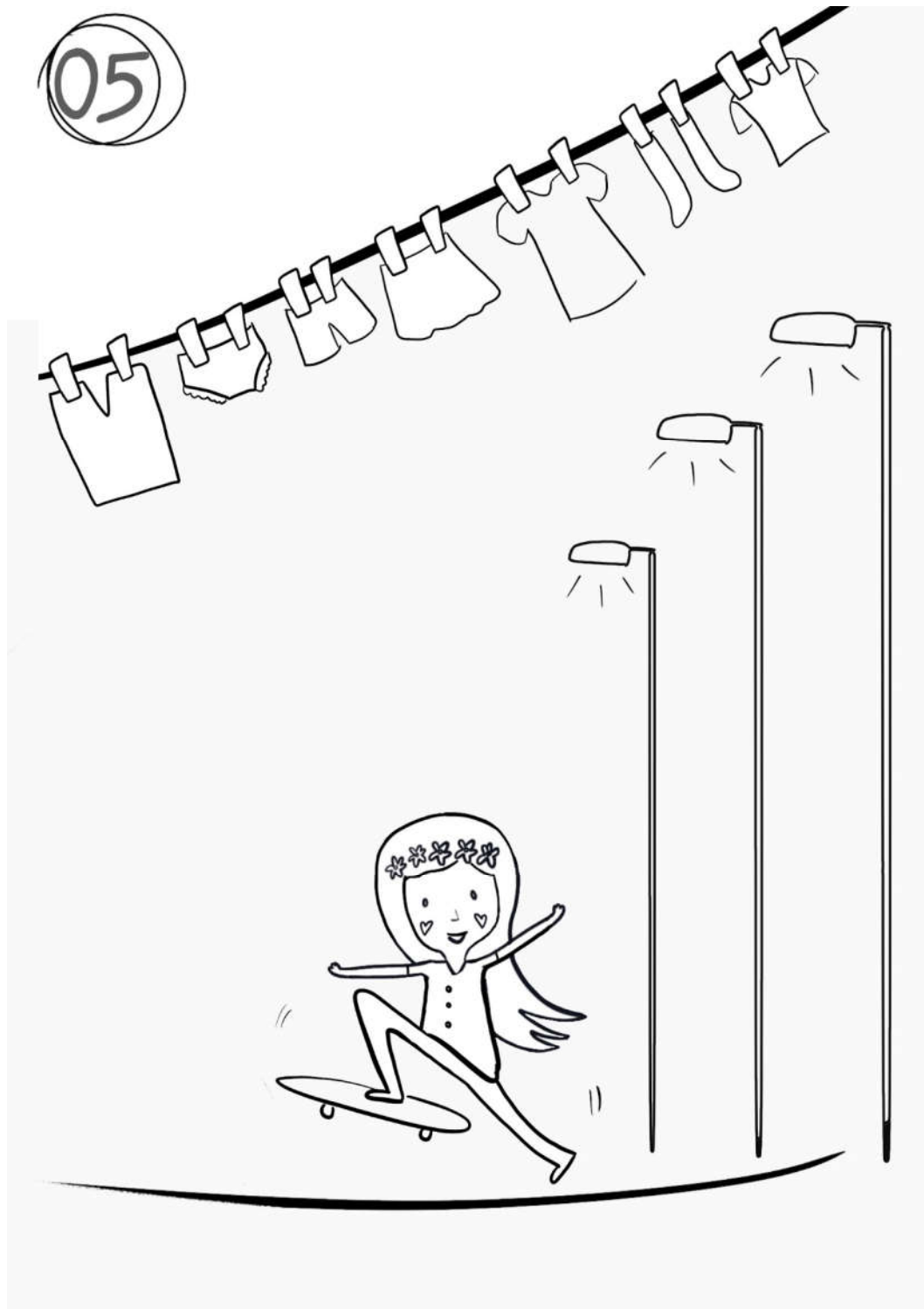




Cidade é
onde a vida
acontece !!

04

05

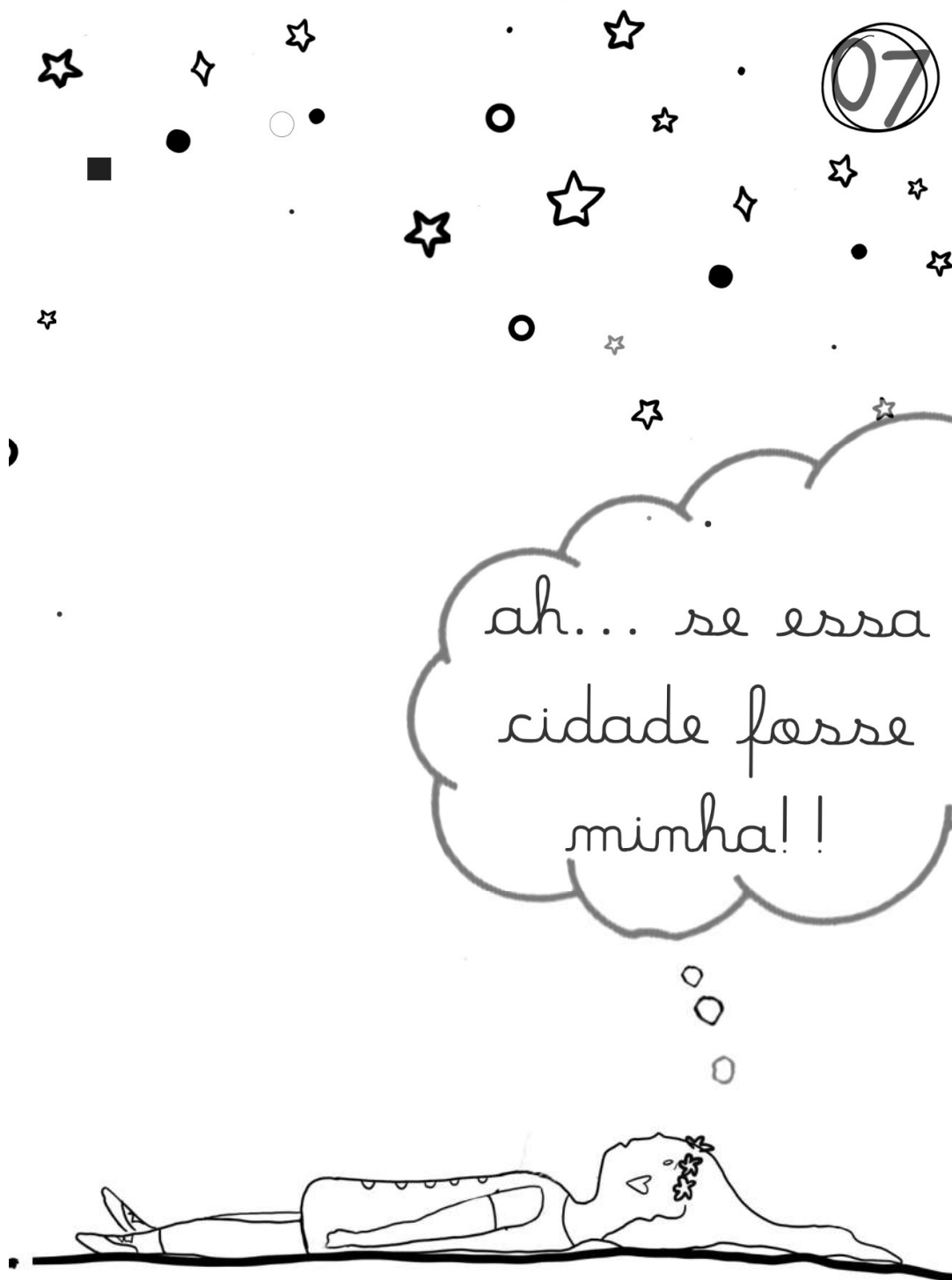




Eu tenho várias
sonhos para
cidade.

06

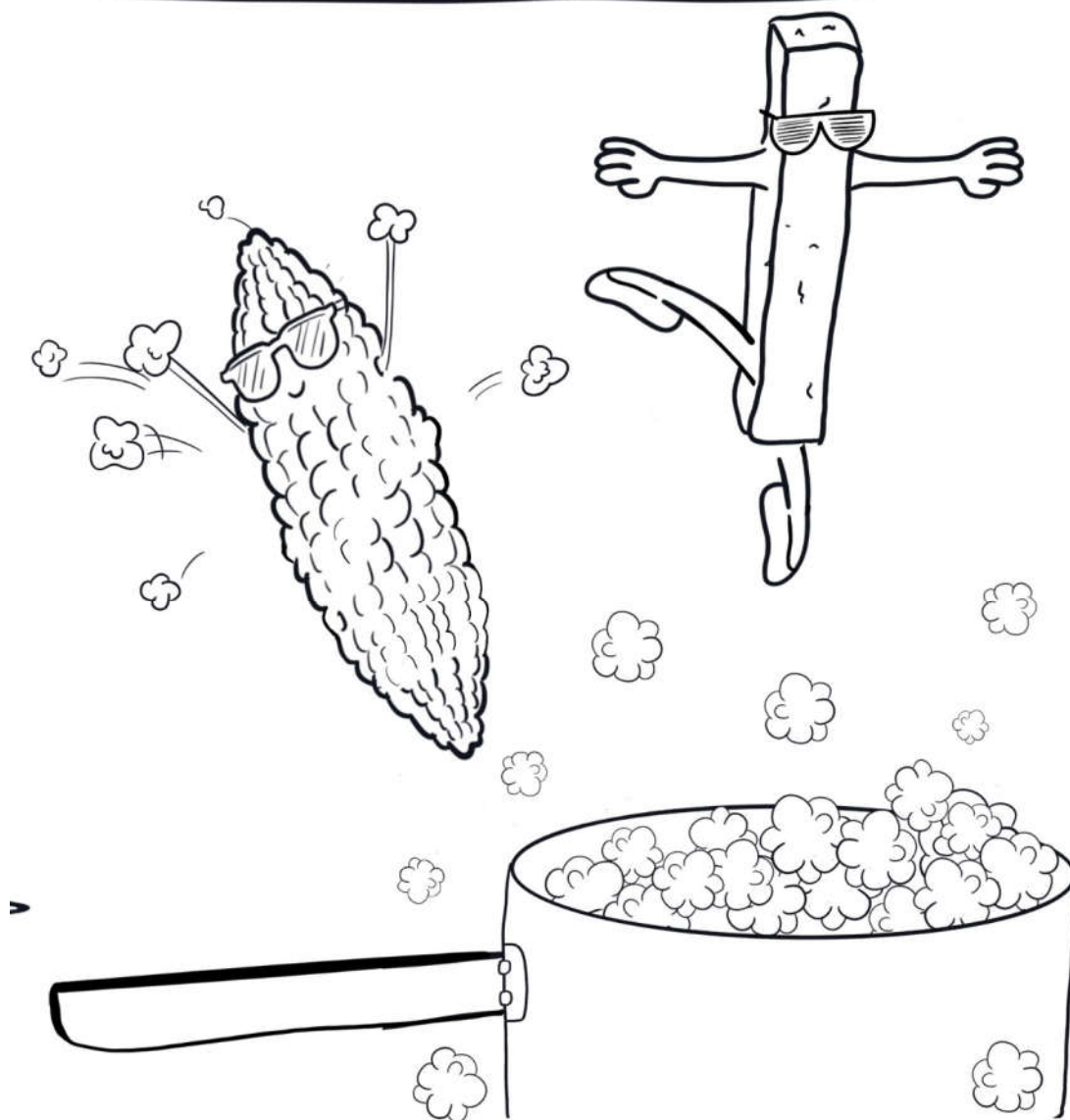






Cassim, não faltaria
pipoca e batata frita
pra ninguém.

09





10



Nós
limparíamos
os rios.



Na água limpa teria
muita diversão.



13



Na minha cidade, todo
mundo que eu gosto
moraria perto.
Assim, eu poderia
brincar com a galera
da escola...



14



16

E se a
cidade fosse
sua?

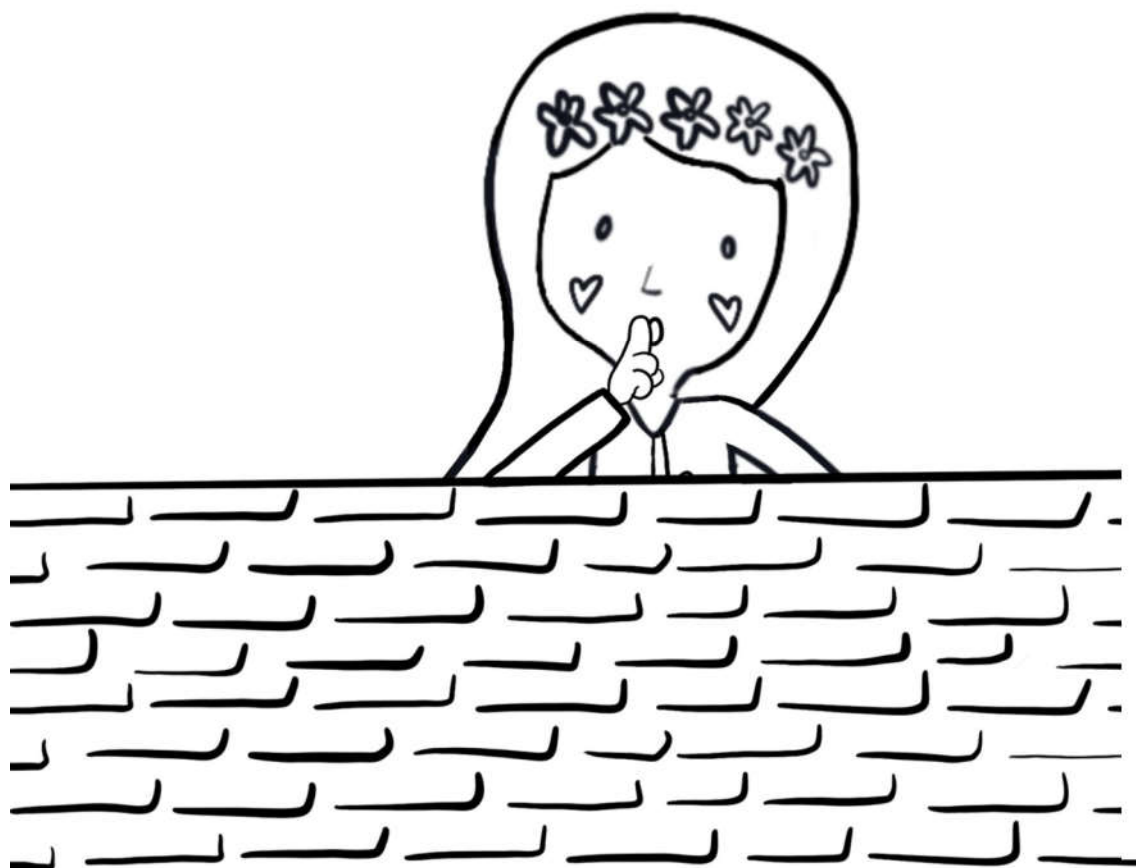
O que você
faria?



17

[espaço para imaginar]

Agora eu vou
te contar um
segredo....



A cidade é minha e
sua também,
Ela é de todo mundo
que vive nela.

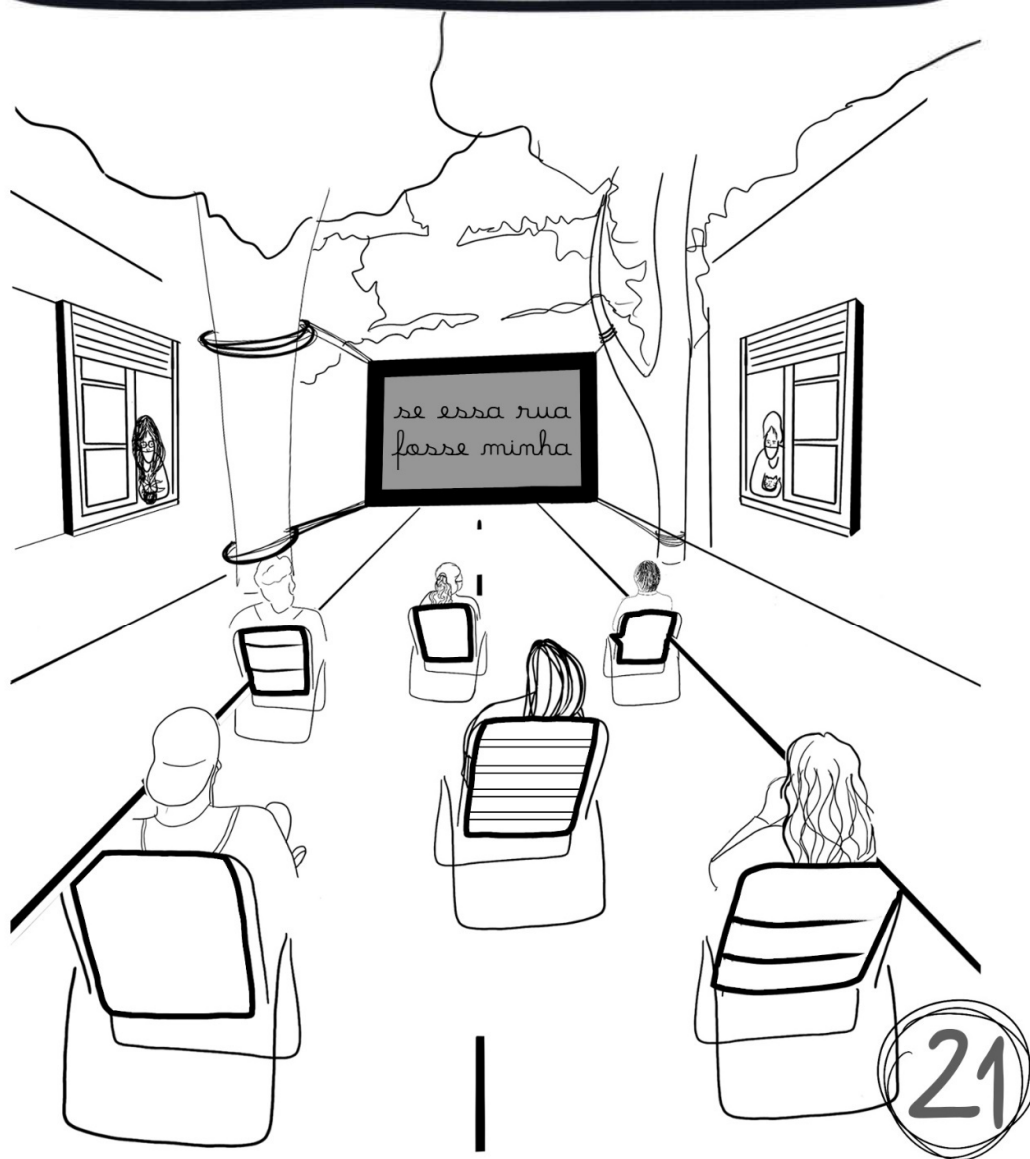


20

Eu sonhei com
um cinema no
meio da rua.



C apresentei uma proposta
para prefeitura e hoje ele
é realidade.



22

Eu estou quase indo embora e
nem me apresentei. Eu sou a
Marina, sou arquiteta e estudante
de urbanismo. Estou fazendo
uma pesquisa para encontrar
formas de fazer uma cidade que
seja mais divertida, estimulante e
segura para todas as pessoas.
Para atingir esse objetivo acredito
que é essencial ouvir os desejos e
as ideias das crianças.



Então chegou a tua hora.
(Quais teus desejos para cidade?
Quais tuas idéias para uma cidade
diferente?)

Você pode me responder por desenho,
áudio, vídeo, texto... como achar melhor.
Todas as crianças que enviarem estarão
concorrendo a um super prêmio.



23



6.3.2 Vídeo com o livreto e as respostas das crianças sobre a cidade.



Se Essa Rua Fosse Minha - Livreto e Cinema na Rua.

42 visualizações... 7 GOSTEI NÃO GOSTEI COMPARTILHAR SALVAR ...

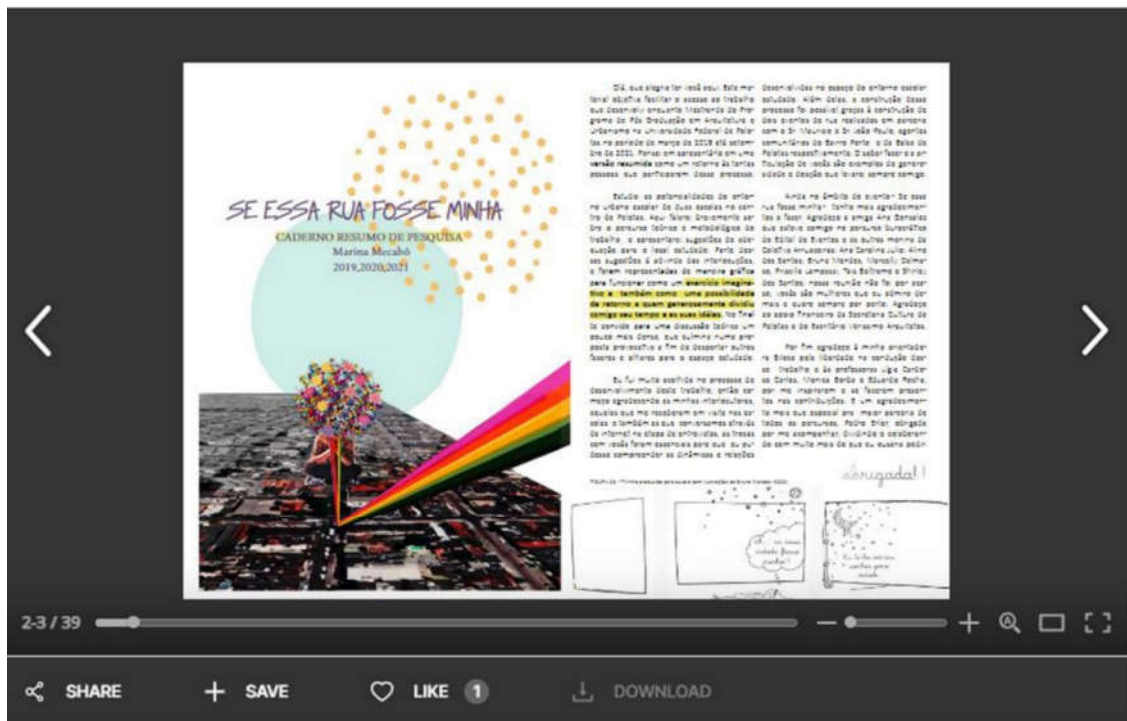
 **Marina Mecabô**
6 inscritos

[ANALYTICS](#) [EDITAR VÍDEO](#)



aponte a câmera do celular para a imagem acima, ou procure no youtube pelo título : Se essa Rua Fosse Minha - Livreto e Cinema de Rua.

6.4 Material Resumo da Pesquisa



Se Essa Rua Fosse Minha – Dissertação de Me...

Published on Sep 27, 2021

Olá, que alegria ter você aqui. Este material objetiva facilitar o acesso ao trabalho que desenvolvi enquanto Mestranda do Programa de Pós Graduação e...

SEE MORE



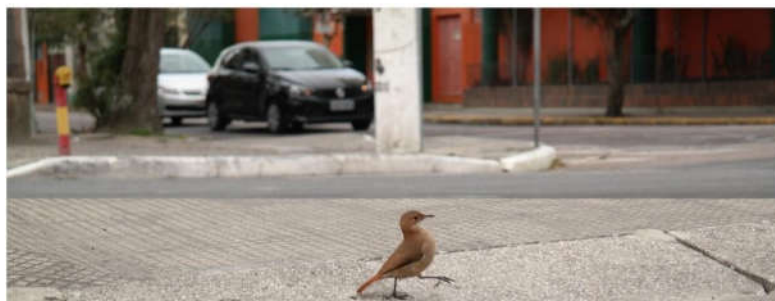
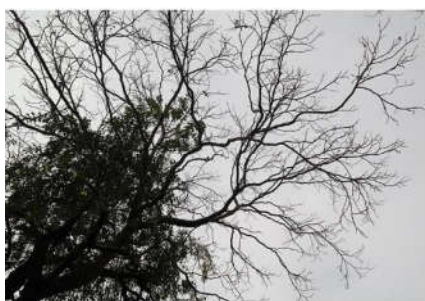
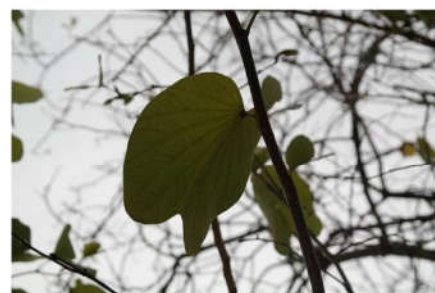
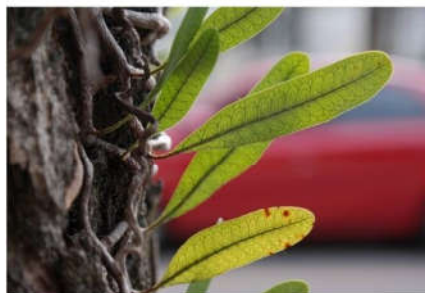
Marina Mecabô



issuu



abra a camera do seu celular e aponte para o código acima, ou procure no site ISSUU.COM pelo nome - Se Essa Rua Fosse Minha - Dissertação de Mestrado,



UMA COLEÇÃO DE FOTOS
DELICIOSAS DO ENTORNO NO
OUTONO.

Marina Meeabô, 2020.